

WILLIAM THOMA
WALSH

Nossa Senhora de Fátima

2.^a EDIÇÃO



EDIÇÕES MELHORAMENTOS



William Thomas Walsh

NOSSA SENHORA DE FÁTIMA

3ª Edição

EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Fonte:
alexandriacatolica

PREFACIO DO ORIGINAL

A mais singular e a mais bela das histórias que já ouvi refere-se a um facto que se deu entre 1916 e 1920, na região montanhosa chamada Serra de Aire, centro geográfico de Portugal. Três pastorinhos, dos quais duas meninas, a mais velha de dez anos e a mais moça de sete e um menino de nove, contaram ter visto seis vezes uma Senhora toda vestida de luz, em cima de uma arvorezinha. Falava-lhes e em seguida desaparecia. Na última das aparições, na presença de 70 000 pessoas, realizou admirável milagre para provar a veracidade do que as crianças diziam. Dois dos pastorinhos morreram logo, como a Senhora o predissera. O tempo confirmou mais tarde as outras profecias: a Revolução Bolchevista; os horrores da 11 Guerra Mundial; a ameaça do marxismo a pairar actualmente pelo mundo todo. A Senhora afirmou que, se seus desejos fossem atendidos, Ela haveria de converter a Rússia e a paz reinaria no mundo; do contrário, muitas nações da Terra seriam flageladas e escravizadas.

A terceira pastorinha vive ainda. É a Irmã Maria das Dores, hoje com quarenta anos e irmã conversa do Instituto de Santa Doroteia [1]. No ano passado conversámos demoradamente. Este livro é baseado nas quatro Memórias escritas pela Irmã Maria das Dores, e, principalmente, na longa conversa que travámos, na qual colhi elementos preciosos.

A mensagem que lhe cumpria revelar, fôra-lhe confiada, estou convencido, por Aquela que é, de facto, a Rainha do Céu e da Terra. Aquela cuja beleza, poder e bondade foi o tema dos profetas e dos santos, durante centenas de anos. Dela escreveu Isaías: «Uma virgem conceberá e dará à luz um filho...» E perguntou Salomão: «Quem é essa que surge como a aurora, bela como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército em batalha?» «Salve, cheia de graça! O Senhor é contigo. És bendita entre todas as mulheres!» Saudou-a Gabriel; e Ela acrescentou: «Doravante todas as gerações me chamarão bem-aventurada».

Por várias vezes essa Senhora mudou o curso da História. O seu Rosário, pregado por S. Domingos, pôs por terra a heresia dos Albigenses que ameaçava destruir a sociedade europeia. Conservou durante séculos, na Irlanda, a fé vívida e o amor da liberdade. Conseguiu a vitória dos cristãos

na batalha de Lepanto, salvando a cristandade do domínio muçulmano. Foi sob sua especial proteção que Colombo partiu para descobrir o Novo Mundo, trocando o nome de sua nau MARIA GALANTE pelo de SANTA MARIA. Todas as tardes, assim que o crepúsculo começava a pairar sobre o desconhecido e terrível Mar de Sargaços, os seus marinheiros reuniam-se no convés para entoar o hino de Vésperas:

«Salve Rainha, Mãe de Misericórdia,

Vida, Doçura, Esperança nossa,

Salve!...»

Os católicos das Américas, seguindo essa tradição, colocaram os seus países sob a guarda de Maria Imaculada. E não se pense que possa qualquer Nova Ordem do mundo, por violenta que seja, empanar-lhe a memória! Porque no findar dos tempos, antes da consumação dos séculos, aparecerá no céu - e talvez já tenha aparecido - o sinal predito por S. João, no Apocalipse: «Uma mulher vestida de sol, com a lua sob os pés e, à cabeça, uma coroa de doze estrelas...»

Ninguém, crendo em Deus e na imortalidade da alma, poderá ter por inverossímil que a Mãe de Cristo, o Verbo Encarnado, se tenha revelado, nas várias crises do mundo, a pessoas privilegiadas. Dessas aparições, muitas foram confirmadas como, nos tempos modernos, as de Lourdes e Santa Bernardete. Mas, por que deveria Ela aparecer em Portugal, em 1917, e num lugar tão deserto e inacessível como é a Serra de Aire?

Leva-se um dia inteiro para chegar a Fátima; percorrem-se essas noventa milhas ao norte de Lisboa, primeiro de comboio e depois de camioneta ou automóvel. A não ser uma vasta charneca de escassa vegetação, onde pasta mirrado rebanho, nada há digno de nota nessa região avermelhada e requeimada pelo sol; apenas surgem, aqui e acolá, algumas aldeolas miseráveis onde camponeses humildes vivem à míngua. Ao tentarmos uma reexplicação deste facto, devemos compreender que a Mãe de Cristo aparece onde Deus quer e onde lhe apraz. Os portugueses pensam ter sido favorecidos, se não porque Portugal foi sempre chamado TERRA DE SANTA MARIA, pelo menos porque os humildes das cercanias de

Fátima costumavam reunir-se para rezar o Rosário com incontida devoção; costume este que perdurou, mesmo durante os séculos em que em outros lugares foram marcados por tantas apostasias e revoluções.



Jacinta, o seu irmão Francisco e a sua prima Lúcia, por ocasião dos milagres.



Após o milagre, Jacinta é carregada. A sua atitude é bem expressiva



Lúcia, agora a Irmã Maria das Dores (ao centro), visitando a cena dos acontecimentos de 1917.



O Bispo D. José de Liria a cuja guarda foi confiado o envelope contendo a última e secreta

profecia da Virgem revelada a Lúcia, e que só será conhecida em 1960.



Neste túmulo estão gravadas estas simples e sugestivas palavras: "Aqui jazem os restos mortais de Jacinta e Francisco, a quem Nossa Senhora apareceu".



A peregrinação a Fátima reuniu 200 000 católicos em 1918. Após a procissão, com as velas acesas, os peregrinos retiram-se para as suas tendas à espera de que as velas se extinguam e de que se realizem os seus pedidos

A Cova da Iria - é o ermo selvagem em que se deu a aparição; está situado a algumas milhas a oeste de Fátima - e foi assim chamado, provavelmente, por lá ter sido construída, outrora, a ermida da santinha mártir Santa Iria ou Irene. Uma pobre capelinha muito antiga e simples ergue-se a oito milhas a leste da Cova da Iria; foi lá que D. João I, em 1385, prometeu a Nossa Senhora que levantaria, em sua honra, um sumptuoso templo, se lhe fosse dado vencer os castelhanos. Obtida a graça, cumpriu a promessa mandando construir, junto à estrada, uma das mais belas Igrejas góticas do mundo: o imponente e gracioso Mosteiro da Batalha. O então Condestável de Portugal e comandante dos exércitos de D. João I era Nun'Alvares Pereira, herói de 25 anos, brandia uma espada em cuja lâmina gravara o nome de «MARIA» Nun'Alvares mandou levantar nada menos que seis igrejas em honra de Nossa Senhora; destas, talvez a mais bela seja o convento e a capela dos Carmelitas, em Lisboa. Foi aí que, após quarenta anos de serviços prestados ao seu rei, depondo a sua espada aos pés da Virgem, retirou-se para vestir o hábito da sua Ordem e tomar o nome de Frei Nuno de Santa Maria. Quinhentos anos mais tarde, aproximadamente, foi ele beatificado por Bento XV. A sua espada «Maria» pode ainda ser vista na Igreja do Carmo, em Lisboa, na mão do profeta Elias.

Foi em meio dessas montanhas, santificadas por tantas memórias e tradições que apareceu Nossa Senhora. E é facto de máxima importância o ter Ela descido à Terra, (não importa onde isso se tenha dado), para trazer à humanidade uma solicitação e uma admoestação.

O meu interesse por este assunto surgiu de uma conversa com os Reverendos Padres João C. Rubba, O. P. e P. William A. Hinnebusch, O. P. do Colégio Providência. Alguns dos relatórios publicados então sobre o assunto eram tão discordantes, que me veio a ideia de ir a Portugal para esclarecer certos pormenores antes de empreender a publicação deste livro.

Graças principalmente aos bons ofícios e às orações de muitas comunidades contemplativas de Dominicanos e de Carmelitas Descalços, foi-me possível levar a cabo o meu intento sob as mais favoráveis

condições. Sua Excelência Reverendíssima D. José Alvimaz, Bispo de Cochim, na Índia, e Sua Eminência o Cardeal Francis Spellman, de Nova York, tiveram a grande bondade de recomendar a minha viagem às autoridades de Portugal, e foram-me assim facultadas as possibilidades de investigações, por Sua Eminência o Rev.^{mo} Cardeal Manuel Cerejeira, Patriarca de Lisboa e por Sua Ex.^a Rev.^{ma} D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, a cuja Diocese pertence Fátima. Tomei o avião para Lisboa, acompanhei a romaria e as procissões de 12 a 13 de julho de 1946, fiquei algum tempo na Cova da Iria e nas redondezas, entrevistando os parentes e conhecidos dos dois videntes falecidos além de outras testemunhas do milagre de outubro de 1917.

Na elaboração deste livro devo também muito aos escritos e conselhos verbais do Reverendo P. José Galamba de Oliveira, autor de «JACINTA, EPISÓDIOS INÉDITOS DAS APARIÇÕES DE NOSSA SENHORA»; ao Reverendo P. Luís Gonzaga Aires da Fonseca, S. J., professor do Pontifício Instituto Bíblico de Roma e autor de «LE MERAVIGLIE DI FATIMA», e ao Reverendo P. João De Marchi, I. M. C. autor de «ERA UMA SENHORA MAIS BRILHANTE QUE O SOL». Esta última é obra particularmente valiosa porque o P. De Marchi passou três anos em Fátima, interrogando as principais testemunhas do milagre e anotando as suas palavras, com precisão e paciência inauditas. Colhi algumas particularidades sobre o início da vida religiosa da Irmã Dores, no livro: «FÁTIMA: GRAÇAS, SEGREDOS, MISTÉRIOS», de Antero de Figueiredo.

Jamais terei agradecido suficientemente ao Reverendo P. Manuel Rocha (o encarregado de me auxiliar, por sua Eminência o Cardeal Patriarca) cuja paciência e cortesia foram inesgotáveis. Devo muito também aos meus bons companheiros da Romaria Americana, o Reverendo P. Leal Furtado e o Sr. Daniel F. Sullivan, bem como à cooperação inestimável de minha filha Helena.

Este livro não é produto de ficção. Devo os principais diálogos à memória precisa da Irmã Dores.

O interesse da história em si - o qual já seria bem grande mesmo que esta nada mais fosse que ficção - é insignificante comparado com a mensagem que a Autora Divina se propôs revelar. Voltei de Portugal convicto de que nada é mais importante do que propalar o que a Mãe de Deus pediu nessas aparições de 1917 e que, por motivos diversos, foram tão descuidadas, tão deturpadas, tão incompreendidas. O futuro de nossa civilização, da nossa liberdade, da nossa própria existência pode depender da aceitação completa dessas suas ordens.

NOTAS

[1] Recentemente, a Irmã Maria das Dores deixou o Instituto de Santa Doroteia para se recolher ao Carmelo de Coimbra sob o nome de Irmã Maria Lúcia do Coração Imaculado. Professou no dia 31 de maio de 1949. (Nota do trad.).

CAPITULO I

A meia milha ao sul de Fátima, margeando a estrada sinuosa, pavimentada de pedras chatas e ovais, tão estreita que mal comporta uma junta de bois, fica a vila de Aljustrel. As casas, telheiros e pátios, em frente a um alto muro de pedras que vai fazendo alas à rua estreita, parecem de se destacar como contas de formas e tamanhos bizarros. As janelas, raras e pequenas, recebem as rajadas frias do noroeste que vem do Atlântico, cortando as montanhas com a mesma inclemência da soalheira abrasadora do verão. Mais adiante surgem moradias atarracadas, de um só pavimento, com suas telhas vermelhas e paredes de pedras caiadas, de aparência discreta e velada, como se cada uma escondesse enorme segredo.

Se for dia de semana, os homens estão no campo; mas, entrando e saindo dos interiores sombrios, apressam-se mulheres baixas, bastante bonitas, crianças de olhos lindos, dentes brilhantes, e - devido ao peso que habitualmente levam à cabeça - de porte erecto e movimentos graciosos, mesmo sob o peso de doze a quinze litros de água carregada em bilhas de barro. Os pés descalços, empoeirados mas bem feitos, não parecem sentir as asperezas das pedras pontiagudas, nem tão pouco as faces risonhas se mostram descontentes com as moscas e outros insectos que zumbem, no verão, em torno dos pátios e estrebarias, onde ficam os animais. Um burro zurra, um cão ladra, um galo canta, uma junta de bois se arrasta pesadamente pela estrada afora ... O ar está saturado de odores, entre os quais se pode distinguir o dos pinheiros agrestes e dos arbustos sempre verdes, o das hortelãs selvagens e das cebolas, o das ovelhas, das cabras e das galinhas; e a tudo dominando, o cheiro acre e húmido, não de todo desagradável, que o solo de Portugal desprende em toda a parte. Não há nada aqui que se assemelhe às tão faladas pescarias de Lisboa ou Porto, mas os rubros campos são atraentes e o vestuário dessa gente é impregnado de aroma.

Eis Aljustrel, onde Lúcia Abóbora, agora a famosa Irmã Maria das Dores, nasceu em 22 de março de 1907. O casebre onde ela cresceu se assemelha muito àquele onde os viajantes encontram hoje essa mulher paciente e cortês, de olhos escuros e sinceros, que é a sua irmã mais velha, Maria dos Anjos. A sala de estar é rusticamente mobiliada com uma mesa,

uma cadeira, duas velhas arcas de madeira, onde se guardam roupas e comidas; alguns quadros piedosos enfeitam a parede nua. Uma brecha no telhado, bem sobre o orifício do teto de madeira, permite a entrada de um raio de sol, que nos torna possível perceber melhor, num pequeno quarto adjacente, o velho tear que pertenceu à mãe de Lúcia. Um tapete inacabado de lã branca, vermelha e azul, ainda emaranhado em cordas, levanta uma nuvem de pó ao menor contato. Na cozinha sombria há uma lareira espaçosa, na qual alguns gravetos queimam lentamente, mesmo durante o verão; nas outras estações a cozinha é iluminada por muitas velas, presas a uma prancha pendente do teto de madeira, enegrecido pela fumaça de muitos invernos. Há somente um quarto de dormir. Uma cama de ferro, com cobertas asseadas de cores berrantes, toma a metade do quarto, encostando-se em três paredes sem adornos.

Um vaso de plantas repousa no peitoril da janela minúscula; um outro, com flores cor-de-rosa, está no chão. Maria dos Anjos explica que a cama pertencia, anteriormente, à casa de seus pais, e nela nasceu Lúcia.

Lúcia era a mais nova e Maria, a mais velha dos sete filhos de António dos Santos, o Abóbora, pequeno agricultor e criador de carneiros, que possuía algumas terras em vários lugares da Serra de Aire. Era um homem de aparência agradável, olhos escuros e apaixonados, que preferia o convívio dos amigos à assistência à Missa, e apreciava mais o vinho do que o trabalho. A sua esposa, Maria Rosa, era católica devota, um tanto severa, baixa, corpulenta e forte; seus traços viris revelavam condescendência grave, e só em raras ocasiões se distendiam num sorriso maternal. As futilidades não interessavam a Maria Rosa. Nunca teve tempo para isso.

Foi essa progenitora de forte têmpera que veio à mente de Lúcia, quando esta, ao escrever as suas memórias, começou a evocar as primeiras reminiscências. Poderia lembrar-se de como subia a esses braços rijos e como, desde então, tinha, consciência da sua personalidade e das suas próprias acções.

Uma das primeiras coisas de que se lembrava era o ter aprendido a «Ave-Maria» dos lábios maternos. «Ave, Maria, cheia de graça! O Senhor é convosco! Bendita sois vós entre as mulheres!» Esta antiga oração, que começa com as palavras de um anjo, é bela em todas as línguas. Mas, em

português, as sílabas parecem adquirir um ritmo peculiar e inesquecível: «Ave, Maria, cheia de graça. O Senhor é convosco! Bendita sois vós entre as mulheres, e bendito é o fruto do vosso ventre, Jesus! Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores, agora e na hora da nossa morte. Amém.

Lúcia tem também outras lembranças, talvez menos edificantes. Não poucas vezes, por exemplo, armou impetuosas brigas, nas quais uma ou outra das quatro irmãs mais velhas, sempre vitoriosas, a deixava gritando por terra, até que a mãe a levantasse e acariciasse. Mal poderia Lúcia lembrar-se do tempo em que não esteve sob o atractivo da dança, que se apodera mais dos camponeses do que de quaisquer outros seres humanos. Isto era especialmente verdade com referência às duas irmãs já moças, Maria dos Anjos e Teresa. E ocasiões não faltavam em Aljustrel. Nos dias santos era sempre certo haver baile em algum lugar, - festa do Sagrado Coração de Jesus e de Santo António, em junho, de Nossa Senhora dos Prazares, em outubro, e, naturalmente, pelo Natal e pela Páscoa. Além disso, Maria Rosa era muito requestada, já como festeira, já como cozinheira de notória habilidade, onde quer que houvesse um casamento, numa daquelas doze aldeolas disseminadas pelas oercanias da Serra. E as filhas mais velhas raramente deixavam de acompanhá-la.

O problema de como dispor do bebé, em tais ocasiões, era facilmente resolvido. Se bem que fosse quase incapaz de andar, e menos ainda de dançar, Lúcia era ataviada com uma saia bordada, um cinto brilhante, um lindo lenço, cujas pontas eram amarradas atrás, e, o que mais lhe agradava, um elegante chapéuzinho, cintilante de contas douradas e de penas brilhantes. Era então carregada nos fortes braços maternos através do labirinto das estradas estreitas, que ziguezagueavam pelos campos pedregosos, entre altos muros de pedras; e quando principiava a dança, depois do jantar, resolutamente a colocavam, como medida de segurança, contra os pisões, sobre uma dessas arcas de madeira que constituem a parte mais importante do mobiliário de cada cozinha ou sala de estar. Dessa altura, a frágil menina podia apreciar as faces ruborizadas e os pés que sapateavam ligeiros e ouvir os sons fascinantes que partiam de uma guitarra ou de uma harmónica. Dentro em pouco, sem dúvida, ela começava a dormir e se encolhia contra a parede até à hora de ir para casa, quando - e isso na maioria das vezes - já os primeiros raios da aurora clareavam o céu,

lá pelas bandas do Oriente; pois, para as irmãs de Lúcia, nunca bastavam as valsas, que eram o furor da época.

Na residência dos Abóboras, também havia muitas festas. No verão, os rapazes e moças reuniam-se debaixo de uma grande figueira, no pátio, e, durante o inverno, num barracão junto à casa. Em tais ocasiões, Maria Rosa sentava-se à soleira da porta do pequeno quarto que dava para o pátio, de onde podia ver tudo o que se passava dentro e fora de casa. Algumas vezes trazia um livro aberto ao colo, outras, dava uma prosa com algum parente ou amigo enquanto os jovens dançavam ou troçavam. «Ela foi sempre muito sisuda», relata a própria Lúcia, «e todos acatavam o que ela dizia como se fosse palavra da Sagrada Escritura; e o que ela dizia devia ser obedecido em nossa casa. Alguns dos visitantes costumavam dizer-lhe que ela era melhor que todas as filhas juntas. Talvez fosse exagero, mas isso não lhe desagradava».

Maria Rosa era em Aljustrel uma das poucas pessoas que sabiam ler. «Não sei que gosto tem essa gente de andar vagando de casa em casa» costumava dizer. Só desejo é ficar na minha casa, lendo sossegada. Estes livros são tão interessantes! E a vida dos santos, então! que beleza! Quase todos os seus livros eram, de facto, piedosos. Durante as horas da sesta, no verão e nas tardes de inverno, gostava de ensinar catecismo, não somente à Lúcia, mas às outras crianças da redondeza. Na Quaresma, lia descrições da Paixão de Nosso Senhor e livros sobre a necessidade da oração e de penitência. Depois do jantar, quando António e o seu filho Manuel voltavam do campo e as velas aumentavam o fulgor da lareira, as irmãs mais velhas e o pai gostavam de contar antigas histórias de gigantes e castelos mal-assombrados, princesas encantadas. Lúcia, naturalmente, deliciava-se em ouvi-las. A mãe, entretanto, aproveitava-se da oportunidade para, entre narrações profanas, contar algo de mais edificante.

Aos domingos, Maria Rosa e as filhas, e às vezes o António, iam assistir à missa na Matriz de Fátima. Esta Igreja tem sofrido muitas modificações e de 1917 para cá foi (em parte) reconstruída. O soalho, de tábuas largas, é dividido por um caminho de ladrilhos, que se estende do pórtico até ao meio do altar; então, sob um arco romano, há um pequeno degrau, onde a velha igreja começa. As paredes são revestidas de azulejos brancos, azuis e

amarelos, desde o chão até a altura de seis pés, mais ou menos. De cada lado um confessionário, e, em direção à fachada da Igreja, há um terceiro, movediço, para as emergências. Ao invés de genuflexórios, existem uns largos bancos de madeira, rústicos e instáveis. O teto, de um verde-azulado, é bastante alto dando impressão de dignidade e solenidade, se não de grandeza. A cúpula sobre o altar-mor é de um azul mais forte, crivado de estrelas.

Algumas imagens são extraordinariamente vivas. Há uma de Santo António, patrono da Igreja, dentro de uma redoma de vidro para ficar mais bem protegida. À esquerda, em frente à nave, fica outra imagem que, sem dúvida, por sua própria conta exercia forte influência sobre a mente de Lúcia. Era uma Nossa Senhora dos Prazeres, revestida de túnica encarnada e de um manto azul enfeitado de ouro, trazendo nos braços um Menino Jesus de semblante tristonho. O seu próprio rosto é bastante sério, realmente quase severo e reprovador, enquanto o olhar, olhos castanhos-claros, é atraente e perscrutador. Uma das mãos segura um rosário de quinze dezenas. Um pouco abaixo há uma imagem da jovem mártir S. Quitéria, com seu vestido rosado, salpicado de estrelas e ajustado por uma faixa azul. Aqui, Lúcia, em criança, muitas vezes vinha rezar.

Perto do altar do Sagrado Coração, existe agora uma estátua de Nossa Senhora de Fátima. Com uma expressão meiga, como a pedir afecto, os seus olhos, castanho-escuros, parecem pousar por sobre o ombro direito de quem a contempla; as vestes são de um azul-pálido. Em 1917 ela aí não existia.

À direita há um crucifixo impressionante. O Cristo, baixo e corpulento como um português das montanhas, está coberto de sangue rubro, da cabeça aos pés. Um pouco mais acima, um quadro original de Nossa Senhora do Carmo: o Menino Jesus em seus braços traz um escapulário em cada mão, e ambos contemplam uma cena do Purgatório, em cujas chamas caem as almas pecadoras; enquanto umas se precipitam no fogo, desviando tristemente os olhos da Mãe e do Infante, um jovem é arrancado do abismo por um anjo, e uma moça é liberta.

Aos domingos e nas festas, a Igreja ficava cheia de gente vinda das aldeolas da Serra de Aire e os terrenos baldios das proximidades, repletos

de grupos de famílias, com seus púcaros de barro, com suas cestas de provisões, seus burros, mulas e carroças de várias espécies. De sua casa, atrás da Igreja, vinha o Pároco, cumprimentando afavelmente. O sino, no campanário, bimbilhava suas notas sonoras por milhas além, através do ar límpido e ensolarado. As mulheres colocavam-se nos bancos, perto do santuário, enquanto a maior parte dos homens e dos rapazes, salvo os que iam comungar, ficavam no fundo da Igreja. Começava, então, a Missa.

Era costume, nesse tempo, prepararem-se as crianças para a Primeira Comunhão, lá pelos nove ou dez anos. Foi em 1910, quando Lúcia contava apenas três anos de idade, que o Papa Pio X lembrou as palavras formais de Cristo: «Deixai vir a mim as criancinhas, não as afasteis». Possivelmente, Maria Rosa conhecia esse decreto, pois que resolveu que a sua mais nova de seis anos apenas, recebesse Jesus Escondido no SS. Sacramento; e, ajudada por Carolina, que contava onze anos e já havia feito a Primeira Comunhão, começou a exercitá-la nas perguntas e respostas do catecismo elementar. Quando, por fim, lhe pareceu que a sua aluna estava suficientemente preparada para um exame, levou-a à Igreja.

O Prior recebeu-as com bondade, e, sentado numa cadeira sobre o estrado da sacristia, começou a dirigir perguntas à pequena: «Quem criou o mundo?» «Quantos deuses há?» «Que é o homem?» «Por que Deus nos criou?» «Que devemos fazer para nos salvar?» e assim por diante, percorrendo a lista que todas as crianças estudam.

Pareceu a Lúcia e à mãe que na prova ela não tinha ido mal. Entretanto, depois de pequena reflexão, decidiu o bom padre, que a menina era muito criança, e seria melhor esperar mais um ano.

Era, justamente, a véspera da Primeira Comunhão. Elas não esperavam por tal golpe. Meio aturcidas pelo desapontamento, saíram da sacristia, sentaram -se, cabisbaixas, nun dos bancos da Igreja e ficaram pensando ...

Lúcia começou a soluçar.

Aconteceu, porém, que um missionário de Lisboa, Padre Cruz, tinha pregado um tríduo na Paróquia de Santo António, em preparação à Primeira Comunhão e estava ajudando o Padre Pena a ouvir as numerosas

confissões. Como atravessasse a Igreja, viu o desespero da menina e parou para indagar o que havia. Ouviu-lhe a história, fez perguntas do Catecismo e levou-a novamente ao Prior, na sacristia.

«Esta menina sabe a doutrina melhor que muitos outros que foram admitidos, disse. «Mas tem apenas seis anos!» objetou o P. Pena.

O sacerdote insistiu. Era homem bondoso e humilde, mas resoluto. Para maior alegria de Lúcia, o Prior finalmente cedeu. Agora ela precisava ir confessar-se para podar oferecer um coração sem manchas ao Hóspede Divino que viria no dia seguinte.

Foi no Confessionário móvel, colocado perto da porta da sacristia, que o Padre Cruz ouviu a sua primeira confissão. Que graça imensa! O famoso sacerdote era tido como santo por muita gente em Portugal, e dificilmente falava, mesmo com uma criança, sem comunicar um pouco de seu amor de Deus. Era um homem alto, de seus cinquenta anos, um pouco curvado, devido aos estudos e às austeridades. Quando Lúcia acabou de contar as suas faltas, ouviu-o dizer em voz baixa:

«Minha filha, a sua alma é o templo do Espírito Santo. Conserve-a sempre pura, para que ele aí possa exercer a sua ação divina»

Lúcia prometeu e rezou o acto de contrição. Pediu a Nossa Senhora que a ajudasse a receber dignamente, no dia seguinte, o Corpo e o Sangue de seu Filho. Levantou-se, então, e foi ter com a mãe.

.Maria Rosa parecia embaraçada, fora de si e as mulheres, em volta dela, não se sabe por quê, riam-se e cochichavam. Mas Lúcia não prestava atenção a isso; estava somente pensando no que lhe dissera o padre ... Ajoelhou-se contra a grade diante da estátua de Nossa Senhora dos Prazeres, olhou para o semblante triste, de olhos perscrutadores, e disse-lhe: «Guardai, por favor, o meu pobre coração para Nosso Senhor»; «E pareceu-me», escreveu muitos anos mais tarde, «que Ela me sorria e com um gesto bondoso e o olhar cheio de ternura, disse-me que sim*».

Maria Rosa estava à sua espera. «Então, não sabes que a confissão é um segredo e deve ser feita em voz baixa?», perguntou quando voltavam pela

estrada de Aljustrel.

Lúcia baixou a cabeça.

«Todo a gente te ouviu».

Silêncio.

«Ouviram tudo excepto a última coisa que disseste ao padre».

Lúcia fechou-se resolutamente num mutismo obstinado.

«Que foi a última coisa que lhe disseste?»

Nada de resposta!

Maria Rosa insistiu durante todo o percurso, mas nunca soube do segredo. Lúcia foi sempre uma criança reservada. Assim que percebia alguém procurando fazê-la falar, refugiava-se num silêncio taciturno que se tornava até exasperante.

Naquela noite, as suas irmãs trabalharam até tarde para poder aprontá-la para o grande acontecimento de sua vida. O vestido novo, todo branco, precisava ser ajustado. Uma grinalda de flores entrelaçadas devia coroar-lhe os cabelos negros. E, quando, finalmente, a mandaram para a cama, foi incapaz de dormir, pensando em tudo o que havia acontecido e no que iria acontecer. E se ninguém a acordasse na manhã seguinte, para a Missa?! A todo o instante se levantava para ver que horas eram. Parecia que a madrugada nunca chegava. Por fim, ei-la que surge. Maria vem chamá-la e, sem dúvida, recomendar-lhe, como era de uso, que não bebesse e não comesse nada, porque era preciso ficar em jejum antes da Sagrada Comunhão. Deu os últimos retoques no vestido branco e na grinalda. Apresentou, então, Lúcia aos pais, dizendo-lhes que lhes devia pedir perdão pelas suas faltas, beijar-lhes as mãos e pedir-lhes a bênção. A menina obedeceu e eles a abençoaram.

«E vê lá se não te esqueces de pedir a Nossa Senhora que te faça uma santa», acrescentou Maria Rosa.

E a família partiu para a Igreja. Quando Lúcia já não conseguia mais acompanhar os outros, a mãe tomou-a nos braços fortes, porque já era tarde, e carregou-a assim o resto do caminho.

Não era necessária tanta pressa. Alguns dos padres convidados que vinham de lugares distantes, ainda não haviam chegado e a Missa cantada demorou algum tempo para começar. Isto deu oportunidade à Lúcia de ajoelhar-se mais uma vez diante da estátua de Nossa Senhora dos Prazeres e desempenhar-se da recomendação da mãe.

«Fazei que eu seja uma santa!» murmurou. «Por favor, peça a Nosso Senhor que me faça uma santa!»

Pareceu-lhe ainda que o semblante se distendeu num sorriso de assentimento_ Ela não era a única a relatar essa experiência, diante de uma estátua ou uma gravura; Santa Teresinha do Menino Jesus, entre tantos, experimentou o mesmo. Lúcia não deu muita importância ao que os teólogos consideraram como critério mínimo de veracidade. «Eu não sei se os factos que escrevi sobre a minha Primeira Comunhão correspondem à realidade ou não passam de uma ilusão infantil, escreveu modestamente, quando o seu Bispo lhe ordenou que confiasse ao papel as suas experiências espirituais. «Tudo que sei é que elas tiveram muita influência, unindo-me a Deus por toda a minha vida». Ficou tanto tempo contemplando a imagem sorridente da Virgem, que suas irmãs tiveram de ir buscá-la. A procissão já se estava formando.

Lúcia era a mais jovem e a menorzinha das crianças que se dispunham em quatro longas filas, duas de meninas, duas de meninos; foi a primeira a comungar. Quando o sacerdote depositou a Hóstia branca sobre a língua, sentiu, segundo as suas próprias palavras, «uma serenidade e uma paz inalteráveis. Durante todo o reslo da Missa, ficou repetindo em seu coração: «Senhor, tornai-me uma santa! Conservai o meu coração sempre puro e somente para vós». E ouviu distintamente que Ele lhe dizia ao coração: «A graça que hoje te concedo, permanecerá viva em tua alma, produzindo frutos de vida eterna».

Passava de meio-dia quando acabou a Missa cantada, porque o sermão fora longo e as crianças levaram muito tempo para a renovação dos votos

do batismo. Quando, finalmente, debandaram, afluíram para fora da Igreja, dispersando-se em grupos, conversando em voz alta, algumas já mastigando bocados de pão que as mães haviam trazido.

Lúcia permaneceu ajoelhada, envolta na luz azul e rosa que irradiavam os vitrais. A mãe ficou alarmada, receando que a menina desmaiasse de fome e levou-a embora. Mas quando chegaram a casa, a criança mal pôde comer. Estava fortalecida com o Pão dos Anjos, como se nenhum outro alimento a pudesse atrair e satisfazer jamais. E, durante muito tempo, bem além do que os outros pudessem ter observado, ela parecia absorta, abstracta, como que deslumbrada.

CAPITULO II

Quando começou a surgir a segunda dentição de Lúcia, ficou patente que a natureza não a preparava para ser um tipo de beleza. Os dentes grandes, salientes e irregulares, levantavam-lhe o lábio superior, enquanto o inferior era grosso e um tanto caído. O nariz chato e arrebitado, acentuava-lhe ainda mais o perfil desgracioso. Em repouso, o seu rosto moreno parecia revelar uma natureza casmurra, obstinada e até pouco bondosa. Mas essa aparência era enganadora, pois, sob o estímulo de qualquer emoção, os olhos castanho-claros se iluminavam e revelavam um sentir profundo. As covinhas que se lhe formavam nas faces, quando sorria, contribuíam para dar-lhe uma expressão verdadeiramente encantadora. A sua voz era, e ainda é, alta e suave. Os mais velhos, muitas vezes, achavam-na calada e reservada em extremo, mas sempre pronta para obedecer e ajudar nalgum serviço com as suas mãos fortes e rudes. As criancinhas, entretanto, sentiam por ela forte atracção. Entre elas, Lúcia sentia-se à vontade e gostava de lhes contar histórias intermináveis. Notável o dom que tinha para narrações; fazia-o com graça e muito sentimento. E, sob aquela aparência grosseira, o instinto dos pequeninos descobria uma inteligência viva e o calor de um coração materno.

Entre os que lhe eram mais devotados, contava-se Francisco e Jacinta Marto, dois de seus numerosos primos. A princípio, Lúcia costumava evitá-los; achava-os muito turbulentos e fatigantes. Quando ficaram mais crescidinhos começaram a interessá-la e, por fim, era um vaivém contínuo entre as duas casas. Eram eles os mais moços dos filhos de tia Olímpia de Jesus e do seu segundo marido, Manuel Pedro Marto.

Lúcia gostava muito dos tios. Tia Olímpia tivera dois filhos do seu primeiro marido, José Fernandes Rosa. Nove do tio Marto, com quem se casara em 1897 - ela com vinte e oito e ele com vinte e quatro anos - dos quais Francisco era o oibavo e Jacinta a mais nova [1]. Comparada à robusta Maria Rosa, a tia Olímpia parecia magra, alta e pálida. Mas as aparências nem sempre merecem crédito, pois Olímpia viveu muito mais que a cunhada. As suas mãos grandes e hábeis trabalhavam nos diversos misteres da casa, em AlJustrel, com a agilidade de outrora. O habitual sorriso dá um ar de extraordinária jovialidade à boca sem dentes e aos olhos

perspicazes dessa mulher de setenta anos, que criou onze filhos. Parece ter sido excelente esposa, companheira devotada e mãe afetuosa, apesar de não saber ler nem escrever. Em matéria de espiritualidade satisfazia-se com o mínimo, e ter-se-ia satisfeito ainda com menos, sem a intervenção de circunstâncias inesperadas. Quando lhe fiz, no verão passado, algumas considerações sobre a soma de trabalho que despendia, disse-me com simplicidade, mais para evidenciar factos do que para provocar elogios: «Sou uma mulher forte».

O tio Marto é um homem de carácter excepcional; onde quer que esteja, impõe respeito. Deveria parecer a Lúcia, nos longínquos dias em que esta brincava com seus primos, uma atraente personagem de romance: porte correcto, bigodes aparados, cabelos à escovinha, maneiras decididas e o olhar astuto de quem já havia sido soldado em África e conhecia o mundo, além da Serra de Aire. Com setenta e quatro anos, está rijo e conserva os bigodes e os cabelos grisalhos cortados rente. Tem orelhas de lóbulos grandes, olhos castanhos, perspicazes e francos, mãos possantes e expressivas. Ao contrário de seu cunhado António, não gostava de jogos e bebedeiras. Trabalhava rudemente, pagando as suas dívidas e economizando para os dias de infortúnio, que não eram poucos. E ainda lhe sobrava o bastante para levar Olímpia e as crianças à feira dos domingos, na Batalha. Ocasionalmente, comprava-lhes sapatos novos ou outra qualquer prenda para os dias santos. A sua conversa era sempre entremeada de observações secas, próprias dos que trabalham no campo. «Não existem pobres cá por estas paragens», observou, certa vez, enquanto apreciávamos umas mulheres descalças, levando enormes bilhas de água à cabeça.

«Toda a gente cá pelas montanhas tem sapatos. Naturalmente, se alguém lhes quer dar alguma coisa, eles bem que aceitam. Mas não que precisem».

Era inevitável que um homem desses, com tal dignidade, se tornasse pessoa importante pelas circunvizinhanças da Serra de Aire. Vi-o levantar-se para receber o distinto Arcebispo de Évora, com o máximo respeito, mas sem servilismo. Conversaram como pessoas conscientes da igualdade entre os homens. Jamais pairou a mínima dúvida sobre quem mandasse em casa dos Martos. «Toda a gente diz que sempre houve sossego nesta casa», observou, «e assim é, porque cuidei disto. Basta-me dizer uma palavra para

que as crianças fiquem quietas. Também, elas o sabem, se não atenderem apanham lá umas «lampadadas» [2]. Mas isso não é preciso. «Não é lá porque um burro dá um coice que se lhe deva logo cortar as pernas».

Francisco era bastante parecido com o pai. Era uma linda criança, de olhar decidido, traços regulares, geralmente amável e obediente. Até hoje o pai se orgulha da vivacidade característica do filho. De vez em quando, bem que era preciso «chegar-lhe a mão» como aconteceu certa noite, em que teimou em não rezar. Nada temia. Afrontava com valentia a noite cerrada por mais escura que fosse, enquanto outros da mesma idade se arrepriariam diante da imensidão desconhecida da Serra. Apanhava raposas e lebres, domesticava-as e fazia delas suas favoritas. Gostava de agarrar lagartos e cobras pelo rabo e jogá-los numa poça d'água para fazê-los beber água ou vê-los fugir sorratamente. «Que homem ele não daria, diz tio Marto, às vezes, com um suspiro e a tia Olímpia concorda com os olhos húmidos.

Jacinta era dois anos mais moça que o seu irmãozinho. Tinha os mesmos traços bonitos, mas a arcada regular das sobrancelhas rentes aos olhos, claros e enormes, revelavam mais inteligência. Era viva e alegre como um passarinho, e estava sempre a pular e a dançar. Talvez, porque os pais fossem muito carinhosos, parecia ser toda feita de ternuras, enquanto não a contrariassem. Jacinta era, de facto, mimada por ser a mais nova de uma família numerosa. Amuava com o mínimo gracejo. Esta era, talvez, a razão pela qual Lúcia a achava aborrecida, quando começaram a brincar juntas, em 1914. Também Jacinta tinha apenas quatro anos! O pai lembra-se ainda como sabia ela às vezes ser teimosa e independente. Não se sabe por que decidiu dizer: «Ave, Maria, cheia de graças» em vez de «cheia de graça e não houve ninguém, dizia ele com certo orgulho, capaz de obrigá-la a usar a forma singular, que é a correta.

Os Martos habitam agora do outro lado da estrada, bem em frente da primeira moradia, entre a casa dos Abóboras e a aldeia de Fátima. É uma casinha humilde, que lembra Nazaré e Betânia. A senhora Olímpia tinha a graça e a compostura de uma senhora dona, ao me fazer as honras da casa, apesar de trazer os pés descalços e os trajés de todos os dias, cinza e preto. Havia poucos móveis na sala de estar. Um relógio antigo que não trabalhava mais e uma enorme arca de madeira. Janelas não havia. Não as tinham

tampouco os quartos de dormir. A cozinha é iluminada por uma clarabóia de um só vidro talvez de seis a oito polegadas. Da lareira, onde arde o fogo no inverno, subia apenas uma chama fraca de um punhado de gravetos, pois o dia estava muito quente. Uma chaleira velha, ao pé de alguns púcaros de água, óleo ou vinho; um rosário pendurado num prego da parede...

Lá fora, o pátio. Cerca-o um murinho de pedras rústicas. Pelo chão, gravetos que caem dos galhos de figueiras que estão junto à cerca. O cheiro de cabras e carneiros, misturado com o aroma agradável das flores e das árvores e o acre odor do solo, nas tardes quentes de verão, atrai nuvens de moscas e mosquitos. Olímpia sorri com orgulho ao mostrar, num dos cantos, o velho forno de tijolos, onde assa, uma vez por semana, os pães enormes e apetitosos. Quando as crianças já estavam maiores, costumava fazê-los duas vezes por semana. «Sim, sou uma mulher forte!» repete, fechando resolutamente a boca e olhando através da cerca para o panorama impressionante das várzeas e campinas circunscritas pelas montanhas. Em frente, bem no alto de um morro, há uns moinhos antigos - idênticos, talvez, aos que D. Quixote guerreou em Espanha - que vagarosamente movem os quatro pares de asas ao esplendor do sol ardente de julho.

Os brinquedos preferidos por Lúcia e pelos priminhos, dentro ou fora de casa, eram os mesmos de todas as crianças: pegador, prendas, soldado e ladrão, «botão, botão, quem pegou o botão?» e outro chamado «passa, passa anelzinho». Quando se cansavam, Lúcia contava-lhes histórias, habitualmente as que ouvia dos pais ou das irmãs mais velhas, junto à lareira, depois do jantar, nas noites de inverno. Histórias de arrepiar os cabelos, de feiticeiras, fadas e génios, gigantes e princesas encantadas, tais como as que António e as filhas mais velhas gostavam de contar. Mas contava também as histórias piedosas, que ouvia dos lábios mais sérios de Maria Rosa.

O que mais interessava a Jacinta era a narração da Paixão de Cristo. Com o talento natural que revela, sem querer, nas suas quatro Memórias, Lúcia empolgava a priminha ao descrever-lhe estas cenas: Jesus rezando sozinho, no Jardim das Oliveiras, enquanto os Seus amigos dormiam e os inimigos conspiravam. Jesus açoitado sob os olhares de Sua Mãe, que o contemplava chorando. Jesus desfalecendo debaixo do peso da Cruz e

caindo por terra, com os joelhos ensanguentados. Jesus morrendo nos estertores da agonia e da sede, pelos nossos pecados. Tudo isso devia causar profunda impressão nos coraçõezinhos generosos dos filhos dos Martos, especialmente no da menina Jacinta. «Coitadinho de Nosso Senhor!» «Pobre, pobre de Nosso Senhor!» dizia. «Não vou mais cometer nenhum pecado, se é isso que O faz sofrer tanto!»

De uma feita, enquanto as crianças brincavam na casa dos Santos, Manuel, irmão da Lúcia, escrevia uma carta à ponta da mesa e, levantando subitamente os olhos, disse brincando:

- «Anda cá, Jacinta, vem dar-me um abraço e um beijo!»

- «Peça-me outra coisa qualquer», disse a menina.

- «Não. É só isso que eu quero - três beijos, continuou, provocador.

- «Eu só quero beijar a Nosso Senhor; a Ele darei quantos beijos queira». E correndo para um crucifixo pendurado à parede, cobriu-o de beijos.

Sempre tivera atracção pelo Crucifixo. Certo dia, tirou-o da parede e contemplava-o amorosamente, quando Maria entrou. Pensando que Lúcia lho tivesse dado, começou a ralhar: «Então ela não sabia que não se brinca com coisas Santas?»

«Maria, não batas em Lúcia», suplicou Jacinta. «A culpa é minha. Não farei isso outra vez».

Maria não deixou de dar um beliscão à marota, e enxotou-os, «que fossem brincar lá fora, ao sol». Correram pelo pátio afora, desceram para o campo e foram ter à eira. Esta era um terreiro quadrado, revestido de cimento, no qual, anos a fio, nem se sabe desde quando, as pessoas da família vêm debulhando o feijão que cresce pelas campinas e malhando o trigo com varas, como é uso nessas paragens, desde tempos imemoriais. Desprende-se daí agradável perfume, mais acentuado ainda se alguém espezinhar a hortelã selvagem que cresce por entre os feijões e o feno. E que vista magnífica! Ao longo do vale, por sobre o verde emaciado das

oliveiras, tremula, de onde em onde, a luz prateada de um milharal, destacando-se do verde-escuro dos pinheiros, das figueiras e dos carvalhos.

A alguma distância da eira, existe um velho poço, precioso por ser uma das raras fontes de água existentes por essas paragens da Serra. É recoberto de pesadas lajes de pedra talhada, muito cómodas para se lhes sentar em cima. Aí, durante horas e horas, à sombra dum maciço de castanheiros, ficavam as crianças descansando, a conversar ou simplesmente a contemplar os campos arados, cheios de rochedos abruptos. Tufos de cardos, eglantinas, molhos de feno ou de feijão seco, com as vagens pendendo retas, tudo isso disseminado ao acaso pelas várzeas, cuja paisagem nunca era a mesma. Pela madrugada, ao nascer do sol, ou à tardinha, ao poente, era esplendorosamente bela; era realmente celeste, ao cair da noite, quando deliciosa aragem perpassava, ciciando sob a imensa abóbada de azeviche, pontilhada de estrelas.

Assim que as oliveiras começavam a deitar brotos, as recomendações de Maria Rosa redobravam de severidade para que as crianças não se aproximassem delas quando fossem brincar ao poço, pois esses brotos se emaranhavam pelos cabelos, blusas e saias compridas de Lúcia e Jacinta, e, não se sabe como, acabavam por cair no poço e estragar a água. Se, por acaso, à noite, algum broto fosse encontrado por entre as vestes de Lúcia, era uma verdadeira arrelia! Era-lhe ministrada uma corrigenda em regra. Ou, então, ficava presa todo o dia seguinte. Que castigo era para ela ouvir, então, Jacinta e Francisco tagarelarem sob a janela, e insistirem para saber por que não vinha para fora brincar.

Gostava também de apreciar, lá do poço, o sol a nascer e inundar o vale de luz e, ao lusco-fusco, as nuvens imensas a deslizarem mansamente pelas montanhas, quando o sol se deitava num esplendor de escarlata, púrpura e ouro. Jacinta gostava muito de contemplar o poente. Preferia, no entanto, ir ver depois do jantar surgirem as estrelas e contá-las até não poder mais. Que prazer apreciá-las através das ramas rendadas das figueiras, junto ao poço! Dali, pareciam maiores e mais brilhantes. Lúcia chamava-as lâmpadas dos anjos. A lua era a candeia de Nossa Senhora. E o sol? Talvez a de Nosso Senhor.

«Eu prefiro a candeia de Nosso Senhor, dizia o Francisco.

«Pois eu, não, retrucava Jacinta. «Ele queima e cega. Eu gosto é da candeia de Nossa Senhora».

E a discussão parecia fadada a não ter fim.

No verão de 1914 sofreram um desses contratempos inevitáveis nas famílias. Um invisível veneno transformara a alegria em tristeza, a paz em ansiedade, a harmonia em dissenção. A desgraça da família dos Abóboras era causada pelo excesso de vinho que António bebia, cada vez mais, de parceria com os amigos, nessas escuras tabernas de beira da estrada que, misteriosamente, pululam em Portugal, mesmo onde as casas são escassas. O pobre homem enterrava, assim, não somente as suas terras e o seu gado, mas também a dignidade, o respeito dos seus velhos anos, a saúde, o bem-estar da mulher e dos filhos. As coisas chegaram a tal ponto que Maria Rosa teve de se empregar como enfermeira doméstica, às vezes, durante a noite toda e por dias a fio. Era especialmente solicitada quando nascia um bebé na vizinhança, e, não raras vezes, caridosa como era, trazia para casa três ou quatro crianças, enquanto a mãe estava doente. Às filhas mais velhas cabia, então, tomar conta da casa ou ajudar o Manuel na plantação. O trabalho de Carolina havia sido, até aí, o de pastorear o pequeno rebanho e as poucas cabras, pelas diversas pastagens da Serra. Mas agora, ela já estava com treze anos, e Maria Rosa decidiu que ela também devia ajudar a ganhar dinheiro, costurando ou tecendo para fora. Não havia razão alguma que impedisse Lúcia de tomar conta do rebanho. Contava já sete anos e era muito crescida para a idade.

Todos - excepto Lúcia - protestaram energicamente. António achava impróprio obrigar uma criança, assim tão pequena, a trabalhar, e as filhas mais velhas concordavam com o pai. Mas Maria Rosa, com sua vontade enérgica, como sempre, venceu.

Lúcia ficou encantada. Pensar em ser pastora dava-lhe a impressão de já ser gente grande.

Francisco e Jacinta, por outro lado, ficaram com o coração dilacerado. Agora não tinham mais ninguém para brincar com eles, para lhes contar histórias. Em vão suplicaram à mãe que os deixasse acompanhar o rebanho dos Martos. Com seis e quatro anos, isso era cedo demais, disse Olímpia. E,

certa manhã, Lúcia, depois de algumas instruções preliminares de Carolina e dos demais, partiu, empunhando uma enorme vara, a fim de pastorear o minguido rebanho do pai. E lentamente lá se foi, toda compenetrada, através da estrada sinuosa, em direção às pastagens verdes da Serra. Não houve dificuldades, uma vez alcançada a várzea, porque aí encontrou um bando de outras crianças contentes de contá-la entre os companheiros e de poderem iniciá-la nos misteres do pastoreio. Como é árida essa região de Portugal! Em nada se assemelham os seus campos aos prados verdejantes da Irlanda, onde os carneiros são duas vezes maiores. Entretanto, os rebanhos portugueses conseguem manter-se e até produzir lã de boa qualidade. Isso porque percorrem todos os dias distâncias enormes, à cata do capim escasso, mesmo quando já está seco em pleno estio. Quando encontram lugar favorável, ajuntam-se todos e lá ficam devorando sossegadamente as moitas suculentas. Os pastores têm, assim, ensejo para folguedos e conversas. Lúcia foi recebida com prazer, nesse primeiro dia, principalmente por três meninas da aldeia vizinha, que ela conhecia vagamente: Teresa Matias e sua irmã Maria Rosa, e outra, Maria Justina. As ovelhas, assim, todas juntas, pareciam como que uma nuvem espalhada pela Serra.

Era realmente agradável vaguear o dia todo, em boa companhia, pelos rústicos e tão pitorescos arredores da aldeia. Habitualmente, os pastores conduziam o rebanho por entre as pedras enormes que ladeavam o caminho sinuoso, até cruzar a estrada real de Ourém a Leiria. À beira da estrada, ficava uma água rasa e parada, a Lagoa, que as crianças preferiam chamar de «barreiro». Não era, entretanto, assim tão suja, porque não só os camponeses vinham ali, de milhas distantes, dar de beber aos rebanhos, burros e gado, mas também as mulheres das choupanas próximas para ali vinham lavar a roupa. Todos os dias ainda se vêem três ou quatro delas ajoelhadas às margens, de saias arregaçadas, batendo a roupa numa laje ou numa prancha, enquanto as criancinhas nuas correm a chafurdar na lama, à beira da ponte baixa. Era aí que Lúcia se encontrava com as outras meninas. Depois que os carneirinhos bebiam bastante, tocavam-nos todos juntos para o pasto escolhido para passarem o dia.

Um dos lugares predilectos ficava nas terras do pai de Lúcia, aproximadamente a uma milha ao oeste da Lagoa, e duas vezes mais

distante de Aljustrel. Era uma cavidade ou gruta, cujo nome - Cova da Iria - sugere que, aí, talvez as orações de uma santinha mártir lhe tenham alcançado a coragem para defender a sua virtude, mesmo à custa da própria vida. Parece que algo havia por essas paragens que atraía sempre Lúcia e as suas amigas. Sob a abóbada de um azul esplendoroso - especialmente sobre as escarpas do norte - descortinavam-se paisagens variadas. O verde acinzentado das oliveiras era realçado pelo matiz mais escuro da folhagem densa dos olmos e carvalhos. Os ramos das carrasqueiras se estendiam, amplamente, em todas as direções. A azinheira era de uma variedade baixa - três a seis pés de altura. Em certos lugares, o capim crescia bastante e era cortado como feno. A maior parte do terreno argiloso parecia produzir apenas cardos e florinhas selvagens. Enganadora aparência. Quando arada e revolvida, conservava-se húmida, mesmo durante a canícula, produzindo batatas - pequenas, mas gostosas - além de repolho e milho.

O pai de Lúcia possuía muitas terras de cultura na Cova da Iria. Às vezes, passavam lá o dia todo. Outras, dirigiam-se, depois da merenda, para um lugar deserto, mais ao sul, chamado Valinhos. O terreno era aí dividido em numerosos lotes, de formas irregulares, cercados de muros baixos, de pedra, de quatro a seis pés de altura, e tão juncado delas que parecia inútil cercá-lo para impedir o pastoreio. Entretanto, havia lá muito capim crescido entre o penhascos abruptos, e como houvesse muitas fendas nos velhos muros, era fácil tocar o rebanho de um lote para outro. Um pouco além, árvores frondosas ofereciam sombra agradável.

De Valinhos, o terreno começa a subir na direção do sul, de frágua em frágua, até um outeiro escarpado chamado O CABEÇO. No topo, um velho moinho desguarnecido de suas asas, - dele ainda existem ruínas - indica o lugar donde se descortina magnífica paisagem, em todas as direções, por milhas além. Do lado do sul, emergem majestosas as montanhas enormes que vão do oeste ao este. A certa altura, o despenhadeiro é escavado e uma espécie de gruta oferece precário abrigo contra a chuva e o vento frio que sopra do noroeste. De onde em onde, enormes rochedos de granito cor de cinza cortam a monotonia do terreno. Era agradável brincar no meio deles ou mesmo apenas sentar-se lá bem no alto, para apreciar o rebanho pastando na encosta íngreme. Além, o terreno ondulado se divide em três direções; abaixo, para as bandas do sul, do vale verde e profundo, surgem

os altos pinheiros, cujas copas balouçam e gemem ao sabor do vento. Por detrás deles, a algumas milhas de distância, umas herdades, muito maiores que as de Aljustrel. Daí, quase sempre, descortinavam-se cenas interessantes: homem arando, semeando ou ceifando, conforme a estação. Outros, malhando o trigo da mesma maneira e com os mesmos apetrechos dos tempos de antanho. E que suave deleite ver, nos outeiros distantes, as asas regulares dos velhos moinhos a girarem, tocadas pelo vento! A cordilheira, em direção do oeste, era mais áspera. Montanhas de picos mais agudos, de rochedos imensos, constituem uma pequena parte, apenas, do enorme maciço cinzento que percorre, por milhas e milhas, toda a extensão de Portugal. Do outro lado do vale, as montanhas se amenizam e se revestem de capim verdejante.

Como é palpitante descortinar de um ponto toda essa vastidão! Que cena encantadora! Lá no Cabeço tudo é límpido, perfumado, tranquilo ... Ali, os raios do sol parecem sorrir o dia todo. O vento acaricia-nos a cabeça sem nos importunar. Nessas alturas, é delicioso viver! Respiramos melhor. Sentimo-nos mais livres! Lúcia começou a gostar das prosas com Teresa Matias e com as outras meninas, sobretudo quando descobriu ter sobre as amigas certa ascendência intelectual que as levava a fazerem o que ela queria. Teresa, agora mãe de nove filhos, lembra-se de que era Lúcia a primeira a incitá-las a dançar e a cantar e ensinar-lhes novas cantigas. Uma destas era em louvor de Nossa Senhora do Carmo e começava assim:

Nome de Maria
Tão bonito é!
Salvai a miuha alma
Que ela vossa é_

Senhora do Carmo
Mandou-me um recado
Que reze três vezes
Bendito e louvado.

Bendito e louvado
Eu hei de rezar
Senhora do Carmo
Me há de ajudar.

No Céu três medidas
Ao peso da Cruz;
Reza-se três vezes
Salvai-me Jesus!...
Salvai-me Jesus!...
Salvai-me Jesus!... [3]

Certo dia, Lúcia e as três outras pastorinhas rezavam juntas o rosário, depois da merenda, por entre os rochedos ao longo do espinhaço do Cabeça. Nisto, uma delas chama a atenção das outras para algo estranho, uma forma muito branca a mover-se majestosamente lá ao longe, por sobre o vale profundo. Pairou sobre o pinheiral, e assim ficou, suspensa no ar, por algum tempo. Lúcia recorda-se: «Era a figura como de uma estátua de neve, que os raios do sol tinham transformado em algo muito transparente». Parecia ter a forma de um ser humano.

- «Que é isso?» indagou uma das meninas.

- «Não sei!» disse Lúcia.

Continuaram o rosário, olhos fixos nessa Coisa misteriosa. Assim que o terminaram, viram-na sumir-se no ar ensolarado.

De acordo com o seu temperamento, em casa, Lúcia nem sequer aludiu ao facto. As outras, porém, não foram tão circunspectas [4]. Os boatos finalmente chegaram até aos ouvidos de Maria Rosa e, como era natural, fê-la curiosa.

- «Olha cá», disse à filha. «Andam dizendo por aí que andaste vendo não sei quê. Que foi o que viste?»

- «Não sei!» respondeu Lúcia. «Parecia alguém como que evolto num lençol. Mas não tinha nem mãos nem olhos».

- «Tolices de crianças!» sentenciou Maria Rosa, com um muxoxo. Passado algum tempo, repetiu-se o facto no mesmo lugar. E pela terceira vez ainda viram a mesma coisa, no verão de 1915, aproximadamente, segundo maior precisão de Lúcia.

Maria Rosa tornou a ouvir comentários e ainda mais insistentemente indagou:

«Vamos ver, agora. Que foi o que andaste vendo por aí?»

«Não sei, mãe, não sei o que foi» [5]

.

Os vizinhos começaram a interpelar Lúcia sobre as aparições. Trocavam olhares significativos de compaixão quando a viam passar na rua. As irmãs mais velhas pensavam que isso devia ter qualquer relação com a abstracção que lhe notaram desde o dia da Primeira Comunhão. Sempre que a viam pensativa, divagando, alguma delas dizia:

- «Que há, Lúcia? Viste alguém envolto num lençol?»

Lúcia calava-se. Para que falar se nem ela mesma entendia?

NOTAS

[1] Francisco nasceu a 11 de junho de 1908; Jacinta, a 11 de março de 1910

[2] Esta é uma das reminiscências de Marto, colhidas no excelente livro do P. De Marchi, pág. 34.

[3] Op. cit., p6g. 45.

[4] A escritora portuguesa, Senhora D. Maria de Freitas, filha de um notóve1 editor do "O SÉCULO", contou-me em 1946 que muito tempo antes de ouvir o que quer que fosse a respeito de Fátima, uma mulher do distrito narrara-lhe uma história absurda: a sua filha e mais algumas raparigas haviam visto "um homem sem cabeça pairando no ar".

[5] Lúcia, ela própria, relata essas aparições nas suas Memórias, II, póg. 9, escritas em 1937.

CAPÍTULO III

Francisco e Jacinta estavam sempre à espera de Lúcia, quando, à tardinha, recolhia o rebanho para o pátio empoeirado, em Aljustrel. O menino era retraído, mas a pequena corria ao encontro da prima e dava-lhe logo todas as notícias. Era assim todas as tardes. Pedira, ainda, à mãe que a deixasse cuidar do rebanho com Lúcia e a mãe recusara. Se a tarde estava nublada, quedava-se pensativa, quase chorosa. «Os anjos não vão acender as lâmpadas esta noite» ... e pesarosa: «A candeia de Nossa Senhora não tem mais óleo»...

Enquanto ela e Lúcia acomodavam o rebanho para a noite, Francisco sentava-se numa pedra em frente à casa dos Abóboras e tocava músicas no seu píforo, uma flautinha de cana, para ele tão preciosa. Acompanhava-as em seguida até à eira, ao pé do poço e apreciavam os três o surgir das estrelinhas. Preferia, porém, as auroras douradas e os poentes de púrpura franjada de luz. «Nenhuma candeia é tão linda como a de Nosso Senhor!» insistia e qualquer manifestação do poder dessa «candeia» o transportava de gozo. Bastava o cintilar do sol nas gotas de orvalho ou na superfície prateada do tanque, o rubro esplendor do poente incidindo nas janelas da aldeia próxima, para o deixar feliz para o resto do dia. Como era possível que esse camponesinho rude, cujos pais não sabiam ler nem escrever, soubesse ver no sol (tal como S. Atanásio e S. Patrício séculos atrás) um símbolo do Verbo de Deus remindo a raça humana?

Levando em conta a sua idade, havia em Francisco muito da serenidade e do desapego dos santos. Apesar de toda a sua coragem e valentia, era meigo e cordato. Parecia ter compreensão perfeita do pouco valor das coisas deste mundo. Não se metia em brigas. Tão pouco se perturbava quando se apoderavam do que era seu. Se algum menino lhe fazia trapaças no jogo, dizia logo: «Pensa que me importo? Fique com tudo».

Um dia, foi à casa de Lúcia mostrar-lhe bem como aos companheiros um lenço que ganhara. Estava tão satisfeito! Tinha de quê. Era um lenço todo trabalhado e no centro, bordada em cores vivas, Nossa Senhora. O lenço andou de mão em mão, entre exclamações. A certa altura desapareceu, misteriosamente. Por fim foi descoberto no bolso de um dos

meninos que se dizia seu dono e teimava ficar com ele. Francisco era bastante forte para reavê-lo com violência. Ao invés disso, encolheu os ombros, dizendo: «Pois fique com ele! A mim que me importa um lenço?»

Na opinião de Lúcia era essa indiferença o maior defeito do primo. Talvez fosse essa a razão pela qual as outras crianças não o procuravam muito para brincar. Lúcia, às vezes, achava-o tão exasperante que lhe dizia que fosse sentar-se sobre uma pedra e lá ficasse quieto. Francisco obedecia calado. Que lhe importava? Podia, sempre, entreter-se sozinho. Habitualmente, tirava do bolso a sua flauta e tocava baixinho.

Na realidade, não desejava muito ser pastor. Jacinta é que queria imitar o que Lúcia fazia. Entretanto, Francisco preferia a sua irmãzinha ao seu irmão João. Como gostasse mais da companhia da irmã, pleiteava sempre os seus desejos e com tal insistência imprópria de seu temperamento, que a tia Olímpia lhe dizia, zangada, que a deixasse em paz.

«Não faz mal, Mãe», dizia, meigo. «Era a Jacinta que queria ir».

Muito diferente era a voluntariosa Jacinta, tão cheia de caprichos, acrescenta Lúcia, que se não fossem os mesmos olhos castanho-escuros, os traços bem feitos, a mesma boca firme e bem talhada, a mesma curva gentil das faces, ninguém suspeitaria que fossem irmãos. Eram modestos os desejos de Francisco. Fáceis de serem satisfeitos. Jacinta, pelo contrário, queria tudo e com apaixonada insistência. Quando resolveu ser pastora como Lúcia, não deu mais sossego à mãe. Mas Olímpia, também, não cedia facilmente.

A maior ambição de Jacinta era fazer a Primeira Comunhão. Se Lúcia pôde fazê-la aos seis anos, porque o não poderia ela fazer? Onde quer que houvesse nova aula de Catecismo, lá estava Lúcia com sua irmã Maria para renovar o fervor e receber mais dignamente Jesus Escondido. Numa dessas ocasiões, levaram Jacinta, que ficou encantada com tudo, especialmente com as pequeninas vestidas de anjos a jogarem, graciosamente, flores ao Santíssimo.

No dia seguinte, quando estavam no prado, Jacinta teceu uma grinalda e colocou-a na cabeça de Lúcia.

- «Por que fazes isso, Jacinta?»

- «Faço o que fazem os anjinhos, deito-te flores».

Pareceu a Jacinta ter atingido o auge da felicidade quando a colocaram entre os «anjinhos» numa Procissão de *Corpus Christi*. Enquanto Lúcia e as outras meninas jogavam as pétalas ao Santíssimo, ela parecia imóvel, fixando a Hóstia.

- «Jacinta, perguntou Maria mais tarde, «por que não atiraste flores a Jesus?»»

- «Ora, porque eu não O via».

- «Devias ter feito como a Lúcia».

Dias depois Jacinta indagou:

- «Viste, então, o Menino Jesus?»»

- «Não. Mas não sabes que o Menino Jesus está escondido na Hóstia e que O recebemos na Comunhão?»»

- «Falas com Ele quando O recibes na Comunhão?»»

- «Falo».

- «E por que não O vês?»».

- «Porque está escondido».

- «Vou pedir à mamã que me deixe também ir comungar».

- «O Senhor Prior não te deixará até teres dez anos».

- «Mas tu ainda não tens dez anos e já comungas...»

- «É que eu sabia toda a doutrina, e tu ainda não a sabes».

Foi assim que Lúcia se tornou a professora de uma aluna tão aplicada que não se contentava em aprender de cor, mas queria saber a razão de tudo.

- «Como pode tanta gente receber, ao mesmo tempo, o Menino Jesus escondido?» perguntava.

- «E como pode haver um pedaço para cada um?»

-- «Então não sabes que há uma porção de hóstias e que o Menino Jesus está em cada uma delas?»

Lúcia procurava explicar o mistério da multiplicação do Corpo Daquela que havia multiplicado outrora os pães e os peixes e criado todas as coisas. Ao cabo de algum tempo, Lúcia atingira o fim dos seus conhecimentos. Repetia-os.

- «Ensina-nos mais coisas», dizia Jacinta, estimulando-a; «essas, nós já sabemos».

Jacinta conseguiu persuadir a mãe de que já sabia bem o Catecismo e podia ser examinada pelo Prior. A senhora Olímpia, finalmente, levou-a à Igreja. O padre Pena fez-lhe uma quantidade enorme de perguntas. Por fim, pareceu pensativo e disse recear que a menina fosse ainda muito pequena.

Além do mais, não sabia bem a doutrina. Pobre Jacinta! Como se afligiu! Entretanto, não era de seu temperamento ficar remoendo derrotas passadas. Quando a vida lhe trazia algumas decepções, tratava de esquecê-las. Um belo dia, correu para a casa de Lúcia com grande algazarra. Francisco seguia-a mais serenamente.

- «Sabes de uma coisa? A Mamã vai deixar-nos ir contigo cuidar do rebanho.»

Era verdade. De facto, Olímpia afinal havia cedido. Desde então, viam-se todas as manhãs muito cedo Francisco e Jacinta tocarem, como o fazia Lúcia, os cordeirinhos brancos pela estrada estreita. Francisco, de calças compridas, cajado em punho, gorro de meia enfeitado, como ainda usam os pastores da Serra. Jacinta, blusa escocesa, saia preta a lhe cair

graciosamente, e um lenço sobre os cabelos negros. No «Barreiro» esperavam por Lúcia, enquanto o rebanho chafurdava na água barrenta. Se Lúcia chegasse primeiro, aí esperava por eles. Reunidos lá iam os três, descalços como era costume, tocando o rebanho ao todo, uns vinte e cinco carneiros e uma ou duas cabras, - até alcançarem um lugar em que o pasto fosse bom.

O prazer de Jacinta era meter-se no meio dos cordeirinhos. De vez em quando, tomava ao colo a menor das ovelhinhas e a colocava sobre os ombros.

- «Por que fazes assim, Jacinta?»

- «Para fazer como Nosso Senhor», respondia, referindo-se a uma estampa do Bom Pastor que a Lúcia lhe havia dado. Assim que chegavam ao lugar aprazado, já estava ela pronta para qualquer brinquedo ou travessura. Às vezes ficavam o dia todo na Cova da Iria. Quando não, iam brincar em Valinhos. Mas o lugar favorito dos três era o cimo rochoso do Cabeço, onde a gruta, no terreno do pai de Lúcia, se prestava tanto para as brincadeiras. E a vista lá de cima era tão vasta, tão bela!

Jacinta não se cansava de correr montanha acima atrás das borboletas brancas que voltejavam o dia todo pelo ar suave e perfumado das colinas. Preferia ainda apanhar uma profusão variada de flores agrestes por entre os penhascos agudos. Colhia com delícia braçadas enormes de uma florinha de viva cor azul que abundava pelo Cabeço. Juntava-as a esmo às hortelãs rústicas, fáceis de serem encontradas, devido ao forte perfume que exalavam, principalmente quando pisadas. Eram tantos os perfumes trazidos pelo vento do oeste, deliciosamente combinados, a flutuarem no ar, que se tornava impossível distingui-los. Acentuava-se, entretanto, o cheiro forte das hortelãs por entre a fragrância dos pinheiros lá embaixo, no vale profundo e o aroma mais penetrante do alecrim. Há entre os portugueses uma modinha popular que lembra o gesto de Ofélia colhendo rosmaninho para lembrança:

Quem pelo alecrim passou
E um raminho não tirou
Do seu amor não se lembrou.

Uma variedade imensa de rosas silvestres, eglantinas, estrelas-do-mar, rosas do maio, ainda floresce pelas encostas do Cabeço, em memória de Jacinta.

Como todas as crianças, encantavam-se com o eco. Como as escarpas do Cabeço ecoavam num som tão claro, alto e distinto! Os pequenos levavam horas inteiras a ouvir, deleitados, através das copas agrestes dos pinheiros, a repercussão lenta das suas vozes infantis, na colina em frente. Gritavam toda uma lista de nomes sibilantes e onomatopaicos. Esse misterioso agente, que os gregos diziam ser uma ninfa, levava e trazia o que lhes passava pela cabeça. Jacinta gostava especialmente de ouvir o eco repetir o nome de MARIA. Por vezes, dizia a Ave-Maria toda, pronunciando, depois de ter ouvido a repercussão anterior.

«AVE ... MARIA ... CHEIA ... DE GRAÇA ...!»

Não raro, os três tomavam parte nesse divertimento e parecia então que toda a Serra de Aire vibrava ao som das palavras pronunciadas por S. Gabriel, há vinte séculos.

BENDITA ... SOIS ... VÓS ... ENTRE ... AS MULHERES ...

Mas o que Jacinta preferia, de facto, era dançar. Diziam-na graciosa e ela sabia disso. Nada satisfazia tanto a energia estuante da sua alma e do seu corpo irrequietos quanto esse cadenciar dos braços e das pernas, ao ritmo da música. Lúcia, também gostava bastante da dança, mas estava longe de ter o mesmo prazer incansável que arrebatava a priminha. Quanto a Francisco, isso era-lhe absolutamente indiferente. Mas como gostasse muito de música e de apreciar as meninas a dançarem, sentava-se sobre uma pedra e levava horas inteiras tocando na flauta, música após música, enquanto os pezinhos descalços saracoteavam ligeiros na argila ou na grama húmida.

Muitas dessas cantigas profanas devem ter ecoado por essas montanhas, desde o tempo dos romanos. Outras, porém, eram piedosas, porque os pastores portugueses, como os de França, possuem um vasto repertório de canções religiosas herdadas da Idade Média. A predileta de Francisco era chamada AMO A DEUS NO CÉU.

Amo a Deus no Céu
Amo-O também na Terra;
Amo o campo e as flores,
Amo as ovelhas na serra.

Com os meus cordeirinhos
Eu aprendi a saltar:
Sou a alegria da serra
E sou o lírio do vale.

Sou uma pobre pastora,
Rezo sempre a Maria.
No meio do meu rebanho
Sou o sol do meio-dia.

O, ió ai!
Quem me dera ver-te agora!
O, ió ai!
Meu Jesus, já nesta hora!

Jacinta preferia um hino antigo:

Salve, Nobre Padroeira,
do povo teu protegido
Entre todos escolhido
Para povo do Senhor.

Ó glória da nossa Terra.
Que tens salvado mil vezes!
Enquanto houver portugueses,
Tu serás o seu amor!

Ó Anjos, cantai comigo!
Ó Anjos, cantai sem fim!
Dar graças, eu não consigo,
Ó Anjos, dai-as por mim.

Ó Jesus, que amor tão terno!
Ó Jesus, que amor é o teu!
Deixas o trono supremo
Vens fazer da Terra o Céu!

Um outro continuava assim:

No céu, no céu, no céu,
Com minha Mãe estarei...

Virgem pura, tua ternura
É consolo em meu penar,
As belezas de Maria
Noite e dia vou cantar.

Nada havia de piedade consciente no impulso que levava essas criancinhas a entoar hinos a Nossa Senhora e aos anjos do céu. A religião para eles não era apenas um acessório que se enverga aos domingos. Era como o ar que respiravam. Mais que isso: era uma realidade vital. E, porque soubessem que todas as coisas são criaturas de Deus, passavam, com encantadora simplicidade, da mais profana canção ao hino mais piedoso. «E, sabíamos, infelizmente, tantas modinhas levianas» escreve Lúcia.

Esta, por exemplo:

Linda amendoeira,
Que é da tua rama?
Por causa de ti
Ando cá em má fama.

Ando cá em má fama.
Deixá-lo andar!
Em águas de rosas
Eu me hei de lavar.

Eu me hei de lavar,
Ó verde limão!

Cantar é bonito,
Chorar é que não.

Havia também uma canção à primavera, cujo ritmo cadenciado era ótimo para dançar.

Não cantes o ah lá lá, ó prima! ó prima!
O ah lá lá já se acabou, tão linda! tão linda!
Por causa do ah lá lá, ó prima! ó prima!
Já minha mãe me ralhou, tão linda, tão linda!

Ah lá lá ...

Ah lá lá ...

Nesta vida tudo canta, ó prima, ó prima!
Comigo ao desafio, tão linda! tão linda!
Canta a pastora na serra, ó prima! ó prima!
E a lavadeira no rio, tão linda! tão linda!

Ah lá lá ...

Ah lá lá ...

O rouxinol na campina, «o prima! ó prima!
Passa o dia a cantar, tão linda! tão linda!
Canta a rola no bosque, ó prima! ó prima!
Canta o carro a chiar, tão linda! tão linda!

Ah lá lá ...

Ah lá lá ...

Outra linda cantiga é a SERRANA

Serrana, linda serrana
De lindos olhos castanhos,
Quem te deu, serrana,
Encantos tamanhos

Como jamais os vi?
Tem dó de mim, Serrana, Serrana,
Tem dó de mim

Quando se cansavam de cantar, punham-se a brincar. Já estavam muito crescidos para brincar de «Botão, botão» ou de «Passa, passa anelzinho» e achavam mais divertido jogar a dinheiro. Levavam sempre baralho nos bolsos. Dois maços, um pertencia à família de Lúcia, outro aos Martos. Entre esses jogos o que Lúcia preferia era a bisca.

Depois da merenda ou da sesta, costumavam ajoelhar-se, onde quer que estivessem e rezavam o terço. Maria Rosa ensinara a Lúcia essa devoção Mas, longe da vigilância materna, logo o estropiavam até reduzi-lo a uma recitação rotineira, na qual, a meditação, parte indispensável, tinha um papel apagadíssimo. Aos poucos, apenas restavam as duas primeiras palavras de cada oração: «Ave, Maria, Ave, Maria. Padre-Nosso... Viviam em presença de Deus e, na sua inocência, viam tudo como obras de Sua mão e como manifestações da Sua bondade. Levavam, assim, vida. simples e pacata esses três pastorinhos que não eram nem melhores nem piores do que qualquer dos garotos da Serra ou de alhures.

Mas a rotina bucólica em que viviam foi, pela primeira vez, interrompida no verão de 1916 por um tremendo e imprevisto acontecimento.

CAPÍTULO IV

A Serra de Aire muito pouco se ressentira da miséria e do desespero que assolavam as regiões mais longínquas da Europa, em 1916. Nesse recanto inacessível, a vida continuava o seu curso sereno, enquanto alhures ruíam reinados e batiam-se exércitos. O Tio Marto, no entanto, teve verdadeiro assomo de indignação quando o Rei Carlos foi assassinado, em 1908 e não esperava grande coisa da república liberal de 1910, porque sabia que os seus fundadores se baseavam em princípios anti-cristãos. Ademais, o camponês de facto interessa-se muito mais pela chuva ou pelo preço da lã que pela capacidade legislativa dos governadores, distantes, a tantas léguas. Contavam que o governo se apoderara dos bens da Igreja, exilara centenas de religiosas, de padres e até mesmo o Cardeal Patriarca e outros bispos. Mas o bom povo de Aljustrel conservava-se fiel ao bondoso cura de Fátima e continuava a ouvir Missa todos os domingos. Talvez nem fosse capaz de cometer as infâmias que a Igreja sofreu em outras regiões, principalmente nas cidades. Era essa mais ou menos a situação, quando Portugal entrou oficialmente na Guerra Mundial, em março de 1916.

Alguns dias antes, o Papa Bento XV dirigia ao mundo o mais comovente dos apelos pela paz. Pedia a todos os homens de boa vontade que recorressem antes à oração e à mortificação que ao ódio, e advertira a ruína que viria sobre a Europa, se as suas palavras não fossem consideradas. Entretanto, apesar dessa alocução memorável, que ainda ecoa pelo mundo afora, os dirigentes anticlericais desse pequeno país cristão - cristão ao menos pela história e pela tradição e nos lugares ermos como a Serra de Aire - preferiram seguir a voz da Inglaterra à do Papa, e assim Portugal entrou na guerra. A não ser a propaganda feita pelos jornais vindos das cidadezinhas mais próximas, nenhuma mudança notável se observava em lugarejos tais como Aljustrel. Por ser tempo de plantação, tudo refloria e palpitava de esperança e alegria, à medida que o sol se tornava mais quente, transformando a terra avermelhada em campinas verdejantes. Lúcia, Francisco e Jacinta continuavam a pastorear, como sempre, pelas montanhas tranquilas, apreciando o ressurgir da primavera.e a dançar e a cantar por entre os penhascos aduncos.

Passou-se assim a primavera e voltou de novo o verão. Nenhum facto digno de nota se tinha dado e continuavam os três a cuidar displicentemente do rebanho, como de costume, até que, de uma feita, por um calor abrasador, foram ter a um lugar chamado *Coisa Velha*, um pouco ao oeste de Aljustre¹.

As ovelhinhas pastavam o capim fresco dos campos adjacentes enquanto as crianças se entretinham por ali. Estavam ainda a brincar, quando o céu se escureceu de repente e uma garoa fina começou a cair acompanhada de uma rajada fria de vento noroeste, que vem lá de longe, do oceano invisível. Lembraram-se, então, da espécie de gruta lá do Cabço, perto do declive pedregoso da encosta onde pastava o rebanho. Mais que depressa correram morro acima para abrigar os carneirinhos sob uma árvore frondosa, enquanto eles mesmos se refugiavam na gruta ao sul da montanha escarpada.

Aquilo não era bem uma gruta. Escavação apenas, no enorme rochedo que se empinava para a frente e que servia de abrigo, nos casos de borrasca. Em todo o caso, era o que de melhor havia por ali e os três se agasalharam, sem cessar de brincar, tão alegres como dantes. Passado algum tempo, sentiram fome e merendaram. Depois, ajoelhados, rezaram o terço. Lúcia não se recorda se o disseram todo ou se apenas engrolaram as «Ave-Marias» e os «Padre-Nossos». Lembra-se, entretanto, que, apenas terminado o terço, a chuva cessara subitamente e o sol brilhara de novo esplendorosamente claro, no céu sereno. Começaram, então, os três a atirar pedras lá embaixo no vale. Haviam apenas começado esse passatempo, quando, inesperadamente, começou a soprar impetuoso vento pelos cimos dos pinheiros, que se vergavam e gemiam como nunca. Assustadas, cessaram as crianças de atirar pedras e olharam por toda parte para descobrir o que poderia ser.

Viram então uma luz, lá ao longe, por sobre as copas das árvores. Movia-se lá no vale e parecia vir ter com eles. Pela própria luz, cuja transparência era diferente de quantas já tinham visto, reconheceu Lúcia a alvura singular daquele «alguém envolto num lençol» que vislumbrara, há um ano, com as outras meninas. Parecia, de facto, revestido inteirinho de raios refulgentes, mais brancos que a neve. Aproximara-se tão perto desta

vez que, ao chegar sobre a pedra áspera da entrada da «gruta» puderam distinguir a forma como de um «moço transparente de seus catorze ou quinze anos, «mais brilhante que um cristal irisado pelos raios do sol, descreve Lúcia, ou «como a neve que o sol tivesse tornado cristalina». Podiam ver agora perfeitamente os traços de um rosto humano de indescritível beleza.

Estupefactos, emudecidos, contemplavam-no estatelados:

«Não temais», disse. «Sou o anjo da Paz. Rezai comigo.»

Ajoelhou-se, inclinou-se até tocar a terra com a fronte, e disse:

«Meu Deus! Eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e Vos não amam» [1].

Lúcia e Jacinta ainda estavam ajoelhadas a repetir estas palavras, quando a voz do Francisco despertou-as do torpor.

«Eu não aguento ficar assim tanto tempo como vocês. Doem-me tanto as costas. Não posso continuar assim.»

Tinha-se posto de pé e em seguida sentava-se no chão, exausto. Todos três, de facto, sentiam-se fracos e aturdidos. Aos poucos se foram refazendo e começaram a reunir o rebanho, pois entardecia. Era quase hora da ceia. Ao longo do caminho, de volta para Aljustrel nenhum deles tinha vontade de falar.

Lá se iam calados, silenciosos, pensativos ...

Um pouco antes da partida, Lúcia recomendara que não contassem nada a ninguém do que haviam visto e ouvido. Ela mesma até hoje não sabe por que fez isso. «Pareceu-me que era assim que se devia fazer, disse-me. «Havia algo de tão intensamente íntimo, nisso tudo». Eram dessas coisas inefáveis sobre as quais é impossível falar.

O Anjo da Paz! Quem poderia ser? Existem falanges e falanges de anjos, há hierarquia entre eles. Era comum, na História do Povo de Deus,

aparecer um deles e começar a falar. Não há quem, tendo o dom da fé, duvide da aparição do Arcanjo Rafael ao jovem Tobias para guiá-lo na viagem. É o anjo da saúde, da alegria, dos amores felizes, dos viajantes. O Arcanjo Gabriel também revelou a Daniel o tempo em que se daria a Encarnação e ele mesmo anunciou a Maria que Ela seria a Mãe de Cristo. É São Gabriel, o anjo da consolação, o Poder de Deus. A Liturgia atribui, porém, o nome de Anjo da Paz ao Arcanjo São Miguel, «ANGELUS PACIS MICHAEL».[2] Entretanto, de acordo com a natureza paradoxal de todas as coisas cristãs, é ele também o guerreiro do Céu, empunhando a espada de fogo, o chefe

«daquela multidão incontável
que surge: asa após asa, chama após chama
para aclamar o Nome Inefável.
E o fragor das espadas
qual música arrebatadora
cessa súbito: lá nas cumeadas
apenas cicia a prece adoradora [3].

Foi ele, nos primórdios dos tempos, que castigou as hostes rebeldes de Lúcifer. Brandindo sua espada de fogo, montou guarda junto às portas fechadas do Éden. O corpo de Eva está sob sua vigilância até o dia do Juízo Final. Escondeu o corpo de Moisés para preservar o Povo de Deus do pecado de idolatria para o qual o induzia o demônio. Pensam muitos que foi ele o anjo condutor dos hebreus para a Terra Prometida e o vencedor das hostes de Senaquerib. Protetor da Sinagoga na Lei Antiga é natural que o seja também do Povo de Deus na Nova Lei. Muitas das suas aparições são citadas, além da de Cornwall a que se refere Milton, nos *Lycidas*. No século sexto, por exemplo, S. Gregório Magno viu-o embainhando a espada de fogo, no alto do túmulo de Adriano, em Roma, como sinal de que Deus aceitara a penitência dos romanos e poria termo à peste que então os assolava, em castigo dos seus pecados; e um coro de vozes angélicas acompanhou a imagem de Nossa Senhora que o Santo Pontífice levava à frente da Procissão. Finalmente, segundo o Apocalipse, será S. Miguel quem lutará e exterminará o Dragão no fim dos tempos, depois daqueles dias em que os homens verão no céu: «Uma mulher vestida de sol, com a lua sob os pés e na cabeça uma coroa de doze estrelas».

Não se sabe se foi realmente S. Miguel que apareceu às crianças, ou outro qualquer dos seis anjos que ficam perante o trono de Deus. O facto é que foi profundo e constante o efeito sobre eles produzido. Depois de tal acontecimento, o mundo não pôde ser mais o mesmo para eles. Duas vezes ainda, lhes apareceu o anjo. A segunda aparição deu-se algumas semanas depois da primeira.

Era um dos dias mais quentes desse cáldio verão. Ao meio-dia, recolheram o rebanho a fim de abrigá-lo durante as horas abrasadoras da sesta e foram entreter-se displicentemente sob as figueiras que ensombravam o poço, atrás da casa dos Abóboras, sem imaginar sequer no que iria acontecer.

Olharam para cima e viram o Anjo bem perto deles:

«Que estais fazendo?», perguntou. «Orai! Orai! Orai muito! Os corações de Jesus e de Maria têm sobre vós desígnios de misericórdia. Oferecei oonstantemente ao Altíssimo orações o sacrifícios.

- «Como nos havemos de sacrificar?» perguntou Lúcia.

- «De tudo que podeis, oferecei um sacrifício em acto de reparação pelos pecados com que Ele é ofendido e de súplica pela conversão dos pecadores. Atraí assim a paz sobre a vossa Pátria. Eu sou o Anjo da sua guarda, o Anjo de Portugal. Sobretudo aceitai e suportai com submissão o sofrimento que o Senhor vos enviar» [4]

E desapareceu.

Tolhidas de espanto, ficaram outra vez as crianças durante muito tempo numa espécie de êxtase ou arrebatamento de espírito, adorando o Senhor cujo mensageiro se lhes acabava de revelar. Aos poucos isso se foi esvaindo e recobram a consciência. Lúcia notou que Francisco nada ouvira do que lhes dissera o Anjo, apesar de tê-lo visto perfeitamente como da outra vez.

- «Vocês falaram com o Anjo?» perguntou. «Que disse êle a vocês?»

- «Não ouvisle?»

- «Não. Vi que vocês se lavam com alguém. Ouvi o que disseram mas não sei o que ele disse.

Na tarde seguinte disse Francisco à irmã:

- «Ó Jacinta, dize-me tu o que o Anjo disse».

- «Amanhã de manhã to digo. Hoje não posso dizer.»

Foi ter novamente com a prima no dia seguinte.

- «Dormiste esta noite? Eu não. Fiquei pensando no que o Anjo teria dito».

Lúcia repetiu-lhe, então, as palavras do Mensageiro celeste nas duas aparições.

A inteligência do menino era menos viva que a de Jacinta. Tinha dificuldade em apanhar o significado de algumas palavras.

- «Que é o Altíssimo?» indagou. «Que quer dizer os Corações de Jesus e Maria estão atentos às vossas súplicas». Lúcia tentou explicar-lhe como podia. Não foi fácil, porque a todo momento ele a interrompia com outras perguntas.

Além disso, o peso da «atmosfera sobrenatural», como diz ela, ainda os envolvia a ambos depois de tanto tempo. Foi-lhe impossível reunir as ideias. Finalmente decidiu: «Fica para outro dia. Pergunta-me outro dia».

O pequeno esperou pacientemente, mas na primeira oportunidade começou a importuná-la novamente com mil perguntas.

«Não conversem assim sobre essas coisas!» interrompeu Jacinta. Com encantadora inconsciência pôs-se a queixar-se: algo havia no Anjo que a impedia de falar, cantar e brincar.

«Não tenho mais forças para nada ...»

- «Nem eu, retorquiu Francisco.» «Mas que importa?»

«O Anjo é mais que tudo isso. Pensemos nele!»

Desde então começou a refletir sobre o que queria o Anjo dizer com a palavra sacrifícios. Combinou, pois, com as meninas, as privações de prazer, a renúncia de pequeninas satisfações que isto se fizesse pelos pecadores. Passavam os três horas e horas prostrados por terra a repetir sem cessar a oração que o anjo lhes ensinara. Isso devia ter acontecido em junho ou agosto de 1916. É provável, segundo os cálculos de Lúcia, que a terceira aparição tenha sido lá pelos meados de setembro ou princípio de outubro. Estavam outra vez brincando na gruta do Cabeço, enquanto o rebanho se espalhou pela encosta abaixo. Depois de rezado o terço, como de costume, começaram a oração:

«Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos. Peço perdão para os que não crêem, não adoram, não esperam e Vos não amam». Por várias vezes repetiram essa oração. Eis que surge a mesma luz cristalina a brilhar subitamente sobre o vale e de novo aparece o Anjo, belo, resplandecente, deslumbrante, suspenso no ar diante deles. Trazia, desta vez, um Cálice numa das mãos e, sobre ele, fulgurava a brancura de uma Hóstia. Deixou-os suspensos no ar enquanto se prostrava em terra, dizendo: «Santíssima Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da Terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E, pelos méritos infinitos do seu Santíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores!»

Repetiu três vezes esta oração. Levantou-se e então tomou novamente o Cálice e a Hóstia branca, dizendo: Tornai e bebei o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo, horrivelmente ultrajado pelos homens ingratos. Reparai os seus crimes e consolai o vosso Deus. Viram, então, cair da Hóstia no Cálice algumas gotas de Sangue. O anjo introduziu a Hóstia entre os lábios de Lúcia. À Jacinta e ao Francisco, que ainda não haviam feito a Primeira Comunhão, deu-lhes o Cálice a beber. De novo, em adoração, prostrou-se em terra e repetiu três vezes a mesma oração. Os pastorinhos rezaram com ele.

Francisco seguiu as companheiras, por não ouvir as palavras que o Anjo dizia. Pela última vez, o Anjo da Paz sumiu-se na luz ofuscante do sol. Foi tão forte a sensação da presença de Deus nessa ocasião, conta Lúcia, que se sentiram fracos, exaustos, abstratos, como que fora de si. Novamente, Francisco foi o primeiro a voltar à realidade. A custo advertiu-as de que já estava escurecendo. Com toda a energia de que eram capazes, puseram-se a juntar o rebanho disperso e tocaram para casa. Apesar da fraqueza, sentiam uma felicidade inefável e uma infinita paz lhes invadiu o espírito! Esta sensação estranha de debilidade, de languidez feliz e amorosa, durou semanas e dias. Muito tempo se passou sem que Francisco ousasse interpelá-las a respeito do que viram e ouviram. Por fim, não mais se conteve:

- «Gosto muito de ver o Anjo, mas não sei o que me acontece depois. O pior é que a gente não pode fazer nada.»

«Não posso nem andar. Não sei o que acontece comigo.»

Alguns dias mais tarde, quando já recobrado o ânimo e a energia habitual, indagou:

- «O Anjo deu-te a Sagrada Comunhão. Mas que deu a mim e à Jacinta?»

- «Foi também a Sagrada Comunhão, aventurou Jacinta, antes que Lúcia pudesse responder. «Não viste que foi o Sangue que caiu da Hóstia?

- «Senti que Deus estava em mim), disse ele, «mas não sabia como isso era.»

Prostrando-se, então, por terra, ficou durante largo tempo a repetir a segunda oração do Anjo. «Santíssima Trindade, Pai, Filho, e Espírito Santo, adoro-Vos profundamente e ofereço-Vos o preciosíssimo Corpo, Sangue, Alma e Divindade de Jesus Cristo, presente em todos os Sacrários da Terra, em reparação dos ultrajes, sacrilégios e indiferenças com que Ele mesmo é ofendido. E pelos méritos infinitos do seu sacratíssimo Coração e do Coração Imaculado de Maria, peço-Vos a conversão dos pobres pecadores.

O som compassado e melancólico da Ave-Maria, trazido pela brisa da tarde, foi encontrá-los assim perdidos em profundo silêncio.

Aqui está o que Lúcia conta ter-lhes acontecido quando apenas tinha nove anos, e os priminhos, oito e seis, respectivamente.

NOTAS

[1] É este o texto das palavras escritas por Lúcia na Memória, II pags. 10-11. A descrição que faz do anjo é nestes termos: "Se aproximava, iam divisando as feições de um jovem de 14 a 15 anos, mais branco que se fôra de neve, que o sol tornava transparente como se fôra de cristal e duma grande beleza." (Memórias, III, pag. 10, 1937). Ainda:

"A alguma distância sobre as árvores que se estendiam em direção do nascente, uma luz mais branca que a neve, com a forma de um jovem transparente, mais brilhante que um cristal atravessado pelos raios do sol. À medida que se aproximava, iam lhe distinguindo as feições. (Memórias, IV, pag. 31, 8 de dezembro de 1941).

[2] Breviário Romano, Hino de Laudes no dia de sua festa, 29 de setembro:

"Angelus pacis Michoel in cedes
Coelitus nostras veniat; serenae
"Angelus pacis Michoel in cedes
Coelitus nostras veniat; serenae
Auctor ut pacis lacrymosa in orcum
Bella releget."

[3] Yeats - "To some I have talked with by the fire".

[4] Palavras textuais, consignados por Lúcia nas Memórias, IV, pag. 32

CAPÍTULO V

Nenhuma das crianças contou a aparição do Anjo, nem em casa, nem alhures.

Só me foi possível acreditar nisso depois de ter ido a Portugal e conversado com alguns pastorinhos da mesma idade, que andam descalços, por entra as esarpas da Serra de Aire. Os meninos são baixos, atarracados. Olhos lindos, dentes fortes e brilhantes. As meninas, bonitas, porte erecto, formas harmoniosas. São bem mais precoces que as nossas e não se pode julgá-las com o mesmo critério. Arcam com responsabilidades desde cedo. Isto desenvolve-lhes a iniciativa, as torna intemoratas, decididas quer nos juízos, quer nas atitudes.

Os conhecimentos formais são bastante limitados, pois os que sabem ler e escrever são poucos. Apesar disso têm ideias claras, não deturpadas por informações falsas ou por verdades truncadas. O que sabem, sabem-no integralmente.

Lembram-se de tudo com exactidão. Falam sem hesitação, nem fingimento algum. Nada de artificialismo. Quando interpeladas, qualquer menina descalça, de seus seis ou sete anos, replica com graça e dignidade. Mas, se percebe um gracejo, emudece qual esfinge.

Lúcia, mais que qualquer dessas serranas, era em extremo reservada. Às vezes, era tida por teimosa ou falha de inteligência. Era-lhe mais fácil reter uma opinião que falar. Ademais, não esquecera a perseguição mesquinha que suportara, depois que, em companhia das Matias e de Justino, viram «alguém envolto num lençol. As irmãs a a própria mãe haviam-na ridicularizado. Quem iria acreditar agora, se dissesse que um anjo lhe dera a Comunhão? Algo havia, no próprio facto, que impunha silêncio de uma maneira subtil, mas imperiosa. Lúcia nunca foi capaz de exprimir essa impressão, nem durante a infância, nem agora, em suas «Memórias». Entretanto, assim era: sentia algo de inefável, que poderia vir somente de Deus.

As palavras do Anjo ficaram, para sempre e indelevelmente, gravadas nessas mentes infantis. A voz que as pronunciara tinha autoridade misteriosa, era-lhe impossível não obedecer.

Os mais velhos estavam completamente alheios ao facto. Nada mais solitário e incompreensível que um coração de criança. Sem dúvida essa boa gente de Aljustrel, às voltas com múltiplos afazeres, nem podia perceber o que havia de anormal na conduta dos pequenos. Partiam cedo a pastorear o rebanho e ninguém mais os via até a hora da ceia. Muitas mudanças se deram, também, por essa época, na vida pacata desses lugarejos da Serra. Uma delas repercutiu profundamente na família de Lúcia: a partida do Prior, P. Pena, e a chegada do seu sucessor P. Boicinha. Este ora um sacerdote austero. Surgiram os comentários habituais, as apreciações pró e contra e os elogios da praxe ao recém-chegado.

Os paroquianos mais sensatos davam-se por felizes de terem um pastor, enquanto tantas localidades estavam deles desprovidas. Outros, nem se importavam: ter pároco bom ou mau, pouco se lhes dava. O Padre Boicinha era dos tais que não temiam dizer a verdade quando fosse necessário. Uma das suas primeiras iniciativas, que o devia tornar malquisto entre a gente moça, foi o facto de pregar contra essa mania inveterada pela dança. Esse divertimento, um tanto pagão, propagava-se célere e fanaticamente pela Serra de Aire. Dançar em casa, sim, estava bem, concordava ele. Deviam cessar, porém, esses bailes públicos em Fátima ou essas noitadas pelos lugarejos próximos. Impediam o povo de ir à Missa, arrastavam as almas ao pecado e eram, geralmente, um escândalo. Deviam, pois, cessar, ordenou. Naturalmente choveram os protestos e os murmúrios. Principalmente entre as moças. Maria Rosa, no entanto, apoiou o Pároco e proibiu que as filhas tomassem parte em bailes. «Mas dançar nunca foi pecado até agora», objetou uma vizinha. «agora vem o novo Pároco inventar essa moda.

«Não sei lá como isso é, replicou Maria Rosa. «Só sei que o Sr. Prior não quer saber de danças e as minhas filhas não irão mais a essas festas».

A vida de Maria Rosa ainda continuava difícil. As filhas mais velhas, Maria e Teresa, agora casadas, não mais podiam ajudar em casa. O marido, António Abóbora, continuava mais autoritário do que nunca. De tempo em tempo, vendia um pedaço de terreno para pagar as dívidas, ou perdia uma

das belas propriedades que hipotecara. Ficaram, apenas, com o estrito necessário. Para dar conta do recado, Maria Rosa viu-se obrigada a mandar Glória e Carolina empregarem-se na aldeia, enquanto ela ficava tomando conta da casa. Sempre que possível conseguia uns pequenos serviços como enfermeira. O rebanho ficava a cargo de Lúcia e quase todo o trabalho da chácara recaía sobre os ombros do Manuel.

Isto lhe agradava pouco. Como poderia ser de outro modo, se o pai estava toda hora a infernizá-lo? A guerra ofereceu ao rapaz óptimo pretexto para se ver livre desse trabalho forçado de arar, malhar o trigo, cortar o feno e arrancar batatas. Portugal estava em plena guerra. Não se passava um dia sem notícias sensacionais; dos voluntários, um já estava mutilado, ou!ro havia desaparecido. Aos poucos, o desassossego, a apreensão e o desespero das linhas de fogo invadiam também as regiões claras e risonhas da Serra de Aire. O Manuel era jovem, forte e feliz. Uma tarde, porém, trouxe para casa a notícia de seu alistamento como voluntário. Faltava apenas o exame médico para ser aceite.

Por esse tempo, um assomo de tristeza e amargura invadia a alma de Maria Rosa. As quatro filhas mais velhas fora; o marido sempre a bebericar indolentemente o seu copinho, até tarde, pelas tabernas. Do grupo alegre e feliz da família de outrora, só restavam quatro pessoas tristes e silenciosas.

Certa noite, ao se ver só com o Antoninho, a Lúcia e o Manuel - e agora até o Manuel ia partir - percorreu com os olhos os lugares vazios e desatou a chorar. «Meu Deus, onde foi parar a alegria desta casa»? E, encostando a cabeça na mesa rústica, soluçou amargamente. Manuel e as irmãs também não se puderam mais conter. «Foi a ceia mais triste que jamais tivemos, escreve Lúcia.

Maria Rosa continuou a afligir-se e a consumir-se. Manuel passara o exame médico e fôra aceite. Antes, porém, de sair de casa, a mãe caiu gravemente doente. Piorava cada dia. Recorreram a um médico de um vilarejo próximo, mas sem resultado. Com o correr do tempo, enfraquecia sempre, e era incapaz de tomar conta da casa. Glória teve de deixar o emprego para cuidar da mãe. Outros médicos da redondeza foram consultados e nenhum atinava com a doença que consumia Maria Rosa. Padre Boicinha, ao notar tal estado de fraqueza, ofereceu-se para levá-la a

Leiria, a cidade mais próxima, para consultar um cirurgião tido como exceLente.

Certo dia, o bom do Padre estacionou à porta da casa com o seu carro puxado por uma velha mula. Ajudou Maria Rosa a subir penosamente, em companhia de Teresa, uma das filhas casadas, que a acompanhava. Foi penosa a viagem, nessa condução rústica, aos trancos e barrancos pela estrada sinuosa que corta a Serra. Naquele tempo não era tão boa a estrada, quanto hoje. Por fim, foram deixando para trás o velho mosteiro da Batalha e começaram a avistar as ruínas do velho castelo do século XIV. Nele, Santa Isabel havia rezado e sofrido porque, tal como Maria Rosa, também tivera um marido impertinente. Uma das numerosas casas brancas de telhas vermelhas, que se aninhavam na base do despenhadeiro, era enfim a do célebre cirurgião. A consulta, porém, trouxera-lhe mais incómodos do que alívio. A mãe de Lúcia chegou a casa, essa noite, mais morta que viva, devido ao tratamento e à viagem que a chocalhara pela estrada fora.

Foi um cirurgião de S. Mamede que acertou, afinal. Diagnosticou uma lesão cardíaca, uma vértebra deslocada e uma queda de rins.

Prescreveu rigoroso tratamento de pontas de fogo e vários remédios.

Pobre Maria Rosa! Era como a mísera mulher do Evangelho, «que sofrera muito com vários médicos». Lúcia pensava muito, durante esse tempo, no que lhe dissera o Anjo da Paz. Era seu maior consolo recordar-lhe as palavras: «Antes de tudo, aceita, com submissão, os sofrimentos que o Senhor te enviar.»

Frequentemente meditava o sentido dessas palavras. Talvez o que se passava fosse a realização do que o anjo predissera. Paciência, pois!

Devia ter coragem e aceitar de bom grado esse sofrimento. Quando não sabia mais o que fazer com a doença da mãe, ia para junto do poço e punha-se a rezar e a chorar sozinha. Às vezes, Francisco e Jacinta iam lá ter com ela, e juntavam-se às lágrimas e às orações da prima. Não estavam, talvez, a par de tudo o que se passava na família dos Abóboras. Entretanto, tinham ouvido dizer que as coisas não iam bem por lá, e os seus coraçõezinhos generosos dilaceravam-se com o sofrer de Lúcia. Até a Jacintinha, tão

pequenina ainda, começava a penetrar o mistério do sofrimento. Dizia sempre: «Meu Deus, ofereço-vos todos esses sacrifícios e sofrimentos, em reparação e pela conversão dos pecadores. Como agora iam tristonhos e calados esses três pastorinhos, ao conduzir as suas ovelhas pelas urzes emaranhadas da Serra, na primavera de 1917! Entretanto, ao ouvirem a algazarra feliz de bandos de crianças a brincar e a cantar, ao longe, modinhas conhecidas, incontinentemente punham-se a dançar e a cantarolar também com a aragem fresca de abril.

Ai trai-lari, lai-lai
Trai-lari lai lai
Lai lai lai!

Essas cantigas não traziam mais a nota de outrora! Como na canção da primavera, o *lai lai* se tinha acabado. Poderiam ser os mesmos, depois de terem visto o que viram? Algo de estranho, misterioso, pairava pelo ambiente, naquela primavera. A sombra da morte parecia bafejar o frescor das florinhas.

A depressão era geral. Maria Rosa ficou desolada com a partida do Manuel. Um dos irmãos de Jacinta também partira para a guerra e diziam-no morto. Felizmente o boato tinha sido falso, mas o tio Marto e a família passaram dias de angústia e incerteza. Certa tarde, em que Jacinta e Francisco choravam ao pensar no irmão, Lúcia, para distraí-los, convidou-os a dançar. E os pequeninos, enxugando ainda as lágrimas dos rostinhos meigos, puseram-se a saracotear.

Mas como andavam diferentes agora! Ficavam os três pensativos durante muito tempo. Recolhidos e silenciosos, lá se iam pelas sinuosidades da Serra.

Quão silenciosos e absortos passavam agora por entre as pedras ásperas dos Valinhos! Recolhidos, iam pelo vale afora, em direcção das anfractuosidades das encostas do Cabeço. Pareciam ter consciência da angústia da humanidade, às voltas com o incompreensível mistério da dor. Até o mês de maio, o mês de Maria, o mês do reflorir da vida e da alegria, parecia pesar sombrio, esse ano, sobre o mundo. No dia 5 de maio, o Papa Bento XV lamentara, na memorável Encíclica, «a guerra cruel, esse suicídio

da Europa». Unia numa só voz a tristeza universal e indicava a fonte de toda a esperança. Depois de implorar a Deus que movesse os corações dos dirigentes para a paz, incitou todos à penitência e à oração e dirigindo-se insistente à Dispensadora de todas as graças: «Nas mãos da Santíssima Virgem desejamos depor, com a mais acendrada confiança, as súplicas dos seus filhos aflitos. Recorramos todos, nesta hora angustiosa, à grande Mãe de Deus que nos há de salvar». Ordenou que fosse inserida na ladainha de Loreto a invocação: «Rainha da Paz, rogai por nós».

E prosseguiu: «A Maria, Mãe de Misericórdia, toda-poderosa pela graça, subam, pois, os clamores de todos os rincões da Terra - dos templos magníficos e das mais humildes capelinhas -, dos palácios reais, das mansões dos ricos e das mais pobres choupanas, de toda a parte onde haja uma alma fiel - cheguem até Ela as angústias das mães, das viúvas desoladas, o vagido dos pequeninos, os anelos de todos os corações generosos. Possa a sua solicitude, tão terna e benigna, obter a paz para o nosso mundo agitado».

É pouco provável que Lúcia e seus primos tenham ouvido falar na Encíclica, mesmo porque nem havia sido publicada.

Alguns dias depois, 13 de maio de 1917, punham-se a caminho da Serra. Era um domingo esplendorosamente belo. De manhã, muito cedo, o tio Marta atrelou a carroça para levar a tia Olímpia à Batalha. Ouviram Missa na sumptuosa Catedral e fariam, em seguida, algumas compras na feira próxima. Tencionavam, de há muito, comprar um porco para a ceva. Recomendaram às crianças que fossem a Fátima assistir à Missa e abalaram alegremente estrada fora. Passava já de meio-dia, quando Jacinta e Francisco transpuseram o pátio, tocando o rebanho em direção da Lagoa. Como sempre, Lúcia com as suas ovelhinhas lá esperava por eles. Levando por diante todo o rebanho, atravessaram as várzeas e foram ter aos campos e pastos pertencentes a António Abóbora. Nunca o céu fôra assim de um azul tão intenso. A terra parecia colorida a pastel.

Ao chegarem à Cova, enxotaram as ovelhas para o pasto alto, que fossem dar cabo dos tojos, e decidiram transformar a moita numa casinhota. Obstruíram-lhe a entrada, construindo uma parede. Começaram a transportar algumas pedras que por ali havia e a empilhá-las umas sobre as

outras. Absortos nesse trabalho, foram surpreendidos por um raio de luz tão vivo que pensaram fosse um relâmpago. Sem indagar sequer como poderia ser isso, com um céu assim tão límpido, largaram as pedras e, como autómatos, correram ladeira abaixo, até uma carrasqueira, um pouco distante do lugar em que brincavam.

Apenas se abrigaram sob a folhagem rendada, reluziu um segundo clarão. Amedrontados, afastaram-se da árvore à distância de uma centena de metros. Pararam estatelados. Em frente, na copa de uma azinheira - de seis pés de altura e de folhas lustrosas, cercadas de espinhos - viram, estupefatos, uma esfera de luz, e no centro, uma Senhora, «Vestida de branco», assim descreve Lúcia, mais brilhante que o sol, irradiando luz tão clara e intensa, como se fôra um copo de cristal, cheio de água puríssima, irisada pelos mais ardentes raios de sol. A sua face era, indiscutivelmente, bela. «Nem triste, nem alegre, mas, séria» - com ar de suave censura. As mãos juntas, como a rezar, apoiadas no peito e voltadas para cima. Da mão direita pendia um Rosário. As vestes pareciam feitas só de luz. A túnica era branca e branco o manto, orlado de ouro, que lhe cobria a cabeça e lhe descia aos pés. Não se lhe viam os cabelos e as orelhas. Os traços, Lúcia nunca pôde descrevê-los. Foi-lhe impossível fitar nesse rosto celestial o seu olhar aturdido. Cegava!

Imóveis, fascinadas, ficaram as crianças deslumbradas pelo fulgor da luz que a visão irradiava.

«Não tenhais medo» disse a voz, de inflexão suavíssima de ternura e timbre inesquecível. «Não vos faço mal».

Alegria infinda, paz inefável inundavam-lhes a alma. Não sentiam mais medo. Na realidade, fora somente o esplendor da luz que os assustara. Lúcia, mais senhora de si, perguntou:

- «De onde é Vossemecê?»

- «Sou do Céu».

- «E que me quer Vossemecê?»

«Vim para vos pedir que venhais aqui seis meses seguidos, no dia 13, a esta mesma hora. Depois direi quem sou e o que quero. E voltarei aqui ainda a sétima vez.»

- «E eu também vou para o Céu?»

- «Sim, vais».

- «E a Jacinta?»

--- «Também».

- «E o Francisco?»

- «Também irá, mas terá de rezar muitos terços».

O Céu! Lúcia lembrou-se, de repente, de duas moças mortas há pouco. Eram amigas da família e costumavam ir à casa de Lúcia, aprender a tecer com Maria.

- «A Maria das Neves está no Céu?», indagou.

- «Sim. Está».

- «E a Amélia?»

- «Ficará no Purgatório até ao fim do mundo».

O Purgatório! Até ao fim do mundo!...

A Senhora disse ainda:

«Quereis oferecer-vos a Deus para suportar todos os sofrimentos que Ele quiser mandar-vos, em reparação dos pecados com que é ofendido e de súplica, pela conversão dos pecadores?»

- «Sim, queremos».

- «Tereis de sofrer muito. Mas a graça de Deus será o vosso conforto».

Ao dizer as palavras «a graça de Deus», a Senhora abriu as lindas mãos e dela saíram dois raios de luz. Tão intensa era que envolvia as crianças, penetrava-lhes o coração, atingia o mais íntimo das suas almas. «Vimo-nos a nós mesmos em Deus, são as palavras da Lúcia, «mais claramente que no melhor dos espelhos». Irresistível impulso prostrou-os de joelhos e os fez rezar fervorosamente. «Ó Santíssima Trindade, eu Vos adoro! Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento!.

A Senhora esperou qua terminassem. Disse-lhes, então:

«Rezai o terço todos os dias, para alcançar a paz para o mundo e o fim da guerra».

Imediatamente após, começou a elevar-se serenamente, vagarosamente, da azinheira, subindo em direção do oeste, até desaparecer na imensidade do espaço [1].

Ficaram, assim, durante longo tempo, olhos fitos no céu. :Mesmo depois de terem recobrado o senso da realidade e terem saído daquele estado de êxtase, permaneceram silenciosos e pensativos a tarde toda. Não se sentiam, porém, cansados e abatidos, como após a visão do Anjo da Paz. Pelo contrário, a Senhora deixara-os imersos numa deliciosa paz, numa alegria expansiva e inebriante, numa sensação de luz e liberdade.

Pareciam leves como passarinhos.

De tempos em tempos, suspirava a Jacinta: «Ai" que Senhora tão bonita!» Pouco depois puseram-se a falar com tal desenvoltura que Lúcia achou prudente adverti-los de que nada contassem a ninguém, nem mesmo à mãe. Francisco vira a Senhora, mas nada ouvira. Sentiu-se imensamente feliz quando as meninas lhe repetiram as palavras da Senhora. Comoveu-se, especialmente com a promessa de que iria para o Céu! Com o rostinho entre as mãos, exclamava: «Oh! Minha Nossa Senhora, direi quantos terços quiserdes!»

«Ai! Que Senhora tão bonita!» repetia a Jacinta.

«Bem, vamos a ver se não contam mesmo a ninguém», disse Lúcia, receosa.

«Não conto, não. Não te aflijas», respondeu a pequena.

Francisco fez a mesma promessa. Lúcia tinha lá as suas dúvidas, principalmente a respeito de Jacinta. O semblante da menina irradiava tão intensa alegria que mal se podia conter.

NOTAS

[1] Com esta frase, terminou Lúcia as suas Memórias, IV, pags. 35-36. 1941. Coincidência interessante: Monsenhor Eugénio Pacelli foi sagrado Bispo, na Capela Sextina, em 13 de maio de 1917, exactamente no mesmo dia em que, pela primeira vez, as crianças viram a Senhora de Fátima. Como Papa, Pio XII tomou as primeiras providências para realizar os desejos de Nossa Senhora, em 1942.

CAPITULO VI

Ao chegarem, Jacinta e Francisco encontraram a casa cheia de visitas. A conversa ia animada. A família reunira-se toda neste domingo. Só faltava o irmão que estava na guerra. Lá também se achava António da Silva, marido da irmã de uma das tias, que viera também para jantar. A noite se aproximava e as irmãs mais velhas levaram para o fogo o grande caldeirão de sopa de repolho e batatas. Trouxeram, também, de uma das prateleiras do lado, dois enormes pães de centeio. Lá fora, o rolar do carro sobre as pedras da estrada anunciava a chegada dos pais, que voltavam da Batalha.

Jacinta, ao sair para a rua, talvez pretendesse somente ir ao encontro da mãe. A tia Olímpia, nesse momento, apreciava a habilidade de tio Marto, que retirava da carroça um porco que se debatia e ameaçava fugir. À vista do sorriso terno e bondoso da mãe, a pequena correu a abraçar-lhe os joelhos. E o segredo escapou. A tentação fôra forte demais.

«Ó mãe, vi Nossa Senhora na Cova da Iria, hoje!»

Olímpia fez um muxoxo.

«Credo, filha! És mesmo uma boa santa para veres Nossa Senhora».

E entrou rapidamente.

«Mas eu A vi, insistiu Jacinta, indo-lhe no encalço. E, rapidamente, pôs-se a contar tudo, de afogadilho: como haviam visto o relâmpago, o medo que tiveram e como saíram correndo; o pedido de Francisco a Lúcia para jogar uma pedra na esfera de luz, e a recusa da Lúcia. E, como era linda a Nossa Senhora! Ela dissera: «Deviam rezar o terço todos os dias e ambos iriam para o Céu. Imagine, o Céu!»

Olímpia viu que não se tratava de simples brincadeira. Como, porém, levar isso a sério?

«Viste, então, uma Senhora? Como se Nossa Senhora fosse aparecer a ti...»

E, à pressa, foi preparar a ração do porquinho, que, desde então, começou a tomar parte importante na vida da família [1]. Enquanto isto, o tio Marto prendia, aos gritos, o animal, num cercado ao lado do curral. Logo após entrou para o jantar. Estava calado e exausto. Sentou-se ao pé do fogo e começou a tomar a sopa quente, de repolho e batatas. Olímpia sentou-se a seu lado. Então, para distraí-lo, pensou em contar-lhe a estranha história que ouvira da pequenita.

«Ó Jacinta! vem contar ao pai como foi essa história de Nossa Senhora, na Cova da Iria».

Sem perda de tempo Jacinta repetiu tudo. Os seus olhos brilhavam comovidos. As faces afogueadas evidenciavam o entusiasmo e a excitação profunda da menina.

O tio Marto afastou gravemente o prato. Indagou do Francisco o que sabia disso tudo. Êste confirmou o que contara a irmãzinha. O tio Marto atentava demoradamente, ora para um, ora para outro, procurando decifrar o que havia nisso. Olímpia relutava ainda em tomar a coisa a sério.

«És mesmo uma boa santinha, repetia, «para Nossa Senhora te aparecer».

Havia também humildade no seu cepticismo. Pertenciam, ela e o seu irmão António, a uma família simples e rude, mais tida por alegre e folgazã do que por piedosa. Até hoje parece não acreditar muito que isso tenha acontecido aos filhos.

«Bem! Se os pequenos viram uma mulher vestida de branco, sentenciava António da Silva, «quem poderia ser senão Nossa Senhora? ...» O tio Marto pensava lenta, mas acertadamente. Pesava, com cuidado, os argumentos. Sondava-lhes os olhares e interpretava as inflexões da voz. Certificou-se de que não lhe estavam pregando uma peça. Não, não era embuste! Estariam mentindo? ...

«Ai, Jesus», e isto ele repete até hoje, «Nunca pilhei Francisco a mentir. Nem tão pouco Jacinta».

Por fim, emitiu a sua decisão.

«Desde o princípio do mundo, Nossa Senhora tem aparecido, muitas vezes, de diversas maneiras», observou. «Se o mundo está assim tão mau, estaria, talvez, pior se não se tivessem dado tais acontecimentos. É grande o poder de Deus. Não sabemos ainda o que é isto, mas algo há de ser».

Pareceu-lhe evidente que, sem uma intervenção da Providência, as crianças não seriam capazes de dizer palavras assim tão sérias, tão importantes. Instrução não tinham. Mesmo o que sabiam do catecismo era tão elementar! Assim, foi o tio Marto o primeiro a acreditar na história de Fátima, naquela tarde do domingo de 1917.

Lúcia nada soube até o dia seguinte. Fôra tão feliz para a cama! Não dissera uma palavra sobre o ocorrido e não tardava a cair no sono. Quando deu acordo de si, já era manhã clara. Levantou-se logo e foi brincar debaixo da figueira, ao lado da casa, esperando a hora de levar o rebanho para o pasto. Daí a pouco, viu sua irmã Maria dos Anjos dirigir-se para o seu lado e dizer-lhe, zombeteira:

«O Lúcia, ouvi dizer por aí que viste Nossa Senhora na Cova da Iria. É verdade?», perguntou Maria.

«Quem foi que te disse?»

«As vizinhas contaram que a tia Olímpia lhes dissera como Jacinta se saíra com essa».

«E eu pedi tanto que não contassem a ninguém», disse Lúcia, caindo em pranto.

«Porquê?»

«Porque nem sei se era Nossa Senhora. Era uma senhorinha muito linda.»

«E o que te disse essa senhorinha muito linda?»

«Que queria que fossemos, seis meses em seguida, à Cova da Iria e depois havia de dizer quem era e o que queria».

«Não lhe perguntaste quem era ela?»

«Perguntei-lhe de onde era e ela disse-me: «Sou do Céu» e calou-se».
[2]

Eis do que se recorda Maria dos Anjos, depois de 25 anos. Ela mesma não foi má para a Lúcia. Simplesmente não acreditou na história. Preferiu aceitar a opinião da mãe, de que a irmã, atrevida e petulante como era, seria bem capaz de inventar tudo isso. Pensou estar cumprindo um dever ao transmitir o que ouvira, a Maria Rosa. Lúcia, naturalmente, foi chamada logo à presença dos pais. Uma risada sonora, poria termo a toda essa história, pensou o pai: «Tolices de mulheres*, disse ao sair, despreocupado, para a lavoura. «Histórias tolas de mulheres!»

A sua esposa, entretanto, tomou a coisa a sério e ministrou à sua mais nova uma repreensão em regra.

«Faltava-me ainda mais esta para o fim de minha vida», lamentava se com amargura. «Eu que andava sempre a cuidar que os meus filhos nunca mentissem e, agora, vem esta a pregar-me tamanhas lorotas».

Desamparada, com a alma aos pedaços, saiu Lúcia do pátio aquela manhã, tocando os seus carneirinhos. Com que rapidez se passa, neste mundo, da alegria à tristeza! Descendo a rua, lá ao longe, todo contrito, vinha se aproximando Francisco, olhos rasos de lágrimas.

«Não chores assim», disse Lúcia, «e não contes a ninguém o que a Senhora nos disse».

«Já contei tudo, balbuciou Francisco, desolado, censurando-se a si próprio em lugar de Jacinta.

«Que foi o que disseste?»

«Disse que a Senhora prometeu levar-nos para o Céu. Quando me perguntavam se era verdade, eu não podia mentir ... Perdoa-me, Lúcia. Não direi mais nada a ninguém».

De qualquer forma, essa descoberta lhes estragara a vida. Como estavam mudados! Não eram mais os pastorinhos alegres de outrora. Pensativos, cabisbaixos, seguiam, aquele dia, rumo às pastagens, tocando o rebanho. Jacinta sentou-se e deixou-se ficar imóvel e silenciosa.

- «Jacinta, vem brincar!»

- «Hoje, não quero brincar».

- «Por quê?»

- «Porque estou a pensar que a Senhora nos disse para rezarmos o terço e fazermos penitência pela conversão dos pecadores. Agora, sempre que rezamos o terço, teremos que dizer a Ave-Maria e o Padre-Nosso inteirinho».

- «E os sacrifícios, como havemos de os fazer?» Francisco teve uma ideia.

- «Podemos dar a nossa merenda às ovelhas e faremos o sacrifício de não comer nada».

Desde então, muitas vezes tomavam água do barreiro, onde o gado bebia, e onde as mulheres lavavam a roupa.

Jacinta, por sua vez, achou melhor jeito para se desfazer da merenda. Encontraram-se, certo dia, com criancinhas pobres da Moita - a meia milha de distância. Vinham mendigar em Aljustrel.

- «Vamos dar-lhes as nossas merendas pela conversão dos pecadores», propôs.

E os dois outros concordaram.

Lá pelo meio-dia, apertou-lhes a fome e procuraram pela charneca algo que pudessem comer. Francisco subiu a uma azinheira, para colher bolotas completamente verdes. Acharam-nas gostosas. Jacinta decidiu que, se estavam assim gostosas, não havia sacrifício em comê-las. Apanhou algumas bolotas verdes, de um carvalho enorme e também azeitonas verdes que por ali havia, e começou a mastigá-las. Sim, eram amargas como fel, concordou. Mas queria oferecer este gosto tão ruim pela conversão dos pecadores.

Desde esse dia foi essa a única merenda de Jacinta.

- «Não comas essas coisas, disse Lúcia certa vez, «estão amargas demais».

- «Mas é porque estão amargas que as como», replicou Jacinta, ingenuamente. «Ê para converter os pecadores».

Não se passou muito tempo e as criancinhas pobres aprenderam a esperar por eles, à beira da estrada. Os três lhes davam, com prazer, as respectivas merendas, e contentavam-se com o que pudessem colher pela serra.

- «Comíamos pinhões», recorda Lúcia. «As raízes das campainhas, florinhas amarelas, que trazem ao pé da raiz uma bolinha do tamanho de uma azeitona, amoras, cogumelos e umas coisas de que não me lembro o nome e que colhíamos das raízes dos pinheiros» [3].

«A mais decidida a satisfazer aos desejos da Senhora, quanto aos sacrifícios, era Jacinta», conta-nos modestamente Lúcia nos seus relatórios.

Certa vez, estava escaldante o verão. Dirigiram-se os três para um pasto que Maria Rosa pedira emprestado aos vizinhos. Como de costume, as merendas tinham sido dadas aos pobrezinhos. Ao atingirem o pasto, ei-los torturados pela sede e pela fome. Água potável não havia nas proximidades. Nem mesmo o Francisco matara a sede no barreiro, onde bebia o gado. Que importa? Seria mais um sacrifício pelos pecadores, como o faziam habitualmente. Mas o sol escaldava cada vez mais. À medida que o calor aumentava como lhes custava aquela resolução! Lúcia sugeriu que fossem à

choupana mais próxima para pedir um pouco de água. A boa mulher deu-lhes não só um púcaro cheio de água fresca, mas também um pão enorme para repartirem entre os três. E abalaram, de volta para o pasto. Lúcia ofereceu primeiro a Francisco.

- «Não quero beber», disse.

- «Por quê?»

- «Quero sofrer pela conversão dos pecadores».

- «Bebe tu, Jacinta».

- «Também quero oferecer este sacrifício pelos pecadores».

O final da cena, relatada ocasionalmente por Lúcia, muito tempo depois, lembra o gesto do Rei, antepassado do Messias e de Nossa Senhora de Fátima. Um soldado trouxera-lhe água à custa da própria vida. Apesar de desfalecer de sede e cansaço após o fogo da batalha, derramou-a em sacrifício de acção de graças ao Senhor Deus dos Exércitos. A pequenina pastora de Aljustrel obedecia ao mesmo espírito que David. Mas deixemo-la contar. Ela o faz tão bem!

«Deitei, então, a água numa cavidade do rochedo para que as ovelhinhas bebesses e fui levar o púcaro de volta».

O calor escaldava cada vez mais. Parecia aumentar de momento a momento. Os grilos e as cigarras faziam coro ao coaxar das rãs do açude próximo e o barulho era ensurdecedor. Debilitada pelo jejum e pela sede, Jacinta não mais se conteve:

«Diz aos grilos e aos sapos que se calem. Dói-me tanto a cabeça»! disse com simplicidade. E Francisco replicou: «Não queres sofrer isso pelos pecadores?» Jacinta, agarrando, então, a cabeça com as duas mãozinhas: «quero, sim. Deixá-los cantar».

Enquanto as crianças levavam tão a sério os desejos da linda Senhora, Maria Rosa se obstinava a desfazer o que ela chamava a desonra da família.

Excitada pelo falatório das vizinhas e pelo seu precário estado de saúde que a levava a exagerar tudo, dizia-se responsável diante de Deus. Queria obrigar a filha a confessar que havia mentido e induzido os pequenos a fazerem o mesmo, iludindo assim, Deus sabe, quantas pessoas de bem. À custa de promessas e ameaças, zangas e carícias, procurou fazer tudo o que podia para levar Lúcia a desmentir-se. Mas, com que serenidade segura, Lúcia repetia a sua história! «Se não confessares que é tudo mentira», ameaçou certa vez, «prendo-te no quarto escuro e nunca mais verás a luz do dia». De outra feita exasperou-se tanto a ponto de lhe bater com o cabo da vassoura. Esgotados todos os recursos, levou-a um dia à Paróquia. Talvez o Senhor Prior conseguisse despertar-lhe o remorso e obtivesse uma retratação. Mas foi tudo inútil.

Lúcia começou a penetrar o sentido das palavras de Nossa Senhora: «Tereis muito que sofrer». Não só a mãe continuou a bater-lhe e a injuriá-la, mas as irmãs magoavam-na muito mais cruelmente do que supunham, expondo-a ao ridículo. Toda a gente, em Aljustrel, parecia estar contra ela. Ao passar ao longo das ruas calçadas de pedras, ouvia uma mulher dizer: «Ah! se fosse minha filha!...» E outra. «Não há nada como um bom chá de quina para acabar com essas visões!» Até as crianças zombavam: «Olá, Lúcia, Nossa Senhora não vem pelos telhados, hoje?»

No meio de tão mesquinha perseguição surgiam algumas consolações.

Certo dia, dois sacerdotes, de passagem por ali, confortaram os pequenos em demorada conversa e pediram orações pelo Santo Padre. «Quem é o Santo Padre?» Um deles explicou-lhes. Desde essa ocasião, os pequeninos acrescentaram ao terço de todos os dias, três Ave-Marias pelas intenções do Papa.

Quanta honra! Rezar pelo Chefe visível da Igreja! Que conforto lhes trazia essa ideia! Principalmente para Francisco. Não somente aceitava o sofrimento, mas o acolhia alegremente, como soem fazer os santos, seguindo as pegadas do Crucificado. «Nossa Senhora disse-nos que teríamos muito que sofrer», repetia. «Não faz mal. Que me importa? Sofrerei tanto quanto Ela quiser».

Quando via Lúcia, debulhada em lágrimas, devido aos maus tratos recebidos em casa: «Não te importes! Nossa Senhora disse que teríamos de sofrer muito». Lúcia recobrava ânimo. Outra característica dos santos que Francisco manifestava, desde a aparição da Senhora, era o amor à solidão. Certa manhã de maio, deixou o rebanho a cargo das duas meninas e lá se foi trepar no alto de um rochedo. «É proibido subir aqui! Deixem-me sozinho». O dia estava fresco e o sol esplendoroso. Lúcia e Jacinta corriam atrás das borboletas. Assim entretidas, esqueceram-se completamente do Francisco. A certa altura sentiram fome.

A hora da merenda, há muito havia passado. E ele ainda lá estava, no alto do rochedo. «Francisco, Francisco, anda daí». «Não queres a merenda?»

- «Não. Comam vocês».

- «E o terço, não vens rezar?»

- «Mais tarde».

Quando Lúcia o chamou, outra vez, respondeu, provocando-as: «Venham vocês rezar aqui». As meninas não queriam dar-se por achadas. Arranharam as mãos, esfolaram os joelhos, mas conseguiram, afinal, escalar o rochedo. Chegaram ofegantes, mas haviam vencido.

- «Que fizeste este tempo todo?»

- «Estive pensando em Deus. Como Ele deve ficar triste com tantos pecados», respondeu o menino com seriedade. «Se, ao menos, eu pudesse dar-lhe um pouco de alegria!» Dias havia em que se esqueciam dos pecadores e, palpitantes da vida que Deus dá a todas as crianças, punham-se alegres, a cantar:

«De noite canta a coruja, ó prima, ó prima!
Que me quer assustar, tão linda! tão linda!
A moça quando se despe, ó prima, ó prima!
Se põe à lua a cantar, tão linda, tão linda!

Ah lá lá...
Ah lá lá...

O rouxinol na campina, ó prima, ó prima!
Passa o dia a cantar, tão linda! tão linda!
Canta a rola no bosque, ó prima, ó prima!
Canta o carro a chiar, tão linda, tão linda!

Ah lá lá...
Ah lá lá...

Outra linda cantiga é a Serrana:

Serrana, linda serrana
De lindos olhos castanhos!
Quem te deu, serrana,
Encantos tamanhos

Como jamais os vi!
Tem dó de mim, serrana, serrana,
Tem dó de mim!

Pareceu-lhes tão linda a cantiga que a cantaram de novo. Francisco lembrou então: «Não devemos mais cantar assim. Desde que vimos o Anjo e Nossa Senhora, não devemos mais nos importar com essas cantigas.»

Era junho. Aproximava-se o dia 13 e as crianças esperavam poder ir à Cova da Iria e cumprir a promessa que haviam feito à Senhora. Maria Rosa também aguardava essa data, mas por outro motivo. Era a festa de Santo António, o Santo mais popular do país. Como não haveria de ser assim? Nascera em Lisboa, rezara muito em Coimbra, antes de operar milagres em Pádua. Pertencia, pois, de modo especial a Portugal e mais ainda ao povo de Fátima, de cuja Igreja era o Padroeiro. Nesse dia, haveria Missa cantada, sermão festivo, procissão solene e mais música, fogo de artifício e diversões sem conta. Graças à generosidade dos devotos, haveria farta distribuição do «Pão de Santo António». Lindos pães brancos e apetitosos seriam distribuídos aos pobres, em vez do pão preto de centeio de todos os dias. Os proprietários mais abastados ofereciam carros de bois e carroças para o

transporte dos pobres. Esses carros eram todos profusamente enfeitados, para a circunstância, com flores, bandeiras de cores berrantes e colchas rendadas. No átrio da Igreja, desciam todos e se colocavam em fila, ao lado das imensas pilhas de víveres. Maria Rosa sabia quanto os pequenos apreciavam essa festa. Gostavam tanto do pão fresco, da música aiégre, do colorido berrante das bandeirinhas, do espectáculo deslumbrante dos fogos de artifício. Que felicidade coincidir essa festa com a data em que esses louquinhos andavam planeando ir à Cova da Iria. Conhecia muito bem Lúcia! Como as filhas mais velhas, confiava em Santo António para fazer a mais nova voltar novamente para o caminho da verdade e da obediência. Passaram o dia 12 de junho todo a enaltecer os atractivos do dia seguinte. Lúcia ficava calada. Se a premiam de perguntas, respondia serena: «Vou á Cova da Iria, amanhã. É o que deseja a Senhora» Mas não acreditavam.

«Veremos se vais deixar a festa para ires conversar com essa Senhora!» dizia Maria Rosa, duvidando. A tia Olímpia opinava com a cabeça, concordando com a cunhada. Também sabia, por experiências passadas, quanto Jacinta e Francisco eram loucos por essa festa. Não seriam capazes de deixar tudo isso para irem atrás de uma Senhora imaginária. Ela, agora, não iria perder a cabeça com essa história. O marido, porém, estava em pior situação. Não lhe havia pedido a filhinha que a acompanhasse à Cova da Iria? Por um lado, não queria expor-se ao ridículo, de outro, como contrariar a filha? Felizmente lembrou-se de que, domingo, haveria feira na aldeia vizinha e precisava ir até lá para comprar uma junta de bois. Faltaria, assim, à festa e à aparição. Óptimo! Aliás, não era obrigação do tio Marto, antes de tudo, abastecer a sua chácara? A tia Olímpia agradou-se da solução e quis acompanhá-lo também. Maria Rosa era menos conciliadora. Fez o que pôde para dissuadir Lúcia da ida à Cova da Iria. Teria, talvez, tomado medidas mais severas, se não fosse a conversa que tivera sobre o assunto com o novo Pároco, o Padre Manuel Marques Ferreira.

«Deixe-os ir, se persistirem» aconselhou com prudência, «e veremos o que acontece. Traga-mos em seguida. Conversarei com os pequenos para ver se consigo deslindar o fio dessa meada».

NOTAS

[1] Relata Olímpia ao P. De Marchi, op. cit., póg. 64.

[2] No livro do P. De Marchi relata-se por extenso essa conversa de Maria dos Anjos, pag. 6

[3] Memórias, I, pag. 13

CAPITULO VII

Festa de Santo António. Os pastorinhos de Aljustrel levaram o rebanho para o pasto muito mais cedo do que costumavam. Lá pelas 9 horas estariam de volta, a fim de chegarem a tempo para a Missa cantada das dez. Antes mesmo que o sol começasse a tingir o céu lá pelo lado do poente, já as ovelhinhas estavam fora do aprisco. Lúcia tinha já, talvez, atingido a charneca, mordiscando o pão preto - os pastorinhos de manhã comiam assim, sem se sentarem à mesa - quando o seu irmão António lhe corre no encalço. Havia gente em casa à procura dela.

Confiou o rebanho ao irmão e apressou-se em voltar. Encontrou a casa cheia de gente. Homens e mulheres, procedentes de diversos lugares: de Minde, perto de Tomar, de Carrascos, de Boleiros. A história da aparição de maio já correra pelas montanhas. Muitos acreditavam nela. Outros eram apenas curiosos.

Um bom número levantara-se cedo para acompanhar as crianças, montanha acima, até à Cova da Iria. Lúcia estava contrariada. Disse, entretanto, aos visitantes que, se quisessem acompanhá-la, teriam de esperar a sua volta da Missa.

E partiu para Fátima. Esperaram, pacientes, mais de duas horas, junto à figueira, perto de casa. Naturalmente, a presença de toda essa gente desagradou a Maria Rosa e às filhas mais velhas. Comentários mordazes e palavras ásperas foram lançados como invectivas contra esse povo em geral e contra essa folia das crianças, em particular. Os peregrinos não desanimaram. Esperavam tranquilamente, passeando, rindo e conversando, despreocupados, até Lúcia voltar da Missa.

Seriam aproximadamente 11 horas, quando a menina, finalmente, saiu de casa, ladeada dessa gente estranha. «Sentia-me amargurada nesse dia, recorda, «o desprezo da minha irmã e a animosidade da minha mãe, cortavam-me o coração».

«Lembrava-me dos tempos passados e perguntava a mim mesma onde estava a afeição que a minha família me devotava, não havia muito tempo.

E agora ser, assim, seguida por toda essa gente desconhecida a me assediar de perguntas!»

Começou a chorar ao longo do caminho. Trazia ainda os olhos marejados de lágrimas ao chegar a casa dos Martos.

«Não chores», disse Jacinta, ao perceber-lhe os olhos húmidos e o tremor comovido dos lábios. «Certamente são estes os sacrifícios que o Anjo disse que Deus nos mandaria. É por isso que sofres: em reparação e para conversão dos pecadores!» Lúcia enxugou as lágrimas. Seguidos do povo, dirigiram-se apressadamente pela estrada fora e lá se foram os três, galgando as montanhas, atravessando as campinas, durante cerca de meia hora. Na Cova da Iria, já outro grupo esperava por eles. Eram curiosos e devotos, procedentes das choupanas próximas e de lugares distantes. Havia uma mulher de Loureira, um homem baixo da Lomba da Égua, outros de Boleiros, Tôrres Novas, Anteiro. Maria Carreira e os filhos vinham da Moita. Cinquenta pessoas ao todo. Maria Carreira é uma das mais valiosas testemunhas que ainda lá vivem. Conversámos no próprio lugar das aparições, no verão de 1946. É ela a zeladora do Santuário e conhecida sob a alcunha de Maria da Capelinha. Viúva de 75 anos, sempre correctamente vestida de preto, traz um lenço, igualmente preto, por sobre os cabelos brancos. Aparenta menos idade por ter porte erecto, movimentos rápidos e ser esbelta. Manifesta a serenidade daqueles que nada mais esperam da vida; os olhos azuis, esverdeados, denotam inteligência e revelam-lhe a alma tranquila e sincera. Lembra-se perfeitamente de ter assistido a essa festa de Santo António de 1917, na Cova da Iria. Semanas antes, projetava tudo. O seu marido andava trabalhando com António Abóbora, o pai da Lúcia, na empreitada de um jardim. Dois ou três dias depois da aparição de Maria, chegou a casa o marido, contando a singular história. António lhe havia dito como Nossa Senhora aparecera, na Cova da Iria, à sua mais nova e aos dois pequenos da sua irmã Olímpia, casada com o tio Marto. Carreira pensou que isso não passava de tolices. Mas a mulher tomou a coisa a sério. Justamente João, um dos seus filhos, era aleijado das pernas e andava arrastando-se. Maria apegara-se à ideia de que isso podia ser verdade e que, talvez, na próxima aparição, N. Senhora lhe curaria o filho.

Tão Jogo Lúcia alcançou o lugar - segundo relatou M. Carreira ao Padre De Marchi e confirmou o facto diante de mim, o ano passado - Lúcia parou a uma distância de nove pés da azinheira, voltada para o nascente, Jacinta de um lado e Francisco de outro. Sentaram-se todos à espera. Ainda não era meio-dia e a multidão se dispersara. Alguns abriram as cestas de vime e retiraram fatias de pão e garrafas de vinho. Outros ofereceram comida às crianças. Estas recusaram. Aceitaram apenas algumas laranjas que conservaram nas mãos. Jacinta começou a brincar, até que Lúcia lhe ordenou que parasse. Certa moça de Boleiros começou a rezar, em voz alta, num livro de piedade.

Maria Carreira., que estivera doente, sentiu-se desfalecer, por estar tanto tempo em pé. «Nossa Senhora vai demorar muito?» perguntou.

«Não, senhora, muito não», responde A Lúcia, investigando o céu do lado do nascente.

Rezaram todos um terço. Em seguida, a piedosa moça de Boleiros começou a Ladainha de Nossa Senhora. Lúcia interrompeu-a, dizendo que não haveria tempo. Levantando-se, então, do chão, exclamou:

«Jacinta, aí vem Nossa Senhora! Olha o relâmpago!»

Os três pequenos correram, então, para junto da azinheira e a multidão cerrou-se em torno deles. Maria Carreira recorda-se ainda, nitidamente, da cena. «Ajoelhámo-nos por sobre as moitas e os tojos. Lúcia pôs as mãos como para rezar.»

Ouvi-a dizer: «Vossemecê disse-me para vir cá. Faça-me o favor de dizer o que me quer!» Começámos então a ouvir um sussurro, mas não entendíamos nada. Era como se fosse o zumbir de uma abelha [1].

Alguns dos espectadores notaram que a luz do sol se obscureceu durante os minutos seguintes, apesar de estar o céu sem nuvens. Outros disseram que o topo da azinheira, coberto de brotos, pareceu curvar-se como sob um peso, um momento antes de Lúcia começar a falar.

No seu relatório sem artifício, mas tão fiel, Lúcia pergunta: «Que me quer Vossemecê?» Substancialmente, é a mesma coisa que contou Maria Carreira. A Senhora respondeu:

«Quero que venhas aqui no dia 13 do próximo mês. Que rezes o terço Lodos os dias e aprendas a ler. Mais tarde direi o que quero».

Lúcia pediu, então, a cura de uma pessoa doente.

«Se se converter, ficará curada ainda este ano,» foi a resposta.

«Eu queria pedir-lhe para nos levar para o Céu», continuou a menina.

«Sim. Levarei, em breve, Jacinta e Francisco para o Céu. E tu, Lúcia, ficarás aqui mais algum tempo. Jesus quer servir-se de ti para me fazer conhecer e amar. Ele quer estabelecer no mundo a devoção ao meu Imaculado Coração».

- «E eu fico aqui?», perguntou assustada, «sozinha?»

- «Não, filha. E sofres muito com isso? Eu nunca te deixarei. O meu Imaculado Coração será o teu refúgio e o caminho que te conduzirá até Deus».

Ao dizer estas últimas palavras, abriu as mãos, tal como fizera na outra aparição, e comunicou-lhes outra vez aquela luz que, em dois raios vivíssimos, lhe jorrava das mãos. As crianças ficaram envoltas como num esplendor celeste. «Nessa luz, víamo-nos como que submersos em Deus, escreve Lúcia. «Jacinta e Francisco recebiam a parte da luz que ia em direção do Céu e eu, nos raios que caíam sobre a Terra. Junto da mão direita de Nossa Senhora, estava um coração cercado de espinhos, que pareciam nele se cravarem. Compreendemos que era o Imaculado Coração de Maria, ultrajado pelos pecados da humanidade, os quais devemos reparar [2].

O Imaculado Coração de Maria! O Anjo já falara nele! «Pelos méritos infinitos de vosso Sagrado Coração e do Imaculado Coração de Maria, peço-vos a conversão dos pecadores. E na visão da Santíssima Trindade que os envolvia, viram também Jesus e Maria. Nossa Senhora não parecia, nem

alegre nem triste, mas «séria». A impressão deixada pelo Verbo de Deus na mente de Francisco foi, entretanto, de uma infinda melancolia.

Quando se desvaneceu essa grandiosa revelação, a Senhora, envolta ainda na luz que irradiava, levantou-se sem esforço, suavemente, na direção do oeste até desaparecer de todo. Algumas pessoas mais próximas notaram que os brotos do topo da azinheira estavam tombados na mesma direção, como se as vestes da Senhora os tivessem arrastado. Só algumas horas mais tarde retomaram a posição natural.

Lúcia permaneceu longo tempo contemplando a imensidão vazia do céu! Maria Carreira ouviu-a dizer: «Pronto! Agora já não se vê. Já entrou no Céu. Fecharam-se as portas».

O povo estava intensamente excitado. Apesar de ninguém ter visto Nossa Senhora, era evidente que algo de extraordinário se passara. Alguns começaram a fazer perguntas às crianças. Outros discutiam entre si. Muitos examinavam a azinheira e eram só exclamações, diante dos brotos tombados. Começaram a querer arrancar as folhas da azinheira para levar de lembrança ou como relíquia e, talvez tivessem despojado inteiramente o tronco, se Lúcia não tivesse tido a presença de espírito de pedir que arrancassem somente as folhas de baixo, não as que Nossa Senhora havia tocado. Maria Carreira colheu um pouco de rosmaninho que cresce por ali, embalsamando imediatamente o ar com delicado perfume. Ela já estava pensando em erigir um altar ou uma capelinha no lugar.

«Rezemos o terço!» propôs alguém. «Não, a Ladainha, gritou outro. «O terço rezaremos no caminho, de volta para casa. E grupos se foram formando lentamente, tomando direções diversas, todos a razar baixinho.

Somente lá pelas quatro horas, Lúcia e os seus companheiros conseguiram voltar para Aljustrel, seguidos de alguns curiosos a assediá-los ainda com perguntas e pedidos. Alguns chegavam a ser insolentes.

- «Então, Nossa Senhora não te disse nada desta vez, Jacinta?»

Nada de resposta.

- «Que é isso, Francisco? Então ainda estás por aqui? Não foste para o Céu?»

- «Que te disse ela, Lúcia? Vem, conta-nos isso».

As crianças sofriam com tais perguntas. Ainda meio aturdidas, era-lhes impossível prestar atenção ao ramerrão da vida quotidiana. Respondiam laconicamente a algumas perguntas. A outras, nem isso. Frequentemente diziam: «Isso é segredo. Não posso dizer». Os últimos estranhos cansaram-se, por fim, e foram-se, deixando-os em paz.

Francisco tinha também um mundo de perguntas suas a fazer, mas quando estivessem a sós. Como da primeira vez, em maio, vira tudo o que Jacinta e Lúcia haviam visto, mas nada ouvira, a não ser a voz da prima. Mesmo depois de ouvir todas as explicações que lhe deram as meninas, ficou intrigado com muitos pormenores, especialmente com referência ao Imaculado Coração. Desta vez vira o Coração de Maria e não lhe era possível esquecer os raios de luz que jorravam das mãos da Senhora, com intensidade tal que lhe haviam penetrado tão fundo na alma.

«Mas por que Nossa Senhora tinha um Coração nas mãos?» insistia, «espargindo luz tão intensa sobre o mundo? Tu estavas com Nossa Senhora na luz da Terra, Lúcia, e a Jacinta e eu íamos subindo na luz do céu.»

«Pois é assim mesmo», disse Lúcia. «Tu irás logo para o Céu, com Jacinta, e eu fico por mais tempo na Terra, com o Imaculado Coração de Maria».

- «Quantos anos ficarás aqui?»

- «Não sei. Muitos».

- «Foi Nossa Senhora que te disse isso?»

- «Foi. Vi isso naquela luz que nos entrou pelo peito».

- «É mesmo», concordou Jacinta. «Eu também vi».

- «Iremos logo para o Céu!» disse Francisco. E, de quando em quando, dizia, arrebatado: «Jacinta e eu vamos logo para o Céu. O Céu! O Céu!»

Os dois mais pequenos correram para casa, cheios de alegria, enquanto Lúcia, pensativa, sozinha, percorria, sem pressa, o caminho para casa.

Quando Jacinta e Francisco surgiram, o tio Manuel e a Sr^a Olímpia acabavam de chegar da feira, muito satisfeitos com os cinco bois que haviam comprado.

Outros membros da família assistiram aos festejos em Fátima. Mas foram os dois pequenos o alvo da atenção de todos, ao transporem o umbral da porta.

- «Mãe, vimos outra vez a Senhora», gritou Jacinta, «e disse-me que irei logo para o Céu!»

- «Tolices, disse Olímpia. «Que Senhora?»

- «Aquela Senhora linda. Veio hoje outra vez».

- «É mesmo muito linda?» perguntou alguém da família.

- «Tão linda como fulana?»

-- «Muito, muito mais linda!»

- «Linda como aquela santa lá da Igreja, que tem o manto cheio de estrelas?» perguntou outro, referindo-se à imagem de Santa Quitéria, lá da Paróquia.

- «Não. Ela é muito, mas muito mais bonita».

- «Assim como Nossa Senhora dos Prazeres?»

- «Ainda muito mais!»

- «Que te disse Ela desta vez?»

- «Que rezássemos o terço e fossemos lá todos os meses, até outubro.

- «Foi só?»

Jacinta percebeu que já havia falado demais».

- «O resto é segredo».

- «Oh, um segredo! Um segredo! Conte-nos o segredo!»

Mas ninguém conseguiu persuadir as crianças a falarem.

O tio Marto dava de ombros, ao ouvir tais palavras.

«Todas as mulheres queriam saber qual era o segredo, lembra ele.
«Mas eu nunca quis saber disso. Segredo é segredo, e deve ser guardado.

Enquanto isso, Lúcia era recebida em casa com muito menos cordialidade e até com certa animosidade.

Insistia em afirmar que Nossa Senhora lhe aparecera pela segunda vez, mas isso em nada abalara a família, que já a considerava uma refinada mentirosa. Pelo contrário, a santa indignação de Maria Rosa subiu ao auge! Imaginem só! «Cinquenta pessoas perderam a cabeça e foram à Cova da Iria e isso tudo por causa dessa intrujona de Lúcia, que só deseja é levar a mãe mais cedo para a cova.

Nos dias que se seguiram, mais exasperada se tornava Maria Rosa. Cada comentário que ouvia mais evidente tornava a tremenda sensação que estava causando essa história da sua filha, até nos mais remotos confins da Serra. A maior parte das testemunhas acreditara na aparição. E a notícia correu profusamente, da boca em boca, em todas as direcções. Apesar de alguns duvidarem ainda, não havia outro assunto em todas as rodas.

O último golpe se deu quando Lúcia se aventurou a pedir à mãe que a deixasse ir à escola, pois a Senhora dissera-lha que aprendesse a ler.

- «Para a escola! Ainda mais essa?» disse Maria Rosa, sarcástica.
«Como se importasse muito a Nossa Senhora que saibas ler e escrever»».

Felizmente e em benefício da sua saúde de corpo o de espírito, Maria Rosa lembrou-se, a tempo, do que dissera o vigário, o Padre Ferreira.

«Amanhã, disse, «vamos outra vez ver o Senhor Prior».

«E desta vez vais dizer-lhe a verdade!»

NOTAS

[1] De Marchi, op. cit., pag. 78.

[2] Memórias, IV, págs. 37-38. A revelação do Imaculado Coração de Maria foi chamada "o segredo de junho". Em alguns dos seus relatórios, Lúcia explicou que Nosso Senhora não pedira segredo sobre isso. As crianças é que sentiram a necessidade de guardar reserva sobre esse assunto com o correr do tempo.

CAPITULO VIII

No dia seguinte, muito cedinho, abalaram as duas para Fátima. Maria Rosa ia, alguns passos adiante, de sobreceño carregado, até que alcançaram a casa dos Martos. Aí parou um instante para desabafar o seu coração com a tia Olímpia, enquanto Lúcia, chorando amargamente, mal pôde trocar algumas palavras furtivas com Jacinta.

«Não chores, disse a pequenina. «Vou chamar o Francisco e ficaremos a rezar, enquanto vais».

Lúcia enxugou as lágrimas e lá se pôs, atrás da mãe, a subir o outeiro da Igreja de Santo António. Nem uma vez sequer Maria Rosa se dignou olhar para trás e nem lhe dirigiu a mínima palavra. Vestida de preto, um lenço preto à cabeça e um xaile, também preto, sobre os ombros, conservava-se silenciosa e tétrica como um carrasco. Os seus pés descalços pisavam com firmeza impressionante as pedras ásperas da estrada sinuosa. Até mesmo os seus ombros recurvados e as suas formas obesas denotavam resolução férrea, essa manhã.

Antes de se dirigir ao Presbitério, entrou na Igreja para ouvir Missa. Esta dilação trouxe algum alívio à filha. Ao ajoelhar-se, antes da elevação da Hóstia e do Cálice, a pobre criança ofereceu todo o seu sofrer Àquele que tanto sofrera pelos homens.

Terá de sofrer muito! Como a Senhora dissera bem! Terminada a Missa, Lúcia seguiu a mãe para fora da Igreja, atravessaram o pórtico, o terreiro batido e foram ter à casa do Pároco. No meio do caminho, quando faltavam apenas uns quinze passos, mais ou menos, para atingirem o portão do Presbitério, foi que Maria Rosa se dignou dar um sinal de vida à miserável existência de sua filha. Virando-se, repentinamente, disse por cima dos ombros:

«Não me aborreças mais! Diz ao Prior, agora, que mentiste; assim, no domingo, poderá ele dizer, na Igreja, que tudo era mentira e acaba-se com essa história, antes que o povo todo corra à Cova da Iria, para rezar diante de um pé de chorão!»

O Padre Ferreira recebeu-as gravemente cortês. Mandou que se sentassem num banco e esperassem alguns momentos. Daí a pouco convidou Lúcia a subir ao seu escritório, onde começou a fazer-lhe uma quantidade enorme de perguntas, muito minuciosas. «Tenho a tentação de fazer perguntas aborrecidas, acrescentou Lúcia ao escrever vinte anos depois, mas o Pároco era sempre boondoso e delicado. Jacinta e Francisco também foram examinados por ele. Comparava, cuidadosamente, todas as respostas. Por fim, convenceu-se de que as crianças haviam dito a verdade a respeito do que tinham visto e ouvido. A sua conclusão, entretanto, foi, de certo modo, mais alarmante do que se os tivesse induzido a pensar que mentiam. Isso não me parece uma revelação do Céu, insinuou, pensativo. «Pode bem ser uma ilusão do demónio, sabe? Veremos, veremos!» Levantou-se em sinal de despedida. Daremos a nossa opinião mais tarde, acrescentou a Maria Rosa.

O demónio! Eis uma possibilidade que nunca ocorrera, nem a Lúcia nem à sua mãe. As leituras de Maria Rosa não a tinham levado a aprofundar a teologia mística. Não é nada provável que tenha lido as páginas árduas, onde Santa Teresa de Ávila recorda os seus tormentos nas mãos de amigos que suspeitavam serem suas visões e seus êxtases sugestionados pelo inimigo de Deus e dos homens. Não se deve também censurar este tímido conselheiro. Porque a Igreja aprendeu, em séculos de experiências, a possibilidade de o espírito do mal imitar aparências de santidade. Tais manifestações devem ser submetidas a provas, antes de serem tidas como vindas de Deus. Um célebre impostor, certa vez, em Espanha, chegou a persuadir pessoas piedosas de que era um estigmatizado e que vivia unicamente da hóstia da comunhão.

Lúcia voltou para casa exausta, amedrontada, abatida. Já não bastavam as angústias com as invectivas da mãe, que não perdia uma só oportunidade para, sem mais aquela, acozá-la com palavras, sopapos e beliscões? A menina sentiu-se como uma condenada, ao entrar sorradeira em casa. Logo após, saiu novamente em busca da quietude do velho poço, onde vira uma vez o Anjo e onde já derramara tantas lágrimas e rezara tanto, por ocasião de outras angústias.

Jacinta e Francisco ainda lá estavam, em oração.

Jacinta correu a abraçá-la e perguntar como se tinha ido com o Prior. Ouviram, sarapantados, boquiabertos, com crescente indignação, a série de perguntas do Pároco e a sua conclusão final.

«Não é o demónio, nada» exclamou Jacinta. «Não dizem que ele é feio, horrível e está embaixo da terra, no inferno. E a Senhora é tão linda e nós a vimos subir para o Céu» [1].

Francisco era da mesma opinião e aprovava com a cabeça tudo o que dizia a irmã para consolar Lúcia.

«Olha aqui! Não devemos ter medo de nada. A Senhora nos ajudará sempre. E, depois, Ela é tão nossa amiga!» [2] Era inegável. Lúcia, entretanto, não dormiu a noite toda, pensando nas palavras do Prior. Perguntava a si mesma - como já o fizeram muitos outros - se era possível que ela fosse, inconscientemente, o instrumento do inimigo de Deus, para ridicularizar e desprezar as eoisas santas. Noites e noites a fio levou assim sofrendo, como só podem sofrer as crianças quando não têm uma pessoa mais velha, capaz de as compreender em tamanhas perplexidades e aflições. Durante o dia, deixava-se convencer pelas carinhosas persuasões dos priminhos. O medo e as dúvidas das horas de solidão se esvaíam com o calor do sol e o aroma da hortelã e do rosmaninho, ao levarem descuidados o rebanho Serra acima.

Mas era diferente quando a escuridão a envolvia e o mesmo temor rodava em volta de sua cama e perturbava-lhe o sono. Aproximava-se a época da entrevista de julho com a Branca Senhora. Ela, porém, sentia-se tão cansada, e tão fraca com essa luta incessante com inimigos invisíveis, que decidiu, por fim, que, talvez, o Prior tivesse razão. Na tarde de 12 de julho, comunicou aos priminhos que não pretendia ir à Cova da Iria, no dia seguinte.

Depois do primeiro protesto de espanto, travaram forte discussão.

«Como podes pensar que é o demónio?», perguntava Francisco. «Não viste então Nossa Senhora e Nosso Senhor naquela luz grande? Como poderemos ir sem ti, se és a única que fala?»

- «Eu não vou», declarou Lúcia.

- «Pois bem. Eu vou! afirmou, positivo, Francisco».

-- «E eu também», acrescentou Jacinta, «porque a Senhora disse-nos que fôssemos».

Mais tarde o pequeno encontrou Lúcia na eira e tentou um esforço final para persuadi-la.

- «Olha, vens amanhã?»

- «Não. Eu não vou! Já disse que não vou, nunca mais».

- «Mas não vês que não pode ser o demónio? Nosso Senhor já está tão triste com tantos pecados o agora se não fores Ele ficará ainda mais triste».

-- «Já te disse que não vou».

Lúcia permanecia firme na sua decisão. Maria, que sabia tão bem adivinhar o que se passava, devia ter ficado aliviada aquela noite. E, na manhã seguinte, mal pôde disfarçar o seu contentamento, ao perceber que a sua mais nova não pretendia levar o rebanho para a Cova da Iria.

Quando chegou a hora e viu que não havia remédio, Lúcia sentiu um desejo súbito de ver Jacinta e Francisco. Correu à casa dos Martos e encontrou os dois ajoelhados ao pé da cama, chorando desesperados.

-- «Então vocês não vão?» perguntou.

- «Não ousamos ir sem ti», murmuraram.

- «Pois bem. Mudei de ideia, vou com vocês».

Levantaram-se radiantes. Francisco contou que haviam rezado por ela a noite toda.

«Vamos!» E lá se foram pressurosos, ziguezagueando pelos caminhos tão conhecidos, através da meia légua que separa Aljustrel da Cova.

Era julho, o mês do Precioso Sangue. Nessa região de Portugal o calor escaldava. Lá pelo meio-dia, um mormaço silencioso baixava sobre os campos, onde o capim, cortado de fresco, se agrupava em molhos em torno das oliveiras. Homens e rapazes, banhados em suor, tinham passado a manhã toda arrancando as primeiras batatas do solo vermelho; e iam agora, enxadas aos ombros, fazer a sesta. As ameixeiras vergavam ao peso dos frutos maduros e, à beira da estrada, os repolhos murchavam tristemente. De vez em quando, o cantar estridente de uma cigarra, o estalar de um chicote em alguma quinta, ou o rinchar de um carro na estrada argilosa, tomava proporções estranhas, ao ressoar nas profundezas do vale, logo abaixo do Cabeço. Nem a água barrenta da Lagoa apetecia aos bois e carneiros, ofegantes para refrescarem os focinhos. Algumas mulheres vestidas de escuro, um ou outro velho, atravessavam os campos silenciosos, abrigados à sombra de enormes guarda sóis. O céu era de um azul profundo, esplendorosamente belo e o ar seco - não chovia, havia muito tempo.

Algo de anormal se pressentia nessa data de 13 de julho de 1917, na desusada vivacidade das aldeias e campos da Serra. Antes mesmo de atingirem a Cova da Iria, começaram as crianças a notar esse bulício. Com a rapidez peculiar aos lugarejos, por intermédio do misterioso vinho, tão bom portador de novidades, todos, aquém e além da Serra, estavam a par do que se passara na festa de Santo António. Um número incalculável de pessoas tinha resolvido assistir à aparição seguinte. Maria Carreira veio da Moita, trazendo o filho paralítico, o marido incrédulo e a família toda. José Alves, um dos mais fervorosos adeptos, residente na Moita, tivera a coragem de dizer, nas barbas do Prior de Fátima, que a sua teoria sobre a intervenção diabólica era uma grande tolice. Onde já se vira o demónio incitando o povo a rezar?

Quando o tio Marto chegou - havia resolvido passar o dia vigiando as crianças - a multidão era densa e a custo conseguiu abrir caminho a poder de cotoveladas, até alcançar o lugar em que estavam Jacinta, Francisco e Lúcia. Em geral, o povo português é ordeiro e as multidões disciplinadas, mas esta o amedrontou um pouco. «O poder do mundo» reflectia, filosofando. Faz, até agora, um muxôxo de desdém, ao recordar-se de alguns ricaços vindos não se sabe de onde, senhoras de saias compridas e chapéus de abas largas, todas enfeitadas como nas gravuras, homens de

trajes exóticos, colarinhos altos e cartolas. Tio Marto achou-os ridículos: «Ai, Jesus! Era gente da alta roda que vinha só para rir à custa do povo ignorante, que não sabia ler nem escrever. Mas nós é que caçamos deles... Ui! Pobres coitados! Não tinham um pingo de fé. Como poderiam acreditar em Nossa Senhora?... A maioria, porém, era constituída por camponeses humildes, das cercanias da Serra. Mulheres, geralmente descalças, xailes pretos na cabeça, os homens envergando roupas domingueiras, calçados de enormes sapatos ferrados. No meio de toda essa gente, o tio Marto encontrou, sem esperar, a tia Olímpia e a Maria Rosa.

É hem possível que tia Olímpia tivesse ouvido a última conversa das três crianças ao pé da cama, em casa. Mal tinham saído os pequenos, imensa tristeza a invadiu e correu, apressada, até a casa de Maria Rosa, para contar-lhe o ocorrido e desabafar. «Ai, Jesus!» Os céus pareciam ter desabado sobre a cabeça da mãe de Lúcia. Bem andava ela pensando que a tola dessa cachopa ainda se ia meter em coisas do demónio! Armadas de velas bentas e maços de fósforos, partiram as duas mulheres para a Cova de Iria. Pretendiam fazer exorcismos, no caso de aparecer ainda o espírito mau. Não conseguiram apanhar as crianças, nem pretendiam mesmo isso. Entretanto, estavam lá de longe, velas em punho, prontas para serem acesas em caso de necessidade.

Aproximadamente duas ou três mil pessoas, devotas ou curiosas, achavam-se à espera do que iria acontecer.

Em meio da multidão, as crianças, rezando o terço, investigavam, curiosas, o céu pelo lado do nascente. Nem prestaram atenção a uma velha que os insultava, chamando-os impostores. Jacinta e Francisco nem perceberam a presença do pai que veio colocar-se ao lado deles, pronto para defendê-los se fosse preciso. O tio Marto olhou para Lúcia. Palidez extrema invadia-lhe as faces. Ouviu-a dizer:

«Tirem os cbapéus, tirem os chapéus» Já estou vendo Nossa Senhora!»

O tio Marto viu algo como se fosse uma nuvenzinha descer sobre a azinheira. Repentinamente o sol se ofuscou e uma aragem fresca soprou por sobre a Serra. Ouviu, disse, um sussurro «como moscas num púcaro vazio».

Mas, nem ele nem Maria Carreira, nem o resto do povo conseguia distinguir as palavras que só as crianças ouviam.

Durante esse tempo, todos os estímulos do mundo sensível - a multidão, o sol, a brisa, as trivialidades de espaço e tempo - tinham desaparecido para os pequenos místicos, envoltos como numa força sobrenatural, que os enchia de inefável alegria, ao ver a Senhora deslizar sobre o topo da azinheira.

- «Vossemecê que me quer?» perguntou Lúcia, como das outras vezes.

- «Quero que venham aqui no dia 13 dos meses seguintes e que continuem a rezar as cinco dezenas do terço, todos os dias, em honra de Nossa Senhora dos Prazeres, para obter a paz para o mundo e o fim da guerra. Só Ela será capaz disso».

Lúcia disse: «Eu queria pedir que nos dissesse quem é e que fizesse um milagre, para assim todos acreditarem».

Nesse instante, Lúcia pensou em alguns pedidos que várias pessoas lhe haviam feito. «Não me lembro bem de todos», escreveu em 1944. É quase certo que um deles era a cura do filho paralítico de Maria Carreira. A Senhora respondeu que o não curava, mas dar-lhe-ia meios de ganhar a vida se ele rezasse o terço todos os dias. Lúcia recorda, com que insistência Ela recomendava a prática do terço, para alcançar graças durante o ano».

«Sacrificai-vos pelos pecadores», insistia «e dissei muitas vezes, especialmente ao fazerdes um sacrifício»:

«Ó Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaeulado Coração de Maria».

Ao dizer as últimas palavras, abriu as mãos, tão lindas como das outras vezes, e inundou-os daquele fulgor penetrante de revelação que atingia o mais íntimo dos corações dos pequenos. Desta vez, porém, pareceu que esse raio de luz alcançava as profundezas da terra - eis as palavras de Lúcia, escritas em 1941 - «era um mar de fogo. Mergulhados nele, estavam as almas condenadas e os demónios, como se fôsscm carvões incandescentes,

transparentes, pretos ou cor de bronze, formas humanas a esvoaçar nas chamas desse imenso incêndio, arrastadas pelas labaredas, a espalhar nuvens de fumaça, tombando de todos os lados como fagulhas de um grande braseiro - não tinham peso nem equilíbrio e soltavam uivos de desespero, gemidos de dor, tão horrendos que arrepiavam de medo».

«Os demónios distinguiam-se por formas asquerosas de animais medonhos e desconhecidos, mas transparentes como carvões acesos».

As crianças ficaram atemorizadas, quase a ponto de morrer, como se não estivessem certos de que iriam os três para o Céu. Depois de contemplar esse espectáculo terrível, o qual nem Santa Teresa descreveu tão assustador, ergueram, desesperados, os olhos, chamando a Senhora que os contemplava com melancóliea ternura.

«Estais vendo o inferno, aonde vão as almas dos pobres pecadores», disse por fim.

«Para salvá-las Deus deseja estabelecer no mundo a devoção ao meu Coração Imaculado. Se fizerem o que vou dizer-vos, muitas almas serão salvas e virá a paz. A guerra vai terminar. Mas, se não cessarem de ofender a Deus, outra guerra virá pior ainda, no reinado de Pio XII».

«Quando virdes uma luz desconhecida iluminar a noite, ficai sabendo que esse é o grande sinal que Deus vos dá de que vai punir o mundo dos seus crimes por meio da guerra, fome, perseguição à Igreja e ao Santo Padre».

«Para impedir isso, vinde pedir a Consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora, nos primeiros sábados. Se atenderem a meus pedidos, a Rússia se converterá e terão paz; se não, ela espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer, várias nações serão aniquiladas. Por fim, o meu Imaculado Coração triunfará. O Santo Padre consagrar-me-á a Rússia, que se converterá e será concedido ao mundo algum tempo de paz» [3].

«O dogma da Fé será conservado em Portugal».

«Não digam isto a ninguém. Ao Francisco, sim, podem dizer.

«Quando rezarem o terço, digam, depois de cada mistério: Ó meu Jesus, perdoai-nos -a livrai-nos do fogo do inferno. Levai as almas para o Céu, principalmente as mais necessitadas».

A Senhora, então, disse às crianças um segredo final, que não deveria ser revelado, o qual nunca Lúcia desvendou até que a Rainha do Céu ordenasse que o fizesse. Nunca o contou a ninguém, nem mesmo aos seus confessores.

Seguiu-se um longo momento de silêncio. A multidão parecia pressentir a solenidade apocalíptica dessa comunicação, da qual depende talvez a sorte de toda a espécie humana. Não se ouvia um único som. As crianças, o povo, o vento, tudo mortalmente silencioso. Finalmente, Lúcia, pálida como um cadáver, aventurou-se a perguntar com a sua voz de timbre enternecedor:

«Não quereis nada mais de mim?»

- «Não, hoje não quero nada mais de ti».

Com um último olhar repassado de ternura, a Senhora dirigiu-se, como de costume, para o nascente. Lúcia conclui a tremenda história da terceira aparição nestes termos: «...e desapareceu na imensidão azul do firmamento».

Enquanto as crianças se entreolhavam embasbacadas, ainda pálidas e aturdidas, o povo começou a aglomerar-se em torno delas a ponto de sufocá-las. Começaram a importuná-las com perguntas insistentes:

«Como era Ela?» «Que disse?» «Por que vocês ficaram tristes?» «É mesmo Nossa Senhora?» «Voltará ainda?»

«É segredo», disse Lúcia. «É segredo». Alguém ofereceu-se para levá-los de automóvel para casa. O tio Marto consentiu. Pela primeira vez subiram as crianças nessa espécie de monstro que andava sem cavalos, e que, uma ou outra vez, haviam visto, roncando na estrada que vai de Ourém

a Leiria. Não estavam em estado de apreciar essa novidade. Exaustos todos os três, deram graças de ter uma condução que os levasse para casa.

NOTAS

[1] Memórias, II, pag. 18.

[2] Memórias, I, pag. 15.

[3] São as palavras exactas de Nossa Senhora a Lúcia. Memórias, III, pag. 2; IV, pag. 39. Nossa Senhora explicou adiante como a consagração da Rússia (não "do mundo" como em certos relatórios) deve ser feita.

CAPÍTULO IX

Toda a genle, em Portugal, estava a par das notícias de Fátima. Alguns artigos, curtos e discretos, começaram a aparecer em certos jornais católicos da diocese. «O Ourense», por exemplo, trazia em cabeçalho: «Aparição real ou ilusão imaginária?» A imprensa anticlerical, cujo passado secular fora inteiramente devotado às ideias revolucionárias, não poupou invectivas, despendendo largamente espaço para críticas acerbas. Editores, jacobinos tradicionais desde 1789, acusavam abertamente o clero, os jesuítas em particular, do terem inventado essa história para recuperar o prestígio perdido desde a revolução de 1910. O Século, principal diário anticlerical de Lisboa, publicou, em 21 de julho, uma notícia truncada e sarcástica, sob o título: «Uma Mensagem do Céu. Especulação Comercial?» Liberais, de tom mais moderado, escreveram, insinuando maldosamente psicoses, epilepsia, sugestão coletiva, como explicações possíveis da inverossímil ocorrência da Serra de Aire. O leitor eventual da imprensa diária poderia concluir que a finalidade em vista era provocar novo ataque mais violento à Igreja.

As criancinhas de Aljustrel e suas famílias analfabetas nem tomavam conhecimento dessa campanha. Era outra a luta que mantinham, difícil de evitar, contra as hordas crescentes de peregrinos, devotos colecionadores de relíquias e curiosos em busca de sensações. Não os deixavam em paz.

Alguns inspiravam dó - pobres infelizes deprimidos pela dor ou pelo desejo de se ver livres de um mal incurável - vinham quase sempre descalços, percorrendo distâncias enormes.

Por vezes, completavam a última milha, de joelhos, sangrando, para pedir orações a fim de obterem alguma graça, ou suplicar a Nossa Senhora a cura de uma doença. Era-lhes mais difícil serem pacientes com os ricos bem alimentados, vestidos à última moda, exibindo peles e jóias e que apareciam, repentinamente, em carruagens e automóveis vindos do Porto ou de Lisboa. Alguns vinham ou em busca de algum favor do Céu - mesmo os ricos, insatisfeitos - ou divertir-se à custa da nova maravilha. O tio Marto lembra-se perfeitamente deles. «Quantas perguntas faziam! Ai, Jesus!

Algumas eram terríveis. «Nossa. Senhora. também tinha. rebanhos e cabras quando era menina?»

«Nossa Senhora comia batatas?» Que perguntas! Eram um escândalo, lá isso eram».

Francisco, a exemplo do pai, detestava a atenção afectada e tola desses nababos e rejeitava as insinuações e carícias com que o queriam cativar.

Certo dia, virou-se para Jacinta e com ares de homenzinho: «Foi pena. não teres ficado quieta. Assim ninguém teria sabido. Se não fôsse mentira», acrescentou pesaroso, «nós poderíamos dizer a toda essa gente que não vimos nada e isso tudo estaria acabado».

Depois de algum tempo começaram a adquirir certa habilidade em se esquivar das várias invectivas dos curiosos, tão difíceis de mandar embora.

Um olhar apenas, a distância, bastava para identificá-los. Viram, certa tarde, um grupo de senhoras e senhores saindo de um automóvel em plena estrada do Aljustrel para Fálima. Não havia dúvida. Era, fácil adivinhar quem eram, mas era tarde demais para fugir. As senhoras já haviam percebido os pequenos e vinham em direção deles, sorrindo com toda a familiaridade.

- «Onde moram os pastorinhos? Aqueles que viram Nossa Senhora?»

As mais preciosas informações foram fornecidas pelas crianças sobre o local das suas respectivas casas. Os visitantes agradeceram e lá se foram montanha abaixo, enquanto os três se riam à grande do seu triunfo. Pularam o muro e correram a esconder-se entre as oliveiras, atrás da casa dos Abóboras. «Devemos fazer sempre assim» disse Jacinta, toda satisfeita. Entre os peregrinos contavam-se agora inúmeros padres. A maioria deles, porém, em virtude das acusações da imprensa anticlerical, eram cépticos e até hostis. Sacerdotes entendidos em Teologia, receavam uma fraude ou ilusão que prejudicasse a Igreja. Faziam centenas de perguntas inteligentes, impossíveis de serem formuladas pelos cépticos e incrédulos.

A silhueta de uma batina preta, vislumbrada ao longe na estrada, era o sinal de alarme para se esconderem imediatamente. «Quando víamos um padre aproximar-se, fugíamos sempre que podíamos», escreveu Lúcia. «Sempre que nos víamos em presença de um padre, preparávamos a alma para oferecer a Deus os maiores sacrifícios. Felizmente, havia exceções. Uma das que gostavam de evocar mais tarde, eram as visitas de jesuíta Padre Cruz, que veio de Lisboa para investigar o que ouvira. Quatro anos eram passados, desde o dia em que dissera a Lúcia, por ocasião da sua primeira confissão: «Minha filha, a sua alma é templo do Espírito Santo. Conserve-a sempre pura»... Apesar de estar precocemente envelhecido e andar quase curvado, ainda ia por toda a parte sem um tostão, pregando e dirigindo as almas, nas quais entrava com o seu olhar penetrante e bondoso [1].

Depois de conversar durante muito tempo com as crianças, persuadiu-as, como bom detective, que o levassem para o lugar exacto, onde haviam visto Nossa Senhora e repetissem diante dele tudo o que tinham dito e feito.

«No caminho», lembra Lúcia, «íamos ao lado de Sua Reverência montado num burro tão pequeno que os pés se arrastavam pelo chão. Foi uma longa e penosa jornada para ele e talvez aborrecida para os pequenos, mas valeu a pena, porque voltou convicto de que haviam dito a verdade. Ensinou-lhes muitas jaculatórias, que lhes haveriam de ser úteis e consolá-los mais tarde. Desde esse dia tornou-se o campeão das crianças. Infelizmente não conseguiu ahrandar a animosidade da família de Lúcia. Tornaram-se mais hostis ainda, desde a aparição de 13 de julho. Antes disso, o pai havia dado de ombros com esse negócio, murmurando: «Histórias de mulheres». Mas passou da neutralidade para a hostilidade aberta desde o dia em que foi inspeccionar a sua horta da Cova da Iria e viu os estragos que aí fizera a multidão. Centenas de pessoas haviam espezinhado o terreno, de tal modo que mal se viam vestígios de plantação. Os cavalos haviam comido os repolhos e esmagado os pés de batatas, feijões e até as videiras. Todo o seu trabalho estava perdido. António esbravejou, vociferou e bebeu mais copinhos do que nunca. O resto da família tinha agora mais uma arma ofensiva contra a pobre Lúcia. Com as suas visões levaria a família toda a morrer à míngua.

Quando sentia fome, as irmãs diziam logo: «Anda, vai comer o que achares na Cova da Iria!» Maria Rosa, então, punha-se a gritar: «É isso, pede à Senhora que te dê de comer! Foste tu que levaste toda essa gente para a Cova da Iria. Vai lá agora buscar a tua comida».

«Nós nunca levámos ninguém», disse Jacinta, com lealdade. «Eles lá foram sozinhos». Mas Maria Rosa estava excitada demais para raciocinar. Dias havia em que Lúcia temia pedir até um pedaço de pão e ia para a cama com fome.

De tempos a tempos, a mãe levava-a ao Prior para outro interrogatório, esperando sempre que ele haveria de quebrar-lhe a teimosia. Por fim, o bom padre acabava sempre por abanar a cabeça: «Não sei o que dizer sobre isso tudo». Não era pois de admirar que Maria Rosa duvidasse ainda, se um homem tão instruído confessava não poder fazer absolutamente nada.

Somente no Cabeço, ou nos Valinhos, ou nas imediações das montanhas próximas à Cova de Iria, podia Lúcia desfrutar um pouco de paz e alívio.

Mesmo aí, nessas ermas paragens, os colóquios dos três tomavam agora uma tonalidade melancólica e sombria desde as espantosas revelações do dia 13 de julho. O fogo do inferno, a condenação de tantas almas, a segunda guerra mundial com a multidão incrível de entes humanos famintos, sem teto, entregues aos estertores da agonia mais cruel, ceifados pela morte, sem preparo - como pode o mundo ser o mesmo para esses olhos infantis que a Sabedoria Divina entreabriu para contemplar tais horrores? As duas meninas não podiam pensar em outra coisa. Francisco, não se sabe por que motivo, ficou menos abalado. Ao invés de se lamentar diante da imensa multidão de almas que vira recipitar-se, quais centelhas, nas chamas do inferno, preferia fixar o seu pensamento em Deus, na sua Bondade, na sua Glória! «Como Deus é maravilhoso!» exclamava, arrebatado. «Não há palavra que traduza isso. Impossível exprimir! Mas é pena que Ele esteja tão triste! Se ao menos eu O pudesse consolar!»

Jacinta não achava tão fácil afastar de sua mente o horror da condenação eterna. Se uma guerra mundial podia tomar proporções tais, o que não seriam as penas do inferno! Como pode uma criança de sete anos avaliar a enormidade do pecado? Ficava intrigada, profundamente abalada.

Alguns dias depois da aparição de julho, sentou-se numa pedra e ficou muito tempo em profunda reflexão enquanto os carneirinhos pastavam. Disse, finalmente:

- «A Senhora disse que muitas almas vão para o inferno. Que é o inferno?»

- «É um lugar medonho, cheio de vermes e com um fogo horrível», respondeu Lúcia, talvez reproduzindo as palavras da mãe. Vão para lá as almas que cometem pecados e não os confessam e ficam para sempre «queimando»

- «E nunca mais saem?»

- «Não».

- «Nem mesmo depois de muitos e muitos anos?»

- «Não. O inferno não tem fim. O céu também não».

Quem vai para o céu nunca mais sai de lá e quem vai para o inferno também. Não vêes que são eternos, porque nunca acabam?» Jacinta achou esse conceito de eternidade assustador e martirizante. Nunca pôde esquivar-se inteiramente dele. Em meio dos brinquedos parava de súbito. «Mas olha aqui, o inferno não acaba mesmo, depois de muitos, muitos anos?»

- «Não».

- «E essa gente que lá deve ser queimada nunca morre?»

«Nunca? Nunca ficam cinza?»

«E se a gente rezar muito pelos pecadores, Nosso Senhor salva-os? E se fizermos sacrifícios também? Coitados! Temos que rezar e fazer muitos sacrifícios por eles! Quando o pensamento do horror do pecado a atormenlava, lembrava-se, então, do consolo que recebera.

«Como é boa a Senhora! Prometeu levar-nos para o céu!»

Jacinta, que não era egoísta, não se comprazia em que tantos outros nunca alcançariam. A visão do inferno foi para ela como uma porta aberta ao ascetismo. «Creio que seria capaz de dar cem vezes a vida para salvar uma só das muitas almas que vi perdidas, escreveu Santa Teresa de Jesus, depois de idêntica experiência. A pequenina serrana de Aljustrel, movida pelo mesmo sentimento de compaixão, começou a sentir uma sede de penitência, à qual Lúcia chama de «insaciável». Os cristãos aceitam o inferno pela fé, porque Jesus Cristo repetiu solenemente, diversas vezes, que havia um inferno, mas Jacinta viu-o. Assim que vislumbrou a ideia de justiça de Deus, juntamente com a sua Misericórdia, compreendeu que devia haver Céu e Inferno possível de almas dos horrores que vira naquela irradiação luminosa das mãos da Rainha do Céu. Nada lhe parecia penoso demais, mesquinho ou grande demais para ser oferecido.

- «Come, Jacinta».

- «Não, quero oferecer sacrifício pelos pobres pecadores que comem demais».

- «Bebe, Jacinta».

- «Não, para salvar os que bebem demais».

Dizia subitamente a Lúcia: «Fico triste por tua causa. O Francisco e eu iremos para o céu, mas tu ficas aqui sozinha. Vou pedir a Nossa Senhora que te leve também para o céu! »

«Mas Ela quer que fiques aqui por algum tempo! Quando vires a guerra, não tenhas medo - no céu estaremos rezando por ti».

Lamentava, sem cessar, a perda das almas. «Jacinta, em que pensas»? perguntou Lúcia, certo dia.

«Penso no que vai acontecer, com tanta gente que vai morrer e vai para o inferno. Que pena ser preciso a guerra e terem eles de ir para o inferno, porque não param de pecar!»

De tempo em tempo, esse pensamento voltava com veemência. Dizia, então, aterrorizada: «O Inferno! O Inferno! Como fico triste por causa das almas que vão para o inferno!» Caía de joelhos, juntava as mãos e repetia sem cessar a oração que N. Srnhora ensinara para acrescentar a cada dezena do Rosário.

«Ó meu Jesus, perdoai-nos, salvai-nos do fogo do inferno, levai as almas para o céu, especialmente as mais necessitadas.

Um dia, em que ficara. longo tempo ajoelhada, chamou pelo Francisco: «Francisco! Francisco! vem rezar comigo! É preciso rezar muito para salvar as almas do inferno. Tantas almas vão para lá! Tantas» E punham -se a rezar juntos pelos que não rezam.

«Por que Nossa Senhora não mostra o inferno aos pecadores?» perguntou Jacinta. «Se o vissem nunca. mais pecariam e não iriam para lá. Deves dizer à Senhora que mostre o inferno a essa gente toda. Verias como haviam de converter-se!» Pobre Jacinta! Parecia-lhe tão simples. Talvez nunca tivesse ouvido a parábola do mau rico e do pobre Lázaro. «Se não acreditaram em Moisés e nos Profetas, também não acreditarão, mesmo se virem a ressurreição de um morto [2]. Depois: «Por que não disseste à Senhora que Ela deve mostrar o inferno a essa gente?»

- «Esqueci-me».

- «E eu também, disse, triste, a pequenina».

- «Que pecados cometeram, perguntou, «para irem assim para o inferno?»

- «Não sei». Lúcia era tão pouca coisa mais velha que os priminhos! «Talvez seja o pecado de faltar à Missa aos domingos, roubar, dizer palavras feias, blasfemar ou jurar» [3].

- «E só por uma palavra podem ir para o inferno?»

- «Bem! mas é um pecado! Deixa-os em paz e vai para a Missa».

- «Oh! Se ao menos eu pudesse mostrar-lhes o inferno!».

Refletiu um instante. «Se Nossa Senhora te deixar, diz a todos o que é o inferno, assim não cometerão mais pecados e não irão para lá».

De outra feita exclamou, horrorizada, como se ainda tivesse diante de si a horrível visão: «Quanta gente cai no inferno! Há tanta gente no inferno!»

- «Não tenhas medo», Lúcia procurou confortá-la. «Tu vais para o céu».

- «Sim, sim. Vou. Mas bem queria eu que toda essa gente também fosse».

As faces redondas de Jacinta começaram a sumir e a empalidecer. Os seus enormes olhos negros brilhavam como os dos que peneiram um mundo diferente do nosso. Como muitos dos íntimos de Deus, começou, em agosto, a ter visões proféticas. Algumas das cenas cruéis da Segunda Guerra Mundial começaram a passar pela mente dessa criancinha de sete anos, vinte e cinco anos antes de se desenrolarem, nas estradas de França ou da Holanda, ou nas minas de Londres ou de Frankfurt.

Certo dia abrasador de verão, enquanto, displicentes, vigiavam o manso rebanho, sentados nos rochedos do Cabeço, prostrou-se Jacinta subitamente e murmurou com fervor a oração que o Anjo lhe ensinara.

«Meu Deus, creio, espero, amo -Vos! Peço-Vos perdão por todos os que não crêem, não adoram e Vos não amam!» Seguiu-se profundo silêncio. Disse em seguida: «Não vêes uma rua comprida, tantas estradas e campos cheios de gente chorando de fome e que nada têm para comer E o Santo Padre numa Igreja, rezando diante do Imaculado Coração de Maria? E tanta gente rezando com ele?» Possivelmente era uma referência à Consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, feita em 1942, pelo Papa Pio XII. Havia tanta coisa sobre o Papa, ou um Papa nas visões de Jacinta e ela ficava tão perturbada, com vontade de contar a todos, para assim todos os cristãos rezarem constantemente por ele.

- «Posso contar a essa gente toda que vi o Santo Padre?» perguntava.

- «Não», respondia Lúcia. «Não sabes que isso é uma parte do segredo? E assim ele seria descoberto?»

- «Está bem. Então não direi nada».

Não obstante, Jacinta continuava a atormentar-se constantemente com o futuro Papa. Certa vez, lá pelo meio-dia, enquanto o rebanho cochilava no telheiro, os pequenos sentaram-se sobre lajes do poço à sombra das oliveiras, em casa do António Abóbora. Francisco, irrequieto, pôs-se à procura de mel silvestre entre as flores de um espinheiro espesso, ali perto. Lúcia fazia o mesmo. Jacinta ficou sentada à beira do poço, fitando o espaço. Súbitamente, chamou pelos outros:

- «Estão vendo o Santo Padre?»

-- «Não».

- «Não sei como é isso, mas vejo o Santo Padre numa casa muito grande, ajoelhado diante de uma mesa, com as mãos no rosto, chorando. Em frente à casa há tanta gente, e alguns lançam-lhe pedras, outros o injuriam e dizem desaforos. Pobrezinho do Santo Padre! Devemos rezar tanto por ele!»

Quem será esse Vigário do Cristo que Jacinta viu apedrejado por uma multidão? Dizem em Portugal que Lúcia tem razões para acreditar que seja o Papa Pio XII. Assegurou-me que Jacinta não indicou nenhum Papa em particular, «só um Papa». Para ela era uma pessoa real.

Indo um dia para casa dos Martos, Lúcia achou-a certa vez sozinha, quieta, e muito pensativa, olhando vagamente. «Em que estás pensando, Jacinta?»

- «Na guerra que vem vindo. Quanta gente vai morrer! Quase todos irão para o inferno. Tantas casas serão destruídas e tantos pais mortos! Olha, eu vou para o céu, e quando vires, uma bela noite, aquela luz que a Senhora nos disse que viria antes, tu irás para lá também».

- «Mas não vês que ninguém pode fugir para o céu?»

- «É verdade, não podes. Mas não tenhas medo. No céu eu posso rezar muito por ti. E pelo Santo Padre. E por Portugal, para a guerra não vir até aqui. E por todos os padres.»

Na sua ingenuidade, dizia Jacinta:

- «Eu desejava tanto ver o Santo Padre! Por que não vem ele aqui, se tanta gente pode vir?»

Lúcia explicou como Roma era longe e que homem ocupado era o Papa. Tinha tanto trabalho com a guerra progredindo, a devoção ao Imaculado Coração por estabelecer, a Rússia por converter para que o mundo tivesse paz, era bem provável que nunca tivesse ouvido falar em Aljustrel.

Jacinta levou a sério o apostolado que lhe coubera. As pessoas que conversavam com ela sentiam-se mais atraídas a rezar. O tio Marto e a sua esposa haviam negligenciado um pouco o terço. Jacinta falou no desejo de Nossa Senhora que fosse o terço rezado, todos os dias, em cada família. Depois de alguma insistência da pequena, retomaram o velho costume e começaram a gostar disso. Era difícil resistir; a Jacinta era tão meiga, tão persuasiva! Certos dias parecia contente como nunca, ao tocar o rebanho, sob o sol brilhante de agosto. Às vezes punha-se a brincar e a dançar, enquanto pastavam as ovelhinhas; ou ia colher as florinhas azuis, ou correr atrás das borboletas brancas, cantarolando as jaculatórias que o Padre Cruz lhe ensinara. Quem por ali passasse, poderia ouvir: «Jesus, eu Vos amo! Coração Imaculado de Maria, salvai os pecadores!», ressoando por sobre o pântano uma voz clara como se fossem melodias de outro mundo, nunca ouvidas aqui na Terra.

Talvez um dos sinais mais seguros da autenticidade das experiências espirituais desses três pastorinhos ía-lhes ser dado: sofrer. O mundo que perseguira Cristo e os seus santos em troca de seus benefícios, ia também vingar-se deles, de uma maneira ou de outra. A imprensa anticlerical continuava a fervilhar e a murmurar protestos. A sua indignação deixara as flores de retórica para assumir feição política. Alguns dias antes de 13 de agosto, enquanto todo o povo de Portugal aguardava a expectativa de outra aparição na Cova da Iria, o tio Marto e o António Abóbora receberam uma intimação formal do administrador do Concelho de Ourém, sede do distrito

ao qual pertenciam Fátima e Aljustrel. Deveriam apresentar-se perante a Câmara com os seus filhos, os pequenos que tão notoriamente haviam perturbado a ordem pública, sem falta, ao meio-dia de sábado, 11 de agosto de 1917.

NOTAS

[1] Continua ainda o fazer o mesmo com a idade de 86 anos. Tive a sorte de encontrá-lo num comboio entre Lisboa e Santarém. Contou-me que havia dado a Primeira Comunhão a Lúcia .

[2] S. Lucas, XVI, 31.

[3] A impressão de Lúcia é de que a maior parte das almas se perdem pelo "pecado da carne". Acredita ainda que Nossa Senhora tenha revelado isto a Jacinta em 1920 - III, pag. 5.

CAPÍTULO X

Ferreiro de profissão, de tendências idealistas e materialistas ao mesmo tempo, eis o administrador de Ourém nessa época. Chamava-se Artur de Oliveira Santos. Se nele o idealismo houvesse predominado, de maneira a levá-lo a colocar o seu zelo, a sua imaginação, a sua tenacidade a serviço da Igreja, talvez tivesse chegado a ser bispo, missionário, até mesmo santo. Por motivos inconfessáveis, escolhera, porém, ao despontar da vida, seguir o seu impulso próprio e o seu interesse pessoal. Algo havia nessa natureza que o impossibilitava de amar a forma asquerosa e rígida do materialismo. Como a maioria dos seres inumanos, devia, antes de aceitar plenamente tal doutrina, velar-lhe a horrenda figura com farrapos de princípios e assim introduzi-la no coração. Tais farrapos foram amplamente compensados pelos chefes dessa Revolução, cujo escopo foi, durante séculos a fio, colocar a Igreja de Cristo no estado de sítio em que hoje se encontra na Europa. Era inevitável. Tornara-se membro devotado e incansável do chamado Corpo Místico Do Mundo. «Místico?» Sim. Porque a cabeça invisível do reino destinado a solapar o trabalho de Cristo, devia ser, é óbvio, esse espírito de revolta, do qual fala o Evangelho: «O Príncipe deste mundo se aproxima, mas nada terá que ver comigo. E aos seus adeptos censura: Os filhos do mundo são mais prudentes que os filhos da luz».

Artur estabeleceu, logicamente, como filho prudente da carne e como ferreiro de profissão, contacto com pessoas e instituições que poderiam auxiliar a eclosão dos frutos relativos à escolha que fizera. Aos vinte e seis anos, filiou-se na Loja do Grande Oriente, em Leiria, situada à sombra das ruínas góticas, onde sofrera e chorara Santa Isabel. Iniciou o estudo da doutrina esotérica da religião natural e sincrética, a maior adversária da Igreja Católica, nos tempos modernos. Jactava-se disso, planeando e levando a cabo a revolução portuguesa de 1910. Tomou, assim, excelente posição em prol da eliminação do Cristianismo na Península Ibérica. Em 1911, o chefe do Grande Oriente, Magalhães Lima, outorgou-se o direito de predizer que, dentro em breve, mais nenhum jovem aspiraria ao Sacerdócio. Afonso Costa, por sua vez, assegurava aos seus confrades e a alguns delegados das Lojas Francesas, que a próxima geração presenciaria o fim do «Catolicismo, causa principal da triste condição em que caiu a nossa

terra». Em todo o caso, se a acusação não tinha fundamento a predição se verificava mais eficiente. Em 1911, os novos chefes do Governo Português haviam-se apoderado das propriedades da Igreja, dispersavam, prendiam e exilavam centenas de padres e religiosos, que se refugiavam em França e em outros países. Alguns corriam a Lourdes e pediam, de joelhos, à Mãe de Deus que socorresse Portugal, que outrora se ufanava tanto de ser chamado «A terra de Maria». Hoje, debate-se nos estertores da incredulidade e da anarquia, com revoluções quase contínuas.

Artur de Oliveira Santos devia os sucessos da sua vida às misérias infligidas à Igreja. Talvez não tivesse a intenção declarada de assim proceder. A sua esposa parece ter sido uma católica de nome - dessas que baptizam os filhos. Os nomes DEMOCRACIA, REPÚBLICA, LIBERDADE - revelam um sabor bem mais conforme às ideias maçónicas do que aos ares de sacristia. Talvez, nos refolhos íntimos da sua alma, tremeluzisse a vaga esperança de chamar um padre se, algum dia, sentisse o mundo sumir-lhe aos pés e a eternidade prestes a engoli-lo.

Tudo, porém, corria às mil maravilhas, quando resolveu mudar para Ourém a sua oficina, que, pomposamente, chamava de Forja do Progresso. Hábil na arte do sorriso ameno e da cortesia fictícia, aliciava o mundo com a afabilidade expansiva, tão em vigor na época. Foi-lhe fácil obter acomodação em Ourém. As suas virtudes maneiras lhe haviam granjeado os primeiros lugares nos banquetes e as deferências do mercado.

Em 1917, com a idade de trinta e três anos apenas, foi eleito Presidente da Maçonaria, graças aos trâmites misteriosos da fraternidade, através dos labirintos e graus das respectivas iniciações. Era, além disso, Presidente da Câmara, Deputado, Juiz de Comércio, em resumo, era tido como uma espécie de czar republicano do distrito, ao qual pertenciam Fátima e Aljustrel. Por toda a parte, em Portugal, raras eram as pessoas que frequentavam a Igreja e os Sacramentos. Os divórcios aumentavam. Diminuía a natalidade. Os católicos, membros do Conselho e da Câmara, tão ocupados estavam a tramar compromissos rendosos, que não tiveram tempo sequer para protestar contra a prisão de seis padres, por oito dias, ordenada pelo Administrador. Para o ferreiro e seus amigos, estava ganha a

luta em prol do progresso contra o obscurantismo das ideias, como preferiam denominar o conflito com a Igreja.

Que atentado à vigilância o ao zelo de tal personagem, o facto de saber que três mil pessoas tinham ido à Cova da Iria, ouvir um casal de garotos conversar com uma mulher invisível! E centenas de pessoas já andavam espalhando por toda a parte uma nova aparição da Virgem! Era evidente, para tais idealistas, que Maria pertencia à Idade Média, e por conseguinte, não interferia mais nos tempos modernos. Ela pertencia à ordem sobrenatural, contra a qual tantos liberais e radicalistas atiravam a pedra da incredulidade.

Como era possível tolerar, em plena luz do século vinte, viesse Ela surgir assim de espessas trevas?

A imprensa maçónica retumbou os clarins, em protesto contra «essa invasão do misticismo», como chamavam os editores, «esse ressurgir de superstições e reacções» é «a agressão petulante desencadeada pelo clero». Levado pela indignação suscitada por esse e outros protestos similares, decidiu o Administrador de Ourém fazer pé firme.

Em vista disso, ordenou aos pais que apresentassem as crianças perante um tribunal.

Os dois reagiram de modo diverso.

- «Não tem cabimento levar essas crianças tão pequenas diante do uma sessão dessas», disse o tio Marto. «Além disso, três léguas é muita coisa para irem a pé. E não são capazes de andar a cavalo. Não farei isso. Passo por cima da ordem. Não a cumpro. E vou dizer ao administrador porquê».

Olímpia concordou, achando que o marido tinha razão.

O seu cunhado, António, foi mais complacente.

- «Eles estão é arrançando aborrecimentos para eles», murmurava. «Não sei no que irá dar tudo isso» [1]. Preferia concordar com Maria Rosa. Se Lúcia estava mentindo, seria muito bom levar uma lição como essa. Ao

passo que, se, por acaso, estivesse dizendo a verdade, do que ambos duvidavam, Nossa Senhora tomaria conta dela.

Lúcia ouviu essas discussões e pensou com amargura: «Que diferença entre os meus pais e os meus tios! Expõem-se ao perigo para defender os seus filhos, e os meus pais entregam-me com a maior indiferença! Podem fazer de mim o que bem quiserem. Paciência!» argumentava consigo mesma. «Espero sofrer mais ainda por Vosso amor ó meu Deus, e isso pela conversão dos pecadores!»

Na manhã de sábado, 11 de agosto, o seu pai montou-a num burro e lá se foram montanha acima. Numa parada do caminho, encontraram o tio Marto à procura de algo para comer, descuidado como sempre, a repetir com ênfase que não pretendia levar os seus filhinhos perante um tribunal. Tudo isso era tolice. Iria ele mesmo e falaria por eles e se o António estava com pressa, que fosse à frente. Encontrar-se-iam em Ourém. Uma das vantagens materiais do tio Marto, em relação ao cunhado, era a posse de um cavalo.

Enquanto isso, Lúcia apeou-se do burro e foi procurar por Jacinta, a quem contou, chorando, o ocorrido.

«Não faz mal», disse a menina, apesar do medo que sentia. «Se eles te matarem, diz-lhes que eu e mais o Francisco somos como tu e queremos morrer também. E agora vou lá para o poço, com o Francisco, rezar muito por ti».

Abraçaram-se chorosas e partiram. Lúcia montou de novo, auxiliada pelo pai. Este escoltava-a a pé, bengala em punho. O pobre animal resfolegava e gingava sob o calor ofuscante da estrada. De tempos a tempos António dava-lhe umas pancadas nos flancos, ou incitava-o com a voz, para acelerar o trote.

O administrador os esperava ao meio-dia. O pobre burrinho fez o que pôde, mas tudo não deve ser sacrificado à pressa. Três vezes Lúcia caiu do cavalo, ao longo dessa viagem exaustiva. A estrada ziguezagueava morro acima, morro abaixo, contornando as encostas escalvadas e irregulares, eriçadas de pedras ou de tufos mirrados de pinheiros. Parecia a Lúcia que

não chegariam nunca e assim mesmo, seria cedo demais! Ao chegar, afinal, à antiga cidade Mourisca, estava moída de cansaço, o corpo todo dolorido, desganhada e triste.

Ourém estende-se, de ambos os lados da estrada principal, ao sopé de um morro cultivado. As ruínas de um antigo castelo coroam-lhe o topo, apontando, com as negras flechas, para o céu de cobalto. António levou pela rédea o burrico, por sobre as pedras rústicas da rua principal. O calor sufocava.

Puxou o animal até à praça do mercado, esperando encontrar uma pessoa que o orientasse. Percebeu, então, a silhueta de alguém apeando de um cavalo. Era o cunhado. «Então está tudo arranjado?» indagou Marto, jovialmente.

«Arranjado!» António replicou vivamente com uma blasfémia. Estava tudo fechado e não havia ninguém.

O tio Marto sugeriu que já passava do meio-dia e seria melhor arranjar qualquer coisa para comerem, antes da visita ao administrador. Comeram e voltaram ao Edifício Público, a tratar do negócio. Encontraram-no ainda silencioso e vazio. Apareceu, enfim, um homem e informou-os de que a administração se havia mudado para outra casa, em outra rua. Alguns minutos mais tarde, ei-los na presença do chefe local e do seu numeroso séquito.

Artur de Oliveira Santos fulminou, com o olhar nervoso dos seus olhos escuros, os três pobres empoeirados.

- «E o menino?» perguntou, bruscamente.

- «Que menino?» Então, o Sr. Administrador não sabia que eram três crianças?» O tio Marto dava tempo ao tempo. Acabou lembrando-se de que tinha, de facto, um filho, mas pretendia não ter compreendido que uma personagem tão importante desejava vê-lo.

- «Além disso, Senhor Administrador», acrescentou, «são três léguas daqui à nossa terra e as crianças não podem caminhar tanto assim e não

podem correr o perigo de montar um cavalo ou um burro, porque não estão habituados a isso».

Lembra-se até agora da conversa. «E eu tinha na cabeça algo mais a dizer-lhe: Duas crianças dessa idade num tribunal! Mas segurei a minha língua [2].

Santos censurou amargamente tal negligência e ralhou com António por estar atrasado. Voltou-se rispidamente para Lúcia. Havia ela visto uma Senhora na Cova da Iria Quem pensava ser? Era verdade que a Senhora lhe dissera um segredo? Bem, então Lúcia devia contar o segredo e prometer que nunca mais voltaria à Cova da Iria. Lúcia levantou os olhos e não respondeu.

- «Vais contar-me o segredo?» perguntou outra vez.

- «Não».

O administrador olhou, de relance, para António, que se apresentava acanhado, sonolento como sempre, em pé, de chapéu na mão.

- «Você, aí, acredita nessas coisas de Fátima?»

- «Eu, não, senhor!» disse o pai de Lúcia. «Isso tudo são histórias de mulheres».

- «E você, que diz?» indagou o administrador, olhando para o tio Marto.

- «Estou aqui às suas ordens», replicou o pai de Jacinta e Francisco, «e meus filhos dizem a mesma coisa que eu».

- «Então você pensa que é verdade?»

- «Sim, senhor. Creio no que eles dizem».

Todos os circunstantes puseram-se a rir às gargalhadas.

O tio Marto olhou-os de alto abaixo, com serena compostura. Não temia esses políticos insignificantes.

A opinião de Artur Santos era que não valia a pena inquirir esses dois camponeses rústicos e essa cachopa tão tola. Despediu-os com um gesto, enquanto um dos subalternos os despachava.

O administrador seguiu-os até à porta e disse categoricamente à Lúcia:

- «Se não contares o segredo, isso te custará a vida».

A criança, amedrontada, virou-se ainda para olhar esse rosto carrancudo e feio, emoldurado pela porta. Tinha ares de quem executaria o que prometera.

Caía a tarde, quando voltavam para Aljustrel. Provavelmente, António refez-se da estopada na primeira taberna que encontrou. Lúcia furtou-se às perguntas injuriosas e aos olhares cheios de censura da mãe e das irmãs, para procurar, junto ao velho poço, uns minutos de paz. Francisco e Jacinta lá estavam ajoelhados nas lajes frias. Jacinta cumprira o que havia prometido. Desde manhã, lá ficaram rezando.

«Ai, Lúcia!» gritou correndo a abraçá-la. «A tua irmã disse-nos que eles te haviam matado!» Uma das irmãs mais velhas viera de facto buscar água e talvez tivesse dito isso por brincadeira. Francisco e a irmã acreditaram piamente. Que alívio para os dois verem agora Lúcia em carne e osso. Riram e crubriolaram como faz o vento fresco nos campos requeimados. As lâmpadas dos anjos começaram a brilhar suavemente. O dia seguinte, 12 de agosto, era domingo. Mas não foi nada calmo em Aljustrel. De facto, em cada um dos vilarejos da Serra era grande a expectativa sobre o que iria ocorrer no dia seguinte. Os peregrinos já se haviam posto em marcha, famílias inteiras de camponeses, com cestas de merendas e púcaros de água. Alguns enrolavam cobertores em torno ao pescoço ou carregavam-nos aos ombros, para poderem dormir na grama seca, ao relento. Todos esses pobres andarilhos e também algumas pessoas mais abastadas, em carros e automóveis, começavam a chegar a Aljustrel. Pediam logo para visitar a casa do tio Marto e a de António Abóbora para fazer perguntas, tirar retratos, relatar os favores que desejavam obter de Nossa Senhora, no dia seguinte. Empregos, amores, dinheiro, curas, oonversões, promoções - todos os desejos do coração humano desfilavam ante as três crianças espantadas. Maria Rosa estava quase fora de si. Que insolência a desses

estranhos! E que iniquidade dessa menina a de causar tanto rebuliço com a sua língua. mentirosa! No auge da confusão, Lúcia teve a tentação de aceitar o convite de uma tia de Cascais. Pretendia levá-los todos para sua casa até serenar a excitação que se havia desencadeado. Haviam prometido estar na Cova da Iria no dia 13 de agosto e lá estariam sem falta. Ao entardecer, a casa dos Abóboras estava em completa algazarra. «Nas mãos dessa gente», escreve Lúcia. «éramos como uma bola nas mãos de uma criança. Cada qual nos puxava para o seu lado, fazendo-nos perguntas sem mesmo nos dar tempo de responder a ninguém». No meio dessa confusão toda, quem haveria de aparecer senão três policiais de Ourém? Intimaram-nos a comparecer em casa de tio Marto, onde os aguardava o administrador em pessoa. Mais de uma vez insinuou que talvez íosse a morte o castigo do silêncio que teimavam em guardar.

«Não faz mal», munnurava Jacinta, apertando os lábios. «Se nos matarem, melhor; veremos, então, Jesus e Nossa Senhora». No interrogatório que se seguiu, Santos exigiu a revelação do segredo e a promessa formal de que não voltariam à Cova da Iria. As crianças recusaram-se a isso, alegando não poderem desobedecer à Senhora. Usou então o homem de nova tática: sugestionou-as com afabilidade inesperada, assegurando que o único homem capaz de tratar desses assuntos era o Senhor Prior, Padre Ferreira. Desejava, tão-somente, saber se os pais dos pequenitos teriam qualquer objecção a que comparecessem na reitoria, no dia seguinte, em vez de irem ao encontro marcado na Cova da Iria. Além disso, Fátima ficava no caminho do lugar da aparição. Levariam apenas uns poucos minutos para ver o Sr. Pároco. Com essas palavras, retirou-se da cena com alívio geral.

No dia seguinte, bem cedo, o tio Marto foi capinar perto da casa. Acabada a tarefa, voltou para casa e pôs-se a lavar as mãos, sujas de barro avermelhado, para ir almoçar. Enquanto isso, notou que a sua mulher entrara, gesticulando furtivamente, para indicar que ele devia sair.

- «Está bem, está bem», disse o tio Marto, continuando a esfregar as mãos calosas.

Os gestos de Olímpia tornaram-se mais desesperados.

- «Para quê tanta pressa?» perguntou à mulher. «Já lá vou». E continuou a enxugar as mãos oom a habitual lentidão.

Ainda não havia terminado, um vulto surgiu à porta. Era o Senhor Administrador de Ourém que o fulminava com o olhar.

- «Ah! sois vós, Senhor Administrador?»

- «É verdade. Eu também quero ver o milagre».

O coração de tio Marto bateu-lhe com força. Qualquer coisa havia que não eslava certa. Apesar da habilidade da resposta, notou que Artur Santos parecia nervoso. Lançava olhares furtivos pela casa, aqui e ali, enquanto rapidamente se punha em marcha.

- «Vamos todos juntos. Levarei os pequenos no meu carro. Ver para crer, como S. Tomé. Onde estão as crianças? O tempo corre. É melhor chamá-los».

- «Não é necessário chamá-los», replicou secamenle. «Eles sabem quando devem recolher o gado e aprontar-se para ir». Nisto entraram as crianças. O Administrador prodigalisou-lhes sorrisos e afagos e convidou-os a irem de carro oom ele até à Cova da Iria.

- «Não, muito ohrigado, Senhor Administrador», disse Francisco.

- «Podemos muito bem ir a pé», acrescentou Jacinta.

- «Mas, assim chegaremos mais depressa e vocês não serão importunados pelo povo na estrada».

- «Não se incomode, Senhor Administrador». Era o tio Marto quem assim falava. «Eles podem ir muito bem sozinhos».

- «Além disso», continuou Santos, «teremos mais tempo para pararmos em Fátima, na casa do Prior. Ele deseja fazer-lhes algumas porguntas».

Nenhum deles pôde mais esquivar-se e, cheios de pressentimentos, entraram no carro. Francisco sentou-se na frente, junto do Administrador.

As duas meninas atrás. O tio Marto e o António seguiram a pé. Levaram apenas um ou dois minutos para alcançarem a Igreja. Assim que chegaram, Santos desceu e galgando os degraus da reitoria, chamou:

- «A primeira!»

- «A primeira o quê?» indagou tio Marto, que se arranjava para não perder o carro de vista.

- «Lúcia!» chamou o Administrador, peremptoriamente.

- «Vai na frente, Lúcia, disse o tio e as crianças desceram do carro e entraram no presbitério.

- «Podem ficar aqui por enquanto», acrescentou Santos, dirigindo-se aos mais moços.

O Prior aguardava-os no seu escritório. Era evidente que a reserva bondosa e prudente se havia mudado numa atitude de hostilidade. Talvez se tenha perturbado pela notoriedade crescente do caso e pela oposição das autoridades públicas.

Desejava livrar a Igreja de uma possível perseguição, nessa época em que já estava suficientemente oprimida e atacada.

- «Quem lhes contou essas coisas que andam dizendo por aí?» perguntou.

- «A Senhora que eu vi na Cova da Iria».

Severa estava a fisionomia do Prior.

- «Todos que pregam mentiras como as que vocês andam dizendo, devem ser julgados e vão para o inferno. Cada vez aumenta mais o número de pessoas enganadas por vocês».

- «Se quem mente vai para o inferno, eu não vou para o inferno», disse a menina de dez anos, encarando-o com firmeza. «Porque eu não minto e

digo somente o que vi e o que a Senhora me disse. Quanto ao povo que vai lá, vai porque quer. Nós não chamamos ninguém».

- «É verdade que a Senhora confiou um segredo a vocês?»

- «É, Senhor Prior.

- «Então conte-o.»

- «Eu não o posso contar. Mas se Vossa Reverência deseja saber, eu pedirei à Senhora e se Ela me der licença, eu lhe contarei.»

- «Vem», interrompeu, nesse momento, o Administrador. «Isso são assuntos sobrenaturais. Vamos indo embora».

Levou Lúcia para fora e introduziu-a bruscamente no carro. A criança obedeceu. Santos pulou logo após. Tomou as rédeas e deu uma chicotada.

O tio Marto e o António Abóbora ficaram pensando em voltar a pé agora. Nisto, viram o animal virar rapidamente e entrar na estrada, não no caminho da Cova da Iria, mas em direção oposta.

- «O senhor vai indo pelo caminho errado!» disse Lúcia.

- «Está certo», assegurou Santos, todo satisfeito. «Vamos parar um pouco em Ourém para vermos um instante o Prior. Em seguida, levarei vocês de automóvel para a Cova da Iria. Estaremos lá num instante!»

Encobriu as três crianças com mantas e cobertores para escondê-los dos peregrinos que, em número cada vez mais crescente, se apressavam ao longo da estrada em direção da Cova da Iria.

Assim que o carro desapareceu numa nuvem de pó, o tio Marto e o seu cunhado uniram-se à multidão que se dirigia, pela estrada real, rumo ao local das aparições. Santos comprometera-se a levar as crianças até à Cova e tio Marto presumia, com a sua calma característica, que, por qualquer motivo a ser devidamente explicado mais tarde, o Administrador talvez tivesse tomado outra estrada. Quando os dois homens alcançaram o lugar da cena, meia hora mais tarde, ficaram admirados de se encontrarem com mais

de seis mil pessoas aí reunidas. Alguns tinham vindo a pé, descalços, de cidades distantes, caminhando durante três ou quatro dias, com sacrifícios enormes, para apresentarem os seus pedidos à Virgem. Outros vieram a cavalo, montados em burros ou mulas, outros de bicicletas. Algumas carruagens ou automóveis. Todos perguntavam pelas crianças, pois era quase meio-dia.

Algumas pessoas estavam assustadas e sentiam-se mal. Ouviram dizer que perto da Cova da Iria existiu outrora a cratera de um vulcão extinto, o que era facto. Temiam uma armadilha do demónio, reunindo assim tanta gente boa para abrir um abismo na terra e precipitá-los nas profundezas do inferno. Outros zombavam desse medo. Maria Carreira, da Moita, é que não ia, por causa dessas tolices, perder a aparição de Nossa Senhora. De facto, já havia arranjado uma mesa com flores, como uma espécie de altar ou oratório. Mandara erigir um arco rústico, com umas lâmpadas penduradas para marcar o lugar, à noite. Parece inacreditável, mas disseram que Maria Rosa também contribuíra para essas lâmpadas. Uma das filhas mais velhas ajudou até a arranjar a mesa e o arco.

Mas onde estavam as crianças?

Lá pelas doze horas, algumas das pessoas que se encontravam em torno da azinheira, começaram a rezar o terço. Pouco a pouco, toda a multidão rezava também. Repentinamente, ouviu-se um suave murmúrio, seguido do estrondo de um trovão.

Alguns pensaram que vinha da estrada, outros da carrasqueira e outros ainda que vinha de longe, lá do horizonte distante. Aqui e ali, um grito amedrontado se fazia ouvir: «Vamos morrer!» e alguns começaram a ir-se embora. A maioria, porém, permaneceu silenciosa e muito receosa. Viram, em seguida, um relâmpago e, ao longe, na direção do leste, a flutuar sobre as cabeças, uma nuvenzinha frágil, muito branca, transparente e leve, que pairou lentamente por uns instantes sobre a azinheira. Pouco depois elevou-se outra vez e dissipou-se na imensidão do céu azul. Entreolharam-se, admirados e surpresos. Muitas pessoas afirmam esse facto estranho, o qual Maria Carreira e outros atestam até hoje: as faces pareciam brilhar com as cores do arco-íris. As vestes também ficaram assim todas irísadas de vermelho, amarelo, azul e alaranjado. A folhagem das árvores e dos

arbustos parecia coberta de flores em vez de folhas e até mesmo a terra ressequida se revestia de matizes alegres. «Não há dúvida que a Senhora veio», disse Maria Carreira «mas não encontrou as crianças». Onde andariam esses marotos ? Era a pergunta que aflorava em todos os lábios.

Até esse instante, o tio Marto e o António não se haviam pronunciado sobre a conduta estranha do Administrador. E agora, as pessoas que chegavam traziam a notícia de que os prisioneiros foram levados, primeiro ao Prior e, em seguida, para a própria casa do Administrador, em Ourém.

Fora então o Administrador que estragara a aparição, e havia desapontado a Mãe de Deus!» E o Prior!» A multidão unânime concluía que os dois haviam conspirado juntos para privá-los da aparição. As consequências dessa suspeita caíram sobre as cabeças cansadas dessa boa gente, que andara milhas e milhas para chegar a tempo ou que havia perdido dias de trabalho e de salário para vir honrar Nossa Senhora. Toda a variante de emoções, medo, reverência, expectativa, afecto, esperança e curiosidade fundiam-se na alquimia subtil da emoção coletiva e tomou o carácter de intensa indignação. A assembléia inteira, gélida de indignação, tornou-se como que um monstro: seiscentas cabeças explodiram num acesso de raiva que fez vibrar o ar quente e se ouviu a duas milhas de distância, até Aljustrel. Que sorte não estar presente o Senhor Administrador, nem tampouco o Senhor Prior! Êste estava Convencido de que se tivesse estado na Cova da Iria, teria sido linchado pelo povo. Nota-se essa certeza na carta que escreveu, negando ter sido a causa do tumulto.

Alguns desordeiros começaram a contestar e manifestavam a sua desaprovação no meio da confusão do povo. Uns gritavam: «Abaixo, o Senhor Administrador!» «Abaixo, o Senhor Prior!» Por um instante pensou-se que nem mesmo a distância os livraria das mãos desse tribunal improvisado, composto só de carrascos. Centenas de homens, rugindo de raiva, começaram a se movimentar, como só as multidões se movem, arrastados pelo mesmo objetivo. Olhos esbugalhados que nada vêem a não ser sangue e mãos que se crispam como se já estrangulassem as vítimas.

- «Vamos para Fátima! Ajustar contas com o Prior!»

- «Para Ourém e acabemos com o Administrador!» gritou outro.

- «E com o Regedor», acrescentou um terceiro.

Podiam mesmo ter ido até Fátima e mesmo até Ourém, se não fosse a oposição da presença de espírito de um homem de coragem que, levantando os braços, bradou, em tom autoritário:

- «Eh! Rapaziada! Mais devagar» gritou. «Não façam mal a ninguém. Quem merece o castigo o receberá. Tudo isto pelo poder do Alto!» Até hoje lembra-se tio Marto do que dissera naquele dia. Depois de um momento de hesitação, a população moveu-se, parou, e começou a dispersar-se em grupos.

O tio Marto nem deu importância a isso. Estava mais preocupado com as crianças e cogitava um meio de retirá-las das mãos do raptor.

«E voltei para casa», concluiu, «ondo encontrei a minha mulher soluçando».

NOTAS

[1] Memórias, I, pag. 16.

[2] De Marchi, op. cit., pag. 110.

CAPÍTULO XI

Enquanto a tia Olímpia chorava amargamente, o Administrador de Ourém, todo satisfeito, rejubilava-se com o seu plano atrevido de raptar as crianças. Sentia prazer sardónico em pensar em toda essa gente tola que, piedosamente, esperava por um espectáculo na Cova da Iria. Os principais actores não apareceram.

Que farsa para o Prior! Agora os paroquianos acreditariam que ele estava de conivência com as forças da luz e do progresso! Ele não poderia, nunca, arranjar um meio para se explicar sobre o assunto. O melhor da festa, porém, era que Santos conservava os presos, em sua casa, os três perturbadores da ordem. Antes de os soltar, obrigá-los-ia a revelar o segredo e a contar quem, afinal, era a cabeça de toda essa comédia ridícula da Idade Média. Pretendia deixá-los sozinhos, por um tempo. O terror faria o resto.

Não errou, ao calcular que as crianças se assustariam. Quando os relógios de Ourém começaram, um após outro, a bater solenemente as doze pancadas, entreolharam-se, consternados. Era o momento do encontro prometido à Senhora da Cova da Iria.

Francisco foi o primeiro a recobrar ânimo. «Talvez Nossa Senhora vá aparecer-nos aqui!» disse, esperançoso. Talvez! Esperaram qualquer sinal: um raio de luz, um movimento, uma voz celeste. Nada! Meio-dia passou e nem notícias dela. Jacinta começou a chorar. Francisco disse, com lágrimas na voz:

- «Nossa Senhora deve ter ficado triste por não termos ido à Cova da Iria, e não vai mais aparecer-nos».

E interrogando Lúcia com o olhar: «Virá?»

- «Eu não sei». A mais velha das meninas tornou-se, de novo, impassível.

- «Penso que sim».

- «Oh! Eu quero tanto vê-la».

Lúcia lembra-se que, depois disso, ele ficou todo animado, como um homenzinho, tomando conta da irmã e da prima. Mas Jacinta, ao evidenciar que a última esperança da visita de Nossa Senhora se desvanecia, debulhou-se em lágrimas.

- «Os nossos pais nunca mais nos verão», lamentava-se. «Nunca mais terão notícias nossas».

- Não chores, Jacinta», dizia-lhe o irmão. «Vamos oferecer isto a Jesus pelos pobres pecadores, como a Senhora nos ensinou».

E, olhando para o céu, fazia o seu oferecimento. «Meu Jesus, é por vosso amor e pela conversão dos pecadores!»

- «E pelo Santo Padre também», soluçava Jacinta, enxugando as lágrimas. «E em reparação pelos pecados contra o Imaculado Coração de Maria», acrescentou, quase sufocada. Depois disso, a pequenita ficou corajosa até ao cair da tarde. Nesse momento começou a pensar na mãe.

Na manhã seguinte, às 10 horas, o Administrador veio buscá-los para irem à Câmara, onde sofreram outro longo e exaustivo interrogatório. O resultado foi o mesmo: insistiam, dizendo terem visto uma linda Senhora envolta em luz e que lhes dissera um segredo. Recusaram revelá-lo, apesar das ameaças de prisão, tortura e morte. Ao meio-dia, estavam tão exaustos que lhes foi um alívio voltarem para a casa do Administrador, especialmente quando viram como a Sra. Santos havia preparado uma boa merenda para os três. A esposa do Administrador, tal como a de Pilatos, tinha mais tino e compaixão e tratou dos pequenos prisioneiros com carinho e bondade maternas. O marido, por outro lado, tinha resolvido não os libertar, enquanto não obtivesse qualquer confissão que poria termo a essa espécie de infeliz epidemia de misticismo que infestava o distrito. Disse-lhes secamente: Já que os bons modos e a tolerância não haviam produzido efeito sobre eles, ia mandá-los para a cadeia. Isso seria já!

A cadeia da cidade estava longe de ser um lugar limpo e atraente. As celas eram escuras, húmidas e impregnadas de um odor inqualificável. Os

sons ecoavam lugubrememente através das paredes, reforçadas com barras de ferro para separá-los do mundo dos homens livres. A maioria dos malfeitores, provavelmente batedores de carteiras, ladrões profissionais, assaltadores de bolsas, bebedos, desordeiros, bandoleiros de tabernas, estavam todos reunidos numa mesma sala comum. As três crianças foram, sem cerimónias, introduzidas entre eles.

Tremeram de medo e instintivamente foram encolher-se perto do uma janela de grades, numa das extremidades da sala. Jacinta olhou para fora, avistou a praça do mercado de Ourém e pôs-se a chorar.

Lúcia abraçou-a. «Por que choras, Jacinta?»

- «Porque vamos morrer e não veremos nunca mais os nossos pais. Eu queria ver a minha mãe!»

Francisco dizia: «Se não virmos a nossa mãe nunca mais, paciência! Vamos oferecer isso pela conversão dos pecadores. O pior será se Nossa Senhora não voltar mais. É isso que me atormenta. Mas vou oferecer isso também peia conversão dos pecadores». Mesmo depois dessas palavras tão corajosas, o menino se angustiava, de tempos em tempos, com a ideia de que N. Senhora podia não voltar mais. Então, as outras duas o animavam.

Tudo o de que Lúcia se recorda acerca dos prisioneiros é que, entre eles, havia um ladrão, um bom ladrão, lá a seu modo. Deixa que imaginemos o que eram os outros. Talvez muitos desses mendigos, tão comuns em Portugal, que andavam dormindo ao léu, cobertos de trapos imundos, infestados de pulgas e exalando o cheiro acre do solo vermelho, em que se deitavam. Talvez, muitos bêbedos inveterados. Talvez, aventureiros, salteadores, quem sabe até assassinos. Homens perdidos e renegados. Barbados, de bocas sinistras, olhos pesados e sensuais, expressões sem vida e sem esperança. A pior escória da terra, a mais escorraçada gentalha de Portugal, talvez mesmo do mundo. Foi pena eu não ter pedido à Irmã Maria as Dores que descrevesse esses pobres coitados. Era frisante o contraste entre aqueles bandidos e esses três inocentes de olhos tão puros e espirituais. Deviam destoar, inevitavelmente, como os publicanos que andavam oom Cristo e os ladrões, entre os quais Ele morreu.

Um olhar apenas bastou para as meninas averiguarem em que companhia estavam. Começaram novamente a chorar. «Eu quero ver a minha mãe!» lamentava Jacinta.

- «Eu quero a minha mãe!

Francisco procurava acalmá-la, como há pouco, dizendo: «Vocês não querem oferecer este sacrifício pela conversão dos pecadores, pelo Santo Padre e em reparação dos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria?»

- «Sim, quero. Quero, sim!»

O pequeno pôs-se de joelhos e as meninas seguiram-lhe o exemplo, repetindo o oferecimento: «Ó meu Jesus, é por vosso amor, pela conversão dos pecadores, pelo Santo Padre e em reparação pelos pecados cometidos contra o Imaculado Coração de Maria!

Cenas e palavras tais não deviam deixar de chamar a atenção dos outros prisioneiros e começaram a se aproximar, um após outro, do grupo das crianças ajoelhadas. Por fim, principiaram a fazer perguntas, todos simpáticos e amáveis.

Souberam, então, quem eram as crianças e por que estavam ali. Tentaram consolá-las e dar bons conselhos.

«O meio mais fácil de saírem daqui», disse um deles, «seria contar o segredo ao Administrador, já que ele deseja tanto sabê-lo».

«Mas a Senhora não quer que o contemos».

«Que importa a vocês que a Senhora goste ou não?»

«Eu prefiro morrer!» respondeu Jacinta, energicamente, e os outros dois eram da mesma opinião.

«Vamos rezar o terço». Os três tomaram os terços. Jacinta tirou do pescoço uma medalha de Nossa Senhora, amarrada a um barbante. Entregou-a a um prisioneiro alto, pedindo-lhe que por favor a pendurasse

num prego da parede. Fle obedeceu de bom grado. Todos observavam com curiosidade e achando isso divertido. Os três ajoelharam-se e, fixando os olhos com fervor na medalha, começaram o terço.

«Creio em Deus, Padre... Padre-Nosso... Ave Maria...» À vista desses rostinhos voltados para o céu o o som dessas palavras tão familiares em Portugal, mais de um condenado não resistiu. Muitos ajoelharam-se e puseram-se a rezar também. Mesmo os que se conservavam a distância murmuravam frases que há anos não diziam. Francisco fez uma pausa e disse: «Quando se reza não se fica de chapéu na cabeça». Um pobre coitado atirou o chapéu ao chão. O pequeno apanhou-o, colocou-o cuidadosamente em cima de um banco e continuou a oração. Quantas reminiscências da infância, de esposas devotadas, de esperanças frustradas e sonhos irrealizados devem ter passado por essas mentes rebeldes, naquela tarde de agosto! Ao acabar a reza, fez-se um silêncio impressionante, seguido de um arrastar de pés. Levantaram-se todos. Jacinta foi para junto da janela de grades e começou a soluçar de novo.

- «Jacinta» disse Lúcia, acompanhando-a.

- «Não queres oferecer este sacrifício a Nosso Senhor?»

- «Quero, sim, mas, quando me lembro da minha mãe, não posso deixar de chorar».

Isso comoveu os prisioneiros. Interessaram-se todos por Jacinta. Um deles foi buscar uma harmónica que conseguira levar consigo. Esboçou os acordes que todo o tocadour de harmónica preludia, como para acariciar o instrumento e assobiou o melhor que podia. Alguns outros começaram a cantar. Sentiram-se logo alegres, porque a música tem o dom de afastar a tristeza. Os olhos de Jacinta secaram-se aos poucos e chegaram mesmo a brilhar de interesse, quando um dos presos lhe perguntou se sabia dançar.

- «Sabemos dançar o fandango!»

- «E o vira também!»

Lúcia recorda como, então, Jacinta, se tornou a parceira de um pobre ladrão que, achando-a pequena, terminou dançando com a menina ao colo. Logo todos se deixaram levar pela alegria. O soalho vergava com o arrastar dos pés e as pancadas dos sapatos ferrados. Os sons desafinados e roucos daquelas vozes fanhosas misturavam-se aos gemidos cadenciados da harmónica.

A cena grotesca foi interrompida por um barulho lá fora e subitamente a porta abriu-se. Um policial entrou. «Sigam-me, ordenou às crianças. Obedeceram e encontraram-se logo no gabinete do Administrador.

Santos pedia ainda que revelassem o segredo. Obteve apenas um silêncio impassível. Tomou ares de quem havia perdido a paciência e disse friamente:

«Está bem. Procurei fazer tudo para salvá-los. Mas, já que não querem obedecer ao governo, vão ser postos num caldeirão de azeite a ferver».

Deu ordens em voz alta. Abriu-se uma porta e apareceu um guarda de feições horrendas. Deve ter sido escolhido a dedo para o papel que ia desempenhar. Seguiu-se um diálogo mais ou menos assim:

- «O azeite está hem quente?»

- «Sim, Senhor Administrador».

- «Vamos, levem esta menina e deem-na no caldeirão».

Apontou para Jacinta. O guarda apanha a pequena e leva-a embora sem que ela tenha podido despedir-se. Chegou afinal o momento terrível! Lúcia começou a rezar com fervor. Francisco disse uma Ave-Maria para que a irmãzinha tivesse a coragem de morrer antes de contar o segredo. Os dois não duvidavam de que ela já estivesse na última agonia e que lhes restava apenas alguns minutos mais de vida. Estavam resolvidos a morrer com ela. A morte, para eles, não era tão terrível como para as outras crianças.

- «Que nos importa se nos matarem?» murmurou Francisco. «Iremos direitinhos para o céu».

A porta abriu-se e o terrível guarda voitou: «Ela está frita», disse com um suspiro de satisfação. «Agora o seguinte!»

Com isso agarrou o Francisco e arrastou-o para fora. Lúcia ficou só com o Administrador.

- «Em seguida serás tu», e observou: «Seria melhor que me contasses o segredo, Lúcia».

- «Prefiro morrer».

- «Pois bem. Morrerás».

O guarda voltou e levou-a embora. Conduziu-a através de um corredor escuro para outro quarto. Aí encontrou Jacinta e Francisco, ambos ilesos, mudos de alegria e surpresa. Haviam dito aos dois que Lúcia estava a frigar no azeite. Estava descoberto o jogo e a tragédia transformara-se em farsa.

Santos não podia conformar-se por se deixar assim ludibriar por essas crianças. Conservou-as em sua casa ainda essa noite no mesmo quarto. Na manhã seguinte, novo interrogatório na Câmara. Ao falhar este também, declarou que não mais precisava dos pequenos e mandou-os para Fátima.

Era uma quarta-feira, 15 de agosto de 1917, festa da Assunção de Nossa Senhora.

Manuel Pedro Marto e a senhora Olímpia foram a Fátima aquela manhã. Parecia o casal mais triste e abatido do mundo. Durante dois dias e duas noites de pesadelos, não tiveram a menor ideia onde poderiam estar os seus filhinhos. Aparentemente, pareciam acreditar nos boatos que diziam ter o Administrador transferido as crianças para a prisão de Santarém, o maior e o mais anticlerical centro de fanatismo. Talvez fosse por isso que o tio Marto, sempre tão corajoso, não tivesse tentado libertá-los. Isso também vinha pôr em evidência o estado actual de liberdade civil sob o regime republicano. que tanta oratória havia gasto para combater a tirania da monarquia decadente. Nada de importante havia sido feito ainda para melhorar a situação do proletariado. O tio Marto não se julgava pobre. Possuía propriedades no valor de 8 a 10 contos. Isso, mais o seu trabalho,

era o bastante para satisfazer os seus modestos desejos. Já havia ganho um processo contra um oficial que o lesara de maneira criminosa. Advogados e litígios, no entanto, são luxos que um camponês não pode usar, mesmo quando se orgulha, como o tio Marto, de não ser um pobretão. Resolveu, pois, voltar-se para Deus a seu modo, e pedir-lhe, com humildade, que lhe arranjasse isso tudo. Olímpia, confiante, rezava o terço. E na festa da Assunção foram assistir à Missa, como de costume, na Igreja de Santo António.

Por toda parte, só se falava no rapto das crianças. Entretanto, ninguém sugeria a ideia de ir buscá-las ou de obter qualquer informação acerca do lugar em que estavam. Depois da Missa, António, o enteado de tio Marto, trouxe a notícia de que os pequenos tinham sido vistos em Ourém, brincando na varanda da casa do Administrador. Essas notícias precisavam de ser averiguadas. Mas antes mesmo que ele pudesse pensar em ir até lá, ouviu alguém contar que os pequenos já estavam em Fátima, à porta da Reitoria. Tinham agora certeza das falcatruas do Administrador. O tio Marto correu a estreitar Jacinta nos braços, com os olhos rasos de lágrimas. Francisco e Lúcia precipitaram-se também ao seu encontro, pedindo -lhe a bênção.

«Bem, aí estão os seus filhos», disse o oficial de Ourém, como se estivesse anunciando um grande favor. Por sorte dele, antes que o tio Marto pudesse responder, um tumulto se levantou na praça em frente da Igreja, onde o povo se aglomerara para conversar depois da Missa. Palavras ásperas pairavam no ar. Grupos violentos, de punhos cerrados, estacionavam aqui e ali. O padre Ferreira apareceu na porta lateral da Igreja, muito zangado. Estava terminando a sua ação de graças no genuflexório, junto ao altar, quando o vozerio lhe chamou a atenção. Percebendo o tio Marto na porta da Reitoria, pensou fosse ele o responsável pelo tumulto.

«Ó senhor Marto, você está aqui a me importunar injustamente», exclamou. O pai de Jacinta e de Francisco não soube o que responder. Assim que o Pároco voltou para dentro da Igreja, virou-se para o povo e disse: «Eh, rapazes, portem-se bem! Alguns de vocês gritam contra o Prior, outros contra o Administrador, outros contra o Regedor. Aqui não há culpa

de ninguém. A culpa é da má fé e tudo é permitido pelo poder do Alto! O Prior ouviu tudo da janela da Igreja, apoiou com a cabeça e gritou:

«Muito bem! Senhor Manuel, diz muito bem!»

Nesse instante apareceu o carro com o Administrador, de volta para casa - não da Missa, mas do botequim - e concluiu, como havia feito antes o Prior, que o tio Marto excitava o povo à vingança. Pôs-se a gritar:

«Pare com isso, senhor Marto!»

«Está bem, está bem! Não há novidade alguma». O tio Marto esperou resolutamente a aproximação do inimigo. Percebera certos pormenores com que o ferreiro não atinara: Um grupo de rapazes, armados de paus e cacetes, adiantava-se em direcção ao Administrador. Santos dirigiu-se, quase jovialmente, ao pai de Jacinta e Francisco. «Senhor Marto, venha tomar um copo de vinho comigo!»

«Não é preciso. Muito obrigado»

Segundo relata Marto, a situação era crítica, porque os rapazes se aproximavam sempre mais. Algo se devia fazer para evitar rixas e derramamento de sangue. Rapidamente, o tio Marto colocou-se ao lado de Santos, dizendo: «Com respeito ao convite, talvez convenha que eu aceite». Surpreendido agradavelmente e totalmente inconsciente do perigo que estava correndo, o Administrador tomou-lhe o braço e atravessaram assim a Praça da Igreja em direcção a um botequim, perto do cemitério.

«Pode perguntar às crianças se as maltratei», começou o ferreiro, sentindo-se constrangido diante do olhar prescrutador do companheiro.

«Está bem, está bem, senhor Administrador! Não há dúvida. O povo se encarrega de fazer mais perguntas do que eu».

Só então, Santos percebeu os rapazes armados, hesitando ainda se o atacavam ou não. Mas a intenenção do tio Marto tinha sido benéfica. O administrador atingindo a porta do botequim, começou a pedir pão, queijo e vinho. Pôs-se a falar loquazmente, ao sentarem-se junto a uma mesa. Entre

outros assuntos, tentou convencer o pai de que as crianças lhe haviam confiado o segredo.

«Pois sim, está bem!» disse o camponês com sorriso sagaz. «Não o contaram ao pai nem à mãe e contaram ao senhor Administrador! Acredito perfeitamente». Bebeu um copo de vinho e pediu licença para se retirar. Ao saírem do botequim, o Administrador ofereceu-lhe uma passagem até ao Correio. O povo ao longo da estrada dizia: «O tio Marto falou demais e o ferreiro o leva preso [1].

Enquanto isso se passava, Lúcia e os seus primos, seguidos de alguns curiosos, foram ao local da aparição - a meia légua de distância - (e isso antes de irem para casa, lembra-se tio Marto) rezar o terço diante da árvore. Pobre da azinheira! Apenas alguns ramos haviam ficado. O povo apoderara-se das folhas de cima e até mesmo de alguns galhos, como lembrança e relíquia. Perto estava a mesa com dois candelabros e algumas flores. Maria Carreira aí os tinha colocado no dia 13 de agosto.

A boa mulher da Moita não imaginara que responsabilidade estava assumindo. Algumas moedas haviam sido colocadas sobre a mesa. Com os empurrões, durante a confusão, quando da descoberta do rapto, o dinheiro caíra por terra. Em altas vozes, chamaram-lhe a atenção para o facto. «Mulher! Apanhe esse dinheiro! Tome conta dele! Olhe que não perca nada!» Todos admitiam que ela era a guardiã oficial do oratório. De joelhos, tentou reunir todas as moedas que achou. Juntou-as todas na mesa. O total montava a 1 340 reis.

Terça feira, dia 14, Maria Carreira levou esse tesouro, numa bolsa, para casa de tio Marto. Este recusou aceitá-lo, dizendo sarcasticamente: «Não me atentes, mulher, que atentado já estou». Ofereceu-o em seguida a Lúcia. Lembra-se de que a menina disse: «Deus me livre! Eu também não o quero». A pobre mulher resolveu então entregá-lo ao Prior de Fátima. O coração do P. Ferreira por esse tempo estava aos pedaços com toda essa história da Cova da Iria que lhe roubara a tranquilidade e o sossego da paróquia. Empurrou esse dinheiro, como se fõra maldito. «Subiu-me também a mostarda ao nariz», recorda Maria, com dignidade. «Bem! Eu também não o quero. Vou colocá-lo no mesmo lugar onde o encontrei". O

Prior levantou as mãos protestando: «Não faça isso, mulher! Guarde-o ou entregue-o a alguém que o guarde até vermos em que fica isso tudo».

Maria Carreira levou o dinheiro para casa e escondeu-o. Mas não ficou em paz. Toda a gente desejava saber o que ela pretendia fazer com essa importância. Se um de seus filhos andava de sapatos novos, os olhares espantados eram bastante significativos. Certo dia, uma comissão de quatro homens veio pedir a quantia. Disseram que iam construir uma capela no lugar das aparições.

«Não lhes darei nem um vintém, respondeu-lhes Maria. Depois pensou que estava errada. Talvez fosse N. Senhora que desejava uma capelinha. Correu para Fátima e tornou a oferecer o dinheiro ao Prior: «Não, ele não aceitaria, nem um vintém».

Finalmente, lembrou-se de que o dono do terreno onde se tinha juntado o dinheiro era o pai de Lúcia. Se alguém devia ter algum direito sobre a quantia era ele. Aliás, o seu consentimento seria necessário, no caso de se construir uma capelinha ali. Ela temia António Abóbora! Contaram-lhe o que ele dissera a seu respeito: «Se apanho lá na Cova a mulher da Moita, as coisas não ficam assim!» E alguns aconselharam-na a que o evitasse, principalmente quando estivesse sob o efeito dos copinhos. Talvez a melhor ocasião para falar com ele seria logo depois da Missa. Domingo, 19 de agosto, num assomo de coragem, foi, não sem receio, ter a casa dele, em Aljustrel.

Tratou de assegurar-se de que ele não havia bebido.

«Disseram-me que o senhor António está muito ofendido» começou, «porque tenho ido lá nas suas terras colher umas flores etc. Queria pedir lhe licença para continuar a ir lá».

«Pode apanhar quantas flores queira, replicou, inesperadamente, todo amável. «O que eu não admito é que construam uma capela na minha propriedade. Algumas pessoas já me pediram isto, mas eu recusei.»

Maria agradeceu o retirou-se. Achou melhor não falar no dinheiro. Mas teve outra ideia. Foi ver Lúcia, outra vez e pediu-lhe que perguntasse a

Nossa Senhora, na próxima aparição, o que se devia fazer com essa quantia. A menina disse que o faria no dia 13 de setembro.

Nesse mesmo domingo de manhã, 19 de agosto, Lúcia e Francisco e seu irmão João foram levar o rebanho para pastar na Serra. Lúcia estava de bom humor. Era delicioso sentir-se livre nesse dia tão lindo! Livre! Tal como esses passarinhos que se precipitavam quais flechas azuis! Ou, então, como aquelas borboletas brancas, esvoaçando cada vez mais lentamente...

Ou mesmo como as cigarras que trilam, monótonas, nas árvores ao lado. Os três andaram a passos largos, conversaram e rezaram. Lá pelas quatro horas da tarde, achavam-se numa espécie de cavidade chamada Valinhos, no declive norte do Cabeço, a meio caminho entre a gruta e Aljustrel. Aí, a estrada estreita fazia uma curva brusca. Margeavam-na, de um lado, enormes oliveiras e do outro, um velho muro de pedras desmoronado que deixava apenas uma passagem para as campinas estéreis e rochosas. Um pouco além, ficavam uns tufos de oliveiras sombrias, alguns pinheiros escuros e uns pés de azinheiras mirradas.

Repentinamente, Lúcia começou a notar uma mudança sutil na atmosfera. Não era a ameaça de uma tempestade, parecia mais aquela misteriosa sensação que sempre pressagiava as visitas sobrenaturais. Olhou para Francisco e viu que não se enganara. Era isso mesmo. Sim, a Senhora ia chegar... E Jacinta não estava presente.

Pediram a João que fosse buscá-la, enquanto os dois ficavam vigiando o rebanho. Ofereceram-lhe dois vinténs e ele consentiu, afinal. Pôs-se a correr em direção a Aljustrel. Ansiosos, os dois seguiam-no com o olhar...

Alguns minutos mais tarde, um relâmpago, exactamente como aquele que precedia a chegada da Senhora. Viram Jacinta vir correndo a toda a pressa, freneticamente, para junto deles. Chegou ofegante, fazendo mil perguntas.

As folhas acinzentadas das oliveiras farfalhavam com fulgores de prata, sob a luz da tarde que morria... Devia ser assim a paisagem montanhosa da Judeia, quando Maria foi, também a toda pressa, ter com a sua prima. Mais fulgurante, porém que o brilho macio das oliveiras era o esplendor que

revestia agora a brecha do muro, logo acima de uma azinheirinha igual à da Cova da Iria. Em meio do fulgor de uma luz que não parecia da terra, eis o lindo semblante familiar, olhando tão enternecidamente para os pequenos apóstolos que já tanto haviam sofrido por amor dela!

«Que é que Vossemecê me quer?» perguntou Lúcia, quase que automaticamente. «Quero que continueis a ir à Cova da Iria no dia 13 e que continueis a rezar o terço todos os dias. No último mês, farei um milagre para que todos creiam nas minhas aparições.»

Lúcia lembrou-se do que prometera a Maria Carreira.

«Que é que Vossemecê quer que se faça do dinheiro que o povo deixa na Cova da Iria?»

«Façam-se dois andores. Um será levado por ti, com Jacinta e outras duas meninas vestidas de branco; o outro, por Francisco com mais três meninos. O dinheiro dos andores é para a festa de Nossa Senhora dos Prazeres. O que sobrar é para ajudar a construir uma capela».

«Eu queria pedir a cura de alguns doentes».

«Sim. Alguns curarei durante o ano».

A Senhora fez uma pausa e continuou, depois, muito triste:

«Rezai, rezai muito e fazei sacrifícios pelos pecadores, pois vão muitas almas para o inferno, por não haver quem se sacrifique e peça por elas».

Nisto, afastou-se em direção do leste e desapareceu [2].

As crianças ficaram, por longo tempo, num estado de alegria intensa... Alegria tanto mais suave e profunda, depois de tantos reveses e vexames que sofreram. Justamente havia nove dias, tinha Lúcia ido para Ourém, levada pelo pai para a primeira entrevista com o Administrador. Que novena! Tudo parecia ir de mal a pior, até o desfecho desesperador; no entanto tudo terminara em vitória e acções de graças.

Afinal, sentiram-se novamente capazes de se mover. Cortaram alguns galhos da árvore sobre a qual a Senhora pousou e levaram-nos para casa. O tio Marto lembra-se ainda do perfume penetrante que sentiu, qualificado por ele de «magnífico». Até mesmo Maria Rosa foi obrigada a admitir uma fragrância singularmente suave, que nunca havia sentido até então. Aos poucos, ela se ia abrandando. Mas continuava a sustentar, ainda, que era um verdadeiro absurdo esse de a Mãe de Deus estar aparecendo assim a uma menina dessas, como Lúcia.

NOTAS

[1] Assim termina o relatório de tio Marto, no livro do Padre De Marchi, op. cit., pags. 127 e 129.

[2] É o que Lúcia se recorda da conversa. Memórias, IV, pag. 40.

CAPITULO XII

Andavam os três pequenos entretidos a conversar sobre os acontecimentos, pela estrada de Aljustrel, quando Lúcia notou, bem junto dos seus pés descalços, um pedaço de corda grossa. Apanhou-a displicentemente. «Ui! A grossura e aspereza da corda magoaram-lhe o braço. Teve uma ideia. «Olhem. Isto magoa! Podemos amarrá-la à cintura e oferecer a Deus este sacrifício. Dividiram-na, imediatamente, e cada um recebeu um pedaço para enrolar à cintura em cima da pele.

Noite o dia, usavam esse cilício improvisado, que irritava a pele, coçava, a ponto de feri-los e não poderem tolerá-lo mais.

Às vezes impedia-lhes o sono e passavam noites inteiras sem dormir. Que vale a saúde, comparando-a às almas a livrar do inferno? Que é o conforto ante as alegrias eternas do Céu?

O que feria Jacinta, mais que o cilício, era ouvir blasfêmias. Em tais ocasiões, cobria as faces com as mãozinhas e dizia: «Oh meu Deus! essa genle não sabe que dizendo essas coisas pode ir para o inferno. Perdoai-lhes, meu Jesus, e convertei-os». Rezava logo a oração que a Senhora lhes ensinara a acrescentar ao terço.

Eram evidentes os sinais de que tais penitências agradavam a Deus. Jacinta, particularmente, progredia no caminho da santidade. Tornara-se mais paciente, mais resignada, mais carinhosa. Teve muitas visões de factos que se dariam mais tarde, e, segundo Lúcia, recebeu em pequena o dom de ciência infusa. Rezou, certo dia, três Ave-Marias por uma pobre mulher muito doente e todos os sintomas da doença desapareceram.

Existia, em Aljustrel, outra mulher que não perdia a oportunidade de injuriar as três crianças, chamando-lhes mentirosas e impostoras. Em lugar de se zangar, Jacinta dizia: «Precisamos de pedir a N. Senhora que converta esta mulher. Tem tantos pecados e se não os confessar irá para o inferno!» Ofereceram por ela muitas penitências. Nunca mais a ouviram proferir sequer uma palavra menos bondosa.

Seria difícil aos pequenos dizer o que mais os aborrecia: se a chusma de devotos, ou pretensos devotos que se apinhavam diariamente, em suas casas, tornando impossível a vida da família, ou a estranha oposição da maioria do clero e de muitos católicos sinceros que aceitavam, para o caso, a opinião dos carbonários, radicais e liberais de todos os matizes de incredulidade. Eles, ao menos, não podiam servir de motivo de escárnio: não iam, a todo o instante, bater à porta de Lúcia, pedindo pedaços de seu lenço como relíquia. Não insistiam em tocar-lhe os cabelos nem tampouco apuravam se Lúcia recordava, quando vira Nossa Senhora, todos os sintomas da doença da prima Quitéria. Ou, então, se não esquecera de todos os inúmeros qualificativos do Irmão António, ao pedir um emprego melhor. As diatribes da imprensa anti-clerical também não davam que fazer em Aljustrel, porque ninguém as lia.

Entretanto, de vez em quando, a oposição tentava causar distúrbios. Havia um jornalísla, chamado José do Vale, editor de um jornal anarquista, «O Mundo». Possuía o dom incansável de escrever panfletos com tais requintes de habilidade na arte de dizer injúrias e invectivas, que os inimigos a atribuíam ao hábito de esvaziar alguns copos antes de se pôr a escrever. Dava asas à sua indignação, diante do escândalo da Cova da Iria, em panfletos que fervilhavam em Torras Novas, Ourém e outros lugarejos da Serra.

Os humildes cristãos da Serra podiam alegrar-se e até consolar-se, mutuamente, com as palavras: «Se o mundo vos odeia, não vos esqueçais de que a Mim, também Me odeia. Se fosseis do mundo, o mundo vos amaria como sendo dele. É porque não sois do mundo e porque Eu vos escolhi, que o mundo vos odeia». O editor do «O Mundo» não cessava as denúncias contra os padres, os jesuítas trapaceiros, supersticiosos e ignorantes. Convidava todos os liberais, e todos os amigos do progresso e do iluminismo para um comício, no próximo domingo, logo após a Missa paroquial. Essa reunião teria, como escopo principal, resolver quais as medidas a serem tomadas no sentido de desmascarar e castigar os autores e comediantes dessa farsa da Cova da Iria.

Ao saber disso, o Prior de Fátima, muito discretamente, fez correr a ordem entre os paroquianos para se reunirem para a Missa dominical, na

Capela de Nossa Senhora da Ortiga, a duas milhas de distância. O número considerável dos descrentes, reunidos junto à Igreja, não encontrou quase ninguém, a não ser os próprios comparsas: o Administrador de Ourém, o Regedor Francisco de Silva e o referido José do Vale. Desapontados, mas intrépidos, resolveram ir até à Cova da Iria.

Os católicos de Lomba d'Égua e de Moita já esperavam por essa. Certo camponês, dono de um bom número de burros, os havia amarrado à azinheira, perto da cena das aparições. Assim que os liberais se aproximavam, chegou ao nariz de cada animal certo líquido, garantido como o meio mais eficaz para fazer zurrar os burros o mais alto possível. O zurro desses animais é sempre ensurdecidor, mesmo em circunstâncias favoráveis. É o som mais tétrico, para não dizer infernal, que possa emitir um ente vivo. Em noite escura e em lugar deserto, evoca cenas de carnificinas, gemidos de agonizantes em batalhas encarniçadas, uivos de feras, lamentos de almas perdidas. Não foi, pois, nem conciliadora nem acolhedora a música que recebeu as forças do progresso e do iluminismo, ao atingirem o morro. E, como insulto final, encontraram, perto da azinheira onde aparecera a Senhora, enormes pilhas de feno e capim, à espera deles. Os chacareiros de Moita os colocaram ali, à guisa de boas-vindas para uma delegação de honra.

Para maior certeza de que a subtileza da injúria não passaria despercebida, um grupo de pessoas de Moita, inclusive Maria Carreira, postava-se num morro perto, para explicá-la, em altas vozes e com fortes escárnios. Isso enfureceu tanto os recém-chegados, que se puseram a gritar inconveniências contra os católicos e a Igreja. Os fiéis respondiam, gritando por sua vez: «Vivam Jesus e Maria! Vivam Jesus e Maria! Isso despertou novos insultos dos arruaceiros. E os gritos iam e vinham, através do ar límpido da Cova da Iria. Os católicos gritavam: «Ó burros, ó burros, ó bestas! E os livres-pensadores replicavam: «Botas da Serra! Botas da Serra!

A presença de alguns policiais pôs termo, em boa hora, a essa algazarra. Mas o incidente revelava com que ansiedade os montanhese, crentes e incrédulos, aguardavam o dia 13, data em que, segundo as crianças, a Senhora prometera voltar à Cova da Iria. Já no dia 12 de setembro, a estrada estava repleta de peregrinos. Ao entardecer, as casas dos Martos e dos

Abóboras estavam completamente cercadas, como das outras vezes. A maior parte do povo dormiu ao relento. Ao surgir o dia 13, havia centenas de pessoas em Aljustrel e na Cova da Iria, rezando o terço ou a ladainha de Nossa Senhora.

Lá pelas tantas, os três pequenos estavam prontos para partir para o lugar da aparição. A estrada principal estava, porém, tão repleta que era impossível passar. «Todos queriam ver e falar connosco», escreveu Lúcia. Não havia respeito humano nessa multidão! Muitas pessoas e até fidalgos e gente distinta, empurrados por ela, ajoelhavam-se diante de nós, implorando-nos apresentar os seus pedidos a Nossa Senhora.

Outros, impossibilitados de chegarem perto, gritavam:

- «Pelo amor de Deus, peça a N. Senhora que cure o meu filho aleijado».

- «Peça que cure o meu que é cego!»

- «O meu que é surdo!»

- «E que meus filhos, voltem da guerra!»

- «E o meu marido, também!»

- «E que converta um pecador para mim!»

- «Que me dê saúde, porque sou tuberculosa!»

«E assim por diante. Apareciam, nesse lugar, todas as misérias da pobre humanidade», continuou Lúcia. «Alguns gritavam até dos topos das árvores e de cima dos muros, onde trepavam para nos ver passar. Dizendo sim para uns, estendendo a mão para ajudar outros a se levantarem do chão, conseguimos passagem, graças a uns senhores que iam à frente, abrindo caminho por entre a multidão.

«Agora, ao ler no Novo Testamento as cenas encantadoras da passagem de Nosso Senhor pela Palestina, lembro-me das que Nossa Senhora quis que fosse eu testemunha, apesar do tão criança, nessas pobres estradas e

ruas de Aljustrel a Fátima e à Cova da Iria. Dou graças a Deus e ofereço-lho a fé do bom povo português». E fico pensando: «Se esse povo se humilha tanto diante de três pobres crianças, unicamente porque tiveram a graça de falar com a Mãe de Deus, que não faria se visse Jesus Cristo em pessoa?... Finalmente, chegámos à Cova da Iria, perto da carrasqueira, e eu comecei a rezar o terço com a mullidão».

Ai! Quanta gente! A multidão era maior que nunca, composta de peregrinos, vindos de toda a parte de Portugal. No meio dos camponeses descalços, viam-se ricos e pobres, operários, senhoras e senhores de muitas cidades e aldeias, uns trinta seminaristas e cinco ou seis padres. Entre estes, Monsenhor João Quaresma. Outro era o Reverendo Padre Manuel Pereira da Silva, então cura de Leiria, que veio ao local (assim disse-me ele) somente por curiosidade e sem o menor preconceito de qualquer espécie. Esses padres e mais o Prior de Santa Catarina e Monsenhor Manuel do Carmo Góis haviam saído cedo de Leiria, nessa manhã de setembro num carro a guinchar, puxado por um cavalo decrépito. Ao chegarem, afinal, depois de uma viagem penosa, arranjaram um bom lugar numa das elevações do terreno, de onde se descortinava o anfiteatro natural, já repleto de gente.

«Ao meio-dia, fez-se completo silêncio. Ouvia-se apenas o ciciar das preces, escreveu Monsenhor João Quaresma, quinze anos mais tarde. «Subitamente ouviram-se gritos de júbilo, vozes a louvar Nossa Senhora. Braços ergueram-se a apontar para qualquer coisa no alto. «Olhem, não vêem?»... «Sim, vejo agora! No céu azul não havia uma nuvem. Também eu levanto os olhos e me ponho a perscrutar a amplidão do céu, para ver o que os outros, mais felizes, contemplaram primeiro que eu... Com grande admiração minha, vi clara e distintamente um globo luminoso que se movia do nascente para o poente, deslizando lento e majestoso, através do espaço. O meu amigo olhou, também, e teve a felicidade de gozar da mesma inesperada e encantadora aparição... Repentinamente, o globo, com a sua luz extraordinária, sumiu-se aos nossos olhos...»

«Que pensa daquele globo?» perguntei a meu amigo, que se mostrava entusiasmado por quanto havíamos visto.

«Que era Nossa Senhora,» respondeu sem hesitar. Era essa, também, a minha convicção. Os pastorinhos contemplavam a própria Mãe de Deus; a nós fora-nos concedida a graça de ver o carro que a tinha transportado do céu às charnecas inóspitas da Serra de Aire.

«Devemos dizer que todos os que estavam ali tinham observado o mesmo que nós, porque de todas as partes se ouviam manifestações de alegria e saudações a Nossa Senhora. Muitos, entretanto, nada viram.

«Sentíamos -nos, deveras, felizes. Com quanto entusiasmo ia o meu colega, de grupo em grupo, na Cova da Iria e, depois, pela estrada fora, informando-se do que tinham visto! As pessoas interrogadas eram das mais diversas classes sociais. Afirmavam, unanimemente, a realidade dos fenómenos que nós próprios havíamos presenciado [1].

Enquanto isso, a Senhora se havia revelado às crianças, e Lúcia e Jacinta haviam ouvido a sua voz tão linda nessa entrevista, a mais curta de todas.

«Continuem a rezar o terço», disse Ela, para alcançarem o fim da guerra. Em outubro Nosso Senhor virá também, e Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora do Carmo e S. José com o Menino Jesus, para abençoar o mundo. Deus está contente com os sacrifícios de vocês, mas não quer que durmam com a corda. Usem-na somente durante o dia.

Lúcia disse: «Suplicaram-me para pedir muitas coisas: a cura de muitas pessoas doentes, de uma surda-muda».

«Sim, respondeu a Senhora, «curarei alguns, outros não. Em outubro, farei um milagre para que todos acreditem». E desapareceu do mesmo modo que antes.

Terminou, assim, a quinta aparição, segundo recordação de Lúcia [2]. Curta como foi, deixou as crianças mais firmes na fé e muito consoladas. Que alívio sentiram ao retirar, de noite, a corda áspera que maltratava os corpos tenros! O que mais agradou a Francisco foi a promessa de que, no próximo mês, veriam Nosso Senhor.

«Ai, que bom!» exclamava. «Somente mais um mês, eu O amo tanto».

Um dos padres presentes na Cova da Iria, no dia 13 de setembro, era o Reverendo Doutor Manuel Nunes Formigão, Cónego da Catedral, em Lisboa, e professor do Seminário de Santarém. Era conhecido em todo o Portugal pelo seu carácter e erudição. Foi encarregado pelo Patriarcado de Lisboa de investigar os estranhos acontecimentos, cujo relato tinha chegado até à capital. Colocado na estrada, a 200 metros da azinheira, observara a diminuição da luz sobre um céu sem nuvem, mas atribuíra isso a um fenómeno natural, devido à altitude da Serra, meia milha mais alta que o nível do mar. Não notara o globo luminoso, descrito por Monsenhor Quaresma e outros.

Mas o facto de estarem eles tão sinceramente convictos de que haviam visto algo de extraordinário, serviu-lhe de estímulo para chegar a uma conclusão a respeito disso tudo. Voltou, pois, a Fátima, terça-feira, 29 de setembro, com esse propósito e foi até Aljustrel para interrogar os pequenos. Maria Rosa e Olímpia receberam-no com o máximo respeito e mandaram chamar as crianças. Lúcia estava na Cova da Iria, os outros brincavam na rua. Jacinta foi a primeira a chegar.

A pequenina assustou-se, ficou constrangida, conta o Dr. Formigão, mas respondeu prontamente. Sentiu-se mais à vontade com a chegada do irmão. Francisco entrou, des preocupado, de chapéu na cabeça. Nem prestou atenção à advertência de Jacinta, dizendo-lhe que se descobrisse. Sentou-se em um banquinho e ficou a observar atentamente o inquiridor. Respondeu com calma e sem constrangimento às perguntas que lhe foram dirigidas. O Dr. Formigão decidiu interrogá-lo em primeiro lugar e mandou que Jacinta fosse brincar com as outras meninas. Por fim, chamou, também, por Jacinta e interrogou-a separadamente.

Nesse ínterim, Lúcia chegou da Cova da Iria. Era das três a mais natural e a mais calma, afirma o Dr. Formigão no seu primeiro relatório, publicado em 1921. Notou também que a pequena era robusta, sadia, de aparência normal, sem laivos de vaidade e sem qualquer sintoma patológico. A pobre Maria Rosa lamentava-se e se inquietava, como sempre, tal um pássaro aflito com o filhinho. Ao olhar perspicaz de Dr. Formigão, não escapou nem um rombo que havia no telhado.

Segundo relatam os livros do Dr. Formigão, do Padre De Marchi e do Padre Fonseca, as crianças contaram sinceramente o que tinham visto e ouvido - ao menos é essa a minha opinião. As pequenas discordâncias não têm importância real. Jacinta, por exemplo, disse, sem hesitar como os outros, que a Senhora trazia o rosário na mão direita. Insistindo, porém, na pergunta, ela perturbou-se, procurando identificar nas suas mãos qual aquela com que Nossa Senhora segurava as contas. Francisco, por exemplo, disse não ter visto as orelhas, por estarem cobertas com o manto. Jacinta concordou. Lúcia, porém, tem a impressão de ter visto uns brinquinhos brilhantes. A princípio, afirmou também que as vestes da Senhora eram fimbriadas de ouro. Mais tarde, era de opinião que os bordos eram simplesmente mais brilhantes, pois, a visão toda, inclusive o vestido, era toda feita de luz. Estas pequenas discordâncias são naturais, em todo testemunho humano.

O interrogatório de Lúcia foi o mais longo e o mais minucioso dos três. É bem possível que o padre tenha ouvido vagos rumores a respeito das aparições do Anjo, em 1915 ou 1916. O facto é que indagou quase no início.

- «Dizem que Nossa Senhora te apareceu também o ano passado? Que há de verdade sobre isso?»

- «Ela nunca me apareceu o ano passado», replicou Lúcia tranquilamente, nem antes de maio deste ano, nem tampouco contei nada a ninguém, porque não era verdade».

- «Manifestou Ela o desejo da presença de muitas pessoas no dia 13 de cada mês, durante as aparições, na Cova da Iria?»

- «Não disse nada a respeito».

- «É certo que te revelou um segredo, proibindo que o contasses a quem quer que fosse?»

- «É certo».

- «Disse isso só a ti ou aos teus companheiros?»

- «A todos três».

- «Não o podes revelar ao teu confessor?

Lúcia calou-se. Pareceu um pouco perplexa.

- «Dizem, continuou o investigador, «que para te veres livre das importunações do senhor Administrador no dia em que foste presa, contaste como se fosse o segredo, uma coisa que não o era. Enganaste-o assim e, em seguida, saíste a te gabar de lhe ter pregado uma peça. É verdade?»

- «Não. O Senhor Administrador quis, realmente, que eu lhe revelasse o segredo mas como não o podia dizer a ninguém, calei-me apesar de ter insistido comigo para que lhe fizesse a vontade. O que fiz foi contar tudo o que a Senhora me disse, menos o segredo. Talvez por esse motivo o Senhor Administrador ficasse pensando que eu tinha também, revelado o segredo. Não o quis enganar» .

- «A Senhora mandou-te aprender a ler?»

- «Sim. Da segunda vez que apareceu».

- «Mas se ela disse que te levaria para o Céu no mês de outubro próximo, para que te serviria aprenderes a ler?»

- «Isso não é verdade. A Senhora nunca disse que me levaria para o Céu em outubro e eu nunca afirmei que ela me tivesse dito isso».

Continuando a investigação, perguntou: «Por que, não raro, baixas os olhos em vez de continuar a fitar a Senhora?»

- «É que ela, às vezes, cega.»

- «Ensinou-te alguma oração?»

- «Sim. E quer que a recitemos após cada mistério do nosário.»

-- «Sahe do cor essa oração?»

-- «Sei.»

-- «Diz lá...»

«Ó meu Jesus, perdoai-nos, livrai-nos do fogo do inferno, levai as almas todas para o Céu, especialmente as que mais precisarem» [3].

Terminou, assim, o primeiro interrogatório do qual se lavrou um relatório. O Dr. Formigão declara a boa impressão que teve sobre as crianças. Entretanto, reflectindo sobre o assunto no Seminário de Santarém, preparou nova série de perguntas mais perspicazes e importantes, capazes de despistar qualquer embuste de ordem satânica ou subconsciente.

No dia 10 de outubro, tomou o comboio para Chão de Maçãs. Tomou aí uma «charrette» e foi para Vila Nova de Ourém e, em seguida, para Fátima. Ali chegou às onze horas da noite e foi pernoitar num lugarejo chamado Montelo, a dois quilómetros de Fátima. Encontrou, assim, um pseudónimo «Visconde de Montelo» e um pouso para passar a noite, na casa da honrada família Gonçalves, onde colheu preciosíssimas informações acerca das famílias dos videntes.

Todos são unânimes em concordar que o tio Marto tem fama de ser o homem mais sério do lugar. De facto, é incapaz de enganar alguém. Ele e sua esposa Olímpia são respeitados e estimados por todos. São bons católicos e praticam a sua religião.

Maria Rosa é religiosa, honesta e trabalhadeira.. O seu marido António era indiferente em matéria de religião; gostava um pouco demais do vinho. Não tinha, porém, maus sentimentos. Nenhuma das duas famílias é pobre, segundo as pessoas da Serra. Nada tinham a lucrar com as aparições, muito pelo contrário. Não favoreciam, de modo algum, essa devoção que só lhes trazia aborrecimentos, particularmente aos Abóboras.

As crianças também eram bem intencionadas. Muita gente que não acreditara neles, em maio e junho, inclinava-se a aceitar a história como autêntica desde que viram aparecer a nuvenzinha sobre a azinheira, no dia 13 de agosto. Os estranhos acontecimentos verificados em agosto e setembro confirmaram, também, essa opinião. Com toda essa bagagem em

mente, seguiu o Dr. Formigão para Aljustrel a visitar, novamente, a casa dos Abóboras.

Enquanto foram chamar Lúcia, notou o investigador que o rombo do telhado ainda não havia sido consertado. Fez uma série de perguntas a Maria Rosa. Estava muito interessado em saber se havia lido algum dia, para Lúcia ouvir, a história de Nossa Senhora de La Salette que aparecera no sul de França, em setembro de 1846, a dois paslorinhos, Maximino e Melania. Havia tanta semelhança entre esse episódio e o de Fátima! Em La Salette também N. Senhora confiava às crianças um segredo que elas revelaram unicamente ao Papa Pio IX. Advertiu-os das grandes calamidades que sobreviriam ao povo da França, se continuasse a ofender a Deus. A semelhança, apesar de não ser concludente, era bastante significativa. O Dr. Formigão desejava muito saber se Lúcia ficara muito impressionada com a narração dessa aparição em França. Maria Rosa achou que não. Nunca mais a menina falara nisso, se não lhe falha a memória.

Ao chegar, a pequena foi longamente interrogada em presença de quatro testemunhas.

- «Que disse a Senhora que haveria de fazer para que o povo acreditasse na aparição?»

«Disse-me que havia de fazer um milagre».

«Quando disse isso?»

- «Disse-o várias vezes, mas, uma vez na primeira aparição, quando lhe fiz a pergunta».

- «Não tens medo que o povo te faça mal se não vir nada de extraordinário nesse dia?»

- «Não tenho medo nenhum, replicou Lúcia».

- «Viste a Senhora benzer-se, rezar ou desfiar as contas no terço?»

- «Não».

«Disse-te que rezasses pela conversão dos pecadores?»

«Não. Mandou-me só rezar à Senhora dos Prazeres para que acabasse a guerra». Mais tarde Lúcia explicou como a Senhora pedira sacrifícios mais que orações pela conversão dos pecadores.

- «Viste os sinais que as outras pessoas dizem ter visto, como uma estrela e rosas desprenderem-se das vesles da Senhora, etc.?»

- «Não vi estrela, nem outros sinais».

- «Sabes ler?»

- «Não sei».

- «Vais aprender a ler?»

- «Não».

- «Como cumpres então a ordem da Senhora sobre esse assunto?»

Lúcia calou-se. Explicou mais tarde que não queria acusar, nem contrariar Maria Rosa. Finalmente, disse o padre:

- «Ouviste tua mãe ler o livro chamado «Missão Abreviada onde se conta a aparição de N. Senhora a um menino e uma menina?»

- «Sim. Ouvi».

- «Pensas muitas vezes nessa história e falas nisso com outras meninas?»

- «Eu não pensava nessa história, nem a contei a ninguém».

O Dr. Formigão passou a examinar Jacinta.

- «Ouviste também o segredo ou foi só Lúcia que o ouviu?»

- «Eu também ouvi».

- «Quando o ouviste?»
- «Da segunda vez, no dia de Santo António».
- «É segredo para ficarem ricos?»
- «Não».
- «É para serem bons e felizes?»
- «É. É para o bem do todos três».
- «É para irem para o céu?»
- «Não».
- «Não podes revelar o segredo?»
- «Não».
- «Por quê?»
- «Porque a Senhora disse que não contássemos o segredo a ninguém».
- «Se o povo soubesse o segredo ficaria triste?»
- «Ficaria, sim».

Chegou a vez do Francisco.

- «Quantos anos tens?»
- «Tenho nove anos».
- «Vês somente N. Senhora ou ouves tamhém o que ela diz?»
- «Vejo-a somente, não ouço nada do que ela diz».
- «Tem algum clarão em volta de cabeça?»

«Tem, sim».

- «Podes olhar bem para o rosto dela?»

«Posso, mas pouco, por causa da luz.

- «Tem algum enfeite no vestido?»

«Tem uns fios de ouro».

- «De que cor é o crucifixo?»

- «É branco».

«E a corrente do rosário?»

«Também é branca».

-« O povo ficaria triste se soubesse o segredo?»

- «Ficaria».

O Dr. Formigão convenceu-se de que os três diziam a verdade, fosse qual fosse a conclusão final. Inclina-se a pensar que a prova da veracidade dos factos seria o «milagre» prometido pela Senhora para o dia 13 de outubro. Partiu resolvido a não faltar, por nada deste mundo, no dia seguinte, à Cova da Iria.

Outro sacerdote, que examinara as crianças, nessa época, foi o padre Poças, Prior do Porto de Mós. O tio Marto recorda-se muito bem da maneira brusca com que esse inquiridor perito interpelou Lúcia.

- «Olha aqui, menina. Vais agora dizer-me que tudo isso não passa de mentira e bruxaria. Se não me disseres isso, eu o direi por toda a parte... Toda a gente vai acreditar em mim e tu não escaparás!...»

Lúcia não respondeu. O Prior ficou indignado, ou fingiu que ficara. Finalmente, depois de ter esgotado todos os esforços para vencer a calma resistência da pequena, depois de ter acusado o próprio tio Marto de

cumplicidade nessa gigantesca fraude, acabou por admitir que diziam a verdade.

Se o padre parecia tão desconfiado e tomava atitudes tão ameaçadoras, como admirar-se de que Maria Rosa estivesse quase a perder a cabeça de tanto medo e aborrecimento? Estava plenamente convencida de que Lúcia estava se arriscando a ser castigada, afinal. Do facto, com exceção de Lúcia, todos os Abóboras estavam em estado de pânico, ao entardecer do dia 12 de outubro, em Aljustrel. Maria Rosa e o marido pensavam se já não era suficiente ter a pequena começado a farsa e, pior que isso, tê-la teimosamente mantido durante todos esses meses. Mas a desgraça maior era, agora, ter prometido ao povo todo esse descalabro de um milagre, com hora o dia marcados! Que diriam desse embuste, se o milagre não se efectuasse? Sem dúvida todos ficariam furiosos, cairiam com improperios sobre Lúcia e picá-la-iam em pedaços. Muitos dos aldeões prediziam a mesma coisa. Uma mulher chegou até a dizer que Lúcia Abóbora devia ser queimada antes de causar a ruína de todos.

Maria Rosa lançou um último apelo patético à filha:

- «É melhor para nós todos que confesses tudo de uma vez, disse. «O povo anda dizendo que vamos todos morrer amanhã, na Cova da Iria. Se a Senhora não faz o milagre, o povo mata-nos.

- «Eu não tenho medo, mãe», replicou Lúcia. «Tenho a certeza de que a Senhora há de fazer amanhã tudo o que prometeu».

- «É melhor irmo-nos confessar, para nos prepararmos para a morte».

- «Se a mãe quer confessar-se, eu vou também, mas não por esse motivo».

Maria Rosa ficou perplexa.

O céu enublara-se aquela tarde. Começou a cair uma chuva fina e teimosa e um nevoeiro triste espalhou-se pela Serra de Aire. Os pastores de Aljustrel recolheram cedo os animais, porque a nordeste formava-se um temporal ameaçador.

NOTAS

[1] Carta de 13 de outubro, 1932. De Marchi, pags. 147-148.

[2] Memórias, IV, pag. 41.

[3] Este é apenas uma parte do relatório testemunhal publicado em 1921 em "Os episódios maravilhosos de Fátima", pelo Visconde de Montelo (pseudónimo do Dr. Formigão). Outros trabalhos sobre o mesmo assunto apareceram em 1923, 1927, 1929, 1930 e 1936.

CAPITULO XIII

Noite tormentosa! Era como se o demónio, em qualquer parte do gelo e da neve que não poderiam jamais aliviar a intensidade de suas dores, tivesse resolvido destruir de um só golpe tudo que restava da Europa, até então teatro da batalha contra Aquele que mais odiava. Conseguiu - sabem os céus por quê - alterar o equilíbrio do ar nas longínquas e sombrias regiões da Sibéria, precipitando uma onda do frio cortante e um furacão terrível, que fez estremecer o continente até à vastidão dos mares ocidentais. Passou uivando pela Finlândia: lá, um homenzinho de olhar de lince, Lenine, aguardava o momento de entrar em S. Petersburgo (onde as sementes de uma próxima revolução já estavam lançadas) e começar, em poucas semanas, a transformação e a destruição daquele mundo que devia tudo o que tinha de melhor aos ensinamentos de Cristo. Passou, ululante, por sobre as inúmeras tropas que, movendo-se clandestinamente através da Alemanha, preparavam o golpe da «paz pela vitória» de 1918. Atirou os pobres infelizes dos dois exércitos às trincheiras lamacentas da frente ocidental e afogou nos pântanos os italianos que fugiam de Caporetto. Pareceu ecoar e ampliar a desgraça que pairava sobre os campos devastados da França, onde Haig estava, segundo as suas próprias palavras, de costas voltadas para a parede. E, finalmente, arremessou-se impetuosamente contra os Pirenéus, como se quisesse arrastar, em sua desvairada carreira, todos os ódios e revoltas humanas, todas as forças rebeldes da natureza corrompida, do Báltico ao Cabo de São Vicente. Abrandou-se, porém, ao atingir o pequeno país, cuja conquista nunca fora permanente. Respeitou as plagas onde fora sempre venerada Aquela que esmagou a cabeça da serpente: a terra de Santa Maria.

A escuridão descia lentamente. Nuvens escuras e espessas, impelidas pelo nordeste, reuniam-se em blocos informes de nevoeiros e deslizavam pelas encostas das montanhas, descendo pelos vales até ao oceano. Enquanto a garoa se transformava em chuva miúda persistente e fria, o vendaval vergava e contorcia os pinheiros que gemiam de dor nas florestas perto de Leiria.

Agitava as asas alquebradas dos velhos moinhos, nos píncaros cinzentos da Serra de Aire. Dispersava as folhas pálidas e lustrosas dos plátanos,

jogando-as no abismo do Tejo. Aplainava as terras aradas e avermelhadas das vinhas de Braga e dos jardins ressequidos da Moita e de Fátima.

Continuava rugindo por milhas além, nas estreitas baías, até se perder na vastidão espumante do Atlântico. Rechaçado com fúria, invadia, vingativo, as ruas estreitas da cidade. A chuva impiedosa continuava a cair sem cessar.

Milhares do seres humanos e grande quantidade de animais pernoitaram nas estradas de Portugal. A Fé é mais forte que a dúvida e o amor mais sólido que o ódio, eis por que católicos, devotos de todas as cidades, ouviram dizer que a Senhora prometera voltar à Cova da Iria para fazer um milagre no dia 13 de outubro. Todos tinham a atenção voltada unicamente para o sol ou a chuva. Famílias inteiras de camponeses passavam carregando pesadas cestas de farnéis e bilhas do barro sobre os ombros. Alguns colocavam os víveres nas costas dos burros e lá se iam, sob o céu ameaçador. Pais e mães vinham de enormes distâncias, carregando filhos doentes ou aleijados. Pescadores abandonavam as suas barcas e as suas redes nas praias de Vieira e punham-se também a raminho, pelas estradas enlameadas. Agricultores de Monte Real, marinheiros tripulantes de navios ancorados no Porto ou no Algarve, operários das fábricas de Lisboa, serranas do Minde ou de Soure, senhoras, cavalheiros, lavadeiras, caixeiros, velhos e moços, ricos e pobres, toda a espécie de gente (a maioria gente humilde, descalça, operários com suas famílias) chapinhavam nas poças do lodaçal das estradas, sob a chuva resistente daquela noite.

Formavam como que um exército imenso, movediço, convergindo para Fátima. Vinham na esperança de obter alguma graça de saúde, conversão, perdão dos pecados, alívio de sofrimentos, começo de uma vida melhor, bênçãos da Mãe de Deus.

Não se importavam com a água que lhes escorria das calças ou saias, enlameadas até aos joelhos, enquanto afundavam os pés descalços no lodo dos caminhos. Risadas alegres partiam, de vez em quando, de grupos de famílias caminhando juntas. Trechos de hinos antigos ecoavam por entre os rochedos ou flutuavam, sonoros, na escuridão da estrada solitária. «Ave, Ave, Ave, Maria! Não foi em vão que os antepassados desse povo entoaram o Salve Regina no convés das naus, no oceano Indico e nos galeões no mar

da China. Que útil lição teria sido essa para os políticos de Lisboa se pudessem ouvir tais canções!

Entretanto, as manifestações não eram todas desse teor. Avelino de Almeida, editor de «O Século», o maior jornal de Lisboa, no seu caminho para a Cova da Iria, assim descreveu alguns dos peregrinos que encontrou perto de Chão das Maças, antes de começar a cair a chuva:

«Homens e mulheres vão quase todos descalços - elas com saquitéis à cabeça sobrepujados pelas sapatorras; eles abordoando-se a grossos varapaus e. cautelosamente munidos também de guarda-chuvas. Dir-se-iam, em geral, alheados do que se passa à sua volta, num desinteresse grande da paisagem e dos outros viandantes, como que imersos em sonho, rezando, numa triste melopeia, o terço. Uma mulher rompe a primeira parte da Ave-Maria, a saudação; os companheiros, em coro, continuam com a segunda parte, a súplica. Num passo certo e cadenciado, pisam a estrada poeirenta, entre pinhais e olivedos, para chegarem, antes da noite, ao sítio da aparição, onde, sob o relento e à luz fria das estrelas, projetam dormir, guardando os primeiros lugares junto da azinheira bendita - para no dia de hoje verem melhor».

Não foi a devoção que levou o editor de «O Século» para Fátima. Almeida era um mação dos quatro costados, que não ocultava a sua aversão por padres, sacramentos e dogmas. Essa história já começava a ser muito falada para ser posta de lado e, ele, o melhor jornalista de Portugal, não podia deixar de manifestar-se. O seu telegrama, publicado em «O Século», na manhã de 13 de outubro, revela a condescendência irónica e o cavalheirismo no sentido de Newman: atitude de alguém que não crê, mas não quer ferir ou ridicularizar os que acreditam:

«Centenas de pessoas se apressam em direção a um lugarejo situado perto de Ourém, para ver e ouvir a Virgem Maria. Não sejam importunadas essas almas piedosas, nem se assustem esses corações crentes. Não pretendemos ser um escândalo para esses que sinceramente se apegam à sua fé e se deixam atrair pelo mistério que seduz, encanta, consola e fortifica. Foi assim há centenas de anos atrás. Certamente será ainda assim nas centenas de anos que virão!...». Este é apenas um pequeno artigo de jornal sobre um acontecimento que não é novidade na história do Catolicismo...

Alguns o encaram como uma mensagem de graça do céu. Outros vêem, no ocorrido, a prova evidente de que o espírito de superstição e de fanatismo está implantado com tão profundas raízes que será difícil, senão de todo impossível, destruí-lo.

«As grandes calamidades dos tempos tiveram sempre o dom de reviver e renovar as ideias religiosas, favorecendo-as. A guerra actual, que assola todos os países, oferece um solo fértil e favorável para o desenvolvimento dessas ideias. Temos a confirmação desse facto na vida das trincheiras e até mesmo na atmosfera espiritual dos países beligerantes».

Depois de algumas observações preliminares sobre o abuso dos especuladores que, sem dúvida, estão esperando explorar a credulidade da massa em seu proveito, segue um belo sumário dos acontecimentos de Fátima. Começa, por recapitular as aparições de Nossa Senhora em Lourdes, La Salette e outros lugares. Continua, então, mais ironicamente:

«O milagre realizou-se entre o meio-dia e uma hora, segundo os que lá estiveram. Nem todos tinham, porém, o privilégio de ver a santa. O número de eleitos era bem pequeno. Apesar de reiterados esforços, muitos nada viram. Eis por que os que se encontravam próximo às crianças contentavam-se em ouvi-las falar com um interlocutor invisível. Outros, pelo contrário, viram num momento solene e divino, brilharem estrelas no firmamento apesar de estar o sol no zénite. Ouviram também um rumor subterrâneo que anuncia a presença da Senhora. Proclamaram uma queda de temperatura e compararam as impressões actuais às que sentiram por ocasião de um eclipse do sol».

«Segundo o que afirmam as crianças, a Virgem aparece sobre uma azinheira, envolta em nuvens de todos os lados... É tão forte a sugestão colectiva, ali desenvolvida pelo sobrenatural e mantida por força sobre-humana! Tão poderosa, que os olhos se enchem de lágrimas, as faces tornam-se pálidas como cadáveres. Homens e mulheres se prostram de joelhos, cantando hinos e rezando juntos o Rosário».

«Não sabemos se já houve aí cegos que recuperaram a vista, paráliticos que readquiriram o uso dos membros. Se pecadores inveterados voltaram

dos torpes caminhos do pecado para virem se mergulhar na água purificadora da penitência».

«Isto pouco importa, porém. A notícia da aparição correu célere, do Algarve ao Minho. Desde o dia da Ascensão, os peregrinos acorrem aí, às centenas, nos dias 13 de cada mês, de perto e de longe. Os meios de transporte são insuficientes».

«O clero do lugar e das redondezas mantém, em relação ao facto, uma atitude de prudente reserva, ao menos na aparência. É o hábito da Igreja. Ela proclama abertamente que, em tais circunstâncias, é permitido duvidar, porque as dúvidas podem também vir do demónio. Mas, secretamente, ela se rejubila com o grande concurso de peregrinos que aumentou, cada vez mais, desde o mês de maio.»

«Existem mesmo pessoas que sonham com uma enorme Igreja magnífica sempre cheia; nas proximidades, hotéis, instalados magnificamente com o mais requintado conforto moderno; lojas imensas, perfeitamente munidas com mil e um objetos de piedade e lembranças de Nossa Senhora de Fátima; estradas de ferro que conduzam convenientemente as pessoas até o futuro santuário milagroso, em vez dessas camionetas, dentro das quais, a massa dos fiéis e dos curiosos abusam dos seus direitos...»

Enquanto o autor dessas observações pessimistas viajava para Ourém, com crescente desconforto, até chegar à Cova da Iria, as famílias dos Abóboras e dos Martos, depois de uma noite de insónia passada a ouvir o barulho de chuva sobre o telhado, levantaram-se ao raiar da aurora. De facto, nem bem o nascente se riscava de uma linha furtiva de claridade cinza, já os peregrinos, encharcados, batiam à porta. Pouco a pouco eram 10 ou 20 deles que não se contentavam em cercar a casa do lado de fora, mas gritavam, pedindo para ver as crianças. Outros, ainda mais ousados, iam forçando caminho e penetrando na casa sem serem convidados. A tia Olímpia ficou furiosa ao ver o estado em que estava o soalho, marcado por toda a parte com rasto dos pés, cheios de lama vermelha. O tio Marto, até hoje, zomba do alvoroço em que ela ficou para aprontar as crianças e responder às perguntas desse povo, aos empurrões. Mas era o cúmulo da

sem-cerimónia! Essa gente não desconfiava e se instalava confortavelmente sobre as camas e sentava-se em cima das arcas.

- «Saíam daqui todos!» ordenou, zangada.

O povo nem fez caso. Mais algumas pessoas conseguiram esgueirar-se ainda para dentro.

- «Deixa-os estar, mulher!» aconselhou o marido. «Quando a casa ficar cheia não caberá mais ninguém».

Um vizinho puxou-o pela manga e cochichou-lhe ao ouvido:

- «Ó tio Marto, é melhor não ires à Cova da Iria. Eles podem maltratar-te. Os pequenos, não. São crianças e ninguém lhes fará mal. Mas tu corres perigo. A única coisa que ameaça os pequenos é serem amassados pelo povo».

- «Pois eu vou assim mesmo», retrucou o tio Marto. «Não tenho medo de ninguém. Não tenho a menor dúvida de que tudo irá bem».

A tia Olímpia não partilhava tal valentia. Rezava fervorosamente e pedia a Nossa Senhora que protegesse toda a sua família durante esse dia. Até agora admira-se ainda como as crianças conseguiram manter-se tão calmas e intemoratas em meio a tal confusão.

- «Se nos matarem», disse Jacinta, «vamos para o céu. E os que nos matarem irão para o inferno!»

Uma das intrusas em casa de tio Marto era a Baronesa de Pombalinho, que insistia para que aceitassem dois vestidos enfeitados: um azul para Lúcia, outro branco para Jacinta.

As meninas agradeceram, preferindo os seus vestidos brancos da Comunhão. Finalmente, depois de uma confusão incrível, conseguiram comer alguma coisa. e escapar para fora de casa.

No momento da partida, Maria Rosa tomou o xaile e declarou que os acompanharia. «Sei que nos vão matar», disse chorosa a Lúcia. «Pois bem,

se precisas ir, irei e morrerei contigo».

Foi uma longa e penosa caminhada. A estrada estava apinhada de gente, que ia de Fátima à Cova da Iria. Homens e mulheres ajoelhavam-se na lama, de ambos os lados da estrada pedindo orações aos pequeninos. Mãos estendiam-se para tocá-los. Burros, molhados da chuva, corriam espavoridos. As varetas dos guarda-chuvas ameaçavam furar-lhes os olhos. Mas que cena ao atingirem, por fim, as proximidades do local da aparição! Aproximadamente setenta mil pessoas, homens, mulheres e crianças de todas as idades e condições esperavam por eles na chuva, pacientemente! Uma massa escura de inúmeros guarda-chuvas pretos, chapéus encharcados e cobertores pingando, aglomerava-se de tal modo entre a estrada e a azinheira, que as crianças não puderam atravessar a multidão a não ser com o auxílio de um chofer que tomou Jacinta aos ombros e ia gntando: «Deixem passar as crianças que viram Nossa Senhora!

O tio Marto seguia logo atrás com Lúcia e Francisco. Ao chegarem ao lugar das aparições, o tio Marto surpreendeu-se de aí já encontrar a tia Olímpia.. Havia-se esquecido completamente dela, na preocupação de acompanhar Jacinta. «A minha Olímpia ficou lá para outra banda, nem sei para onde, confessa».

Em todo o caso, lá estava ela ao pé da azinheira, que Maria Carreira havia ornado lindamente, junto à sua mesa de esmolos, debaixo de guirlandas de flores. O povo, em expectativa, dirigia-se para diante e para trás, balançando os guarda-chuvas, aconchegando-se uns aos outros para se aquecerem. Ansiosos esquadriavam o céu. Ouvia-se a cadência rítmica do terço rezado em voz alta. Um dos padres que passara a noite toda na chuva e na lama, rezava agora o Breviário e, de tempos em tempos, consultava nervosamente o relógio. Virou-se nesse instante para os pequenos e perguntou-lhes a que horas viria Nossa Senhora.

«Ao meio-dia, respondeu Lúcia. Olhou novamente para o relógio e disse, despeitado: «Já é meio-dia. Nossa Senhora não é mentirosa! Vamos a ver!

Quase toda a multidão rezava agora o terço. «Ave, Maria, cheia de graça... Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pecadores...»

«Fechem os guarda-chuvas! gritou Lúcia sem que soubesse por quê. E, um por um, os presentes obedeceram apesar de a chuva continuar caindo. «Fechem os guarda-chuvas!» dizia um para o outro. E todos esperavam pacientemente na chuva.

Passaram-se alguns instantes. O padre tira outra vez o relógio.

«Já passou do meio-dia, disse, com triste intenção: «Tudo daqui para fora! Isto tudo é uma ilusão!»

Começou a empurrar os três pequenos com as mãos, se não falha a memória de Maria Carreira [1]. Lúcia, quase a chorar, recusou sair do lugar.

«Quem quiser ir-se embora, que se vá! mas eu não vou! Nossa Senhora disse-nos que vinha. Veio das outras vezes e havemos de vê-la agora outra vez». Entre os espectadores ouviam-se queixas, murmúrios de desapontamento e lamúrias. Então, repentinamente, Lúcia olhou para o nascente e disse a Jacinta: «O' Jacinta, ajoelha! Já lá vem Nossa Senhora! Já vi o relâmpago».

«Vê hem, filha! Era a voz aguda de Maria Rosa. «Olha que não te enganes!»

Lúcia nem ouviu a recomendação. As pessoas mais próximas notaram que as faces se lhe tomavam mais coradas e de uma beleza transparente. Olhava agora arrebatada para a Senhora que estava, em meio a uma torrente de luz, sobre as flores que Maria Carreira arranjava no cepo da azinheira. Jacinta e Francisco, um de cada lado, fixavam o mesmo ponto, ambos radiantes, e completamente alheios à multidão.

- «Que é que Vossemecê me quer? Lúcia ajoelhava-se com os outros. A chuva fina caía-lhe no rosto voltado para o céu.

- «Quero dizer-te que façam aqui uma capela em minha honra. Sou a Senhora dos Prazeres. Continuem a rezar o terço todos os dias. A guerra vai acabar e os soldados voltarão em breve para suas casas.

- «Tenho muita coisa a pedir, disse Lúcia. «A cura de alguns doentes, a conversão de alguns pecadores ...!»

- «Alguns sim, outros não. É necessário que se emendem e peçam perdão dos seus pecados».

O seu semblante tomou um ar tristonho: «Não ofendam mais a Nosso Senhor que Ele já está muito ofendido».

A Senhora dos Prazeres abriu as mãos tão brancas, como das outras vezes, e pareceu a Lúcia que o esplendor que delas saía, subia até onde devia estar o sol e se refletia com mais brilho que o fulgor da luz solar. Foi nesse instante, talvez, que a multidão viu as nuvens entreabrirem-se como duas cortinas enormes e o sol aparecer entre elas, no azul do céu, como um disco luminoso. Certamente, muitos ouviram Lúcia gritar: «Olhem para o sol!» Disse isso em êxtase e não se recorda mais. Estava inteiramente absorvida em outra visão no lugar onde estivera o sol.

Assim que Nossa Senhora desapareceu no esplendor que se irradiava das suas mãos abertas, lá no zénite apareciam três quadros, simbolizando, um após outro, os mistérios gozosos, dolorosos e gloriosos do Rosário. O primeiro era uma representação da Sagrada Família: Nossa Senhora vestida com a tradicional veste branca, um manto azul, e S. José um pouco atrás, segurando o Menino Jesus nos braços. S. José, também de branco, e o Menino Jesus de vermelho claro.

Lúcia ouviu dizer: «São José vai abençoar-nos! Todos três viram esta primeira visão e viram o Santo traçar três vezes o sinal da cruz sobre a multidão. O menino Jesus fez o mesmo.

Somente Lúcia viu a visão seguinte: Era Nossa Senhora das Dores, vestida de escuro, como quer a tradição. A *Mater Dolorosa* da Sexta-feira Santa, mas sem a espada no peito. Perto Dela estava Nosso Senhor, acabrunhado de dor, quando se encontra com Ela no caminho do Calvário. Lúcia via apenas a parte superior do Corpo de Nosso Senhor. Olhava compassivamente para esse povo, por quem tinha dado a vida, e traçou um sinal da cruz, para abençoá-lo.

A Virgem tornou a aparecer numa terceira visão gloriosa, como Nossa Senhora do Carmo, coroada rainha do Céu e da Terra, com o Menino Jesus ao colo.

A multidão nada vira; pelo menos não se levou a sério nem se averiguou o boato de que alguns haviam visto a Senhora. O que todos presenciaram, de facto, foi algo de estupendo que nunca se vira, quase apocalíptico.

O sol brilhava no zénite como se fora um imenso disco de prata. Brilhava com intensidade tal que nunca se vira e no entanto podia ser fitado sem que ofuscasse. Até era delicioso ficar assim, contemplando essa luz que não cegava.

Isto durou apenas um instante. Enquanto todos olhavam assombrados, a imensa bola começou a «dançar» - é a palavra empregada pelos observadores. Qual gigantesca roda de fogo, o sol girava agora rapidamente. Parou depois de algum tempo.

Novamente começou a rodar sobre si mesmo, vertiginosamente, numa velocidade incrível. Finalmente os bordos tornaram-se escarlates e deslizou no céu um como redemoinho infernal espargindo chamas vermelhas de fogo. Essa luz refletia-se na terra, nas árvores, nos arbustos, nas próprias faces voltadas para cima e nas vestes, tomando tonalidades brilhantes e diferentes cores: verde, vermelho, alaranjado, azul, violeta, as cores todas do espectro solar. Animado três vezes de um movimento louco, o globo de fogo pareceu tremer, sacudir-se e precipitar-se em ziguezague, avançando sobre a multidão.

Um grito de terror saiu dos lábios de centenas de pessoas apavoradas que se ajoelhavam na lama pensando ter chegado o fim do mundo. Algumas atestam que o ar se tornou mais quente nesse instante. Não se admirariam se vissem as coisas todas em volta consumir-se em chamas envolvendo-os e consumindo tudo.

- «Ai Jesus, vamos todos morrer aqui!»

- «Salvai-nos, Jesus! Nossa Senhora, salvai-nos!»

- «Ó meu Deus, pesa-me de Vos ter» ... E alguém começou o acto de contrição.

Alguns, dos que tinham vindo para caçoar, prostraram se por terra, entre soluços e orações patéticas.

O Marquês da Cruz exclamava: «Ó meu Deus! quão grande é o Vosso poder!»

Durou isso talvez uns dez minutos. Logo depois viram todos o sol começar a saltar da mesma maneira, em ziguezague, até onde havia aparecido antes. Ficou então tranquilo e brilhante. Ninguém mais lhe pôde suportar o fulgor. Era novamente o sol de todos os dias.

O povo entreolhava-se com alegria e assombro. «Milagre, milagre! As crianças tinham razão! Nossa Senhora fez o milagre! Bendito seja Deus! Bendita seja Nossa Senhora! E os clamores repercutiam por toda a Cova da Iria. Alguns riam. Outros choravam de alegria. Muitos notaram que as vestes há pouco ensopadas haviam secado subitamente.

Avelino de Almeida transcreve o ocorrido, em o «O Século» de 17 de outubro, como um espectáculo único, e, inacreditável, se não se tivesse presenciado ... «Via-se a multidão imensa voltada para o sol que se mostrava sem nuvens, em pleno meio-dia. O astro do dia lembrava uma placa de prata e era possível fitá-la sem o mínimo esforço. Não queimava. Não cegava. Parecia dar-se um eclipse. Mas eis que se levanta um alarido colossal e aos espectadores que se encontravam mais perto ouve-se gritar: «Milagre! Milagre! Maravilha! Maravilha!

«Aos olhos deslumbrados daquele povo, cuja atitude nos transporta aos tempos bíblicos e que, pálido de assombro, cabeça descoberta, contempla o azul do céu, o sol se pôs a tremer com movimentos bruscos, nunca observados anteriormente e fora de todas as leis cósmicas. O sol «bailou» segundo a típica expressão dos camponeses... Um velho, de estatura e de fisionomia meiga e enérgica ao mesmo tempo, que lembrava Paul Deroulède, voltado para o sol, recita o Credo, do princípio ao fim, em voz clamorosa. Perguntei quem era. É o Senhor João Maria Amado de Melo Ramalho da Cunha Vasconcelos. Vi-o depois dirigir-se aos que o rodeavam

de chapéu na cabeça, suplicando-lhes veementemente que se descobrissem diante de tão extraordinária demonstração da existência de Deus. Cenas idênticas se repetem por toda a parte...

«Perguntam-se uns aos outros se viram alguma coisa e o que viram. O maior número afirma que viu o tremor e a dança do sol. Outros, porém, declaram ter visto o rosto risonho da própria Virgem. Juram que o sol girou sobre si mesmo, como uma roda de fogo de artifício. Pareceu baixar quase a ponto de queimar a terra com seus raios ... Há quem diga que o viu mudar sucessivamente de cor...

«Eram quase três horas. O céu estava límpido e o sol seguia o seu curso com o brilho habitual. Ninguém mais o ousava fitar directamente. E os pastorinhos?... Lúcia, a que fala à Virgem Maria, anuncia com expressões teatrais, nos braços de um homem que a carrega de grupo em grupo, que a guerra vai terminar e os soldados voltarão para suas casas. Tal notícia, contudo, não aumenta a alegria dos que a ouvem. O sinal celeste é tudo para eles. Há muita curiosidade, entretanto, para ver as duas meninas coroadas de rosas. Alguns procuram beijar as mãos das «santinhas». Uma delas, a Jacinta parece estar mais prestes a desmaiar do que dançar. Mas, o que todos desejavam - o Sinal no Céu - bastou para satisfazê-los e enraizá-los na fé simples de bretão.

«Dispersaram-se a seguir, rapidamente, sem incidentes e sem ser necessária a mínima intervenção da patrulha policial. Os peregrinos que partiram primeiro para chegar a tempo, são os que chegam primeiro, com os sapatos à cabeça ou pendurados dos ombros. Partem com alma alegre, espalhando a boa-nova pelos lugarejos, que se não despovoaram todos para ir à Cova. E os padres? Alguns mostraram-se em cenas, colocando-se, de preferência, mais entre os curiosos do que entre os peregrinos, ávidos de favores celestes. Talvez, de vez em quando, não soubessem o que fazer para não revelar a satisfação que transparece, quase sempre, no semblante dos que triunfam... Aos competentes cabe a explicação da dança macabra do sol que, hoje, em Fátima, fez explodir hossanas do coração dos crentes e impressionou - testemunhas fidedignas o afirmam - até mesmo os livres-pensadores e outras pessoas, absolutamente indiferentes em matéria religiosa, e que vieram a este recanto então famoso.

Por toda parte, em Portugal, a imprensa anticlerical se viu obrigada, de facto, a dar testemunhos desse género. Em geral, estavam de acordo quanto ao essencial. Segundo escreveu o Dr. Domingos Pinto Coelho, em «A Ordem»: «O sol, umas vezes rodeado de chamas escarlates, outras vezes aureolado de amarelo e roxo esbatido, outras vezes ainda parecendo animado de velocíssimo movimento de rotação, outras vezes também aparentando destacar-se do céu, aproximar-se da terra e irradiar um forte calor».

Teorias sobre hipnotismo ou sugestão colectiva foram rejeitadas, quando se pôde evidenciar o facto de que, testemunhas afastadas quilómetros de distância, observarem o milagre. O poeta Afonso Lopes Vieira pôde presenciar o fenómeno, na sua residência de S. Pedro de Moel, a uns quarenta quilómetros de Fátima. O Padre Inácio Lourenço contou, mais tarde, como havia visto o facto em Alburita, a dezoito ou dezanove quilómetros de distância. Contava ele, por esse tempo, nove anos de idade. Ele e mais alguns alunos ouviram o povo gritando sobressaltado na rua, diante da escola. Em companhia da professora Dona Delfina Pereira Lopes, viram, com estupefacção, a rotação e a queda do sol. «Era como um globo de neve a rodar sobre si mesmo», escreveu. «Repentinamente, pareceu que baixava, em ziguezague, ameaçando cair sobre a terra. Aterrado, corri a esconder-me no meio do povo. Todos choravam, aguardando, de um momento para o outro, o fim do mundo».

«Junto de nós estava um incrédulo, sem religião, que tinha passado a manhã toda a caçar dos simplórios que haviam feito toda essa caminhada a Fátima para se pasmar diante de uma menina. Olhei para ele. Estava como paralisado, assombrado, olhos fitos no sol. Depois, vi-o tremer dos pés à cabeça, e, levantando as mãos para o céu, cair de joelhos na lama, gritando: «Nossa Senhora! Nossa Senhora!

«Entretanto, o povo continuava a gritar e a chorar, pedindo perdão a Deus dos pecados... Corremos depois para as capelas da aldeia que, em poucos instantes, ficaram repletas».

«Durante estes longos minutos do fenómeno solar, os objectos em volta de nós reflectiam todas as cores do arco-íris.

Olhando uns para os outros, um parecia azul, outro amarelo, outro vermelho etc... Todos esses estranhos fenómenos aumentavam o terror do povo. Passados uns dez minutos o sol voltou ao seu lugar, do mesmo modo com que tinha descido, pálido ainda e sem esplendor ...

Inúmeras testemunhas vivem, até hoje, nas redondezas. Conversei com muitas delas o ano passado, inclusive o tio Marto e a sua Olímpia, Maria Carreira, duas irmãs de Lúcia (Maria dos Anjos e Glória) e muitas outras pessoas da aldeia. Todos relataram-me a mesma história com evidente sinceridade. Ao mencionarem a queda do sol tinham na voz vestígios do terror que experimentaram. O Padre Manuel Pereira da Silva forneceu-me, substancialmente, os mesmos pormenores:

«Ao ver o sol cair em ziguezague», disse, «caí de joelhos».

«Pensei que o fim do mundo tivesse chegado».

O facto foi confirmado sem a mínima dúvida. Mas como explicá-lo?

No mês de maio de 1917, Jacinta e Lúcia contaram ao povo que a Senhora prometera um milagre no dia 13 de outubro, ao meio-dia, como sinal da sinceridade dos pequenos. Repetiram essa promessa por várias vezes e nunca alteraram a história, nem mesmo sob os maus tratos e as perseguições capazes de aterrorizar crianças de dez, nove e sete anos. E nesse mesmo dia, à mesma hora predita por eles, setenta mil pessoas afirmaram ter presenciado o sol girar e ameaçar cair. Tais testemunhas servem para confirmar que as crianças viram a Mãe de Deus e que a essas almas simples da Cova da Iria foi concedido aquilo que aos fariseus, de coração incrédulo e adúltero, foi recusado: o sinal no céu. Foi recusado o pedido porque Cristo via a incredulidade e o adultério em seus corações.

O Administrador de Ourém nega, até hoje, que algo de milagroso tenha acontecido. Suspeito que também o negaria mesmo se houvesse presenciado o facto. Tal como os fariseus que negaram a ressurreição, depois de terem visto Cristo morrer na cruz, talvez fosse ele capaz de dar alguma explicação racionalista com intuito de liyrar-se da humilhação de acreditar.

Foi removido do seu cargo após o golpe de estado de Sidónio Pais, dois meses depois do milagre. A última notícia dele foi um ferimento que recebeu em Tomar, com a explosão de uma bomba que fazia para atirar contra membros do novo governo.

NOTAS

[1] De Marchi, pag. 175.

CAPÍTULO XIV

Lúcia ocultou, sob o véu caridoso do silêncio, as opiniões da sua família sobre os acontecimentos do dia 13 de outubro. Talvez tenham oferecido desculpas e praticado actos de reparação. Da parte de António, talvez dissimulados; sinceros, de Maria Rosa. Mas, nesse dia, a pobre menina, pálida e desanimada, não teve tempo de regozijar-se com o seu triunfo. Turbas de peregrinos a seguiram a tarde toda. Aglomeravam-se ainda na rua e entravam e saíam da casa dos Abóboras e dos Martos, quando chegou a Aljustrel o Dr. Formigão, às 7 horas da tarde. Desejava interrogar as três crianças antes que alguém o fizesse e antes que pudessem comparar os dados. Graças à sua autoridade de sacerdote, dispersou os estranhos com ordens incisivas e convidou os três principais da casa de tio Marto a serem interrogados separadamente.

Todos três haviam visto Nossa Senhora no tronco da árvore. Lúcia e Jacinta estavam de acordo quanto ao que ouviram. Francisco A havia visto, mas não ouvira o que Ela dissera. Todos três viram o sol girar. Viram também os três, perto do sol, a visão da Sagrada Família. Somente Lúcia vira os quadros que se seguiram de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora do Carmo. Estavam de acordo quanto às cores das vestes e outros pormenores. Havia, entretanto, algumas discrepâncias. Que tamanho tinha o Menino Jesus? Não era muito pequeno, responderam separadamente. Mas Lúcia tê-lo -ia visto nos braços de São José, enquanto Jacinta e Francisco O viram de pé junto dele - do lado direito - disse Jacinta, e não chegava nem à cintura de S. José. Para Lúcia parecia ter apenas um ano de idade. Para Jacinta e Francisco era mais ou menos como uma criança da vizinhança, Deolinda de José das Neves, que tinha dois anos de idade.

A divergência relativa à posição do Menino Jesus é a única importante. Confesso não saber como explicá-la. Em tais visões há sempre elementos subjetivos e podem apresentar pormenores diferentes para diferentes pessoas.

O Dr. Formigão tentou mais uma vez arrancar o segredo do Francisco.

«Que brilhava mais, o rosto de Nossa Senhora ou o sol? perguntou».

«O rosto de Nossa Senhora é mais brilhante».

«Ouviste o que Ela disse?»

«Não, Senhor. Não ouvi nada».

«Quem te contou o segredo? A Senhora?»

«Não, foi Lúcia*.

«Podes contá-lo a mim?»

«Não posso».

«Não falas porque tens medo de Lúcia. Tens medo de que ela te bata, não é verdade?»

«Oh, não!»

«Então por que não mo podes contar?... Talvez seja um pecado?»

«Penso que seria um pecado revelar o segredo».

«É um segredo para o bem de tua alma, de Lúcia e de Jacinta?»

«Sim».

«É também para o bem da alma do Senhor Prior?»

«Não sei».

«O povo ficaria triste se o soubesse?»*

«Sim».

As crianças estavam tão pálidas de cansaço e atordoadas com tantas excitações, que o Dr. Formigão encurtou o seu exame temendo que ficassem doentes se não descansassem um pouco. Ao voltar alguns dias mais tarde, 19 de outubro, encontrou-as ainda tão exaustas, que respondiam

maquinalmente como sonâmbulos. A memória de Lúcia falhava ao relatar os últimos acontecimentos, mas lembrava-se com nitidez dos factos passados. O inquiridor convenceu-se de que os três respondiam com sinceridade. Vira também o milagre do sol. Partiu acreditando nas aparições. E mais tarde tornou-se um defensor dos pequenos, mesmo em face da mais persistente perseguição. O mais difícil de se compreender é que os principais promotores dessa oposição não foram desta vez nem carbonários nem os maçons, mas alguns católicos e alguns padres.

Quanto à oposição liberal, o primeiro silêncio de estupefação durou apenas poucos dias. «Que faremos? perguntaram os filhos deste mundo em outra ocasião. «Pois este Homem faz muitos milagres. Se O deixarmos continuar assim, todos acreditarão nele!» Numa semana a Loja do Grande Oriente de Santarém acordou em tempo suficiente para elaborar não um simples plano de defesa mas um contra-ataque.

Na noite de 23 de outubro muitos irmãos, inclusive um, vulgarmente conhecido sob o nome de Francisco do Cemitério, foram até Ourém onde se juntaram outros comparsas do Administrador Santos. Chegaram todos de automóvel até à Cova da Iria com a intenção de destruir o resto da azinheira e assim matarem o culto, apoderando-se da principal relíquia do ponto de reunião.

Alguns levaram lanternas, machados e picaretas.

Alguns golpes na raiz e uma árvorezinha caía por terra. Nas proximidades estavam os acessórios de devoção: a mesa do Maria Carreira toda enfeitada, onde estavam as moedas e uma gravura de Nossa Senhora, o arco que os peregrinos haviam construído com duas varas amarradas. De um gancho no meio pendiam duas lanternas a duas cruces. Tudo isso foi confiscado pela expedição e levado para Santarém. Esses objetos foram exibidos como monstruosidades da Idade Média, numa casa perto do seminário. Para visitá-los pagava-se uma entrada cujo produto devia ser oferecido à Santa Casa da Misericórdia. Esta recusou com nobreza receber tal donativo. Na tarde do dia seguinte, levaram os objectos exibidos em procissão pelas ruas da cidade, cantando ladainhas e blasfémias ao som de tambor.

«O Século», órgão liberal e maçónico de Lisboa, publicou esses pormenores todos, condenando calorosamente tais profanações. Chamou a atenção pelo facto vergonhoso do tal atentado ter-se realizado nessa época em que as procissões católicas estavam proibidas. Outros anticlericais eram menos toerantes. Um grupo de católicos da mais fina sociedade de Santarém publicou um protesto de indignação. A Federação Portuguesa de Livres-Pensadores respondeu com um dos mais curiosos documentos da História Portuguesa: Um manifesto dirigido a todos os liberais contra «a torpe especulação feita com a ridícula comédia de Fátima. Atribuíam isso a um estratagema clerical para unir a Igreja e o Estado e restabelecer as relações diplomáticas com o Vaticano. O escritor foi tão longe em sua verve a ponto de declarar que os milagres deviam ser punidos como transgressão por uma postura municipal, já que eram uma violação da lei da natureza. Ficaram particularmente furiosos porque o milagre do sol foi planeado e perpetrado no dia do aniversário do livre-pensador Francisco Ferrer. Termina pedindo uma acção pública imediata contra esse delito que ameaça arrastar ao medialismo a luz do século vinte. Termina com:

« VIVA A REPÚBLICA!

ABAIXO A REACÇÃO!

VIVA A LIBERDADE! »

Na manhã de 24 de outubro, corria de boca em boca através dos campos da Serra a notícia do roubo do altarzinho. Ouviram-se gritos de raiva na Moita, em Fátima, em Aljustrel. Maria Carreira foi uma das devotas que correram à Cova da Iria para ver o que tinha acontecido. Ai! Não podia ser pior! A mesa, o arco, as lanternas, tudo havia desaparecido! Mas não, não era o pior! Porque os velhacos se enganaram e cortaram outra árvore contígua. A cinco pés de distância do lugar de onde a haviam arrancado estava a intrépida azinheirinha onde aparecera Nossa Senhora. Com os brotos de cima tristemente arrancados, o tronco e os galhos de baixo brilhavam ainda ao sol para todos verem. Maria Carreira deu graças a Deus.

O resultado completo do ultraje foi incrementar mais ainda em vez de diminuir a devoção a Nossa Senhora de Fátima. Dia a dia aumentava o número dos peregrinos. Nos domingos e nos dias 13 de todos os meses de

maio a outubro era ainda maior o número e às vezes eram verdadeiras procissões que chegavam de Leiria, Ourém ou Chão de Maçãs. Mesmo durante a semana era raro o dia em que não chegavam alguns. Predominavam os pobres. Muitos descalços, doentes, estropiados, aflitos, todos vinham na esperança de poder tocar o tronco da azinheira. A Rainha do Céu teria compaixão deles. Numa gélida manhã, Maria Carreira encontrou um homem que havia dormido a noite toda no chão perto da árvore depois de ter caminhado onze léguas. «Estou contente de ter vindo», disse. «Sinto-me tão feliz neste lugar!»

Entre os pobres devotos misturavam-se também os mais abastados. Vinham às vezes de Lisboa ou do Porto. Quase todos os dias alguns chegavam até à casa dos Martos ou dos Abóboras, pedindo-lhes para falar com as crianças. A princípio a tia Olímpia costumava mandá-los ao pasto à procura de Jacinta e Francisco. Mas começaram a aborrecê-la tanto que resolveu entregar novamente o rebanho ao seu filho João.

Os dois ficaram tão desapontados! Isto significava perder em grande parte a companhia da Lúcia. Mas logo ela também deixou de ser pastora.

Maria Rosa e seu marido eram humanos demais para se transformarem em anjos, logo após a experiência que tiveram no dia 13 de outubro. Milagre ou não, António se ressentia do facto de a multidão aumentar ainda - se fosse possível - os estragos de sua chácara, na Cova. Nada mais crescia lá agora, especialmente quando os peregrinos vinham acampar à noite ou andar de lá para cá, durante o dia. Não era pequeno prejuízo para um agricultor de Aljustrel perder 50 sacos ou mais de batatas por ano sem contar o feijão, o espinafre e outras verduras. Maria Rosa tornou-se irascível por fim, aliás era esse o seu temperamento. Era entretanto sincera demais para negar que Lúcia tivera razão. Era também bastante piedosa para - depois de ter aceite o facto - deixar de fazer tudo o que estava a seu alcance para satisfazer os desejos da Mãe de Deus.

Se Nossa Senhora quer que a cachopa aprenda a ler, não se tem mais nada a dizer. Desde os tempos da Monarquia, existia uma escola diurna para meninos em Fátima, junto à Igreja.

Recentemente, por feliz coincidência, abriu-se outra para meninas. Maria Rosa matriculou Lúcia, e aconselhou a cunhada a que mandasse Jacinta também.

CAPÍTULO XV

Em casa só ficava o Francisco, agora, mas sozinho ele nunca estava. Mantinha-se constantemente em presença de Deus com sentimentos de calma e serenidade. Nunca se cansava de contemplar o nascer e o pôr do sol. Aos domingos e feriados ia rezar o terço com as meninas lá na Cova da Iria, ou então, ia ao Cabeço rezar a oração do Anjo. Fugia pulando muros e vales assim que percebia alguém com ares de peregrino curioso.

As vezes não conseguia escapar. Certo dia foi surpreendido por um grupo de pessoas, em companhia da irmã e da priminha, na curva da estrada. Imediatamente identificaram os três e os cercaram. Um deles sentou Jacinta no alto de um muro para que todos a pudessem ver melhor. Outro procurou fazer o mesmo com Francisco. Mais ágil, porém, este pulou para outro muro velho que havia por ali e de lá olhava triunfante para o grupo. Nisto percebeu uma mulher maltrapilha ajoelhada com o filhinho, de mãos postas, suplicando alguma coisa. Ela pedia ao Francisco que recomendasse a Nossa Senhora a cura de seu marido que estava doente, e pedia também que ele não fosse para a guerra. Francisco ajoelhou-se ali mesmo no alto do muro e começou a rezar o terço. Todos os estranhos puseram-se também a rezar.

«Depois todos nos acompanharam até à Cova da Iria», escreveu Lúcia «e rezámos outro terço no caminho». A pobre mulher prometeu voltar para agradecer a Nossa Senhora. Voltou, não só uma mas várias vezes com o marido, que recobrou a saúde. Pertencia à Paróquia de São Mamede e nós os chamávamos «os Casaleiros» [1].

Muitos estranhos aborreciam Francisco. Quantas perguntas tolas! Uma das prediletas era a que se faz a todo o menino em toda parte do mundo: Que pretende ser quando crescer? Tal pergunta para ele exigia uma série de explicações. Certa vez, duas senhoras curiosas interpelaram-no:

«Queres ser carpinteiro?»

«Não, senhora».

«Médico, então?»

«Oh, não!

«Já sei o que gostarias de ser: padre!»

«Não».

«Quê?! Não gostarias de dizer Missa?... Não queres ouvir confissão?...
Rezar na Igreja?... »

«Não, senhora. Eu não quero ser padre».

«Então, que queres tu ser?»

«Não quero ser nada».

«Não queres ser nada?»

«Não. Quero morrer e ir para o céu» [2].

Francisco não desejava ir à escola com Jacinta e Lúcia. Para quê? Se ia logo para o céu!... Gostava, porém, de acompanhá-las até a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, em Fátima. Dizia então:

«Olhem, vão para a escola que eu fico aqui pertinho de Jesus Escondido».

«A mim não me adianta nada aprender a ler e escrever. Vou morrer logo e irei para o céu. Quando voltarem, chamem por mim».

A Igreja estava em obras e o Santíssimo Sacramento tinha sido transportado do altar-mor para um altarzinho à esquerda, logo à entrada. «E aí o encontrávamos na volta», disse Lúcia. Costumava passar dias inteiros ajoelhado, olhos fitos no tabernáculo onde Nosso Senhor esperava que alguém o fosse visitar. Foi assim sem direcção, que Francisco aprendeu a meditar. Podia ter chegado a ser um perfeito contemplativo e a ter êxtases. Foi com o próprio Mestre que aprendeu as lições que ensina Santa Teresa

em seu «Caminho da Perfeição: esta oração sublime requer muito amor, gosto pela solidão, desapego, esquecimento de si e mortificação.

Não ostentava os seus sentimentos de piedade. Antes os ocultava até mesmo de Jacinta. Certo dia depois da escola as meninas o perderam de vista na Serra. Encontraram-no muito tempo depois prostrado no chão, imóvel, atrás de um muro de pedras.

«Por que não vieste rezar connosco?»

«Prefiro rezar sozinho, pensar e consolar Nosso Senhor.

Ele está tão triste!»

«Francisco, gostas mais de consolar Nosso Senhor ou de converter pecadores e salvar as almas do inferno?»

Lúcia não avaliava o sentido profundamente teológico desta pergunta. O pequeno respondeu sem hesitar:

«Gosto mais de consolar Nosso Senhor».

«Não te lembras mais de como Nossa Senhora ficou triste, o mês passado, quando disse que não ofendessemos mais a Nosso Senhor, que já estava tão triste com tantos pecados?»

«Quero consolar Nosso Senhor primeiro e depois converter os pecadores para que não O ofendam mais».

Certo dia estava demorando tanto que Jacinta pensou que estivesse perdido. «Francisco! Francisco! Ninguém respondia. Descobriram-no, finalmente, imóvel, atrás de um monte de pedras, prostrado, rezando. Mas não respondeu. Ficou espantado quando as meninas o sacudiram. Levantou-se, finalmente, mas parecia não saber onde estava. Explicou que ficara rezando a oração do Anjo e tinha depois pensado muito e ficara assim esquecido.

«E não ouviste Jacinta chamando por ti?»

«Eu? Não. Não ouvi nada».

A oração de Francisco não era uma forma de vã complacência, como a dos pseudomísticos. Não era também a «gulodice espiritual citada por São João da Cruz. Antes irradiava-se e floria em boas obras em benefício dos outros. Gostava de ir buscar o rebanho de uma velhinha que não conseguia reunir os carneiros. Obtinha curas notáveis e muitas conversões. Não resistia nunca a um pedido sincero. Certa vez ofereceu dois vinténs a um menino para que soltasse um passarinho e correu imediatamente a Aljustrel para buscar o dinheiro. Não se poupava quando podia livrar alguém do sofrimento ou do pecado. A caminho da escola outra vez Lúcia encontrou-se com Teresa, sua irmã, recém-casada, que morava em Lomba. Vinha fazer um pedido de orações. O filho de uma senhora havia sido preso e acusado falsamente de um crime muito grave. Ia agora ser exilado ou preso por não sei quantos anos. Depois que Teresa saíra da casa da mãe, Lúcia contou aos outros dois o que ouvira. Francisco ficou visivelmente comovido. Ao chegarem a Fátima, disse:

«Olhem, enquanto vocês duas vão para a escola, eu fico com Jesus Escondido e vou pedir essa graça».

Quando terminaram as aulas as duas garotas encontraram-no ajoelhado diante do Santíssimo. «Falaste a Nossa Senhora sobre o caso? perguntou Lúcia».

«Falei, sim. Podes dizer a tua irmã Teresa que o moço voltará para casa daqui a alguns dias». E assim aconteceu.

No dia 13 do mês seguinte a mulher de Lomba foi à Cova da Iria agradecer a liberdade do filho. Francisco pagava esses favores como todos os místicos pagam. Depois do céu, o maior desejo do pequeno era receber Jesus Escondido na Eucaristia.

Chegou a ser um tormento quando viu sua irmãzinha Jacinta fazer a primeira comunhão. Começaram a preparar-se juntos no verão anterior. O tio Marto lembra-se muito bem. Foi logo depois do interrogatório que lhes fez o Senhor Prior sobre as aparições.

«Senhor Prior, disse «aqui estão os meus filhos prontinhos para a primeira confissão. Agora Vossa Reverência pode fazer-lhes todas as perguntas que quiser». Em seguida foram examinados para ver se estavam preparados para a primeira comunhão. Mas o Padre Ferreira achou melhor esperarem mais um ano. Jacinta, finalmente, conseguiu passar em maio de 1918. Mas Francisco atrapalhou-se em certo ponto do Credo e não conseguiu passar. Desta vez voltou para casa chorando. Já era bastante penoso o fracasso para um menino de dez anos, e mais triste ainda sentar-se com os adultos nessa linda manhã de primavera para assistir a sua irmãzinha comungar sem ele. Mas o pão da separação é habitual aos queridos de Deus, e Francisco suportou-a corajosamente enquanto repetia a sua oração: «É por vosso amor, ó meu Jesus!»

É evidente, através das Memórias de Lúcia, que ela reconhecia uma superioridade espiritual nesse pequeno mais moço que ela. Um pouco antes da Quaresma de 1918, alguns amigos pediram a Lúcia que organizasse uma festa para a semana do Carnaval. Costumava um grupo de rapazes e moças encontrar-se em determinado lugar levando azeite, pão e carne de casa e assim festejarem e dançarem até alta noite.

José Carreira e sua esposa ofereceram a casa para essa brincadeira, que prometia ser a melhor do ano. Começaram a chegar raparigas da Moita, de Fátima, de Silva dos Currais, Lomba, Pederneira, Cura da Pera, Coisa Velha, de toda parte da Serra. «Recusei a princípio, mas levada por uma condescendência covarde, aceitei diante dos pedidos instantes». A consciência de Lúcia não estava em paz e ela contou aos primos.

O olhar profundo dos olhos negros de Francisco tornou-se cada vez mais severo. «Então tu voltas a essas brincadeiras e divertimentos? Esqueceste a promessa de não tomar parte nessas coisas?»

«Eu não quero ir. Mas não vês como não param de pedir-me? E eu não sei o que fazer».

«Não sabes o que fazer? Toda a gente sabe que Nossa Senhora te apareceu. Diz somente que por causa disso prometeste não dançar mais e que não vais. Depois poderemos fugir durante estes dias para a gruta do Cabeço e ninguém nos encontrará».

E no dia da festa foram os três para a Cova da Iria rezar o terço.

O padrinho de Lúcia, Anastácio, era um dos poucos em Aljustrel cujos haveres permitiam que vivesse sem precisar de trabalhar. A sua esposa, Teresa, era muito considerada na redondeza e era, de facto, muito boa. Um domingo, à tarde, viu passarem as crianças e chamou-as: «Venham cá! meus malandrinhos, venham cá! Há tempo que não os vejo! Deu-lhes alguns doces e pediu que cantassem certa cantiga um tanto pagã que começava assim:

Cumprimentos à cachopa

Que tem perfume de aurora...

Ao terminarem, toda a família se ria a bom rir e pedia que repetissem. Mas Francisco disse: «Não cantemos isso nunca mais. Nosso Senhor talvez não goste que cantemos essas coisas. Recusaram e pediram licença para se irem embora. Lúcia pensou que contrariar o padrinho seria expor-se a perder uma boa herança. «Mas o bom Deus me havia destinado uma herança bem mais preciosa».

Estávamos em outubro de 1918 e a guerra prestes a acabar, como a Senhora o prometera. A grande epidemia de influenza, um dos flagelos concomitantes à guerra, assolava quase o mundo todo como castigo dos pecados de apostasia dos homens. Milhares e milhares de pessoas eram ceifadas pelo mundo todo. Lá pelos meados de outubro surgiu também em Aljustrel. Excepto Lúcia, toda a família dos Abóboras caiu doente. Em casa do tio Marto, só ele ficara de pé para cuidar da família toda. Francisco foi o primeiro a ir para a cama. O seu caso era grave e terminou com broncopneumonia.

O coração do pai e da mãe ficavam espedaçados ao ouvirem o pequeno receber com alegria essa doença como o prenúncio da viagem que Nossa Senhora lhe prometera. Ficou num estado tal de fraqueza, que se movia dificilmente, mas nunca se queixava. «Se eu lhe dava leite», lembra Olímpia, «bebia o leite. Se lhe dava ovo, comia o ovo. Pobrezinho!»

Tomava os piores remédios sem uma careta. Isto nos dava esperanças que tudo iria bem. Pensa que foi assim? Estava sempre a dizer-nos que não valia a pena, que Nossa Senhora viria buscá-lo para o céu. A única tristeza que sentia, era por não mais poder ir à Igreja de Fátima fazer a sua visita diária a Jesus Escondido.

Alguns dias mais tarde, Jacinta caíu doente também.

Um dia Lúcia encontrou-a no auge da alegria. «Olha, Lúcia!» disse. «Nossa Senhora veio ver-nos aqui. Disse que vinha buscar logo o Francisco para o céu. A mim perguntou-me se ainda queria converter mais pecadores e eu disse que sim».

«Nossa Senhora quer que eu vá para dois hospitais».

Mas não é para me curar. É para sofrer mais por amor de Deus, pela conversão dos pecadores e em reparação dos pecados cometidos contra o Coração Imaculado de Maria. Disse-me que tu não irias, continuou, talvez ao perceber no olhar de Lúcia uma esperança. «Disse que a minha mãe iria levar-me e depois ficarei lá sozinha».

O tio Marto e a sua esposa ouviram arrepiados essa conversa.

Esta influenza não parecia ser ordinária, atacava sempre os brônquios. Todos os dias sabia-se de algum vizinho que morria. Todos os dias o sino da Igreja de Fátima anunciava uma reunião triste no cemitério à beira do caminho. Em muitas aldeias de Portugal foi proibido o toque do sino esse inverno, para evitar um estado de pânico. Mas o tio Marto já tinha passado por muita coisa neste mundo para se impressionar ou ficar fora de si só porque havia um caixão de defunto a mais».

Nunca duvidara que Jacinta tivesse visto mesmo Nossa Senhora na Cova da Iria, mas não era homem para querer chamar intérpretes só porque a pequenita tivera um sonho ou uma visão.

Pouco a pouco, a febre do Francisco começou a baixar e o pulso a ficar mais forte. Lá pelo Natal, começou a levantar-se por instantes, apesar de pálido e fraco, e mesmo a andar um pouco. Ao começar o ano novo, parecia

estar quase bom. Em janeiro foi até à gruta do Cabeço rezar a oração do Anjo.

Um dia ia rezar na Cova, outro no Cabeço, nos Valinhos. Apesar da dor de cabeça foi uma vez até Fátima e ficou bom tempo de joelhos diante do altar, consolando a Jesus Escondido pelo abandono do mundo.

Respondia pacientemente às perguntas sem fim dos peregrinos. Isso nem sempre era fácil. Encontrou, certa tarde ao voltar dos Valinhos, a casa cheia de gente que trouxera terços, crucifixos, medalhas e outros objetos para que os benzesse.

«Eu não posso benzer isso. Nem vocês tampouco, disse em tom severo. «Só os padres podem benzer»

Os visitantes saíram depressa, mas insultando-o de longe.

No fim de janeiro caiu doente outra vez, com febre alta. O tio Marto, como sempre, tratou de ver as coisas com bons olhos. «Não é nada, Francisco, vais ficar bom novamente, como da outra vez. Ainda hás de ser um homem forte, vais ver». «Não», replicava o pequeno. «Nossa Senhora virá logo».

A madrinha Teresa era uma das que tentava inculcar-lhe ânimo e esperança. Prometera, se o menino sarasse depressa, dar seu peso em trigo para os pobres. Nossa Senhora não recusaria atender tal pedido e aceitar tal promessa.

«Não é preciso incomodar-se», disse o menino, calmamente. «Nossa Senhora não lhe vai dar essa graça».

Piorou alguns dias depois e voltou para a cama. Era a única cama de ferro que ainda lá existe com a colcha de retalhos, a cabeceira de metal colorido, e as duas bolas de cobre. Um pouco acima, à direita, uma janelinha de onde se via um pouquinho do céu. A cabeça a arder em febre, Francisco estava convencido de que nunca mais se levantaria. Desde então começou a ficar cada vez pior.

Jacinta, por esse tempo, também estava deitada em outro quarto. Prestava bem atenção para ver quando os pais saíam de casa. Escapava da cama e furtivamente entrava no quarto do Francisco, encarrapitava-se na cama ao lado dele e punham-se a conversar até que um dia foram descobertos e isso foi proibido. A tarde, ao voltar da escola, Lúcia passava por lá antes de ir para casa. A tia Olímpia sorria contente. Sabia o prazer que isso causava aos doentinhos.

Lúcia dizia: «Então, Jacinta, fizeste muitos sacrifícios hoje?»

«Sim, uma porção» respondia a menina. Baixava mais a voz. «A mamã não estava e eu quis muitas vezes ir visitar o Francisco mas não fui».

Lúcia foi até ao quarto do menino. Estava vermelho, os olhos grandes demais a brilhar intensamente.

«Sofres muito, Francisco?»

«Bastante. Mas não faz mal. Sofro para consolar Nosso Senhor, logo estarei com Ele».

«Quando fores, não te esqueças de pedir a Nossa Senhora que me leve logo também».

«Eu não peço isso. Sabes muito bem que Ela não quer que vás já».

Certa tarde Lúcia trouxera algumas colegas. Quando já se tinham ido embora, Francisco olhou seriamente para ela e disse:

«Não deves andar com elas, podes aprender a pecar».

«Mas saem da escola comigo».

«Quando saíres, fica um tempinho aos pés de Jesus Escondido e depois vem sozinha» [3].

A febre subia. Estava cada vez mais fraco. Um dia em que Lúcia estava sozinha com ele, tomou um pedaço de corda e entregou-lhe.

«Toma isto antes que minha mãe descubra. Não tenho mais força para escondê-la». Era a mesma que haviam encontrado na estrada e tinham transformado em cilício.

No princípio de abril Francisco estava tão fraco que dificilmente movia os lábios para rezar. Queixava-se por não poder mais rezar o terço.

«Não tenho mais forças, mãe, dizia, «quando rezo as Ave-Marias tudo se mistura na minha cabeça».

«Se não podes, reza só com o coração». Olímpia pousava ansiosa a mão na testa do filhinho. «Nossa Senhora vai ouvir e ficará contente do mesmo modo». Ele sorriu satisfeito.

Voltou a primavera. Às vezes ouvia-se ao longe o cantar de um rouxinol que penetrava pela pequena janela com o ar suave da Serra.

Francisco pediu para ver Lúcia. Ela veio correndo.

«Olha, Lúcia, estou muito doente. Vou logo para o céu».

Lúcia procurou ficar impassível. «Então, vê lá, não te esqueças de pedir muito pelos pecadores, pelo Santo Padre, por mim e pela Jacinta».

«Sim. Eu peço, mas olha - pede essas coisas antes à Jacinta. Tenho medo de esquecer-me quando vir Nosso Senhor. Antes de tudo quero consolá-LO... Olha, Lúcia, eu queria confessar-me».

Durante a noite do dia 2 de abril ficou tão mal que os pais prometeram mandar, logo bem cedo, chamar o Sr. Prior para confessá-lo e dar-lhe o Viático.

De madrugada, Francisco murmurou à sua irmã Teresa que queria ver Lúcia imediatamente. A moça correu para a casa dos Abóboras, acordou a prima e disse:

«Lúcia, vem depressa! O Francisco está muito mal e disse que te quer dizer uma coisa».

Lúcia vestiu-se a toda a pressa e correu ao pé da cama do pequeno. Pediu que a mãe, o irmão João e mais duas de suas irmãs saíssem do quarto. Podia ser um segredo o que Francisco queria dizer. Todos saíram e o pequeno disse:

«É que vou confessar-me para poder comungar e morrer depois. Queria que me disseses se me viste fazer algum pecado e que fosses perguntar a Jacinta se ela me viu fazer algum

Lúcia pensou... pensou... «Desobedeceste algumas vezes a tua mãe - quando ela te dizia que ficasses em casa e tu escapavas e ias esconder-te».

«É verdade. Fiz isso. Agora vai perguntar à Jacinta se ela se lembra de mais alguma coisa».

Jacinta pensou... pensou... «Diz-lhe que, antes de Nossa Senhora nos aparecer, ele roubou um tostão do pai para comprar a gaitinha do José Marto, da Casa Velha, e, quando os rapazes de Aljustrel atiravam pedras aos de Boleiros, ele também atirou» .

Lúcia correu a levar o recado de Jacinta. «Já confessei esse, murmurou. «Mas torno a confessá-lo. Talvez seja por causa desses pecados que Nosso Senhor está tão triste. Mesmo que eu não morra, nunca mais hei de fazer isso. Agora estou tão arrependido! E, unindo as mãozinhas, disse: «Ó meu Jesus, perdoai-nos, salvai-nos do fogo do inferno, levai todas as almas para o céu, especialmente as mais necessitadas». Virando-se então para Lúcia: «Olha, pede tu também a Nosso Senhor perdão pelos meus pecados».

«Peço, sim. Fica descansado. Se Nosso Senhor já não te tivesse perdoado, não diria Nossa Senhora a Jacinta outro dia que viria logo buscar-te para o céu. Vou agora para a Missa e lá rezarei a Jesus Escondido, por ti».

«Olha, pergunta também a Nosso Senhor se o Senhor Prior pode dar-me a comunhão».

«Quê? Pois sim».

Quando Lúcia voltou da Missa, Jacinta havia se levantado e sentara-se na beira da cama do irmãozinho. Ao ver Lúcia, Francisco perguntou logo:

«Perguntaste a Jesus Escondido se o Senhor Prior podia trazer-me a Comunhão?»

«Perguntei».

«Depois no céu rezarei por ti».

«Rezas mesmo? Disseste outro dia que não ias rezar».

«Mas era para não ires logo para o céu. Mas, se queres, eu rezo e Nossa Senhora fará o que desejas».

«Quero, sim. Reza».

Eis aquilo de que Lúcia se recorda da conversa. «Deixei-o e fui para o meu trabalho de todos os dias lá na escola. Ao cair da tarde voltei e encontrei-o radiante de alegria. Tinha se confessado e o Senhor Prior prometera trazer-lhe a Sagrada Comunhão no dia seguinte...

Foi linda a manhã do dia três de abril. Francisco repousava tranquilo à espera do padre. Daí a pouco, abriu os olhos. Ouvira o tilintar do sininho que o acólito tocava para avisar o povo de que o Senhor Prior levava o Santíssimo.

Tentou sentar-se, mas estava fraco demais. A madrinha Teresa disse-lhe que podia muito bem receber a primeira comunhão deitado. Era a mesma coisa. Entrementes, Olímpia acendeu as velas bentas e arrumou-as numa mesinha junto da cama.

O padre entrou no quarto segurando Jesus Escondido diante dele e dizendo três vezes: «*Domine, non sum dignus...* Francisco estava quase no céu.

Quando Jacinta voltou a visitá-lo - tinha licença naquele dia - o pequeno confiou-lhe: «Estou mais feliz que tu, hoje, porque tenho Jesus Escondido

no meu coração. Vou para o céu e lá pedirei muito a Nosso Senhor e a Nossa Senhora que te venham buscar logo também».

Jacinta passou quase o dia todo com ele. Às vezes rezava o terço porque ele não podia mais rezar sozinho, outras, ficava sentadinha na beira do leito a olhar para o irmãozinho. Depois da escola Lúcia veio, como de costume. Disse-lhe Francisco: «Fica certa de que no céu vou rezar muito pelos teus desejos - quem sabe se Nossa Senhora é capaz de te vir buscar também logo?

Lúcia procurou dissuadi-lo. «Não faça isso. Pensa somente que estás aos pés de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, que são tão bons

«Está bem. Terrível pensamento assaltou-o: «Talvez Ela não se lembre mais de mim!»

«Pois se Ela não se lembrar mais de ti... Paciência!!...

Francisco sorriu.

O pequeno parecia tão celestial, que Lúcia pensou não o ver mais. «Adeus, Francisco, disse baixinho. «Se fores para o céu esta noite, não te esqueças de rezar por mim lá, ouviste?»

«Não me esqueço, não. Fica descansada».

Tomou-lhe a mão direita com energia inesperada e apertou-a com força durante longo tempo. Fitou-a bem nos olhos e o olhar de ambos velou-se de lágrimas.

«Não desejas mais nada? perguntou ingenuamente, mas foi só o que pôde dizer.

«Não, respondeu o pequeno com voz sumida».

A tia Olímpia entrou no quarto para mandar Lúcia embora.

«Então, adeus, Francisco! Até ao céu... Até logo, até ao céu». Lúcia saiu chorando. Não suportava mais.

O pequeno ficou tranquilo durante a noite toda pensando em Jesus Escondido que recebera e que ia ver logo face a face. Tinha sede mas já não podia mais beber nem o leite que a mãe lhe oferecia. Engolia apenas umas gotas de água.

«Estou bem, dizia, «Não me dêem mais nada».

De repente chamou:

«Olha, mãe, que luz tão linda ali, junto da porta ... Agora não a vejo mais...

Ao amanhecer pediu a bênção e perdão à mãe por qualquer mágoa que lhe tivesse causado durante a vida. Lá pelas dez horas expirou quase imperceptivelmente... Um sorriso celestial entreabria-lhe os lábios, quando Lúcia e Jacinta vieram contemplá-lo.

No dia seguinte, 5 de abril, alguns homens de capas verdes, membros de Misericórdia, conduziam lentamente o cortejo, pela estrada calçada de pedras chatas, rumo a Fátima.

Logo atrás, um acólito carregava uma cruz e quatro rapazes de opas brancas levavam o pequeno caixão. Tio Marto, tia Olímpia e mais algumas pessoas acompanhavam o enterro. Sepultaram os restos de Francisco numa campa rasa, perto do portão do cemitério. Todos rezavam o terço.

Jacinta não estivera presente. Já estava bem doentinha. Lúcia, mais tarde, veio sozinha, e colocou junto à campa uma cruz singela.

NOTAS

[1] Memórias, IV, pag. 25.

[2] Outra reminiscência do tio Marto, Padre De Marchi, pag. 211.

[3] Memórias, IV, pag. 20.

CAPITULO XVI

Jacinta foi transportada para a cama onde morrera Francisco. Ficava mais perto da porta da entrada e assim podia ver e ouvir melhor as visitas. Olímpia pensava que isso a ajudaria a esquecer a impressão desoladora que lhe causara a separação do irmãozinho. Apesar de saber onde ele estava e quem o tinha vindo buscar, sentia uma falta terrível do seu companheirinho.

Quem mais lhe fazia companhia nesses dias de triste primavera, era Lúcia. Diariamente, ao voltar da escola, aparecia por lá, toda contente, como costumava fazer antes com o Francisco. Aos domingos e feriados levava braçadas de flores da Serra e, enquanto as arranjava sobre a mesa, ia dizendo a Jacinta onde as tinha colhido. «Estas são da Cova da Iria. Estas outras, achei-as nos Valinhos. Estas crescem à beira da Lagoa. As mais lindas vinham da encosta do Cabeço - violetas, rosas selvagens, peónias e margaridas - todas as flores que a pequena colheria se estivesse com saúde.

Lúcia trazia novidades divertidas da construção da capelinha que alguns devotos estavam mandando levantar perto da azinheira na Cova da Iria. Todos queriam mandar e ninguém obedecia. Certa vez a discussão chegou a ser calorosa. Com certeza Maria Carreira estava no meio, toda inflamada com o seu zelo despeitado cuja mostarda já lhe tinha chegado à ponta do nariz afilado. Padre nenhum lá estava para arbitrar e muito tempo se passou sem que fosse benta a ermida [1].

Jacinta achava graça, mas ficava pensativa:

«Nunca mais verei a Cova da Iria nem os Valinhos», dizia.

«Verás, sim, Jacinta. Coragem!»

«Não. Nossa Senhora disse-me que a mamã vai levar-me para um hospital numa casa escura, mas não me curarei».

É verdade que a pleurisia leva tempo para sarar. Os doentes podem, entretanto, ajudar os outros, mesmo quando estão exangues. Uma das tias de Lúcia, Vitória, tinha um filho inteligente mas aventureiro que ficou

perdido durante várias semanas. Jacinta pediu então a Nossa Senhora que o fizesse voltar para casa. Alguns dias depois ele voltou contando uma história estranha como se a doentinha tivesse o dom de bilocação. Gastara todo o dinheiro que levava, metera-se num roubo, fora preso e mandado para a cadeia de Torres Novas.

Conseguiu fugir certa noite. Refugiou-se nas montanhas e escondeu-se num pinheiral. Sobreveio horrível tempestade. Amedrontado, caiu de joelhos, pediu perdão dos pecados e a graça de voltar, sem contratempos, para casa. Nisto, uma menina surgiu no meio da escuridão, tomou-o pela mão e ele viu que era Jacinta. Conduziu-o até à estrada que vai de Alqueidau a Reguengo, fez-lhe um sinal para que continuasse por esse caminho e desapareceu. Pela madrugada encontrou uma ponte, que reconheceu. Estava perto de Boleiros, não muito distante de Fátima. Lúcia perguntou a Jacinta como isso se dera, mas a pequena não soube explicar. Dissera apenas que rezara muito pelo rapaz [2].

O verão chegara, mas o estado de Jacinta continuava sempre o mesmo. O médico afirmou que não ficaria boa se não fôsse para um hospital tentar uma operação. A broncopneumonia tinha evoluído e estava agora com pleurisia purulenta. Na manhã de 19 de julho de 1919, o tio Marto colocou-a em cima de um burro e levou-a para Ourém. O hospital era um edifício grande, todo branco, muito alegre. A enfermaria onde estava o leito de Jacinta era arejada e agradável. Não podia ser esse o lugar escuro para onde Nossa Senhora disse que a mãe a levaria.

Olímpia foi visitá-la e encontrou-a alegrinha. Não se queixava de nada nem mesmo ao perceber que uns doces da gaveta haviam desaparecido.

- «Era a gulosa da enfermeira que os comia», disse Olímpia. Mas Jacinta não se importava.

Lúcia visitou-a apenas uma vez. Foi por ocasião da morte de seu pai, em 31 de julho de 1919. Conta o facto brevemente em suas Memórias, sem comentários nem emoção. A família sentiu a morte de António, apesar de não ter sido o melhor marido nem o melhor pai do mundo. Não era mau, entretanto, e só se zangava quando «havia bebido um pouco além da conta», observa Maria Carreira. Maria Rosa ficou bastante pesarosa e

depois da morte do marido principiou a declinar-lhe a saúde. Começou a sentir-se muito fraca. Faltava-lhe o ar.

O médico atribuía isso à antiga doença do coração. Depois de uma dessas crises, disse Maria dos Anjos à irmãzinha: «Olha, Lúcia, tu não tens mais pai e, se a mãe vai morrer também, ficas órfã. Se é verdade que Nossa Senhora te apareceu, pede que ela cure a nossa mãe.

A menina levantou-se sem dizer palavra. Foi para o quarto e vestiu um vestido de lã porque chovia e fazia muito frio.

Dirigiu-se até à Cova da Iria e lá ficou prostrada na lama em frente à azinheira. Voltou algumas horas depois trazendo um punhado de terra vermelha e deu-o a Glória, pedindo que fizesse com isso um chá. Prometera a Nossa Senhora, disse, que, se a mãe ficasse boa, iriam todos de joelhos pela estrada até ao lugar das aparições, durante nove dias. Dariam também comida a nove crianças pobres. Foi Maria dos Anjos que contou essa história ao Padre De Marchi.

Glória preparou o chá e levou-o à mãe.

«Que chá é esse?» perguntou.

«É da flor de violeta», dissemos, e ela bebeu-o todo.

As crises de coração cessaram, apesar de ficarem outros sintomas. Fiéis à promessa de Lúcia, foram todos de joelhos até à Cova da Iria, durante nove dias, depois do jantar. Arrastavam-se penosamente pela encosta escarpada e feriam os joelhos nas pedras do caminho. Maria Rosa seguia a pé, dando graças a Deus.

Lúcia não obtivera o mesmo favor para a priminha que estava no hospital. Fizeram-lhe uma incisão e introduziram por ela uma sonda. Dois meses depois, Jacinta não apresentava melhoras - parecia piorar. Isso estava custando a tio Marto 1.200 réis por dia e ele não tinha mais meios para a manter lá. No mês de agosto levou de novo a burrica e trouxe a doentinha para casa.

Ai, Jesus! Olímpia nem reconheceu a filhinha. Estava magra, pálida, transparente. Uma ferida aberta no peito. Precisava fazer curativos diários. O Dr. Formigão, que a vira em outubro, diz que a achou esquelética. Os braços de uma magreza assombrosa. As faces minadas pela febre. Só se viam os olhos enormes.

O grande teólogo foi uma das pessoas - cerca de seiscentas - que foram a Fátima no dia 13 de outubro celebrar o segundo aniversário do grande milagre. Foi nesse dia que os peregrinos sobressaltados ouviram vinte e um tiros, um após outro, perto da azinheira. Não era entretanto um ataque do inimigo como receavam. Era simplesmente um operário de Porto de Mós que soltara vinte e uma bombas em honra de Nossa Senhora para agradecer uma graça inesperada que alcançara.

Não havia a menor dúvida. A devoção de Fátima penetrara em pleno coração desses camponeses humildes. A prova disso era a multiplicação dos vinténs deixados junto da árvore. Pelo verão de 1918, a soma importava em 357 000 réis. Isto constituía um tormento contínuo para Maria Carreira, a guardiã oficiosa do altarzinho, nomeada pelo consenso do povo. As más línguas insinuavam, maliciosas, que ela abastecia de penas o próprio ninho à custa das esmolas. Pediu em vão ao Prior que ficasse com o dinheiro. Escreveu, sem obter resposta, ao Patriarca de Lisboa, pedindo instruções. Nessa mesma ocasião, o Administrador de Ourém intimou o marido de Maria a ir prestar contas às autoridades. Depois da morte de António, Maria Rosa mandou que os seus filhos requeressem, como proprietários dos terrenos da Cova da Iria, que Maria da Capelinha entregasse os fundos a uma comissão. Felizmente um apelo foi dirigido ao Vigário de Olival, no sentido de servir de árbitro. Padre Faustino Ferreira atendeu o pedido e arranjou as coisas amigavelmente até poder encaminhar o dinheiro à autoridade diocesana competente. Desde então Maria Rosa e Maria Carreira tornaram-se amigas íntimas. Outra ocorrência não menos feliz foi Lúcia ter, enfim, encontrado no Vigário de Olival um amigo sincero e um prudente director.

Compreendeu, como homem profundo e sábio que era, o quanto a devoção da Cova da Iria já havia alcançado graças para Portugal e para o mundo todo. A guerra terminara. As relações diplomáticas entre Lisboa e a

Santa Sé se haviam restabelecido em julho de 1918. Em dezembro de 1919, o Santo Padre, Bento XV, dirigiu um apelo aos católicos portugueses incitando-os a submeterem-se à autoridade da República como legalmente constituída e a aceitarem mesmo os cargos públicos que lhes fossem oferecidos. A beatificação de Nun'Álvares, o herói de Aljubarrota, contribuiu muito também para o incremento dos sentimentos de cordialidade. Não obstante, o Governo continuava a perseguir a Igreja de diversas maneiras. Empregou todos os meios ao seu alcance para impedir o surto de devoção de Fátima. Talvez tenha sido por essa razão que Sua Eminência, o Cardeal Mendes Belo, Patriarca de Lisboa, tenha ameaçado de excomunhão qualquer padre que propagasse a devoção e falasse sobre as aparições. Homem de têmpera e capacidade singular, pretendia dominar a opinião pública pela autoridade, em vez de usar de expediente mais persuasivo. Pareceu-lhe importuna a eclosão de uma nova devoção nesse momento em que estavam melhorando tanto as relações entre a Igreja e o Estado.

Em tais circunstâncias, o Dr. Formigão revelou uma atitude de coragem ao assumir o encargo de proteger Jacinta. Infelizmente, a única coisa que podia fazer no momento era oferecer a sugestão de que a levassem para um bom sanatório. Nem o tio Marto nem ele possuíam entretanto os meios necessários para a realização desse projeto. Partiu para Santarém, desolado e apreensivo.

Durante os dias quentes de verão, Jacinta pareceu melhorar um pouco. Levantava-se, saía um pouquinho e finalmente ia, aos domingos, até Fátima ouvir Missa. Foi também duas ou três vezes até à Cova da Iria. Quando os pais souberam disso, não o permitiram mais e já era tempo. Com as primeiras rajadas de frio, voltou a febre e teve de voltar para a cama. Isso não a aborreceu muito a não ser quando percebeu que não podia mais levantar-se para rezar o terço e nem ajoelhar-se, tocando o chão com a cabeça, como fizera o Anjo. Sentia-se cada vez mais fraca.

«Quando estou só, levanto-me ainda para rezar a oração do Anjo», confiou a Lúcia. «Mas agora não consigo pôr a cabeça no chão, se não caio. Rezo só de joelhos, agora».

Lúcia contou isso ao padre Faustino Ferreira e este mandou dizer a Jacinta que rezasse somente deitada.

«Mas Nosso Senhor ficará contente?» indagou ansiosa.

«Sim, Nosso Senhor quer que faças o que seu Ministro ordena».

«Está bem. Então não me levantarei mais».

Mesmo na cama Jacinta continuava a fazer penitência por esses pecadores inveterados que nunca vira. Se sentia sede, não bebia. Recusou um cacho de uvas tão apetitosas que lhe enchiam a boca de água. Ficava muito tempo acordada esperando uma oportunidade para levantar-se e rezar. Mas sabia oferecer o sacrifício da satisfação desse desejo. Preferia contrariar a vontade a desobedecer à mãe. Este conflito tirava-lhe o sono. Contou só a Lúcia a dor horrível que sentia no peito. Oferecia-a em honra do Coração Imaculado de Maria.

«Diz a todos que Deus concede muitas graças por intermédio do Coração Imaculado de Maria», dizia. «Que bom se eu pudesse meter no coração de toda a gente esse fogo que me queima. e me faz gostar tanto do Coração de Jesus e de Maria! Não sei como isto é, sinto Nosso Senhor aqui dentro de mim. Entendo o que ele me diz mas não O vejo nem O ouço. Como é bom estar com ele!... Olha, sabes de uma coisa? Nosso Senhor está triste. Nossa Senhora nos disse que não O ofendessemos mais porque já está tão ofendido e ninguém se importa com isso. Continuam a fazer os mesmos pecados».

Quando Lucia voltava da Missa, Jacinta perguntava: «Comungaste hoje?»

«Sim».

«Então chega-te aqui bem pertinho, que tens em teu coração a Jesus Escondido. Como eu quisera poder comungar!»

Mais três vezes ainda durante esse ano, Jacinta viu «a Mãezinha do Céu» perto da sua cama, encorajando-a. A última dessas visões foi em fins

de dezembro de 1919.

«Nossa Senhora veio ver-me esta noite», contou, toda alegrinha. «Disse-me que vou para Lisboa, para outro hospital, que depois de muito sofrer, morro sozinha. Vou morrer sozinha! Mas disse-me que não tivesse medo, que me vem buscar para o Céu»

.

Pouco depois, ao compreender certas coisas, Jacinta começava a chorar. A mãozinha esquelética agarrava o braço da prima.

«Nunca mais te verei, Lúcia!»

«Irei ver-te lá no hospital».

«Não. Tu não irás visitar-me. Olha, reza muito por mim, porque morro sozinha».

Lúcia trouxera-lhe um dia uma estampa de Nossa Senhora das Dores. Olhou-a, pensativa e disse chorando de angústia:

«Ó minha Mãezinha do Céu, então terei mesmo de morrer sozinha?» Cortava o coração esta queixa e sugeria à lembrança as palavras de Nosso Senhor no Jardim: «Pai, se é possível...»

Lúcia abraçava-a chorando, procurando contudo consolá-la.

«Que te importa morrer sozinha, Jacinta, se Nossa Senhora te vem buscar?»

«É verdade, não me importa. Mas não sei como é; às vezes não me lembro de que Ela vem buscar-me».

Era Lúcia quem contava a Olímpia as particularidades da vida interior da filha.

«Que te disse Jacinta, hoje?» sussurrava junto à porta.

«Pergunta a Jacinta em que pensa ela quando fica assim tanto tempo com as mãos no rosto, sem se mexer. Perguntei, mas ela sorriu sem responder».

Respondeu à pergunta de Lúcia: «Fico pensando em Nosso Senhor e Nossa Senhora e... (aqui falou baixinho uma parte do segredo) Gosto tanto de pensar neles».

Olímpia gostaria bem de saber o que era esse segredo. «A vida dessas meninas é um enigma», queixava-se a Maria Rosa.

«É mesmo», concordava a mãe de Lúcia com o sobrececho carregado. «Quando estão sós, cochicham nos cantos e ninguém consegue apanhar uma palavra do que dizem, nem que preste muita atenção. Quando surge alguém, abaixam as cabeças e não dizem uma palavra. Não entendo esse mistério».

Somente Lúcia levava a sério o que dissera Jacinta sobre o hospital.

Camponeses como eram, não podiam estar assim despendendo com hospital distante a algumas milhas. Pensaram que fosse um delírio. Mas um belo dia de janeiro de 1920, viram parar um automóvel em frente à casa dos Martos. Era o Dr. Formigão em companhia de um senhor e de uma senhora, ambos interessados pelo caso de Jacinta. Tinham vindo de Lisboa, ele - notável especialista em oftalmologia, Dr. Eurico Lisboa - e sua esposa. Após rápido exame convenceu-se o Dr. Lisboa de que a pequena morreria logo se não fosse mandada para um hospital. Poderia facilmente arranjar tudo com as inúmeras relações que tinha na Capital. Junto com mais alguns amigos, entre os quais o Barão de Alvaiázere, poderiam cobrir todas as despesas.

O tio Marto e a Sra. Olímpia objetaram que a menina tinha piorado após o tratamento hospitalar. Aliás não adiantaria querer prolongar-lhe a vida porque acreditavam que Nossa Senhora a viria buscar logo_

«A vontade de Nossa Senhora, replicou gravemente o médico, «é superior a toda e qualquer consideração humana. Mas o único meio de se

saber ao certo que Nossa Senhora quer levá-la, é esgotar todos os recursos científicos para curá-la».

Decidiu-se, pois, que tia Olímpia a levaria até Lisboa assim que fossem tomadas as necessárias providências. Jacinta não ficou surpresa. Estava à espera disso. Começou mesmo a melhorar à medida que se aproximava o dia da partida. Uma linda tarde de janeiro, a mãe e mais uma vizinha fizeram-na subir às costas de uma burrica para ir até à Cova da Iria despedir-se. Na Lagoa, pediu que a descessem, e todos rezaram o terço. Cortou algumas flores selvagens que havia por ali e foi colocá-las na Capelinha como uma oferta a Nossa Senhora. Ajoelhou-se junto da azinheira para uma última oração. Quando as mulheres a ajudaram a levantar-se, olhou para o céu e para a charneca, dizendo:

«Mãe, quando Nossa Senhora voltou, passou por sobre aquelas árvores, e depois entrou tão depressa no céu que pensei que lhe prendiam o pé na porta» [3].

Despediu-se na manhã seguinte do pai e da sua melhor amiga.

«Cortava-me o coração» escreveu Lúcia; «apertei-a muito tempo em meus braços e ela dizia-me chorando: «Nunca mais nos tornaremos a ver! Reza muito por mim até que vá para o céu e lá, depois, rezarei muito por ti. Não contes nunca o segredo, nem que te matem. Ama muito a Jesus e ao Imaculado Coração de Maria e faz muitos sacrifícios pelos pecadores».

«Adeus, Jacinta».

«Adeus, Lúcia».

Olímpia e o filho mais velho, António, levaram Jacinta até Chão de Maçãs, onde tomaram o comboio para Lisboa. Chegaram com quatro ou cinco horas de atraso à estação barulhenta e suja de Rossio. Nenhum deles havia estado jamais numa cidade grande. Olímpia trazia um lenço branco na mão direita, abanando-o de quando em quando. Jacinta tinha outro na mão esquerda. Eram esses os sinais que haviam combinado com algumas senhoras, amigas do Barão de Alvaiázere, para serem identificadas. Mas não apareceu ninguém.

António, que sabia ler, foi atrás de informações. Como demorasse um pouco, a mãe receou que se tivesse perdido e oomeçou a gritar pela estação: «António! António!»

Finalmente, após um tempo que pareceu interminável, António surgiu. Momentos depois, apresentavam-se três senhoras muito bem trajadas, dizendo serem as amigas do Barão.

A primeira coisa a fazer era procurar abrigo para os viajantes, pois nenhuma das senhoras tinha acomodações em suas respectivas casas. Puseram-se, pois, a caminho, indagando nas várias casas de cómodos da cidade se havia lugar. Olímpia estava cansada. Jacinta também não aguentava mais, quando finalmente, depois de muitas recusas, uma boa mulher consentiu em recebê-las. Aí ficaram por uma semana.

Conseguiram depois desse lapso de tempo arranjar um lugar para Jacinta num asilo situado à rua da Estrela, contíguo à Igreja de Nossa Senhora dos Milagres. A diretora do Instituto era uma religiosa Franciscana, D. Maria da Purificação Godinho, secularizada, porque as leis da República proibiam o hábito religioso. Mantinha, à custa de esmolas, vinte a vinte e cinco órfãs, às quais fornecia casa, comida e educação.

Era particularmente devota de Nossa Senhora. Quando soube das aparições de Fátima pediu a graça de poder ir até lá para ver as crianças favorecidas. Alguém contou-lhe então que Jacinta se encontrava em Lisboa. Desde esse momento tomou-a a seu cuidado e, com maternal carinho, instalou-a no orfanato.

A pequena passava horas e horas sentada, confortavelmente, junto à janela que dava para o Jardim da Estrela. Havia sempre aí tanta coisa interessante para se ver!

Jacinta estava feliz. Gostava de viver num convento. Que felicidade do céu pensar que morava sob o mesmo teto que Jesus Escondido! Poder visitá-lo todos os dias, assistir à Missa e recebê-lo todas as manhãs! Ficava triste ao ver como as visitas conversavam e riam na Capela. Pediu a Madre Godinho que os advertisse do respeito devido à Presença Real. Os resultados não foram porém muito satisfatórios. Disse, então, muito séria:

«É preciso dizer isso ao Cardeal. Nossa Senhora não gosta que se fale na Igreja».

Madre Godinho eslava convencida de que tinha em casa uma santinha. «Era com tal autoridade que falava!» dizia. Notou que Jacinta não se importava muito com as outras meninas a não ser para lhes dar um conselho qualquer sobre a lealdade e a obediência. Sentava-a muitas vezes perto da janela e ficavam conversando. Mais tarde, escrevia o que ouvia de mais edificante.

«As guerras», dizia, «são castigos pelos pecados do mundo. Nossa Senhora não pode mais suster o braço de seu amado Filho sobre o mundo. É necessário fazer penitência. Se o povo se emendar, Nosso Senhor ainda o salvará. Mas se continuar a pecar, Nosso Senhor terá de castigá-lo».

«Nosso Senhor está profundamente indignado com os pecados e crimes que se cometem em Portugal. Por isso, um terrível cataclismo de ordem social ameaça o nosso país, principalmente a cidade de Lisboa. Desencadear-se-á, segundo parece, uma guerra civil do carácter anarquista ou comunista, acompanhada de saques, morticínios, incêndios e devastações de toda a espécie. A capital converter-se-á numa verdadeira imagem do inferno. Na ocasião em que a divina justiça ofendida infligir tão payoroso castigo, todos aqueles que puderem, fujam dessa cidade. Este castigo agora predito convém que seja anunciado pouco a pouco e com a devida discrição» [4].

«Coitadinha de Nossa Senhora! Ai! Eu tenho tanta pena de Nossa Senhora! Ela está tão triste!»

«Reze muito, mãezinha, pelos pecadores. Peça muito pelos padres! Peça muito pelos religiosos! Os padres só deviam ocupar-se das coisas da Igreja. Os padres devem ser puros, muito puros. A desobediência dos padres e dos religiosos aos seus superiores e ao Santo Padre ofende muito a Nosso Senhor».

«Minha madrinha, reze muito pelos que governam. Ai dos que perseguem a Religião de Nosso Senhor! Se o governo deixar a Igreja em paz e der liberdade à religião, será abençoado por Deus».

«Não ande, madrinha, no meio do luxo. Fuja das riquezas. Seja muito amiga da santa pobreza e do silêncio. Tenha muita caridade mesmo com quem é mau. Não fale mal de ninguém e fuja de quem fala mal dos outros. Seja muito paciente, porque a paciência nos leva para o Céu. A mortificação e os sacrifícios agradam muito a Nosso Senhor».

«A confissão é um sacramento de misericórdia. Por isso é preciso aproximar-se do confessionário com confiança e alegria. Sem confissão, não há salvação».

«A Mãe de Deus quer mais almas virgens, que se liguem a Ela pelo voto de castidade».

«Eu gostaria de entrar num convento. Mas prefiro ir para o céu».

«Para ser religiosa é necessário ser muito pura na alma e no corpo».

A Madre Godinho perguntava: «Sabes o que quer dizer ser pura?»;

«Sei, sim. Sei. Ser pura no corpo é guardar a castidade. E ser pura na alma é não cometer pecados, não olhar para o que não se deve ver, não roubar, não mentir nunca, dizer sempre a verdade ainda que nos custe».

«Quem não cumpre o que promete a Nossa Senhora não será feliz em seus empreendimentos».

«Os médicos não têm luz para curar os doentes, porque lhes falta o amor de Deus».

«Quem te ensinou todas essas coisas?» perguntava Madre Godinho.

«Foi Nossa Senhora. Mas, algumas, penso-as eu. Gosto tanto de pensar!»

A mãe de Jacinta visitou-a, várias vezes, antes de voltar para Aljustrel. Madre Godinho sabia pô-la à vontade e, com curiosidade feminina, indagava de todos os membros da família. Interessava-se especialmente por Teresa, que contava quinze anos e também por Florinda, que tinha

dezesseis. «Gostaria que as suas filhas tivessem vocação religiosa?» perguntou.

«Deus me livre!» exclamou Olímpia.

Jacinta não ouvira essa conversa. Momentos depois disse a Madre Godinho: «Nossa Senhora gostaria que as minhas irmãs fossem religiosas. Minha mãe não quer e por isso Nossa Senhora vai levá-las logo para o Céu».

Foi no dia 2 de fevereiro de 1920, dia da Purificação de Nossa Senhora e festa da Madre Godinho, que Jacinta foi levada para o hospital Dona Estefânia. Era um ambiente desolado e escuro. A primeira decepção da doentinha ao ser instalada na enfermaria das crianças, na cama nº 38, foi saber que lá não havia capela para Jesus Escondido.

Foi euidadosamente examinada pelo cirurgião-chefe, notável pediatra, Dr. Castro Freire. Foi eonfirmado o diagnóstico de pleuririsia purulenta, e uma operação tornava-se neecessária assim que a pequena estivesse mais forte.

«Não vai adiantar nada, disse Jacinta. «Nossa Senhora veio dizer-me que vou morrer logo».

Certo dia, abriu os olhos! e deu com o pai no umbral da porta. O tio Marto tinha vindo de Aljustrel para ver a filhinha. Mas devia voltar dentro de algumas horas porque outros filhos estavam de cama e tia Olímpia precisava dele para ajudá-la. Talvez fôsse pelo pai que Jacinta mandara recado a Lúcia dizendo que Nossa Senhora viera visitá-la e dissera-lhe o dia e a hora da sua morte.

Madre Godinho ia visitá-la todos os dias e conversavam muito. Aludiu certa vez a um padre que fizera um sermão admirável e fora muito apreciado por distintas senhoras, devido às maneiras teatrais e voz melíflua com que falava.

«Quando menos esperar, vai ver como esse padre é mau», disse Jacinta. Poucos meses depois, o grande pregador abandonava os seus deveres

sacerdotais nas mais tristes circunstâncias. Foi esta. uma das profecias de Jacinta que se verificou de facto. Um médico pediu-lhe orações quando estivesse no Céu.

Surpreendeu-se ao ouvi-la dizer que depois da sua morte, ele e mais a filha morreriam também. E assim foi. A Madre Godinho, que desejava visitar a Cova da Iria, disse: «Irá lá mas depois da minha morte. E eu irei também».

Era tão precária o estado de Jacinta que, ao entrar, no dia 10 de fevereiro, na sala de operações, foi decidida a anestesia local em vez de clorofórmio ou éter. Chorou muito vendo o seu corpinho nas mãos dos médicos. O Dr. Castro Freire retirou duas costelas, e deixou do lado esquerdo uma chaga aberta, tão grande que nela se podia meter a mão. O sofrimento era atroz.

«Ai, Nossa Senhora!» gemia a criança. «Ai, Nossa Senhora!»

Murmurava baixinho: «Paciência! Todos temos de sofrer para ir para o Céu. É por vosso amor, meu Jesus!... Podes agora converter muitos pecadores, porque estou sofrendo tanto!»

Terminaram por fim a operação e levaram-na novamente para a enfermaria, desta vez na cama nº 60. O Doutor Freire e seu assistente acharam que tudo corraera bem, e acreditavam no êxito da operação.

Jacinta não era da mesma opinião. Sofreu dores atrozes durante seis dias. Na noite de 16 de fevereiro, disse à Madre Godinho que havia visto Nossa Senhora.

«E Ela disse-me que vem logo, logo e vai tirar-me todas as dores».

De facto, desde então desapareceram as dores, por completo. Mas estava certa de que a sua hora não tardaria. Mandou chamar com urgência o Dr. Lisboa para contar-lhe um segredo, talvez sobre ele mesmo. Estava muito ocupado e pensou que houvesse tempo mais tarde. No dia 20 do fevereiro, sexta-feira, lá pelas seis horas da tarde, chamou pela enfermeira, Aurora Gomes (a minha Aurorinha) e disse-lhe que ia morrer e que queria

receber os últimos sacramentos. Duas horas depois, o Padre Pereira dos Reis, da Igreja dos Santos Anjos, ouviu-a em confissão e prometeu trazer-lhe a comunhão na manhã seguinte.

No dia seguinte, Jacinta já estava no Céu. Às dez e meia da noite, a enfermeira deixou-a só por uns instantes e voltou a tempo para receber o seu último suspiro. As faces estavam rosadas e um sorriso celeste pairava-lhe nos lábios. Talvez fosse simbólico o nome da enfermeira.

A noite envolvia o hospital escuro mas na alma de Jacinta raiava para sempre esplêndida aurora porque a Mãe de Deus debruçara-se sobre aquele pequenino leito nº 60. Tomou em seus braços, que envolveram o Menino Jesus e O receberam depois do morto, a alminha branca da Jacinta.

A notícia propalou-se, célere. Alguns católicos que acreditavam nas aparições de Fátima juntaram algum dinheiro e pagaram as despesas do enterro. No dia 22 de fevereiro, domingo, foi sepultada Jacinta num dos cemitérios de Lisboa. A Marquesa do Rio Maior vestiu de branco o pequenino cadáver, enquanto a Marquesa de Lavradio lhe cobria a cabeça com um manto azul. Assim vestida com as cores de Nossa Senhora, deitaram-na num caixão todo branco o levaram-na para a Igreja dos Santos Anjos, onde a colocaram entre dois bancos, na sacristia.

Ao consentir nisso, o Padre Pereira dos Reis, vigário da Igreja, não avaliava. quanta gente em Lisboa acreditava nas aparições de Fátima, e ouvira falar em Jacinta. Entretanto, recebeu os primeiros visitantes com bondade e paciência. Mas a multidão começou a crescer de tal modo que o deixou inquieto. Pediu que não tocassem terços, crucifixos e medalhas no corpo. Alguns recusaram obedecer e foram enxotados da sacristia.. Ninguém esperava por isso, pois o padre tinha fama de ser caridoso e cortês. Houve muito comentário e ressentimento. A devoção do Fátima, porém, ainda não tinha. sido aprovada nem autorizada.. A Igreja não permite que se prestem honras públicas aos mortos até ser-lhes comprovada a santidade após cuidadosas investigações. O Pároco também não queria contrariar o Cardeal Patriarca. As autoridades sanitárias podiam levantar algumas objeções, como o fizeram, de facto.

Para se eximir de responsabilidades mais sérias, o Padre Pereira transportou o corpo para a Casa do Despacho da Irmandade do Santíssimo Sacramento. Foi colocado fora da sacristia, portas fechadas e a respectiva chave entregue ao Senhor António Rebelo de Almeida, agente funerário da rua da Escola Politécnica., o bairro mais elegante da cidade.

Os planos estavam traçados para serem os funerais em Lisboa, quando o Barão de Alvaiázere ofereceu um jazigo de sua propriedade no cemitério de Ourém. No dia 23 de fevereiro o empresário reuniu algumas pessoas para assistirem à inumação num caixão de chumbo. Notaram todos o agradável perfume que se exalava do corpo. As faces rosadas davam a impressão de vida e saúde. Na manhã seguinte, foi selado o esquife. Levaram-no até ao Rossio onde o colocaram num comboio para Chão de Maçãs e, em seguida, para Ourém.

Havia, nesse dia uma grande assembleia anual da Sociedade de São Vicente de Paula, em Lishoa. Estavam reunidos muitos ricos. Discutiam sobre a maneira de socorrer os pobres. Presidia o plenário Sua Eminência o Cardeal Patriarca, Dom António Mendes Belo, homem cuja fisionomia indicava firmeza de carácter e decisão. O orador leu uma mensagem do Dr. Lisboa lamentando a impossibilidade de participar das conferências, visto estar ocupado com outra obra de caridade prestando os seus serviços profissionais a uma das videntes de Fátima. Essa leitura provocou risos gerais da assembleia inclusive do Cardeal Patriarca. Isto repercutiu por toda a cidade, desgostando bastante os devotos de Fátima. Outrossim, nos círculos anticlericais, comentava-se que os católicos haviam forçado as crianças de tio Marto a se contradizerem nas suas declarações a fim de deixar somente as afirmações de Lúcia como oficiais.

Jacinta já eslava longe desses corações gélidos e dessas línguas maldosas, lá no cemitério de Ourém. Poucas pessoas vieram de Aljustrel para assistir aos funerais, tão simples. Tio Marto, entre elas, repetia sem cessar:

«E morreste, lá, sozinha! Morreste sozinha!»

NOTAS

[1] Maria Carreira, Padre De Marchi, pag. 205.

[2] Memórias, IV, pag. 45.

[3] Contou Olímpia ao Padre Marchi, op. cit., pag. 244.

[4] Esta é a versão de Madre Godinho, se bem que a substância seja das palavras de Jacinta.

CAPITULO XVII

Por onde quer que passasse Lúcia, pelas escarpas da Serra ou pelos vales do Cabaço, Jacinta e Francisco lhe estavam sempre presentes. Cada ovelhinha que pastava na Serra, cada estrela que se punha a brilhar na escuridão da noite, o nascer e o pôr do sol, tudo lhe dizia que não mais voltariam seus companheirinhos. O vento do Cabeço trazia-lhe à imaginação a meiguice de uma voz que lhe dizia: «Nunca mais te verei, Lúcia... Vou para o Céu e tu ficas aqui, sozinha». O aroma penetrante do rosmaninho e da hortelã silvestre tinham o dom de evocar diante dela a priminha jogando flores: «Faço como os anjinhos, deito-te flores». No alto de cada muro, parecia-lhe ver o priminho a tocar suavemente o seu píforo e a contemplar, pensativo, o esplendor do sol que morria, refletindo-se nas águas da Lagoa.

A mãe e as irmãs procuravam, por todos os meios possíveis, reparar a falta de compreensão e de simpatia dos tempos passados. Maria Rosa sempre soubera desempenhar-se de seus deveres, quando delas tinha consciência. Maria dos Anjos, a filha mais velha, era de índole afectuosa e ardente. As feições finas, o semblante meigo e maternal, denotavam ser incapaz de magoar alguém voluntariamente. Entretanto, a própria autentificação dos factos e dos milagres levantava uma nova barreira entre Lúcia e os outros membros da família. Se é verdade que ninguém é profeta na sua terra, muito menos é um místico compreendido entre os seus familiares. Era mesmo natural que houvesse um abismo intransponível entre uma menina que falara com a Mãe de Deus e dela recebera uma missão da qual dependia o futuro da humanidade, e as suas irmãs mais velhas todas muito dignas e respeitáveis, mas dadas mais ao prazer, às danças e aos cuidados com os maridos e os filhos. Uma menina, com um passado como o de Lúcia, estava fadada à solidão, humanamente falando, apesar de ficar ainda vagando por este mundo cujos critérios não podem mais ser os dela. Chegou assim o dia em que a tia Olímpia a convidou a visitar o túmulo de Jacinta em Ourém. A dor de Lúcia era tão pessoal, tão muda e incomunicável, com raios de esperança e de alegria que a velha tia ficava desorientada. Velha? Tia Olímpia conservava uma eterna jovealidade apesar de seus setenta anos. A sobrinha, privilegiada aos treze anos, já

possuía a perspicácia grave de quem percebe o que se passa além das aparências terrenas.

Era evidente que, de ora em diante, seria o centro de todas as atenções, favoráveis e desfavoráveis despertadas com os acontecimentos de Fátima. Somente ela era capaz de responder ao bombardeio de perguntas e objecções contínuas.

As únicas pessoas em quem podia ter absoluta confiança já não existiam. Que tremenda responsabilidade era a sua diante de Deus e dos homens! Havia tomado parte não apenas num drama efémero e rústico, mas em algo de bem mais importante. As próprias revelações o comprovavam. Jacinta via isso e também e Francisco o sabia.

As próprias cenas que se desenrolaram na Serra o atestavam. Homens simples tais como o seu irmão António e o tio Marto, apesar de não terem diplomas, eram capazes de compreender a seriedade da situação: prediziam que, se a tensão entre os peregrinos e os cépticos aumentasse, poderia advir uma guerra civil. Quanto mais procurava o Governo de Lisboa impedir a devoção, tanto mais os devotos fervorosos de Nossa Senhora de Fátima ficavam decididos a defender a sua honra.

No dia 13 de maio, após a morte de Jacinta, realizou-se uma excepcional demonstração. Foi a data escolhida para colocar a célebre estátua na Capelinha. Havia dois anos certo indivíduo viera a esse local com o coração cheio de ódio em vez de amor. Pretendia destruir a Capelinha diante de toda a multidão a trouxera para isso uma bomba mortífera. No momento de executar o seu diabólico intento, ao colocar a mão no bolso para dele tirar a arma fatídica, encontrou apenas um terço. A versão mais provável é que fora sua irmã quem aí o colocara para que as suas mãos incrédulas o encontrassem em momento propício. Seja como for, a graça o tocou e voltou a praticar a religião. Em sinal de gratidão prometera, então, mandar fazer uma estátua para ser colocada na Capelinha. Teve muito trabalho para conseguir de Lúcia informações exactas sobre Nossa Senhora e não poupou os gastos para obter um trabalho fino e exacto. Façam-se as críticas que se puderem sobre o ponto de vista artístico, mas o facto é que essa imagem tem o poder, ainda mais quando vista de perfil, de sugerir algo de infinitamente puro, simples e espiritual. É capaz de despertar

sentimentos de incontida devoção nas almas das pessoas que se ajoelham diante dela e provocou cenas de delirante alegria quando foi colocada em seu lugar de honra, no dia 13 de maio de 1920.

Foi precisamente nesse dia que o Governo resolveu não protelar por mais tempo as providências no sentido de impedir essa invasão de misticismo e enviou dois regimentos do exército para a Cova da Iria. Ao chegar ao local das aparições, Encontrou aí o povo um contingente de carabinas e baionetas fazendo cerca. A multidão não se amedrontou com isso. Organizou-se um cordão de gente descalça e humilde de toda a sorte e bem junto aos guardas começou a rezar o terço e a cantar com entusiasmo hinos a Nossa Senhora. Os próprios guardas acabaram tomando parte na reza e nos cantos tais como os legionários romanos se juntavam às vezes aos cristãos na arena. O povo rompeu sem dificuldade as barreiras e todos de joelhos, inclusive os soldados, receberam junto da azinheira a nova estátua trazida com carinho, triunfalente, para a Capelinha erigida em sua honra. Até hoje continuou a ser honrada nesse local excepto durante um período de perseguição. Numa dessas ocasiões, Maria Carreira, levou-a para casa temendo uma profanação. Mas nos dias de peregrinação era novamente trazida para a Capela. Levaram-na uma vez a Lisboa onde foi recebida com verdadeiro entusiasmo pelo povo. Alguns atribuem a essa manifestação de fé a preservação da cidade do cataclismo previsto por Jacinta.

Portugal atravessava em 1920 uma vvrddadcira crise moral, política e económica. Nos dezesseis anos que se seguiram à revolução de 1910, arreventaram dezasseis revoluções e deram-se quarenta e três mudanças de ministério em Lisboa. Esse caos era fomentado e prolongado por homens que faziam parte daquela revolta contra o Cristianismo que os Papas modernos apontaram desde o século XVI e mesmo anteriormente, e que continua dia a dia a prosseguir no domínio do mundo. Do seu observatório de S. Pedro, o Papa Bento XV já vira claramente o que acontecia. «A corrupção moral e a depravação são muito maiores nos nossos dias do que antigamente, queixou-se em 1920. «A esperança louca e o desejo de cada infeliz é o aparecimento rápido de um estado universal baseado na completa igualdade entro homens e mulheres e no uso comum das propriedades sem nenhuma distinção de nacionalidade, nem de autoridade de pais sobre os

filhos, dos poderes públicos sobre os cidadãos, nem de Deus sobre os homens que vivem em sociedade. Se tais princípios forem postos em prática, necessariamente se seguirão os mais tremendos horrores [1]. Alguns dias mais tarde, ao pedir auxílio em favor do novo Estado da Polónia contra o misterioso poder soviético que se apoderara da Rússia algumas semanas depois da última aparição na Cova da Iria, observava profeticamente: «Não é somente a existência nacional da Polónia que está ameaçada, mas a Europa toda corre o perigo de sofrer os horrores de próximas guerras [2].

Enquanto as revoluções fazem muito barulho, Deus trabalha paciente e silenciosamente. No mesmo dia em que Bento XV dizia essas palavras, 5 de agosto de 1920, ocorria um facto que teria profunda repercussão em Portugal, na devoção de Fátima e especialmente na vida de Lúcia Abóbora. Um novo Bispo foi sagrado e colocado à frente da Diocese recém-criada de Leiria (incluindo Cova da Iria, Aljustrel e outras aldeias da Serra) que o Santo Padre desligara do Patriarcado de Lisboa.

Dom José Alves Correia da Silva era professor no Seminário do Porto quando o Santo Padre o elegeu para esse cargo importante. Nasceria perto da Braga em 1877. Era de mediana estatura, moreno e bastante forte. Os traços eram mais célticos que latinos, como os de muitos portugueses do norte. Encobria sob a mansidão de um sorriso habitual certos sinais de sofrimento evidentes apenas para os que lhe conheciam a história. Dom José sofrera terrível perseguição durante a República de 1910. Expulso de seu palácio e jogado na prisão, foi aí torturado permanecendo noite e dia em água gelada. Esses maus tratos causaram-lhe um ataque de paralisia, que o deixou defeituoso para o resto da vida. Até hoje anda com dificuldade. Recebeu essa cruz com alegria. Tinha especialíssima devoção por Nossa Senhora das Dores. Fizera seis peregrinações à gruta de Lourdes, depois de liberto e, juntamente com outros portugueses refugiados, suplicava que tivesse piedade de Portugal. Voltou mais tarde a leccionar em Porto, onde a sua bela inteligência, as suas maneiras corteses e afáveis lhe granjearam as mais vivas simpatias de alunos e professores. Tornou-se conhecido em Roma pelos artigos sábios e profundos que publicava na imprensa católica.

Um dos primeiros actos do novo Bispo ao chegar à cidade de Santa Isabel foi a solene consagração da diocese, na festa da Assunção de 1920, à Mãe de Deus. Se havia alguém que precisava do auxílio dessa boa Mãe era sem dúvida o novo Bispo. Dez anos de perseguição seguidos de outros muitos anos de condescendência e de indiferença tinham deixado a Igreja em péssima situação em todas essas cidades. Muitos padres estavam ainda despojados, exilados, dispersos, sem recursos. A nova diocese não possuía fundos para construir e arcar com outras despesas. Por negligência e ignorância muita gente tinha abandonado a assistência à Missa e os Sacramentos. Até a velha residência episcopal perto da Catedral de Leiria havia sido requisitada para quartel e outras serventias do governo. O Bispo viu-se obrigado a acomodar-se numa casa particular situada a uma distância bastante inconveniente.

Como se não bastassem tantos problemas, havia ainda esse caso bastante desagradável de Fátima. Dom José recebeu logo após a sua sagração a importância de 357 000 réis, reunida por Maria Carreira, acompanhada do pedido de empregá-la como achasse conveniente. Por esse tempo chegava de Lisboa um delegado do Patriarcado trazendo todo o processo referente ao caso. O problema era agora da diocese. O Cardeal Patriarca, sem dúvida, ficou contente de se ver livre dele.

Dom José percebeu q ue era necessário proceder com muita prudência. Cartas entusiásticas pediam que reconhecesse imediatamente a devoção e queriam construir sem tardar um sumptuoso templo. Outras pessoas, entretanto, dignas de consideração e respeito, inclusive muitos padres, denunciavam o caso como ilusório e falso. Argumentavam que isso apenas fornecia aos inimigos da Igreja. uma arma contra ela quando necessitava mais do que nunca de um período de paz para se refazer dos estragos da perseguição. Não era fácil tarefa para um recém-chegado. Qualquer partido que tomasse seria facto sempre mal interpretado. Parecia, porém, que um homem como Dom José saberia agir sem tardar uma vez que tivesse formado a própria opinião sobre o caso. Que deveria considerar? Duas das principais testemunhas já não existiam. Lúcia fazia, à primeira vista, péssima impressão e não procurava ser insinuante. Finalmente, à vista dos factos, a história parecia estranha e bastante improvável.

Uma única coisa era evidente: precisava ser tomada uma providência a respeito de Lúcia Abóbora, o único centro da controvérsia e a única testemunha depois da morte de Jacinta. Convinha antes de mais nada proteger a menina quase analfabeta, do perigo de um possível ataque dos sectários que negavam a aparição e dos elogios dos devotos que a queriam canonizar. Seria melhor afastá-la por um tempo e mandá-la para longe da Serra. Se o caso da Fátima fosse devido a uma fraude ou ilusão da menina, a sua ausência aos poucos poria termo a isso tudo. Se, pelo contrário, fosse verdadeiro e a devoção continuasse, uma decisão devia ser tomada. Depois de muitas perguntas, muita reflexão e mais de uma conversa com Lúcia e outros membros da família, o Bispo pediu a Maria Rosa que o viesse visitar em companhia da sua filha. Era a festa de Santo António, 13 de junho de 1921.

Depois de uma breve conversa, Dom José perguntou à pequena se ela não gostaria de deixar Aljustrel para entrar num bom colégio. Lúcia pareceu contente. Que bom seria ver-se livre desses intermináveis interrogatórios, esquecer as controvérsias, a solidão, as saudades e aprender num ambiente novo, a ler e escrever... Por que não? Maria Rosa ficou ainda mais satisfeita. Os constantes apuros que passava por ter tal filha, mesmo depois de comprovadas as aparições, a punham fora de si. Estava sempre imaginando o que iria ainda acontecer. A maneira calorosa com que recebera a proposição, tão pouco lisonjeira para a filha, espantou a princípio Sua Excelência, mas não lhe desagradou. Ficou decidido que Lúcia iria para o Colégio das Irmãs Dorotéias perto do Porto e que seria melhor partir sem delongas, dentro de poucos dias.

«Sim, Senhor Bispo».

«E não deverás dizer a ninguém para onde vais, acrescentou, com voz calma».

«Sim, Senhor Bispo?».

«No Colégio aonde vais não digas a ninguém quem és».

«Sim, Senhor Bispo».

«Não dirás nada a ninguém sobre as aparições de Fálima».

«Sim, Senhor Bispo».

De volta para Aljustrel, Lúcia e a mãe encontraram-se com grupos de peregrinos que voltavam da Romaria à Cova da Iria, cantando: «Ave, Ave, Ave Maria!» Os preparativos foram rápidos. Passou o último dia, 18 de junho, a fazer uma série de despedidas. Subiu até à encosta do Cabeço para contemplar pela última vez o vale onde vira o Anjo pela primeira vez. Entrou na gruta, prostrou-se diante do rochedo onde ele havia ajoelhado e rezou a oração que com ele ali aprendera.

«Ó meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-Vos»...

«Santíssima Trindade, Pai, Filho, Espírito Santo, adoro-Vos profundamente»... Lúcia saltou pelos rochedos e desceu até ao declive de Valinhos. Ali na fenda do muro, sob as oliveiras, encontrou ainda os restos da azinheira onde pousara Nossa Senhora, em agosto de 1917. Mãos piedosas levantaram um círculo de pedras em torno da arvorezinha, até à altura de meio metro. Habitualmente, as crianças deixavam lá algumas margaridas ou um ou dois vinténs. Lúcia ajoelhou-se e deu expansão à dor e ao amor. Como lhe custava deixar esses lugares! Já não lhe seria fácil mesmo se apenas se lembrasse dos brinquedos e das conversas com Francisco e Jacinta.

«Terás muito que sofrer. Mas a graça de Deus te confortará»...

Desceu pela estrada entre os paredões altos e foi até à Lagoa. Talvez lá estivessem mulheres lavando a roupa ou homens dando de beber ao gado, mas Lúcia via unicamente Francisco e Jacinta debruçados pura beber a água lamacenta do barreiro. Quantas vezes aí se encontraram a caminho da Serra!

Não havia ninguém na Cova da Iria! Ajoelhou-se sozinha junto da pequena azinheira, quase despojada de seus galhos. Vira aí cinco vezes a Mãe de Deus. Vira também nesse mesmo lugar Nosso Senhor e São José. A não ser a pequena Capelinha, ainda tudo estava como outrora. A charneca

árida e ondulada tão distante e inacessível não deveria jamais interessar aos centros civilizados.

O calor estava abrasante. O céu, intensamente azul. Como o mundo podia ser tremendamente deserto!

«Sou a Senhora dos Prazeres ... Sofres muito? Não desanimes. Eu nunca te abandonarei».

De caminho para casa, Lúcia parou uns instantes em Fátima para rezar pela última vez na Igreja de Santo António onde fora baptizada, onde fizera a primeira comunhão e onde passara tantas horas sozinha com Nosso Senhor. Despediu-se de Santa Quitéria, de Santo António. Ao sair, o sino da torre começou a repicar o Angelus: «Eis aqui a serva do Senhor: faça-se em mim segundo a tua palavra.»

Atravessou a estrada e dirigiu-se para o cemitério. Ajoelhou-se junto à campa rasa onde repousa Francisco. O sol baixava no horizonte e o velho muro projetava uma sombra fria sobre o túmulo e a menina ajoelhada.

«Adeus, Francisco. Cuida de mim, lá do Céu!»

Descendo as ruas de Aljustrel, foi despedir-se do tio e da tia. Foi um instante de tristeza. Estes dois últimos anos tinham sido terríveis para tio Marto e tia Olímpia. Não somente tinham perdido Francisco e Jacinta mas Florinda morrera em 1920 e Teresa em 1921. Sim, Jacinta tivera razão. Quatro filhos mortos no espaço de vinte e três meses! Por que preço O! ímpia se tinha tornado uma mulher forte!

Depois de uma curta oração no quarto onde morrera Francisco, Lúcia foi para casa, enxugando os olhos marejados de lágrimas. Encontrou a mãe preparando a ceia. Deveriam partir muito cedo para Leiria, disse Maria Rosa, pois ninguém podia saber da partida. Além disso era uma longa viagem até ao Porto. Manuel Carreira viria buscá-las em seu carro.

Lúcia correu até ao poço para contemplar pela última vez o céu por entre as rendas das folhas das figueiras. A noite estava linda e serena. Crivada de estrelas. «As candeias dos Anjos», parecia ouvir Jacinta dizer.

A mãe chamou-a para a ceia.

Mais tarde foi ao curral. Restavam apenas dois ou três cordeirinhos. O rebanho tinha sido vendido. «Adeus, meus amiguinhos, balbuciou acariciando as cabeças lanudas. Voltou correndo para casa. Lembrou-se da corda velha que Jacinta lhe entregara antes de ir para o hospital e queimou-a.

Era hora de dormir.

Às duas horas da madrugada, a mãe chamou-a. O tio Carreira já estava à porta esperando por elas. A lua brilhava tanto que empalidecia as estrelas. Pairava por sobre a Serra um ar de palpitante mistério. «A candeia de Nossa Senhora», como Jacinta dizia. Adeus, adeus! Alcançaram logo a estrada que passa por Chainca e Santocico e vai até Leiria.

Na altura da Cova da Iria, Lúcia pediu: «Vamos parar aqui um pouco para rezar um terço».

Os três desceram do carro e entraram na Capela. Uma lâmpada de azeite queimava aos pés da estátua. Puseram-se de joelhos e rezaram as cinco dezenas.

«Não desanimes. Eu nunca te abandonarei». Mas Lúcia chorava ao contemplar pela última vez a azinheira que brilhava tão intensamente, envolta na luz diáfana da lua.

Deviam partir. Restavam ainda nove horas de viagem. Ao luzir da madrugada já estavam além de Batalha, em meio do pinheiral e dos olivedos. Às onze horas chegaram a Leiria onde os esperava uma senhora a mandado do Senhor Dispo.

Três horas mais tarde, Lúcia tomava o comboio para Alfarelos e daí para o Porto. Maria Rosa acompanhou-a até à hora da partida. Lágrimas escorriam pelas faces rudes. «Adeus, adeus!» O comboio partiu com forte ruído.

Lúcia Abóbora desaparecera de Fálima e do mundo que conhecera. Segundo parecia, estava encerrado o episódio de Fátima.

NOTAS

[1] Motu Próprio, *Bonum Sane*, 25 de julho de 1920.

[2] Encíclica, *Con vivo Complacimento*, 5 de agosto de 1920.

CAPITULO XVIII

Começara a Missa quando Lúcia e a companheira chegaram no dia seguinte bem cedinho ao Asilo das Irmãs do Santa Doroteia, em Vilar, subúrbio do Porto. Levaram-na imediatamente para a Capela. Ficou contente de poder comungar e recolher-se um pouco, depois de uma noite de viagem. As abóbadas do teto eram azuis salpicadas de estrelas de ouro. Sentiu-se mais à vontade. Parecia estar na Igreja de Fátima. Terminada a Missa, acompanhou a porteira até à Sacristia onde foi apresentada à Madre Superiora e ao Capelão.

Essa camponesa de quatorze anos, cansada, casmurra, a olhar de esguelha, sobranceiras espessas, lábios grossos e partidos a exprimir enfado, desagradou completamente à Madre Superiora. Recusara recebê-la a princípio, declarando formalmente ao Senhor Bispo que não desejava ter simplórias em casa para que se não tornassem simplórias as outras.

«Sim, é uma simples, dissera Dom José, «mas não creio que vá achá-la simplória. E desejo que a pequena fique aqui por uns tempos. Ao observar a menina, arrependia-se a Reverenda Madre de não ter sido mais firme em recusar o pedido do ex-professor do Seminário do Porto. Mas havia dado a palavra e começou por satisfazer todos os desejos de S. Excelência.

«Quando lhe perguntarem como se chama, disse, «responda: Chamo-me Maria das Dores».

«Sim, Reverenda Madre».

«Quando lhe perguntarem de onde é, diga: Sou de perto de Lisboa».

«Sim, Reverenda Madre».

«A respeito do que se passou em Fátima, nunca fale disso a ninguém, nada pergunte, nada responda».

«Sim, Reverenda Madre».

«A ninguém, ouviu?»

«Sim, Reverenda Madre».

«Não irá passear com as outras meninas, mas não dirá por que não vai, entende?»

«Sim, Reverenda Madre».

«É só».

Mostraram à novata o seu lugar e deram-lhe um uniforme de riscado branco e preto como usavam as outras. Chamava-se agora Maria das Dores. Teria preferido Maria de Jesus, pois fora batizada Lúcia de Jesus. Mas paciência!»

Durante quatro anos consecutivos Maria das Dores levou a vida calma e regular de um colégio de nível médio. Todos os dias depois da Missa matinal, sucediam-se as aulas, os recreios, o trabalho manual e as orações. Aprendia também boas maneiras, quebrava a cabeça com declinações e conjugações para memorizar e fazia pequenos discursos. Com o correr do tempo, aprendia também costura, bordado, dactilografia, cozinha. Servia no refeitório, lavava o chão, brunia metais. Sem dúvida cometia muitos erros e passara por muitos desgostos até se ajustar completamente a essa rotina tão diferente da que levava em Aljustrel. Depois de algum tempo, foi perdendo os modos bruscos e violentos e tornou-se aluna correcta, obediente e até mesmo brilhante.

Nunca revelou a sua identidade durante esses quatro anos. Nunca se referiu a Fátima. Nem mesmo à mãe, que a visitara por duas vezes: uma no Porto, e outra, num convento da ordem, em Braga. Ninguém, absolutamente ninguém entre as companheiras e entre as religiosas, suspeitava sequer quem era ela. A Madre Superiora seguira à risca as instruções do Bispo. Compreendeu perfeitamente por que era preciso que o fizesse. Se se verificasse que as aparições tinham sido ilusórias (explicou mais tarde), Lúcia iria aos poucos esquecendo isso tudo, e melhor seria que assim se passasse. Se fossem reais, ela nunca as haveria de esquecer, fizesse o que se fizesse. Mas estaria assim preservada do orgulho e dos elogios até que atingisse certo grau de maturidade. A própria menina entendia a necessidade de se proceder assim. Tinha às vezes a impressão de que Lúcia

Abóbora fôra apenas uma menina com quem sonhara. Pensava como se fosse naturalmente outra pessoa, Maria das Dores. Se, de vez em quando, algum jornalista, investigando os fenómenos de Fátima, indagava na portaria do convento se estava ali uma menina chamada Lúcia, recebia a resposta sincera da porteira: «Não, aqui não existe Lúcia nenhuma». A filha dos Abóboras tinha morrido para todos os efeitos.

Havla, entretanto, muitas compensações nessa existência solitária. Para o observador desatento, o Asilo de Vilar parece um edifício amplo situado numa ladeira, em bairro barulhento. Um seminário austero de um lado e uma fábrica de outro. O cemitério ficava ali bem perto. Era porém bem diferente a impressão se alguém atravessava o edifício tranquilo e subisse o morro de outro lado. Encontrava aí o jardim escondido dos olhares indiscretos dos profanos como os segredos do Rei. Santa Doroteia, - padroeira dos horticultores - ficaria bem satisfeita se visse aqueles seis jardins variegados e perfumados onde desabrochavam as mais vistosas flores de cores indescritíveis.

Das janelas mais altas também se descortinava uma vista magnífica sobre os morros das proximidades. Via-se também o Rio Douro, como uma serpente de prata, a deslizar mansamente ao terminar o seu curso pelas montanhas de Espanha e despejar-se no Porto onde navios de todas as nações se encontravam. Era emocionante contemplar, lá ao longe, o pinhal de Cavaco, e, além da língua de terra amarela, que contornava a baía, o espectáculo encantador do sol a dardejar os raios de ouro sobre o imenso Atlântico azul! O oceano sempre lhe trazia à mente «a grandeza e o poder de Deus».

A rotina conventual parece opressiva para as pessoas do mundo, mas para os que a aceitam livremente torna-se agradável e deliciosa. Lúcia aprendera a gostar dessa regularidade. Estava livre dos incidentes e contratempos inevitáveis da vida de família. Vivia unicamente no presente, deixando o passado e o futuro nas mãos de Deus. Começou a amar essas boas religiosas que se dedicavam tanto para que tivesse uma boa educação. Estava livre das perguntas curiosas dos peregrinos e dos vexames diários de Maria Rosa. Aqui também se cometiam faltas. O efeito, porém, era diminuído pelas orações e pelo tacto firme da boa superiora. Aqui no

convento havia paz. Lúcia estava bem contente de ter sido mandada para essa casa abençoada.

As religiosas descobriram logo, como muitas outras pessoas, que a primeira impressão que causava Lúcia parecia ser desfavorável talvez porque a sua humildade a preservava de procurar agradar. Como dissera o Senhor Bispo, a sua simplicidade não era a de uma simplória. Apreciavam a pronta obediência da menina, a generosidade e a complacência que denotava em se sacrificar sempre pelos outros e a sua extraordinária devoção pela Mãe de Deus. Parecia estar sempre ocupada com a presença de Deus, mais que as outras meninas da sua idade, mesmo se estivesse entretida com o que quer que fosse. Gostava de passar os momentos livres na capela, em vez de ficar a brincar ou a conversar com as outras. Leu e releu a tradução portuguesa da «Histoire d'une âme», a autobiografia de Santa Teresinha do Menino Jesus, beatificada em 1923. As próprias experiências de Lúcia a ajudavam a compreender o desejo de sofrimento manifestado em passagens como esta: «Meu coração comoveu-se ao pensar nas horríveis torturas que os Cristãos terão de sofrer no tempo do Anticristo, e almejei sofrê-las todas. Abre, ó Jesus, o Livro da Vida onde estão escritos os feitos de todos os Santos: tudo o que aí está escrito eu desejei fazer por Ti [1]. Entretanto, como a Florzinha de Lisieux, Lúcia compreendera que a sua vocação não seria o martírio mas, sim, o amor. Outro santo de sua predileção era o jovem Jesuíta São João Berchmans, que deixou tão perfeito exemplo da virtude da obediência e da fidelidade às pequeninas coisas praticadas heroicamente. «Gosto desses dois santos, dizia, «porque os posso imitar. Após quatro anos dessa vida de estudos, orações e trabalhos no Porto e em outros colégios da ordem, Lúcia tornou-se uma moça bem constituída, nos seus dezoito anos. Chegara o momento de decidir o que faria na vida. Não desejava voltar para o mundo. Talvez fosse o seu amor por Santa Teresinha que tivesse despertado em seu coração a vontade de ser carmelita descalça. Mas a Madre Superiora dissuadiu-a disso. Tivera durante todo esse tempo ocasião de estudar Lúcia. «Não tens bastante saúde para tais austeridades, filha. Se realmente tens vocação, escolhe outra ordem qualquer, cuja regra seja mais simples. Lúcia aceitou essa opinião com a habitual humildade com que recebia os desígnios de Deus. Depois de reflectir um pouco, pediu para ingressar no Instituto de Santa Doroteia.

«Por que desejas ser Doroteia?» perguntou a Madre Provincial.

«Para ter mais tempo livre para poder ir rezar na Capela».

A Madre provincial preferiu que se esperasse ainda um ano. Ao cabo desse tempo, como continuasse com o mesmo desejo, recebeu-a como postulante. Isto se passou em 1925, no convento de Tuy, situado na fronteira com Espanha. Nesse mesmo ano, fora canonizada Santa Teresinha.

Em novembro do ano seguinte, 1926, Lúcia era noviça. Em 1927, tivera duas visões. Nosso Senhor apareceu-lhe para confirmar o pedido de Sua Mãe, relativo à devoção ao Imaculado Coração de Maria. Permitiu-lhe também que revelasse certas coisas, mas não o último segredo de julho, é claro. Em novembro de 1928 pronunciou os seus primeiros votos como irmã conversa. Somente seis anos mais tarde, no dia 3 de outubro de 1934, pronunciou os votos perpétuos. A mãe de Lúcia, duas das suas irmãs e uma amiga vieram de Aljustrel para assistir a eles. Havia treze anos que não via a mãe. Maria Rosa escrevera três vezes perguntando que presente ela desejava lhe levasse no dia de sua profissão. Na terceira vez, Lúcia respondeu: «Tragam-me algumas flores e abelhas da Serra». Maria Rosa satisfez-lhe o desejo. Veio com uma braçada de flores perfumadas e um favo de mel cheio de abelhas, cuidadosamente arrumado. Era isso um simbolismo apenas, ou era a Irmã Maria das Dores bastante humana para aborrecer um pouquinho a mãe em represália dos ralhos e impertinências dos tempos passados? Talvez quisesse apenas poupar-lhe despesas, que sabia lhe seriam pesadas.

Desde 1934, Irmã Dores - como era habitualmente chamada no convento - desempenhou tarefas humildes nas várias casas da ordem. Ouviam-na muitas vezes cantarolar baixinho ao esfregar o soalho, servir a mesa ou descascar batatas. Mas para ela os momentos mais felizes eram os que podia passar diante do Santíssimo Sacramento. Não precisava de imagens para despertar-lhe a devoção. Costumava rezar com a raheça inclinada, as mãos abertas cruzadas sobre o peito. Assim ficava horas e horas às vezes a noite toda quando o permitiam.

Certa ocasião ela e outra Irmã Conversa andavam do convento em Tuy, Espanha, pela ponte internacional para fazer compras em Valença, que fica

em território português. Encontraram, na extremidade da ponte, três senhoras que as fizeram parar para obterem informações: «São Irmãs Doroteias? Do convento de Tuy? Oh, que bom! Íamos até lá. Ouvimos dizer que está lá a Lúcia, a que viu Nossa Senhora em Fátima!»

As duas Dorotéias entreolharam-se.

«É verdade que ela está na Espanha, não é?»

«Não, Senhora, acho que não, disse Irmã Dores».

«Tenho a absoluta certeza que está agora em Portugal».

«Oh!»

Quando as senhoras se foram, Irmã Maria das Dores pôs-se a rir às gargalhadas tal como fizeram as três crianças quando pularam um muro, em 1917, para fugir de perguntas indiscretas.

Até aquele momento o segredo sobre o seu passado e sobre os acontecimentos de Fátima não tinha sido revelado. Na noite de 25 de janeiro de 1938 (festa da conversão de São Paulo) a jovem irmã conversa viu da janela da sua cela o céu todo em chamas. A imensa abóbada celeste ardia sinistramente e o fulgor desse fogo vermelho durou das nove horas da noite até às duas horas da madrugada. No dia seguinte, os jornais de toda a Europa comentavam o facto. O mundo inteiro vira esse espectáculo desde o Mar do Norte até ao Adriático. No sul de Alemanha causou pânico entre algumas populações católicas. Em Friburgo, na Suíça, o céu parecia uma fornalha. O mesmo fulgor sinistro foi observado na Bélgica, em Espanha, na Hungria, na Noruega, em Itália, na Polónia e na Grécia.

A Irmã Maria das Dores compreendeu imediatamente que esse era o sinal predito por Nossa Senhora, na Cova da Iria, no dia 13 de julho de 1917. «Quando vires uma noite iluminada por uma luz desconhecida, fica sabendo que é o grande sinal que Deus dá de que vai punir o mundo dos seus crimes por meio da guerra, da fome e da perseguição à Igreja e ao Santo Padre. Para impedir isso, virei pedir a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a Comunhão reparadora dos primeiros sábados.

Ei-lo, enfim! Estava próximo" Permitiram sem dúvida à Irmã Maria das Dores que confiasse os seus receios ao Bispo de Leiria, sem demora. Ela o fez a tempo. Temos certeza. disso pela carta que enviou de Tuy em 8 de agosto de 1941:

«Vossa Excelência se recorda que há alguns anos atrás Deus enviou esse sinal que os astrónomos denominaram Aurora Boreal. Se observassem melhor veriam que da maneira como apareceu não se podia tratar dessa aurora. Mas pode ser que Deus quisesse dessa maneira fazer-me compreender que a Sua Justiça estava pronta para deixar a desgraça cair sobre as nações culpadas. Pedia desse modo com insistência a Comunhão Reparadora dos Primeiros Sábados e a consagração da Rússia. A finalidade disso é pedir perdão e misericórdia para o mundo todo mas especialmente para a Europa. Na sua infinita misericórdia, Deus faz-me sentir que esse momento terrível se aproxima. Vossa Excelência sabe muito bem como, na ocasião oportuna, eu o avisei. As orações e os sacrifícios que se fizeram em Portugal ainda não bastaram para aplacar a Justiça Divina. Foram feitos sem contrição ou arrependimento. Espero que Jacinta esteja rezando por nós, lá no Céu» [2].

Pio XI foi sem dúvida informado a respeito disso. A Irmã Maria das Dores escreveu ela mesma uma carta endereçada ao Papa. Essa carta não foi publicada, mas pessoa digna de crédito afirma que viu a cópia da missiva, no princípio de 1939. Ignora-se se o Santo Padre acreditou, ou não, no episódio de Fátima. Talvez a última doença e muitas preocupações angustiosas o levassem a protelar a consideração sobre o assunto até os últimos meses de sua vida. Não sei. Em princípios de 1939 falecia o Santo Padre e todos se recordam que, em setembro desse mesmo ano, a Segunda Guerra Mundial se desencadeava na Polónia. Estaline instigou a Revolução Espanhola como um prelúdio. Permitiu em seguida a Hitler a destruição de um país católico do este.

«Vim para pedir a consagração da Rússia ao meu Imaculado Coração e a Comunhão Reparadora nos primeiros sábados. Se atenderem ao meu pedido, a Rússia se converterá, e terão paz. Se não, espalhará os seus erros pelo mundo, promovendo guerras e perseguições à Igreja. Os bons serão

martirizados, o Santo Padre terá muito que sofrer. Várias nações serão aniquiladas».

NOTAS

[1] Obra citada, cap. XI.

[2] Memórias, III, pag. 7.

CAPITULO XIX

A irmã Maria das Dores não ficou muito tempo assustada com a luz estranha. Percebia através dos acontecimentos diabólicos que se davam na Europa a realização da predição.

Mas sabia também que Nossa Senhora prometera que nunca a abandonaria e sairia vencedora por fim. Enquanto os homens de Estado lutavam e tombavam, enquanto a flor da mocidade era ceifada, enquanto cidades antigas pereciam em chamas, a irmã conversa de Santa Doroteia se entregava como de costume aos seus afazeres e orações. Muitas vezes o sofrimento a visitava. Soube da morte de sua mãe na festa de Nossa Senhora do Carmo, em 1942. A regra estrita de certas ordens não permite aos seus membros que saiam para assistir aos funerais dos parentes. Isto deve ter aumentado a dor de uma filha que esquecera de há muito as severidades da pobre Maria Rosa. Há também, na vida de convento, muitas alegrias verdadeiras. Uma delas sem dúvida eram as boas notícias que vinham de tempos em tempos da Cova da Iria.

Desde a sua partida, em 1921 a devoção crescera enormemente. A atitude do Bispo foi alentadora desde o início. Dizem alguns que ele recebera uma mensagem secreta de Nossa Senhora, por intermédio de Lúcia. Outros insistem que ele se rendeu depois que viu uma chuva de flores cair na Cova da Iria. A repugnância que tem em falar de si e em permitir uma aproximação da Irmã Maria das Dores, dificultam a pesquisa da verdade exacta. Seja como fôr, o facto é que quatro meses apenas depois da partida de Lúcia, permitiu que se celebrasse uma Missa na Capela das aparições, e adquiriu os terrenos circunvizinhos pertencentes aos Abóboras e outros proprietários. Em novembro do mesmo ano (1921), mandou abrir um poço nas proximidades da Capela a fim de recolher as águas da chuva para o serviço dos peregrinos. Ficou profundamente impressionado quando jorrou do solo pedregoso uma água cristalina, tão abundante que chegou a encher trinta e seis barris. Continua até hoje a abastecer os camponeses das redondezas, e é fonte de saúde para inúmeros doentes.

Ao iniciar o processo canónico no ano seguinte, o Bispo escreveu: «Das três crianças que afirmavam terem sido favorecidas com a aparição, duas

faleceram antes de minha chegada a esta diocese. Questionei por diversas vezes a única sobrevivente. As suas respostas e o seu testemunho são simples e sinceros e não descobrimos neles nada que se opusesse à Fé e à Moral. A fim de se certificar da natureza desse poder de atracção de uma menina ignorante de quatorze anos capaz de arrastar tanta gente para o local (principalmente em sua nusência), designou uma comissão encarregada de investigar esses factos.

Pedi ao povo que fornecesse todas as informações possíveis favoráveis ou desfavoráveis a fim de tentar descobrir a existência de um encanto natural, nessas paragens tão áridas e remotas.

O número de peregrinos aumentava cada vez mais. O Cardeal Mendes Belo, que se rira do caso, em 1918, mudara de opinião antes de morrer, em 1922, e lamentava que não lhe fosse mais possível ir a Fátima. A oposição inflexível do governo e dos liberais de Santarém serviam apenas para aumentar o número de devotos e avivar-lhes o fervor. No dia 6 de março de 1922, por exemplo, a Capelinha foi destruída por quatro bombas. O altar e o oratório escaparam porque a quinta bomba não explodiu. E, no dia 13 de maio seguinte, sessenta mil devotos reunidos, a despeito da mobilização da Guarda Republicana ordenada pelo Governador de Santarém, fizeram solene e humilde reparação pelo ultraje. Em 1927, o Bispo presidia à peregrinação pela primeira vez. No ano seguinte, ele acolhia trezentas mil pessoas num mesmo dia. Em 1930, aceitou e reconheceu oficialmente a devoção, incitando o povo a mostrar a sua gratidão para com a Mãe de Deus, pela pureza e sinceridade das suas vidas. Em 1931, uniu-se a todo o Episcopado Português, inclusive o novo Patriarca, Dom Manuel Gonçalves Cerejeira, para prestarem solene homenagem a Nossa Senhora de Fátima.

Entrementes, registravam-se centenas de curas milagrosas: tuberculoses, mal de Pott, cegueiras, surdez, meningites cerebrospinais, câncer, paralisia e muitas outras doenças, das quais o Padre Fonseca apresenta ampla documentação e pormenores em seu livro. Foi enorme a sensação causada, em junho de 1946, pela cura instantânea da senhora Maria José da Silva, de Tomar, tuberculosa já há muito tempo. No dia 13 de setembro seguinte, em plena procissão, um moço paralítico jogou fora as muletas e começou a andar perfeitamente pela primeira vez. Foi saudado pela multidão. Homens

e mulheres choravam de alegria, entre esses a ex-rainha da Itália, acompanhada de sua filha. Contam-se também aos milhares os milagres de ordem moral: conversões, pecadores inveterados que voltaram a praticar a religião, lares desfeitos que se restabeleceram.

Os portugueses atribuem a Nossa Senhora de Fátima as bênçãos espirituais e materiais que têm chovido sobre o país nestes últimos anos. A República, que durante tanto tempo perseguira a Igreja e os peregrinos de Fátima, desapareceu com a anarquia de 1926. Entre estrondosa aclamação popular, três generais se apoderaram do governo e, depois de algumas modificações, o entregaram à ditadura de Salazar, que até hoje governa a nação. Não é da alçada deste trabalho emitir opinião sobre regimes políticos. É inegável porém, que o actual governo de Lisboa, apesar das censuras que lhe fazem, conseguiu manter a ordem e a paz. Daí por diante a Igreja, purificada pelas perseguições, teve tempo para se restaurar e tomar novo impulso. Construiu seminários, preparou nova pléiade de padres fervorosos e conseguiu o retorno de muitos católicos relapsos ao seu seio. Continuam a ser notáveis os progressos em todos os sectores, sob uma nova e vigorosa hierarquia.

Entretanto, é ainda bem justificado o receio da Irmã Maria das Dores de que o povo não tenha feito bastante penitência a fim de reparar as blasfémias e indiferenças dos tempos passados. Depois de todas as maravilhas de Fátima, dos 8 000 000 de portugueses apenas 4 000 000 são católicos, no verdadeiro sentido da palavra. Existem apenas pouco mais de 3 000 padres, aproximadamente um para 1 300 fiéis. O Pároco de Vimieiro, terra natal de Salazar, contou-me que, dos seus 1 200 paroquianos, apenas uns 150 assistem à Missa aos domingos. Nas grandes cidades, é ainda considerável a actividade dos anticlericais e comunistas. As Igrejas fecham ao pôr do sol, com receio de profanações. Religiosas não ousam aparecer nas ruas com os seus hábitos. E o governo de Salazar detém ainda algumas das propriedades da Igreja, confiscadas pela República. O Presidente Salazar limita as suas práticas religiosas ao mínimo indispensável. Um dos seus auxiliares disse-me com razão: «É um erro chamarem o nosso regime de católico. Somos neutros em relação à Igreja. Essa neutralidade é eficiente de certo modo. Onde quer que a Acção Católica tente auxiliar os operários mal remunerados e mal alimentados, recebe insinuações em

termos inequívocos, mostrando a oonveniência de limitar o seu trabalho nos domínios «espirituais. Ainda não é possível a aplicação dos princípios das grandes encíclicas de Leão XIII e Pio XI. Não é permitido dirigirem um apelo efectivo para o povo das cidades. A «VOZ DE FÁTIMA» luta sàzinha contra o império financeiro, dirigido de Londres, quando denuncia os ricos que remuneram mal os operários, de incitarem o movimento vermelho que temem.

O povo e o clero estavam satisfeitos com a liberdade que desfrutavam e esperavam com o correr dos tempos ampliar as suas conquistas. Rejubilavam-se especialmente por ter o país escapado dos horríveis acontecimentos em Espanha em 1936. O terror já começava a espalhar-se pela península portuguesa em junho de 1936, quando o Bispado Nacional fez um voto solene na Cova da Iria, em maio desse ano. Se Nossa Senhora protegesse o país da guerra e das revoluções, todos os bispos portugueses viriam agradecer-lhe publicamente. Cumpriram a promessa com a grandiosa peregrinação nacional realizada em 13 de maio de 1938, entre aclamações de indescritível alegria.

Manifestações idênticas foram levadas a efeito nos anos subsequentes quando se certificaram de que Nossa Senhora de Fátima havia preservado Portugal da Segunda Guerra Mundial, como prometera às crianças. Por ocasião do vigésimo quarto aniversário das aparições, em maio de 1942, o Santo Padre Pio XII enviou um telegrama abençoando todos os peregrinos e Portugal inteiro. Antes do fim desse mesmo ano, consagrou o mundo todo ao Imaculado Coração de Maria, em Roma, com a presença de 40 000 pessoas. Ultrapassou, assim, as fronteiras da Serra de Santa Maria a devoção de Fátima, que se tornou mundial.

Para Irmã Maria das Dores esse facto era a realização da profecia de Jacinta, vinte e cinco anos antes: «O Santo Padre numa Igreja estava diante do Imaculado Coração de Maria, rezando, e muita gente rezando com ele. Era também mais um passo para a realização do desejo de Nossa Senhora, se bem que o Santo Padre não tenha mencionado especialmente a Rússia. Em sua oração ele se refere aos «povos separados de nós pelo erro e pelo cisma, especialmente aquele que Vos dedica especial devoção, aquele em que não há miserável choupana que não conserve a imagem venerável,

talvez hoje escondida, mas que será mostrada em melhores dias». A consagração pública da Rússia ainda não foi feita.

A Irmã Dores não é apenas a última testemunha sobrevivente. É também a única pessoa do mundo depositária do último segredo do qual nada se sabe a não ser que trará tristeza para uns e alegria para outros. Contou-me, em Portugal, alguém da mais absoluta confiança que, por ocasião da grave moléstia que pusera a Irmã Dores em perigo de morte, o Bispo insistira que escrevesse o segredo. Isso foi feito e colocado em envelope selado.

Se não é possível verificar tal facto, o mesmo mistério não paira sobre as Memórias que ela escreveu a pedido de Dom José para conservar a narração dos acontecimentos de 1917.

Essa relação escrita em caderno pautado comum, com caligrafia regular, precisa, nítida, revela uma personalidade sadia e bem equilibrada. É interessante comparar essas notas com o manuscrito de Santa Teresa de Jesus, conservado no Escorial. Ambos foram escritos ao correr da pena, com a intenção de transmitir a verdade, não visando efeitos literários. Nem apresentam rasuras ou outras irregularidades que poderiam trair tendências psiconeuróticas. E, se a Irmã Dores não tem a individualidade, a grandiosidade de estilo, o verdadeiro génio da mística espanhola, ao menos não descuida a gramática e a pontuação!

O primeiro relatório, escrito em 1936, contém muitos dos incidentes aqui narrados, além de uma pequena poesia em memória da «querida Jacinta», calcada nos moldes líricos de Santa Teresa:

Oh! tu, que na Terra,
Passaste voando,
Jacinta querida,
Numa dor intensa,
Jesus amando,
Não esqueças a prece
Que eu te pedia.
Sê minha amiga,

Junto do trono
Da Virgem Maria.

Lírio de candura,
Pérola brilhante,
Oh! lá no Céu,
Onde vives triunfante,
Serafim d'amor,
Com teu irmãozinho,
Roga por mim,
Aos pés do Senhor!

Esta *Memória* termina com um pedido. Se o Bispo publicar o que ela escreveu, que não diga nada da sua «pobre e miserável pessoa». Assegure também que, se fizer queimar o caderno sem ler, ela ficará muito contente porque escrevera unicamente por obediência.

Foi na segunda *Memória*, datada de 1937, que a Irmã Dores se refere por acaso ao Anjo da Paz. Foi como o estrondo de uma bomba depois de vinte e um anos de silêncio. Em certos meios, provocou consternação e até mesmo indignação. Como podia ser isso? Que iria pensar o povo? Um visitante autorizado chegou mesmo a dizer: «Irá dar muitas voltas no Purgatório, Irmã, por ter ocultado uma coisa dessas durante tanto tempo!

«Não tenho o mínimo medo do Purgatório nesse ponto», replicou, calma.

«Sempre agi sob a obediência e não há castigo para a obediência» [1]. O facto é que, se a história de Anjo desconcertou muitas pessoas, serviu também para comprovar a crença de outras. Uma pseudomística ou impostora, por mais hábil que fosse, não teria tanta desconfiança de si própria o não temeria tanto acrescentar alguma coisa de menos exacto muitos anos depois. E uma psiconeurótica que sofresse de ilusões, teria tido outras alucinações durante esse tempo todo.

Além disso, os seus superiores e companheiras são unânimes em afirmar que sempre foi uma religiosa perfeitamente normal, e nunca manifestou inclinação para alardear as suas experiências espirituais.

A terceira *Memória*, escrita em agosto de 1941, contém mais amplos pormenores sobre Jacinta, e relata o aparecimento da luz estranha do dia 25 de janeiro de 1938.

Quando o Bispo pediu um relatório definitivo, a Irmã Dores retirou-se num sótão do convento de Tuy, na manhã de 8 de dezembro de 1941, e, depois de rezar muito para obter a graça de contar tudo muito exactamente e em ordem, começou a escrever. Sentada numa mala, junto a uma janelinha, tomou um maço de papel no colo e relatou no seu quarto manuscrito as palavras exactas do Anjo e da Senhora dos Prazeres, com todas as circunstâncias de que pôde recordar-se das sucessivas aparições. Os capítulos iniciais em que ela consulta o Novo Testamento, mais de uma vez, à procura de luz, são um tanto longos e menos espontâneos. Um pouco sem querer, ela talvez aí se emocione. Mais adiante, porém, a narração prossegue suave e objectiva. Antes de terminar aponta certos erros que encontrou nos mais conhecidos livros sobre as Aparições de Fátima.

«Não, não está, replicou com segurança. A fórmula correcta é a que escrevi no meu relatório da aparição de 13 de julho: «Ó meu Jesus, perdoai-nos e livrai-nos do fogo do inferno; levai as alminhas todas para o Céu, principalmente aquelas que mais precisarem.

«Já leu as obras de Santa Teresa de «Ávila? Estava pensando justamente na descrição que ela faz da luz incriada no «*Libro de su vida*»

«Não. Ouvi apenas lerem no refeitório certas passagens».

«Teve alguma revelação de Nossa Senhora sobre o fim do mundo?»

«Não posso responder a essa pergunta».

«Certas pessoas pensam que a visão de Jacinta relativa à perseguição do Papa se refere a um Pontífice em particular. Pensam mesmo que seja o Papa actual que ela viu.

«Jacinta disse que era um Papa. Não há nada que indique qualquer Papa em particular».

«Por que nada disso a respeito do Anjo da Paz, por tantos anos?»

Ninguém me mandou. Estou sob regra de obediência. O padre a quem contei o facto naquela orasião disse-me que nunca mais falasse nisso. E nunca falei até que o Senhor Bispo me mandasse tudo escrever.

Explicou os diferentes efeitos das aparições do Anjo e de Nossa Senhora, em termos muito semelhantes aos que usa nas suas Memórias. Gosta muito de usar palavras tais como íntimo e intenso. As suas lembranças são claras e precisas.

«O Anjo nos deixava exaustos, desamparados, abatidos e perdíamos a noção das coisas durante horas. Nossa Senhora sempre nos deixava leves e alegres».

Abordámos finalmente o assunto importante do segundo segredo de julho, sobre o qual surgiram tantas versões diferentes opostas. Lúcia deixou claro que Nossa Senhora não pediu a consagração do mundo ao seu Imaculado Coração. Não comentou, é claro, o facto de ter o Santo Padre Pio XII consagrado o mundo e não a Rússia em 1942. Nossa Senhora pedira a consagração da Rússia. Mas continuou com deliberada ênfase:

«O que Nossa Senhora deseja é que o Papa e todos os Bispos do mundo consagrem a Rússia ao seu Imaculado Coração, num dia especial. Se isso fôr feito, Ela converterá a Rússia e haverá paz. Se não, os erros da Rússia se espalharão por todos os países do mundo».

«Isso significa, na sua opinião, que todos os países, sem excepção, serão contaminados pelo Comunismo?»

«Sim.

Estava claro que ela era de opinião que os desejos de Nossa Senhora ainda não estavam satisfeitos. «Todos devem rezar muitos terços, fazer sacrifícios, comungar nos primeiros sábados, rezar pelo Santo Padre».

«Disse-lhe Nossa Senhora alguma coisa a respeito dos Estados Unidos da América?»

Olhou-me muito admirada e sorriu disfarçadamente como a sugerir que talvez os Estados Unidos não tenham assim tanta importância na ordem das coisas, como eu imaginava.

«Não», disse gentilmente. «Nunca disse nada». Eu desejava que mandasse rezar Missas por mim nos Estados Unidos! Prometi fazê-lo e ela disse que rezaria por mim.

Eram quase oito horas. Conversáramos durante três horas.

Madre Pignatelli esteve presente à entrevista. Acompanharam-me ainda o Rev. Cónego Galamba, os Padres Rocha e Furtado e o Sr. Sullivan. Serviram-nos limonada e doces e, em seguida, a Irmã Dores acompanhou-nos até ao vestíbulo. Um gato preto ressonava ali, ao calor do último raio do sol, que se punha. O perfume de rosas e gardénias veio até nós, de um dos seis lindos jardins do convento. Quando nos retirávamos, a Irmã Dores, que entrara nessa casa outrora como Lúcia Abóbora, inclinou-se sobre a balaustrada e despediu-se com um sorriso cheio de simpatia [2].

Somente o ano passado, um quarto de século mais tarde, é que lhe foi permitido voltar ao local das cenas descritas no seu manuscrito. Talvez fosse mesmo conveniente que o seu triunfo e a sua reivindicação coincidissem com a peregrinação do dia 13 de maio de 1946. Terminara a Segunda Guerra Mundial. Os portugueses bem compreenderam de que terrível soma de sofrimentos e horrores se tinham livrado. Apesar de ter chovido a noite toda e continuar chovendo pela manhã, setecentos mil peregrinos estavam reunidos na Cova da Iria para agradecer a Nossa Senhora de Fátima. Quase que um décimo da população do país estava ali presente!

Dois meses mais tarde, tive inesquecível impressão do que foi esse dia memorável num filme que vi em casa do Senhor Bispo, em Leiria. Os guarda-chuvas pretos dos Prelados Portugueses e do Legado Pontifício, quais pequenas abóbadas escuras a se moverem de um lado para outro, humildemente, apanhando chuva com o povo. Milhares e milhares de lenços brancos flutuando como ondas brancas do mar ou como asas de legiões de anjos batendo ao vento, pareciam algo de apocalíptico. Só era possível comparar essa multidão aos filhos de Israel cantando com Moisés

no deserto ou aos cruzados da Idade Média respondendo ao Papa Urbano II ou a São Luís: «Deus o quer!»

Tive uma ideia aproximada do entusiasmo dessa peregrinação por ocasião daquela a que assisti em julho do mesmo ano. O espectáculo se repete quase idêntico, de mês em mês.

No dia 12 de cada mês, já as estradas estão cheias dos grupos mais variados. Predominam os homens e a maioria bem pobres. Ao cair da noite espalham-se pelas cavidades da Cova da Iria procurando lugar para amarrar os burros, para pousar as trouxas, comer e descansar um pouco. Fatias de pão escuro e garrafas de vinho surgem de enormes cestas de vime.

Os púcaros de barro passam de mão em mão e tornam-se a encher com a água do velho poço. Sob as oliveiras e as carrasqueiras, estendem-se cobertores em cima da terra seca.

Aqui uma mulher já idosa arrasta-se penosamente em direcção da Capela, com os joelhos sangrando. Acolá um camponês esquentava um pouco de sopa para a mulher e os filhos, ao calor de quatro velas, cujas chamas ele protege do vento com o próprio corpo e com o chapéu.

Toda a multidão está provida de lanternas protegidas de papel. Lá pelas dez horas, milhares de lâmpadas se acendem e a procissão começa a formar-se. Empalidecidas e etéreas enquanto a lua cheia subia cada vez mais alto, espargiam pela Serra um esplendor celeste emprestando à abóbada infinita um tom peculiar azul prateado. O vento soprava cada vez mais forte e vinha lá do oceano longínquo através das montanhas fazer tremeluzir as chamas das tochas. Algumas não resistiam e apagavam-se.

A multidão tomara agora a forma e a aparência da longa procissão, movendo-se lentamente, montanha acima, em direcção da estrada principal. A voz possante de um padre ouvia-se num alto-falante, rezando o terço. Milhares de vozes de homens e mulheres, respondiam num ritmo retumbante e comovido: «Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós pecadores, agora e na hora da nossa morte!»

A frente da procissão já alcançara o alto do morro e tomara a direção da estrada que conduz à basílica. Um sentimento de paz inefável, a dança das inúmeras luzes, o vozerio abafado, davam a impressão de um exército possante. Sim, exército não sanguinário, mas todo feito da suavidade da oração, haste de cruzados levando a luz da verdade através da escuridão hostil do mundo, sem temer o tempo nem a morte, certos do triunfo! Quem é capaz de resistir ao clamor dessas vozes de ontem e de amanhã?

Entre os mistérios do Rosário, os caminhantes levantavam a voz, no hino preferido, até o céu de prata:

A treze de maio
Na Cova da Iria
A pareceu brilhando
A Virgem Maria.

A v e, A v e, Maria!
A v e, A v e, Maria!

Entre as estrofes, elevavam-se súplicas individuais e esperanças incontidas, às vezes entremeadas de soluços comovedores: «Senhor, nós Vos adoramos! Senhor, nós Vos amamos! Jesus, tende piedade de nós! Senhor, se quiserdes podeis curar-me! Sim, essas vozes pertenciam a outros tempos mais ardorosos e de mais fé que o nosso. Vinham das planícies de Esdrelon, das muralhas de Jericó e de Constantinopla, dos campos de Túnis como um impulso de humanismo e de fé, procurando vencer a mediocridade dos princípios da idade da máquina.

Finalmente, a coluna luminosa some-se na basílica. Milhares de pessoas procuram instalar-se para assistir à Bênção. Em seguida fazem filas intermináveis junto aos confessionários, esperando com paciência poder contar os pecados para receber a Comunhão no dia seguinte pela madrugada. As orações, os cantos, as exclamações continuam pela noite a dentro. Às duas horas da madrugada, alguns milhares já se acomodaram para dormir. Em torno de cada árvore, em torno do poço, na platafonua de cimento junto da Capela, dispostos em círculos, as cabeças no centro e o perímetro grotesco formado de pés descalços de homens e mulheres e sapatos ferrados de montanheses, apinham-se os peregrinos. Aqui, sob um

cobertor, abriga-se um camponês com a mulher. Mais adiante, enrolados em dois ou três, acotovela-se toda a família: o pai, a mãe e quatro filhos. Uma criancinha repousa descansada junto da mãe adormecida. Que estranho silêncio e que imobilidade de morte paira por esse povo adormecido que não hesitou andar cinquenta milhas para vir honrar a Mãe de Deus! Na manhã do dia treze, depois de comerem o pão seco, no próprio lugar em que haviam dormido, o povo forma outra procissão pelo mesmo caminho até alcançar a basílica. Desta vez, a estátua branca de Nossa Senhora de Fátima foi transportada com o máximo respeito da capela para a frente da procissão nos ombros possantes de seis homens. Ao seu encontro, marcha esse segundo exército de cruzados conduzido pelo Arcebispo de Évora e pelo Bispo de Leiria, sob o calor de um sol tórrido. Dom José caminha penosamente, devagar, apoiado numa bengala para auxiliar os joelhos trôpegos — deselegante, mas heróica figura, revestida de ouro o sulferino. Sorriu bondosamente, ao atingir os últimos degraus da basílica, mostrando pelo exemplo como se prova o amor por Nossa Senhora.

A mais comovedora de todas as cenas se desenrola entre a Missa Cantada e a Bênção do meio -dia. Em lugar especial isolado por cordas, os doentes ficam pacientemente à espera. Alguns em macas, outros em cadeiras de rodas puxadas por enfermeiras, outros andando com muletas, dificilmente. Crianças paralíticas, nos braços das mães. Cegos, tuberculosos. Um padre desce as escadas da basílica, trazendo o Santíssimo num ostensório. Todos que podem ajoelham-se à sua passagem, por entre as filas de doentes. O sacerdote aproxima a Hóstia Sagrada de cada face, implorando saúde, alívio. Não tentarei descrever essas fisionomias, esses olhares. Não há palavras que traduzam tanto amor, tanta esperança, tanta angústia e adoração. É um ambiente de Evangelho, como Lúcia mesma nos convida a reviver: «E Jesus ia pelas vilas e cidades, ensinando nas sinagogas, pregando o Evangelho do Reino, curando todas as doenças e enfermidades. Vendo a multidão, teve compaixão dela porque andava entregue à miséria e ao abandono como rebanho sem pastor» [3].

Nessa ocasião nada se deu de sensacional. Mais tarde soubemos, porém, que um homem do norte ficara curado de um câncer [4].

Tudo acabou afinal. A estátua foi levada novamente para a Capelinha. O povo todo agitava os lenços como a despedir-se. Maravilhosa cena! Mais eloquente do que as exclamações, os gritos e os cantos finais. Assim que passava a imagem de Nossa Senhora a multidão se dispersava. Apenas um ou outro grupo aqui ou ali. Poucos acompanham a estátua até ao fim.

Ficam ali ajoelhados nas imediações da capelinha murmurando ainda palavras de afecto ou de pedidos. A maioria mulheres muito pobres, cobertas de poeira, os lenços escuros sobre os cabelos, os pés descalços. Vi entre elas, no dia 13 de julho, a tia Olímpia, a mãe de Francisco e Jacinta, rezando fervorosamente o terço.

Tal deve ter sido em maior proporção apesar da chuva, a atmosfera grandiosa da maior das peregrinações realizada em 13 de maio de 1946. Para finalizar, os milhares de peregrinos ouviram a voz do Vigário de Cristo falando de Roma. A força das suas palavras veio acentuar a impressão de uma Cruzada moderna.

«A enorme concorrência, o fervor das vossas orações, o eco das vossas aclamações, todo esse entusiasmo santo que sem cessar vibra em vossos corações e finalmente esta cerimónia que se realiza neste momento de triunfo incomparável», disse o Santo Padre, «traz-nos à mente outra multidão incomparavelmente maior, outros protestos de veneração muito mais ardentes, outros triunfos ainda mais divinos, outro momento solene e eterno, esse dia sem declínio em que a gloriosa Virgem entrou nas mansões celestes por entre os nove coros de Anjos, elevou-se até ao trono da Santíssima Trindade coroada com o tríplice diadema de glória, foi apresentada à corte celeste ao lado do Rei dos Séculos e coroada Rainha do Universo. O Rei viu que era verdadeiramente digna de tais honras, glória e império, porque mais cheia de graça, mais bela, mais divina - incomparavelmente maior que os maiores santos e mais sublime que os Anjos. Porque Ela é a Primogénita do Pai, a Mãe puríssima do Verbo, a Esposa amada do Espírito Santo. Porque é a Mãe do Divino Rei. Daquele a quem o Senhor Deus deu, por intermédio Dela, o trono de David e o Reinado eterno sobre a Casa de Jacob. Aquele mesmo que proclamou ter recebido todo o poder no Céu e na Terra - Ele, o Filho de Deus, confere a

Sua Mãe Celestial toda a glória, todo o poder, toda a majestade do Seu Reinado.»

«A Igreja saúda, pois, a Senhora e Rainha dos Anjos e dos Santos, dos Patriarcas e Profetas, dos Apóstolos e Mártires, dos Confessores e das Virgens. Proclama-A a Rainha do Céu e da Terra, a mais gloriosa, a mais digna Rainha do Universo - a luz que brilha no firmamento, por entre as lágrimas do exílio!»

«Com a coroação da Senhora de Fátima assinais um protesto de reconhecimento da sua supremacia, de submissão leal à sua autoridade, uma constante e filial correspondência ao seu amor. Fizestes mais ainda. Como cruzados, vos alistastes na conquista e reconquista do seu Reinado, que é o próprio Reinado do Deus, isto é, protestastes, comprometestes-vos diante do Céu e da Terra em amá-La, venerá-La, servi-La, imitá-La, para melhor servirdes o Divino Rei sob as suas bênçãos maternas. E ao mesmo tempo vos comprometeis a fazer com que Ela seja amada, servida em torno de vós, na família, na sociedade e no mundo» [5].

Pode ser que a Irmã Dores tenha ouvido as palavras do Santo Padre, mas não viu a demonstração de fé. A 20 de maio, uma semana mais tarde, chegava ela com a Madre Provincial da sua ordem, à Cova da Iria. Era agora uma pessoa calma e ponderada de trinta e nove anos. A aldeia não havia mudado muito. Mas os seus olhos se abriram de espanto ao deparar o que havia sido outrora a erma Cova da Iria. Quase toda murada. Dois portões majestosos abriam-se para as estradas que conduziam à fonte milagrosa e subiam para a Basílica, situada no alto do morro. À esquerda, um imponente edifício para a hospedagem dos peregrinos, com duas ou três capelas, aposentos do Bispo e um Seminário. Do lado oposto, os operários assentam os alicerces de um prédio similar. Ao noroeste, escavam a terra para a construção de um Seminário italiano. Numa outra colina, fica o Mosteiro das Carmelitas Descalças, vindas da Bélgica.

Tudo estava tão mudado excepto a carrasqueirinha sobre a qual as crianças vislumbraram o primeiro raio de luz no dia 13 de maio de 1917. De um de seus ramos, pende um sino para anunciar o Ângelus. É João, o filho aleijado de Maria Carreira, o encarregado de tocá-lo nas horas aprazadas. Vende também terços e outros objetos, e cuida da fonte. Zelando com

carinho pela capela das aparições, vê-se a todo o momento Maria da Capelinha - como a chamam agora - retirando as flores murchas do lugar onde estava a azinheira, varrendo o chão de cimento, ou limpando o pó dos bancos.

O tio Marto fica muito em evidência nessas ocasiões. Veste camisa azul e gravata preta, aos domingos, e traz na lapela do casaco bem escovado, o distintivo da Liga da Acção Católica dos Agricultores.

«Sim, desde o começo acreditei nisso, dizia. «Certa vez um espanhol discutiu comigo dizendo que era capaz de olhar para o sol quando quisesse. Exigi que o provasse. Foi para debaixo das figueiras e olhou através das folhas. Oh! assim não, gritei, venha olhar daqui. Naturalmente não conseguiu. Outra vez chegou um comunista aqui, e disse que isto tudo não passava de uma grande estultice. Disse-lhe eu: «Pois volte para o seu país e veja se faz uma estultice tão grande quanto esta».

Perguntei-lhe se ainda plantava o seu milho e arrancava batata. Disse-me desculpando-se:

«Não. Não trabalho muito agora. Estou com setenta e três anos somente, mas as minhas pernas já não valem grande coisa. São como as de Dom José»

Dom José, como o povo chama afetuosamente o seu Bispo, causa a impressão de alguém que resolve fazer as coisas com energia mas calmamente. Na manhã seguinte à da chegada de Irmã Dores, veio de Leiria para rezar a Missa na Capelinha, especialmente para ela.

A notícia da chegada de Lúcia causou sensação por toda a Serra. Logo o povo começou a surgir de todos os lados para vê-la. Onde quer que fosse, uma multidão a seguia. Foi a Aljustrel visitar a sua irmã Maria, tia Olímpia e outros amigos e vizinhos. Em companhia do padre Galamba, representante do Senhor Bispo, reviu todos os locais das cenas de 1917. Mostrou exactamente onde aparecera o Anjo no Caboço e no poço. Viu as mulheres lavando roupa na Lagoa. Um padre, que estava presente por

ocasião da visita de Lúcia aos Valinhos, onde Nossa Senhora lhe aparecera em cima de umas pedras contou-me quanto o impressionara o desapego e a humildade dela. Nem parecia notar que todos olhavam para ela.

Depois de visitar a Igreja de Nossa Senhora dos Prazeres, em Fátima, onde observou todas as mudanças e as inovações, atravessou a estrada. e entrou no velho cemitério. No lugar em que outrora colocara a cruz na campa do Francisco, encontrou um túmulo sumptuoso com os dizeres:

Aqui repousam os restos mortais
de Jacinta e Francisco Marto,
a quem Nossa Senhora apareceu.

Jacinta também voltara para Fátima depois da morte, como havia prometido. Em 1935, o seu corpo foi transportado de Ourém e colocado no túmulo do irmãozinho. Quando os esquifes foram abertos, de Francisco só restavam os ossos, mas a face de Jacinta estava intacta. Parecia somente dormir, esperando pela Ressurreição. No ar, pairava um perfume do Céu. A mãe fez questão de vê-la. O tio Marlo também lá estivera, mas disse-me com um olhar um tanto descontente: «Ai, Jesus, havia tanta gente! Não consegui chegar mais perto».

A Irmã Maria das Dores voltou para o seu convento. Alguns dias depois, o Senhor Bispo ordenou que se tomassem as primeiras providências para a introdução da causa do beatificação daqueles que serão um dia, se tal fôr a vontade de Deus. Santa Jacinta e São Francisco de Fátima.

EPÍLOGO

Foi no convento das Irmãs Doroteias, em Vilar, perto do Porto, que tive a fortuna de conversar com a Irmã Maria das Dores, numa tarde de segunda-feira, 15 de julho do 1946. Estava acanhada a princípio, porque realmente detesta entrevistas desse género. A elas se submete, somente por obediência. Torcia as mãos, nervosa. Os olhos castanhos claros pareciam desconfiados e hostis. A voz aguda, mas sem firmeza, tinha inflexões de timidez.

Alguns minutos depois, eu já havia esquecido esta primeira impressão, porque ela se pusera mais à vontade. Riu com gosto e, quando sorria, aparecia uma covinha nas faces. A voz era agora natural e mais franca. O semblante denotava inteligência e, também, encanto. Era impossível não gostar dela e não ter confiança no que dissesse.

Apresentei-lhe, primeiramente, algumas perguntas, que me pediram, dos Estados Unidos, lhe fizesse. Algumas até óbvias e desnecessárias. Uma delas era a do um escultor, que desejava saber se o Rosário de Nossa Senhora tinha cinco ou quinze dezenas.

«Não as contei», disse repentinamente, com brejeiro sorriso.

«Quando o Anjo da Paz lhe deu a Comunhão, no Cabço, parecia-lhe uma visão, um sonho, ou era como se recebesse realmente a Comunhão na Igreja?»

Hesitou, procurando a palavra exacta. «Não tenho absolutamente a certeza disso, porque não estava no meu estado normal durante esse facto e havia alguma coisa de tão íntimo, tão interior, tão intenso nessa aparição do Anjo, e em tudo o que ele disse e fez, que não poderia lembrar-me. Mas creio que foi como se recebesse a Comunhão na Igreja, porque senti o contacto da Hóstia».

«Viu Nosso Senhor durante o ano de 1927?»

«Duas vezes». A resposta foi pronta e segura. Não me foi permitido indagar o que Ele dissera. Nem tão pouco falar nas conversas que tivera com Nossa Senhora desde 1917. É sabido que se deram muitas dessas aparições. Segundo relata a «Voz de Fátima», Nossa Senhora apareceu-lhe na sua cela no dia 10 de dezembro de 1925, dizendo-lhe: «Olha, minha filha, o meu Coração cercado de espinhos, com que me ferem os homens ingratos com as suas blasfémias e iniquidades. Tu ao menos procura consolar-me e divulga que Eu prometo assistir na hora da morte, com as graças necessárias para a salvação, a todos os que durante os primeiros sábados de cada mês se confessarem, comungarem, recitarem uma parte do terço e me fizerem companhia durante um quarto de hora, meditando sobre os mistérios com a intenção de me oferecer reparação». A Irmã Dores

divulgou essa promessa e deu um grande impulso à devoção ao Imaculado Coração de Maria.

A entrevistada continuou:

«Quando a Senhora relatou as palavras do Anjo e de Nossa Senhora, repetiu as palavras exactas, que ouviu, ou apenas deu o sentido geral?»

«As palavras do Anjo tinham a propriedade de um domínio tão intenso, de uma realidade sobrenatural que nunca mais pude esquecer-las. Gravaram-se de si mesmas indelével e exactamente em minha memória. Com as palavras de Nossa Senhora era diferente. Não tenho a certeza de cada palavra exactamente. Era mais o sentido que eu entendia e punha isso em palavras. Não me é fácil explicar o facto».

«Nossa Senhora mostrou-lhe o inferno e as almas que nele caíam? Tem a impressão de que há mais almas que se perdem do que se salvam?»

Achou graça na pergunta. «Vi as que caíam, não as que subiam».

«A estátua da capela na Cova da Iria parece-se com a Senhora que viu?»

«Não, muito não. Fiquei desapontada quando a vi, por causa de uma coisa. Está alegre demais. Quando vi Nossa Senhora, ela estava triste, ou compassiva. Mas é impossível descrever Nossa Senhora, e impossível fazer uma estátua como ela é». Saiu um momento e voltou trazendo um impresso de Nossa Senhora, numa espécie de material plástico. O mais simples e mais sem enfeites que jamais vi. Entregou-me: «Esta é a imagem que mais se aproxima da que vi». Nossa Senhora parecia toda feita de luz e suas vestes também. Não havia bordaduras de ouro nem enfeites.

«Em muitos livros sobre Fátima, encontra-se a oração que Nossa Senhora lhe pediu que dissesse depois de cada dezena do terço: «Ó meu Jesus, perdoai os nossos pecados, salvai-nos do fogo do inferno, tende piedade das almas do purgatório, especialmente das mais abandonadas. «Está certo?»»

Nihil obstat

JOHN M. A. FEARNs, S. T. D.

Censor Librorum

2.4.1947

Imprimatur

FRANCIS CARDINAL SPELLMfAN

Archbishop of New York

2.4.1947



Nihil obstat

CANONICUS HELLADIUS CORREiA LAURINI

Censor

Sancti Pauli, 19.5.1949

Imprimatur

PAULO ROLLIM LOUREIRO

Bispo Auxiliar

São Paulo, 19.5.1949

NOTAS

[1] Memórias. IV, pag. 30.

[2] Depois de minha volta de Portugal escrevi várias perguntas às quais S. Exa., o Bispo de Leiria teve a grande bondade de enviar à Irmã Dores. A resposta, escrita em 17 de fevereiro de 1947, chegou-me às mãos quando já estava pronto a primeira edição deste livro. Resumi o que achei mais importante: O pedido instante de Nossa Senhora para que a Rússia fosse consagrada ao Seu Imaculado Coração "pelo Papa e todos os Bispos do mundo, num dia especial", foi realizado em 1927, dez anos depois da primeira aparição.

P. "é sua opinião que o Papa e os Bispos consagrarão a Rússia ao Imaculado Coração de Maria somente depois que os leigos houverem cumprido a sua tarefa de sacrifícios, terços, primeiros sábados, etc.?"

R. "O Santo Padre já consagrou a Rússia, incluindo-a na consagração do mundo, mas não foi na forma indicada por Nossa Senhora. Não sei se Nossa Senhora o aceitou, feita desse modo e se realizou as suas promessas. Orações e sacrifícios são sempre meios necessários para alcançar as graças e bênçãos de Deus."

P. "Escreveu os desejos de Nossa Senhora ao Papa Pio XII?"

R. "Em 1929 escrevi os desejos e pedidos de Nosso Senhor e de Nossa Senhora, que são os mesmos, e entreguei-os ao meu confessor que, nesse tempo, era o Reverendo Padre Bernardo Gonçalves, Jesuíta, agora Superior da Missão de Zembézia Leifidizi. Sua Reverência transmitiu a minha carta a Sua Excelência o Senhor Bispo de Leiria e, logo depois, chegava às mãos de Sua Santidade Pio XI. Não sei o data exacta em que Sua Santidade a recebeu, nem o nome da pessoa que a levou. Mas lembro-me muito bem que o meu confessor disse-me que o Santo Padre ouvira bondosamente a mensagem e prometeu tomá-la em consideração."

P. "Pode dar-me um breve relatório de quaisquer outras revelações recebidas de Nossa Senhora depois de 1917?"

R. "O que já foi publicado acerca das revelações depois de 1917 parece-me suficiente para tornar possível a realização dos desejos de Nosso Senhor e

não penso que seja oportuno relatar mais do que isso."

[3] S. Mateus, IX, vers. 35-36.

[4] "Voz de Fátima", 13 de agosto de 1946.

[5] "Voz de Fátima", 13 de junho de 1946.